UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

Mário Augusto Tombolato

As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)

Ribeirão Preto - SP
2019

Mário Augusto Tombolato

As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)

Versão corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-Graduação)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Professor Titular Manoel Antônio dos Santos.

Ribeirão Preto - SP
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Tombolato, Mário Augusto
As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filho(as). Ribeirão Preto, 2019.
215 p. : il. ; 30 cm

Versão corrigida.

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.
Orientador: Santos, Manoel Antônio dos.

1. Relações familiares. 2. Poder familiar. 3. Relações pais-filho.
4. Minorias sexuais e de gênero. 5. Pesquisa qualitativa.

Tombolato, Mário Augusto

As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Aprovado em 02 de maio de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos — Instituição: Universidade de São Paulo - USP
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Prof. Dr. Geraldo Romanelli — Instituição: Universidade de São Paulo - USP
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Profa. Dra. Rosana Machin Barbosa — Instituição: Universidade de São Paulo – USP
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Profa. Dra. Daniela Auad — Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Profa. Dra. Claudiene Santos — Instituição: Universidade Federal de Sergipe - UFS
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Prof. Dr. Rafael de Tilio — Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
Julgamento: **aprovado** — Assinatura: _____

Esta Tese foi desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS) e Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VideVerso), com estágio de pesquisa ("sanduíche") na Universidade de Cambridge (Inglaterra) no *Centre for Family Research*.

Recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio da concessão de Bolsa de Doutorado (processo nº 2015/09173-0), no período de dezembro de 2015 a maio de 2019, e Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (processo nº 2017/08547-0), no período de setembro de 2017 a abril de 2018.

AGRADECIMENTOS

Às quatro famílias participantes desta pesquisa que gentilmente compartilharam comigo as preciosas histórias de suas vidas.

Ao meu orientador, Prof. Titular Manoel Antônio dos Santos, pela confiança, pelo companheirismo e aprendizado. A partir de nossa caminhada juntos, iniciada em 2014, desenvolvi e aprimorei meu conhecimento na Ciência Psicológica.

Aos membros da banca do Exame de Qualificação e da Defesa da Tese pelas valiosas contribuições para o aprimoramento desta pesquisa: Profa. Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ), Prof. Dr. Geraldo Romanelli (USP-RP), Profa. Dra. Rosana Machin Barbosa (USP-SP), Profa. Dra. Daniela Auad (UFJF), Profa. Dra. Claudiene Santos (UFS), e Prof. Dr. Rafael de Tilio (UFTM).

Aos(Às) Profs(as) Drs(as) Andréa Theodoro Toci Dias, Andreza Marques de Castro Leão, Carla Guanaes-Lorenzi, Fábio Scorsolini-Comin, Jonathan Alan Smith, Juliana Vendruscolo, Luiz Celso Castro de Toledo, Maria Helena da Nóbrega, Nichollas Martins Areco, Reinaldo Furlan, e à Profa. Ma. Edilaine Helena Scabello, pelo generoso aporte ao longo da minha trajetória e das minhas pesquisas.

Aos(Às) colegas do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS/USP), Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VideVerso) e, particularmente, à Andréa Carolina Benites, Carolina Leonidas e Élide Dezoti Valdanha-Ornelas, pelas seminais interlocuções.

Aos colegas da Universidade de Cambridge e do *Centre for Family Research*, em especial a minha supervisora Susan Golombok e a funcionária Abby Scott, cuja receptividade e atenção foram essenciais para a realização plena do meu estágio de pesquisa. (*Thanks to colleagues at the University of Cambridge and the Centre for Family Research, especially my supervisor Susan Golombok and Abby Scott. Your receptivity and attention greatly contributed to the success of my research internship*).

Ao Prof. Dr. Marcelo Concário pelo afetuoso apoio em grande parte desta caminhada.

Aos meus queridos familiares, especialmente meus pais Anice e Moacir, minha irmã Mariana e minha tia Marlene, pelo amor e pela segurança sempre presentes.

Aos(Às) meus/minhas prezados(as) amigos(as) das cidades de Torrinha, Araraquara, Bauru, Ribeirão Preto e Cambridge, pela força, pelo carinho e companheirismo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo essencial apoio financeiro para a realização desta pesquisa, por meio da Bolsa de Doutorado (processo nº 2015/09173-0) e Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (processo nº 2017/08547-0).

A(À) todos(as) que generosamente contribuíram na trajetória dos 12 anos ininterruptos de minha formação acadêmica e profissional, iniciada em 2007, com a Graduação, e concluída agora em 2019, com o Doutorado.

RESUMO

Tombolato, M. A. (2019). *As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Considerando-se a trajetória sociocultural e política da constituição da entidade familiar, assiste-se a um aumento da visibilidade dos arranjos familiares configurados por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as). A aceitação social e possível regulamentação jurídica que assegure os direitos dos membros das famílias homoparentais são questões prementes na atualidade. Estudos realizados no cenário brasileiro têm evidenciado que essas famílias convivem, nos mais variados contextos relacionais, com dificuldades, enfrentando barreiras decorrentes de preconceitos e discriminação. Em face da necessidade de compreender essa realidade a partir de estudos que contemplem e deem voz aos/às integrantes das famílias homoparentais, depreende-se a relevância de conhecer como os casais formados por gays e lésbicas e seus/suas filhos(as) constituem suas vivências familiares nos âmbitos privado e social. Este estudo teve por objetivo conhecer as vivências de quatro famílias homoparentais a partir das vozes de quatro casais constituídos por dois homens e duas mulheres, e seus/suas quatro filhos(as). Os instrumentos e técnicas utilizados com os casais foram: Formulário de Dados Socioeconômicos, Critério de Classificação Econômica Brasil, Entrevista Aberta, Genograma e Mapa de Rede; com os(as) filhos(as): Formulário de Dados Socioeconômicos, Entrevista Aberta e Mapa de Rede. A Entrevista Aberta, definida como a principal técnica de coleta, foi audiogravada, transcrita na íntegra e analisada de forma articulada com os dados extraídos dos demais instrumentos aplicados, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI). Os resultados apontaram que os casais compartilharam suas vivências relacionadas a ser lésbica/gay em uma sociedade marcada pela homofobia, contaram as histórias detalhadas de seus relacionamentos amorosos, destacaram a relação de companheirismo como base da vivência conjugal e refletiram sobre as vivências dos papéis de gênero no relacionamento conjugal, fazendo um contraponto entre o que é esperado socialmente e o que é realmente vivenciado em suas relações cotidianas. Encontrou-se uma pluralidade de vivências conjugais e parentais, assim como de modos de acesso à parentalidade, todavia a percepção de transformação pessoal com a transição para a maternidade/paternidade e o cuidado e a preocupação relativos à educação do(a) filho(a) perpassam todas as vivências parentais. A despeito das dificuldades enfrentadas no cotidiano, das experiências de preconceito social e familiar e dos percalços da aceitação por parte das famílias de origem, todos(as) os(as) participantes afirmaram viver bem em família. Compreende-se que as vivências do ser/viver família configuram percursos singulares no processo de construção da subjetividade de cada membro da família e, particularmente, para os(as) cônjuges representam um marco fundamental rumo à apropriação de quem cada um/uma é. O conhecimento gerado por esta pesquisa oferece subsídios que permitem aprofundar a compreensão do fenômeno investigado, e para o planejamento de estratégias que contribuam para fornecer cuidados às famílias homoparentais e que promovam condições para que elas possam ser reconhecidas e respeitadas na sociedade brasileira. A produção e divulgação de pesquisas nesta área podem fornecer elementos para novas reflexões que contribuam para transformar posturas preconceituosas e excludentes frente ao desenvolvimento e à pluralidade das estruturas familiares existentes na contemporaneidade.

Palavras-chave: Relações familiares. Poder familiar. Relações pais-filho. Minorias sexuais e de gênero. Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Tombolato, M. A. (2019). *Same-sex/gender families in the voices of gay fathers, lesbian mothers and their children* (Doctoral Thesis). Postgraduate Program in Psychology, University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brazil.

In view of the sociocultural and political constitution of the family as an institution throughout the course of history, there has been an increase in the visibility of the family arrangements made up of same-sex/gender couples and their children. Social acceptance and possible legal regulation that ensures the rights of members of same-sex/gender families are pressing issues today. Studies carried out in Brazil suggest that these families coexist in the most varied relational contexts with difficulties, facing barriers resulting from prejudice and discrimination. Given the need to understand this reality based on studies that contemplate and give voice to the members of same-sex/gender families, it is important to understand how gay and lesbian couples and their children constitute their experiences in the private and social spheres. This study explored the experiences of four same-sex/gender families from the voices of two female and two male couples, and their four children. The instruments and techniques used with the couples were The Socioeconomic Form, the Brazilian Economic Classification Criteria, the Open-ended Interview, the Genogram and the Network Map; with the children The Socioeconomic Form, the Open-ended Interview and the Network Map. The Open Interview, defined as the main collection technique, was audio-recorded, transcribed verbatim and analysed in an articulated way with the data extracted from the other instruments applied, based on the theoretical and methodological framework of the Interpretative Phenomenological Analysis (IPA). The results showed that the couples shared their experiences related to being lesbian/gay in a society marked by homophobia, told the detailed stories of their interpersonal relationships, highlighted the importance of companionship as a basis for conjugal experience and reflected on the experiences of gender roles in the marital relationship, making a counterpoint between what is expected socially and what is actually experienced in their daily lives. There was a plurality of conjugal and parental experiences, as well as ways of access to parenting, but the perception of personal transformation with the transition to motherhood/fatherhood and the care and concern regarding the education of the child permeated all parenting experiences. In spite of the difficulties faced in daily life, the experiences of social and family prejudice and the mishaps of acceptance by their families of origin, all the participants affirmed to live well with the family unit. It is understood that the experiences of living as a family constitute unique paths in the process of constructing the subjectivity of each member of the family and, in particular, for the spouses represent a fundamental landmark towards the appropriation of who each one is. The knowledge produced by this research provides support to deepen the understanding of the phenomenon investigated, and proposes subsidies for strategies that offer assistance to same-sex/gender families in order to promote conditions where they can be recognized and respected in Brazilian society. The production and dissemination of research in this area may provoke reflections that contribute to transforming prejudices and exclusionary postures in the face of the development and plurality of family forms existing in the contemporary world.

Keywords: Family relations. Parenting. Parent-child relations. Sexual and gender minorities. Qualitative research.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características Principais das Famílias Participantes da Pesquisa 55

Tabela 2 - Características do Contato e das Famílias que Não Participaram da Pesquisa 61

Tabela 3 - Duração da Aplicação dos Instrumentos e das Técnicas de Coleta de Dados 63

Tabela 4 - Características Socioeconômicas das Famílias 71

Tabela 5 - Identificando os Temas Recorrentes 160

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modos de Acesso à Parentalidade para Indivíduos ou Casais Homossexuais 33

Figura 2 - Genograma: Tulipa e Américo 74

Figura 3 - Mapa de Rede: Américo e Tulipa 74

Figura 4 - Mapa de Rede: Torquato 94

Figura 5 - Genograma: Paulo e Bogart 103

Figura 6 - Mapa de Rede: Bogart e Paulo 103

Figura 7 - Genograma: Cláudio e Bruno 122

Figura 8 - Mapa de Rede: Bruno e Cláudio 122

Figura 9 - Genograma: Manu e Beatriz 140

Figura 10 - Mapa de Rede: Beatriz e Manu 140

Figura 11 - Mapa de Rede: Gabriela 155

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 21

INTRODUÇÃO: REVISÃO TEÓRICA 25

AS FAMÍLIAS OCIDENTAIS E CONTEMPORÂNEAS EM CONTÍNUA TRANSFORMAÇÃO 25

AS HOMOPARENTALIDADES: FAMÍLIAS COM PAIS GAYS/MÃES LÉSBICAS E SEUS/SUAS FILHOS(AS) 29

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS 39

TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA 42

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA QUALITATIVA 42

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA – AFI 47

Algumas aplicações da AFI 52

PARTICIPANTES 54

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS 56

PROCEDIMENTO 59

Considerações éticas 59

Coleta de dados 60

Seleção e contato com os(as) participantes 60

Implementação da coleta de dados 62

Análise dos dados 64

RESULTADOS E DISCUSSÃO 69

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DAS FAMÍLIAS 70

FAMÍLIA 1: TULIPA, AMÉRICO E TORQUATO 73

FAMÍLIA 2: PAULO, BOGART E RODRIGO 102

FAMÍLIA 3: BRUNO, CLÁUDIO E RAFAEL 121

FAMÍLIA 4: BEATRIZ, MANU E GABRIELA 139

DISCUSSÃO 161

CONSIDERAÇÕES FINAIS 173

REFERÊNCIAS 177

APÊNDICES 193

ANEXOS 211

APRESENTAÇÃO[1]

A aproximação ao tema que foi investigado nesta tese de doutorado é um desdobramento de meus interesses de pesquisa, que foi se delineando ao longo de minha trajetória acadêmica. Em 2009, durante o meu terceiro ano de graduação em Psicologia na Universidade Paulista (UNIP), campus de Araraquara, frente à necessidade da escolha de um tema de pesquisa a ser realizada dentro de duas disciplinas em Psicologia Social, meus colegas e eu consideramos a "adoção por homossexuais" a melhor opção, por se tratar de uma questão contemporânea, que apresentava incipiência de estudos, além de conciliar os interesses pessoais do grupo. Desse modo, desenvolvemos a pesquisa empírica intitulada "A representação social de estudantes universitários sobre a adoção de crianças por casais homoafetivos", orientada pelo Prof. Dr. Paulo Eduardo Benzoni, e que foi apresentada e premiada como o melhor pôster em Psicologia Social em um evento científico promovido pela universidade.

No início de 2011, meu último ano de graduação, durante uma conversa com a Profa. Ma. Edilaine Helena Scabello - orientadora do trabalho de Prática de Investigação Científica (PIC), intitulado "Resiliência em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar: a percepção de profissionais", que foi desenvolvido por mim e mais três colegas -, relatei sobre o meu crescente interesse em pesquisar e o desejo de ingressar no curso de Mestrado, que para mim, por ser aluno de uma universidade particular, era uma realidade não tão palpável naquele momento de minha trajetória. Edilaine aproximou-me da realização desse desejo e informou-me sobre o Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX/ CNPq) e sobre o Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Araraquara.

A partir dessas informações preliminares, entrei em contato com o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, que prontamente convidou-me para as reuniões do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), assim como para participar, como aluno convidado, na disciplina "Introdução à Sexologia e à Educação Sexual" - ofertada, por um conjunto de docentes, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Logo, concomitantemente à graduação

[1] Neste primeiro tópico, utilizarei a primeira pessoa do singular, uma vez que me proponho a descrever um breve panorama sobre a minha trajetória como aluno e pesquisador, de modo a também evidenciar o percurso que venho construindo no campo de investigação de famílias constituídas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as).

em Psicologia, eu participava das reuniões do grupo de estudos do NUSEX, coordenado pela estimada Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão, e da referida disciplina.

No início de 2012, ingressei no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Bauru. Simultaneamente ao curso de Mestrado, no ano de 2013, iniciei o curso de Especialização em Psicologia Clínica e Hospitalar oferecido pelo Hospital de Reabilitação em Anomalias Craniofaciais (HRAC) da Universidade de São Paulo - USP, campus de Bauru, popularmente conhecido como "Centrinho". Em agosto de 2014 concluí o curso de Especialização apresentando a monografia "Depressão pós-parto em mães de bebês com fissuras labiopalatinas", orientada pela Profa. Dra. Olga Maria Piazentim Rolim Rodrigues, e defendi minha dissertação de Mestrado intitulada "Desvelando a família homoparental: um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos", sob orientação da Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, e com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Entrelaçando os meus interesses pessoais aos meus primeiros passos como pesquisador, e à realidade atual de maior visibilidade das homossexualidades e das homoparentalidades nos âmbitos científico e social, emergiu em mim a necessidade de prosseguir com meu percurso de construção de conhecimento na temática. Consequentemente, motivado por esse contexto, decidi por investigar, de forma empírica, a vivência familiar de casais do mesmo sexo e seus/suas filhos(as), e com esse propósito ingressei, no início de 2015, no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação do Prof. Titular Manoel Antônio dos Santos. Novamente obtive o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Durante esse período de quatro anos do curso do Doutorado, me dediquei às diversas etapas e atividades para a construção desta tese, com destaque ao complexo processo de coleta de dados. Além de cursar disciplinas do Programa de Pós-Graduação no qual estou matriculado, cursei outras em mais dois Programas de Pós-Graduação. Dentre as diversas atividades realizadas, destaco: fui representante discente junto à Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação, participei do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), das reuniões semanais do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS) e do Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VideVerso), apresentei estudos em eventos científicos nacionais e internacionais, elaborei manuscritos e publiquei

dois artigos científicos em periódicos avaliados como Qualis CAPES A1 em Psicologia. Nesse ínterim, após a aprovação no Exame de Qualificação da Tese, realizei o estágio de pesquisa no exterior, por seis meses, no *Centre for Family Research (CFR)*, da Universidade de Cambridge, Reino Unido, com apoio da FAPESP. Desenvolvi o projeto intitulado *"Families with same-sex couples and their children: broadening research perspectives"*, sob supervisão da Profa. Dra. Susan Golombok. Além disso, participei de uma reunião acadêmica com o professor Jonathan Smith e de um workshop com o professor Paul Flowers, que são os principais autores do referencial teórico-metodológico adotado neste estudo, a saber, Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI). A rica e intensa lista das atividades realizadas no Reino Unido criou um cenário favorável para o aprimoramento desta tese, além de contribuir para minha formação enquanto pesquisador.

Por fim, apresento a tese de doutorado que está organizada da seguinte forma: (1) a introdução abarcando uma revisão e discussão teórica em torno de determinados aspectos dos temas famílias e homoparentalidades; (2) a justificativa e os objetivos; (3) a trajetória teórico-metodológica; (4) os resultados e a discussão dos dados; (5) as considerações finais; (6) as referências; e (7) os apêndices e anexos.

INTRODUÇÃO: REVISÃO TEÓRICA[2]

AS FAMÍLIAS OCIDENTAIS E CONTEMPORÂNEAS EM CONTÍNUA TRANSFORMAÇÃO

Neste primeiro capítulo, pretende-se assinalar determinados aspectos que julga-se essenciais para a compreensão do panorama da instituição familiar no decorrer dos tempos. Entretanto, o escopo deste texto não é apresentar uma revisão detalhada e circunstanciada sobre o tema, em relação ao qual já existe uma extensa e consolidada literatura, principalmente nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Assim, há referências a determinados cenários que considera-se cruciais para situar o problema de pesquisa que dá fundamentação e inteligibilidade à esta investigação.

Na sociedade contemporânea e ocidental a família é considerada a mais comum das instituições na qual convivem os indivíduos, sendo o núcleo organizador a partir do qual se estruturam e transmitem os valores mais importantes da nossa cultura (Oliveira, 2011; Romanelli, 1998; Singly, 2007). A família não é considerada uma entidade fixa, e sim um ambiente em constante variação no qual se desenvolvem as normas de conjugalidade, filiação e parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre si e à sociedade (Lévi-Strauss, 1949/1982). A essa definição conceitual, Badinter (1985, p. 26) acrescenta que:

> é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um ou outro caso, seu comportamento se modifica em relação ao filho e ao esposo.

Segundo Ariès (1986), a concepção que temos hoje de família desenvolveu-se na Europa em meados do século XVIII. O casamento, anteriormente pautado como um arranjo de duas famílias visando à garantia de transmissão do patrimônio e/ou dos laços de linhagem, transformou-se em um vínculo com o propósito de conciliar interesses afetivos e sociais, fundamentando-se a partir de então no amor, no sentimento de felicidade e na liberdade

[2] As referências utilizadas nesta tese provêm de variadas fontes: frequentes consultas em bases de dados, sugestões de pesquisadores nacionais e internacionais da área, cursos, livros, entre outras. Englobam a experiência do pesquisador na temática desde 2009.

individual. A procriação era considerada ponto culminante do casamento e, aos pais, cabia não somente a reprodução biológica, mas especialmente a educação e os cuidados com os filhos, envolvendo transmissão de valores, costumes e tradições sociais (Badinter, 1985).

Nesse sentido, a família passa a ter por objetivo central a socialização das crianças de maneira afetuosa, tendo como prioridade a privacidade da relação do casal e dos(as) filhos(as). Isso significa que a concepção sobre o papel, função e atuação da família modificou-se substancialmente, sendo elaborados os sentimentos de paternidade e maternidade (Ariès, 1986). "A 'dedicação' que é possível ser despendida ao filho(a) aparece como a medida da legitimidade da parentalidade, fazendo com que a dimensão afetiva seja valorizada como o aspecto mais importante na constituição de vínculos familiares" (Tarnovski, 2002, p. 50).

De acordo com Peixoto (2007), em meados da década de 1950 o modelo estimado de família era aquele estabelecido pelo casal de homem e mulher, unidos por casamento legal, e seus/suas filhos(as). Nesse âmbito, principalmente no contexto das camadas médias e altas da sociedade, o pai era o provedor do lar, e a mãe era a dona de casa, e a principal responsável pela criação e educação dos(as) filhos(as). Segundo a mesma autora, a partir dos anos 1960 a família contemporânea ocidental passou por grandes transformações. O referido modelo "perde vigor e declina à medida que as mulheres se inserem no mercado de trabalho, tendo de conciliar a atividade profissional com a responsabilidade familiar" (p. 11). Além desses fatores, "o controle da fecundidade por meio da contracepção e o aumento do número de divórcios, de uniões livres e de recomposições familiares, também contribuíram para o surgimento de outras formas de vida familiar" (Peixoto, 2007, pp. 11-12).

À sombra dessas reflexões, atualmente em nossa sociedade podemos considerar que o farol ideológico que norteia a constituição familiar está baseado, principalmente, nos vínculos de afinidades e afetos entre os membros, como apontam Pozzetti e Silva (2013, p. 110):

> o conceito de família independe da forma como foi constituída, quer seja oriunda do casamento, da união estável, monoparental, com ou sem filhos biológicos ou adotivos, bastando que para tanto haja afinidade entre as pessoas que a constituam e que estas se considerem parentes, ainda que por vínculos unicamente de afeto.

É amplamente reconhecido que a instituição familiar é perpassada por inúmeras transformações ao longo do tempo e, por essa razão, não se deve apenas considerar a existência de um único tipo de organização de familiar. Pelo contrário, as alterações ocorridas na configuração da estrutura e funcionamento familiar ao longo da história vêm, continuamente, expandindo o significado de família. Os diversos arranjos familiares não

devem ser entendidos, necessariamente, como decorrentes de uma crise da instituição familiar, mas como reflexos das recorrentes mudanças que impulsionam a sociedade e modificam as concepções dos valores dominantes e do modo como se vive e entende a convivência familiar (Araújo, Oliveira, Sousa, & Castanha, 2007; Roudinesco, 2003). Nessa lógica, o "pluralismo familiar", que caracteriza o contemporâneo, pode ser compreendido como "o resultado de uma transformação profunda das relações de gênero[3] e da emergência de um novo equilíbrio entre autonomia individual e pertencimento familiar" (Peixoto, 2007, p. 12).

A despeito dessas considerações, o modelo familiar legitimado e socialmente almejado é ainda restrito ao enquadre nuclear-monogâmico, organizado a partir da união de um casal formado por um homem e uma mulher heterossexuais (Rodriguez & Paiva, 2009). Essa ideologia de modelo familiar norteia, por exemplo, as práticas sociais e educacionais e atua, na maioria das vezes, segregando as outras organizações que divergem desse ideal arraigado no imaginário social.

Do ponto de vista jurídico, a Comissão Especial do Estatuto da Família referente ao Projeto de Lei Nº 6.583 de 2013 (Câmara dos Deputados, 2013) aprovou recentemente, em 2015, essa construção ideológica ao definir a "entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes" (Artigo 2º, p. 1). Atualmente, em vias de tramitação, o Projeto de Lei está aguardando deliberação do recurso na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados e posteriormente deve avançar para a análise do Senado Federal. Outros diplomas legais, como a Constituição Brasileira de 1988 (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, 2016), referendam essa concepção de família: "para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento" e "entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes" (Capítulo VII, Artigo 226, 3º e 4º). Como se verá posteriormente, tal concepção pode entrar em conflito com a resolução de maio de 2011 do Supremo Tribunal

[3] Basicamente, considera-se gênero como "classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo" (Jesus, 2012, p. 24) e expressão de gênero como "forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive" (p. 24).

Federal (STF) brasileiro, que legitima juridicamente como entidade familiar as uniões entre pessoas do mesmo sexo[4].

Pode-se compreender a definição de família a partir de várias concepções teóricas. No entanto, como ressaltado anteriormente, tais concepções sempre estarão sujeitas a certa instabilidade e imprecisão conceitual por estarem em constante transformação. Destarte, a família não é algo naturalmente dado, e sim determinada por aspectos socioculturais, políticos e econômicos de uma época, que impõem variações na sua dinâmica e estrutura. É no marco dos modelos alternativos de arranjos familiares que se situam as famílias constituídas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as), também denominadas de famílias homoparentais ou, em determinados casos na linguagem jurídica brasileira, homoafetivas (Farias & Maia, 2009; Oliveira, 2011).

[4] Sexo, nesta tese, é entendido como a "classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ao contrário da crença popular, reiterada em diferentes discursos, a categoria sexo não se configura como uma dualidade simples e fixa entre indivíduos deste e daquele sexo (binarismo ou dimorfismo sexual), mas, isso sim, como um contínuo complexo de características sexuais" (Jesus, 2012, p. 24).

AS HOMOPARENTALIDADES: FAMÍLIAS COM PAIS GAYS/MÃES LÉSBICAS E SEUS/SUAS FILHOS(AS)

Antes da continuação do desenvolvimento do tema, é preciso contextualizar acerca das relações afetivo-sexuais estabelecidas entre pessoas do mesmo sexo/gênero – o que denomina-se hoje, de modo geral, como homossexualidades – que se configuraram de distintos e específicos modos e estão presentes na sociedade no decorrer de toda a história da humanidade (Uziel, 2007; Zambrano, 2006). De acordo com Vieira (2011), a homossexualidade é compreendida como uma das variantes das relações afetivo-sexuais dentro do panorama da sexualidade humana. A concepção que se tem atualmente de homossexualidade constituiu-se a partir de um processo de identidade, lutas e conquistas travadas no decorrer do tempo, porém, "ainda se enfrentam discursos opositores do campo moral e, principalmente, religioso, o que impede o avanço na conquista de direitos dos sujeitos que se reconhecem e se identificam como homossexuais" (Vieira, 2011, p. 16).

Concomitantemente a esse processo histórico, cultural e político — que atua como pano de fundo para as transformações em curso das relações entre pessoas do mesmo sexo/gênero —, vê-se entrelaçada outra temática relevante a esse contexto que diz respeito às relações familiares e parentais, exercidas por pessoas que se reconhecem homossexuais e/ou que vivem uma parceria afetiva com pessoa do mesmo sexo. A "homoparentalidade" é um neologismo proveniente da França, criado em 1996/1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas – APGL (Roudinesco, 2003). Tal conceito nomeia a singularidade com que pessoas lésbicas/gays exercem a parentalidade, ou seja, a situação na qual pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é, ou pretende ser, pai ou mãe de, no mínimo, uma criança (Zambrano, 2006).

A homoparentalidade, como denominação recentemente dada a um determinado formato de família, deve ser compreendida levando-se em consideração um contexto sociocultural de lutas e conquistas de direitos para o seu reconhecimento e respeito (Rodriguez, 2012). Por outro lado, Singly (2007) ressalta que ao se definir as famílias pela perspectiva de sua forma ou estrutura, a partir dos membros que a constituem, há o risco de não se evidenciar o caráter das relações intrafamiliares, que são os elementos fundamentais de análise no plano teórico. Portanto, é preciso ter cautela na utilização do termo homoparentalidade, muito embora se perceba, na atualidade, uma certa tendência dos estudos científicos de abonarem sua aplicação. Nesse sentido, segundo o referido autor, alegar que a família nuclear "sempre existiu não significa, entretanto, dizer que esta família sempre

preenche funções idênticas, ou que a regulação das relações entre os sexos e as gerações seja a mesma" (Singly, 2007, p. 31). Por exemplo, as famílias nucleares brasileiras dos anos 1970 apresentam aspectos diferentes se comparadas às famílias nucleares dos dias de hoje. É imprescindível, então, relativizar nossas concepções teóricas, vendo-as em perspectiva, segundo o contexto histórico em que nossa análise incide.

Nesse sentido, Toledo (2008) assinala que nomear a família de pais e mães do mesmo sexo/gênero com o termo "homoparental" circunscreve, no momento atual, a afirmação da diversidade e da visibilidade no esforço por ampliar conquistas e fortalecer o espírito dos movimentos de liberação sexual que remontam à década de 1960. Entretanto, principalmente nos países de língua inglesa, o termo homoparentalidade não é referendado, havendo preferência pelas expressões mais consagradas como *same-sex couples*, *same-gender couples*, *gay and lesbian families* ou *gay and lesbian parenthood*. Tais expressões decorrem do fato de evitarem a utilização de qualquer denominação psiquiátrica ou similares, preferindo endossar termos centrados no gênero (Toledo, 2008; Vieira, 2011). Embora haja uma ampla discussão com perspectivas favoráveis ou não sobre o emprego do termo homoparental, nesta tese, optou-se pelo seu uso. Em relação à parentalidade homossexual, Uziel (2007, p. 78) considera que a:

> homossexualidade refere-se ao exercício da sexualidade. Funções parentais não exigem o exercício da sexualidade. Seria o mesmo que usar este critério para julgar a competência profissional de alguém, sua capacidade para gerenciar conflitos, seu gosto por comida, gênero de filme. São esferas distintas da vida, que se cruzam por uma contingência. A reprodução, muito atrelada à sexualidade, pode ser um dos fatores que dêem sentido à proximidade dessas duas esferas, bem como a conjugalidade, a afetividade. São aspectos comuns, como poderíamos encontrar se buscássemos qualquer outra relação (p. 78).

Em consonância com essa linha argumentativa, entende-se que as famílias homoparentais possivelmente não instituem nada de novo no que tange à parentalidade. Ou seja, independentemente de a definição da configuração familiar ser monoparental, biparental, pluriparental, heteroparental ou homoparental, a esfera da função da parentalidade relaciona-se ao exercício de direitos e de deveres quanto aos cuidados com os(as) filhos(as). Logo, não tem a ver diretamente com a sexualidade/ orientação sexual dos pais e das mães. Nesse sentido, são reconhecidas as diversas referências a estudos científicos que colocam o foco no bem-estar familiar e na aparentemente comprovada não influência da orientação homossexual dos pais na definição da orientação sexual dos(as) filhos(as) (Gato, 2014; Golombok, 2015; Golombok et al. 2003; Teixeira Filho, Toledo, & Godinho, 2007).

Segundo Lauriano e Duarte (2011), os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo de 2010 revelou que existem no Brasil mais de 60.000 casais homossexuais. Foi a primeira vez que o governo brasileiro instaurou e demonstrou a preocupação com a visibilidade e proceder à quantificação do número desses casais no país. Sabe-se que "a materialização das uniões homoafetivas já ocorre há muito no Brasil. Entretanto, a falta de formalização desta união é que não permitia às pessoas nesta condição gozar da segurança jurídica a que todo cidadão brasileiro tem direito" (Pozzetti & Silva, 2013, p. 108).

Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro declarou o reconhecimento da união estável para casais do mesmo sexo, desse modo legitimando-os juridicamente como entidade familiar. Dois anos após esse acontecimento, em maio de 2013, durante a 169ª Sessão Plenária do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) foi aprovada a resolução que habilita a celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento para casais do mesmo sexo (Supremo Tribunal Federal, 2013). Sendo assim, essa contemporânea interpretação da atual legislação da Constituição Brasileira permite aos casais do mesmo sexo a possibilidade de casamento civil, resguardando os seus direitos humanos, civis, sociais e políticos. Tais fatos consolidam um marco na conquista de direitos por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). No cotidiano dessas famílias, significa um amparo legal que pode contribuir tanto para mudanças no olhar sobre essas configurações, quanto para coibir o preconceito, a discriminação e a violência (Grossi, Uziel, & Mello, 2007). A legislação nacional, nesse aspecto, foi ao encontro da necessidade de adaptação às mudanças ocorridas na vida da sociedade, considerando a dimensão dinâmica e complexa das relações sociais e familiares.

Verifica-se, na prática, um contingente significativo de uniões conjugais estabelecidas por pares do mesmo sexo, todavia, no que concerne ao direito à adoção de crianças por essas pessoas, a legislação brasileira não possui uma norma jurídica que permita ou impeça, de forma explícita, essa prática (Almeida, 2012; Haag, 2007; Oliveira, 2011; Pozzetti & Silva, 2013). Embora se reconheçam determinados casos em que a adoção de crianças foi concedida para ambos os membros do casal, mais por iniciativa dos juízes do que pelo apoio inequívoco do princípio legal, "no Brasil, é mais comum encontrar famílias homoparentais com filhos que são fruto de relacionamentos heterossexuais anteriores" (Rodriguez, 2012, p. 17).

Segundo a Secretaria Especial de Comunicação Social (Senado Federal, 2013), o processo de adoção no Brasil envolve determinadas etapas e exigências. O interessado em adotar deve ser maior de 18 anos. É necessário o cadastro com informações e documentos

pessoais, antecedentes criminais e judiciais na Vara da Infância e Juventude. Posteriormente, o juiz analisa o pedido a partir dos pré-requisitos legais. Os candidatos habilitados são convocados para entrevistas e, se aprovados, passam a integrar o cadastro nacional, que segue a ordem cronológica de classificação. Quando a criança ou adolescente está apto à adoção, o adotante inscrito no cadastro é convocado. O prazo médio para o processo de adoção é de um ano, porém, se o processo contiver algum conflito, pode se estender por anos.

Os estudos sobre adoção de crianças na realidade brasileira pouco contemplam as particularidades dos casais do mesmo sexo e da diversidade sexual (Farias & Maia, 2009; C. Fonseca, 2002). A literatura acerca da adoção por indivíduos ou casais homossexuais ainda é incipiente (Amazonas, Veríssimo, & Lourenço, 2013; Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016, Tombolato, Maia, & Santos, 2019). Nesse tema, há escassas investigações que focalizam a experiência da maternidade em mães adotivas heterossexuais (Sonego & Lopes, 2009). Além disso, no contexto da maternidade lésbica, os limitados estudos existentes abordam a parentalidade biológica (Corrêa, 2012; Martinez, 2011; D. A. Silva, 2013). Por conseguinte, há parcas pesquisas que enfocam a temática de mães adotivas lésbicas.

Em suma, considerando as diferentes possibilidades para os homossexuais terem acesso à parentalidade, Zambrano (2006) destaca as quatro formas principais. A primeira delas é a recomposição: um membro do casal traz para a sua relação homossexual o(a) filho(a) de uma ligação heterossexual anterior. A segunda maneira é a adoção, podendo ser realizada pelo casal ou por um dos membros, e ser legal ou informal. Uma terceira possibilidade é o uso das técnicas de reprodução humana, visando o nascimento de filhos(as) biológicos(as). Dentro dessa possibilidade, o método mais utilizado pelas lésbicas é a Inseminação Artificial ou a Fertilização *In Vitro*. Os gays que desejam ter filhos(as) biológicos(as), nesse caso, podem fazer uso da Doação Temporária de Útero (popularmente conhecida por "barriga de aluguel" ou “barriga solidária”), que se trata de um procedimento, no Brasil, de caráter voluntário e sem vínculo comercial entre as partes envolvidas. Por último, a quarta alternativa é denominada coparentalidade, na qual os cuidados à criança, que passa a fazer parte da vida do casal, são exercidos de forma conjunta e igualitária pelos(as) parceiros(as), podendo aparecer entrelaçada com as formas de acesso citadas anteriormente (recomposição familiar, adoção, e reprodução humana assistida). Por exemplo:

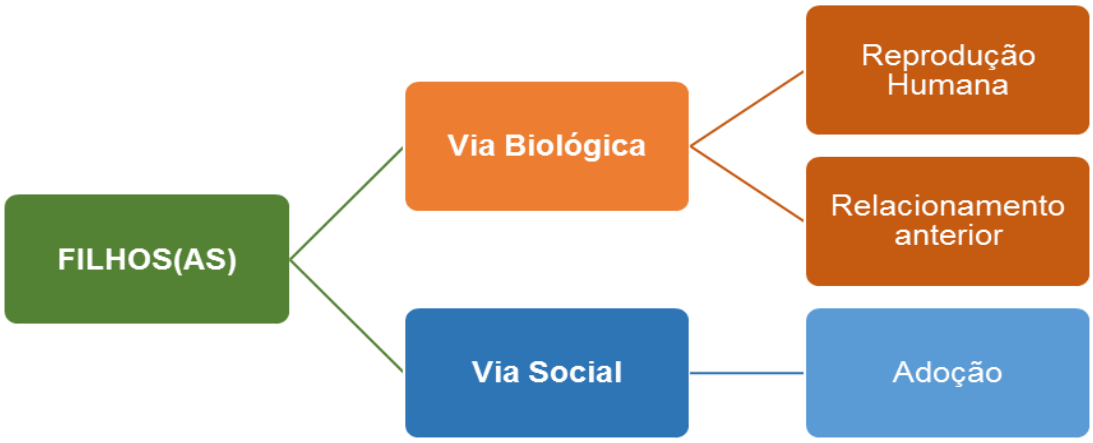
> o planejamento conjunto pode, também, incluir dois casais homossexuais, um masculino e o outro feminino, que decidem ter um filho através de inseminação artificial caseira (coleta de sêmen do pai e introdução do esperma na vagina da mãe, com o auxílio de uma seringa, sem a presença do médico) ou medicamente assistida (feita em clínica médica especializada). Nesse

> caso, a criança terá dois pais e duas mães, sendo dois deles pai e mãe biológicos (Zambrano, 2006, p. 133).

A partir da perspectiva do casal, em todas as maneiras referidas de dar concretude ao projeto de parentalidade por pessoas que se auto definem como homossexuais, há sempre um terceiro mediando o desejo de conceber um filho; em última análise, o casal depende de "um outro" para tornar possível o projeto parental (Passos, 2005).

Adiante, na Figura 1, estão esquematizados os modos de acesso à parentalidade para indivíduos ou casais homossexuais, ilustrados a partir dos(as) filhos(as) por meio da via biológica ou social.

Figura 1 - Modos de Acesso à Parentalidade para Indivíduos ou Casais Homossexuais



Fonte: Elaboração do autor.

Passos (2005) afirma que as novas formas de "ser família" devem ser compreendidas segundo o enfoque de uma ética que considere as demandas afetivas dos sujeitos nelas envolvidos. Nesse sentido, a ética deve estar assentada nas diferentes formas de conjugalidade, parentalidade e filiação que constroem um contexto familiar fundamentado em laços de afeto. Tais princípios éticos adviriam não mais das leis gerais que constituíam a ordem familiar patriarcal, mas das novas redes que abarcam as relações de afeto nas novas famílias. Logo, "se o parentesco é uma ordem simbólica, pode ser ressignificado. Família tem a ver com grupo de pertencimento, sendo um conceito móvel e polissêmico" (Oliveira, 2011, p. 356). Nesse contexto, estabelecem Pozzetti e Silva (2013, p. 112):

> qualquer que seja a forma de constituição de entidade familiar – quer seja através do casamento civil, religioso, união estável, família monoparental ou união homoafetiva – cabe ao Estado proteger a cada um de seus membros, assegurando-lhes a fruição de igualdade de direitos e deveres, em virtude do compromisso constitucional de garantir isonomia no tratamento de todos os cidadãos brasileiros.

Quando se aborda a questão sobre o desejo de ter filhos, os casais formados por pessoas homossexuais se diferenciam dos casais constituídos por pessoas de sexos opostos unicamente por serem duas pessoas do mesmo sexo. Entretanto, faz-se necessário analisar cada situação para compreender as realidades vivenciadas por cada casal (Gratton, 2008). Sabe-se, por outro lado, que a função de cuidar está mais relacionada à personalidade e às características do indivíduo do que ao seu sexo ou gênero (Badinter, 1985; C. Santos, 2004; Vieira, 2011).

Dentro do contexto das famílias compostas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/ suas filhos(as), é essencial considerar as demandas da criança em relação à família: que premissas relacionais dentro do espaço familiar são fundamentais para a estruturação psíquica da criança, quais delas seriam estruturantes dos laços afetivos em qualquer tipo de família, como cuidar, acolher, conter, reconhecer e inserir a criança em uma cadeia de transmissão geracional (Passos, 2005). “Seja num casal de homens ou num casal de mulheres, as duas funções parentais podem ou não estar presentes e operantes, assim como em qualquer outro casal de homem e mulher” (Vieira, 2011, p. 193).

Nesse sentido, para a entidade familiar, o importante é a organização psíquica dos que cuidam da criança, isto é, o fundamental para o desenvolvimento do indivíduo é a possibilidade de ele manter relações saudáveis com seus responsáveis e irmãos, e permitir o desenvolvimento de todos os indivíduos que formam a família (Uziel, 2007).

No cenário de Amsterdã (Holanda), Bos, Balen e Boom (2003) realizaram um estudo no qual analisaram as motivações para o desejo de ter filhos relatadas por 100 casais heterossexuais sem problemas de fertilidade, e por 100 casais de mulheres lésbicas que tiveram filhos biológicos por meio de técnicas reprodutivas. Constataram que os motivos apresentados por ambos os grupos são bastante similares, apontando os seguintes fatores como motivadores do desejo de ter filhos: a expectativa da felicidade em estar com a criança; expectativa quanto ao bem-estar trazido para a relação do casal, tornando-o “completo”; a própria expectativa sobre parentalidade/ maternidade e de poder vivenciar a gravidez e o nascimento do bebê; a expectativa da continuidade trazida pela criança, como uma forma de os membros do casal continuarem vivos mesmo após sua morte; o fortalecimento da

identidade como um aspecto necessário para a vida adulta; e, por último, o controle social, que se refere à pressão social para que o casal tenha filhos e transmita seus valores à sua descendência.

Alguns estudos, de abordagem qualitativa, que contemplam a temática das famílias homoparentais brasileiras evidenciaram peculiaridades no contexto desse arranjo familiar. Nessas pesquisas são discutidas diversas questões, entre elas:

- o assumir da homossexualidade diante dos percalços da aceitação e rejeição na vivenciados na esfera familiar (C. Santos, 2004; D. A. Silva, 2013; Toledo, 2008; Tombolato, 2014);
- a brevidade na decisão em morar com seus/suas parceiros(as) (Toledo, 2008; Tombolato, 2014);
- as motivações para a parentalidade (Almeida, 2012; C. Santos, 2004; Vieira, 2011);
- os modos mais habituais que as pessoas homossexuais encontram para terem acesso à parentalidade (Almeida, 2012; Corrêa, 2012; Hernández, 2013; Rodriguez & Paiva, 2009; Rosa et al., 2016; C. Santos, 2004; D. A. Silva, 2013; Tarnovski, 2002; Uziel, 2007; Vieira, 2011);
- as experiências dos casais diante da adoção de seus/suas filhos(as) e da reprodução humana assistida (Almeida, 2012; Corrêa, 2012; Martinez, 2011; Moschetta, 2011; D. A. Silva, 2013; Tombolato et al., 2019);
- a discriminação que incide sobre as famílias homoparentais em suas relações com parentes próximos, amigos, trabalho, escola, Igreja, entre outros (Almeida, 2012; Corrêa, 2012; Farias & Maia, 2009; Grossi et al., 2007; Hernández, 2013; Lira, Morais, & Boris, 2016; Moscheta, 2004; Natividade & Oliveira, 2013; Rodriguez, 2012; Rodriguez & Paiva, 2009; C. Santos, 2004; D. A. Silva, 2013; Tarnovski, 2002; Toledo, 2008; Tombolato, 2014; Tombolato, Maia, Uziel, & Santos, 2018; Uziel, 2007; Vieira, 2011).

Vê-se que a rede de apoio social tem aparecido nos estudos como fator proeminente, que interfere na qualidade da vivência da família homoparental. Dentre essas pesquisas, Toledo (2008) investigou o discurso sobre família a partir dos relatos de dez homens membros de famílias homoparentais. Os principais resultados demonstraram que os enunciados dos participantes acerca de suas famílias de origem foram marcados por rejeição, perdas e sofrimento. Além disso, eles defenderam a normalidade de si mesmos, de suas famílias e seus filhos. Almeida (2012), em outro momento, realizou uma pesquisa com uma família homoparental na qual um casal de homens adotou dois meninos. Os resultados

apontaram que, apesar do fator singular da homoparentalidade, a família dos participantes retoma os valores do modelo tradicional familiar.

Tombolato (2014) pesquisou a vivência familiar a partir dos relatos de cinco casais homossexuais com filhos(as). Nesse estudo de abordagem qualitativa, o autor utilizou para a coleta de dados dois instrumentos: "Questionário de Perfil Socioeconômico de Famílias Homoparentais Brasileiras", e uma entrevista semiestruturada "Conhecendo as Famílias Homoparentais Brasileiras". As entrevistas foram audiogravadas, transcritas na íntegra, e submetidas à análise de conteúdo. As categorias e subcategorias identificadas e analisadas foram: (1) As motivações para a parentalidade: convivência com crianças familiares; motivações subjetivas e sociais; e divergências entre o casal; (2) Os procedimentos de acesso à parentalidade: adoção; reprodução humana assistida; e filha de um relacionamento heterossexual anterior; (3) A rotina familiar e a criação dos filhos: a vida dos casais após a chegada dos filhos; a rotina familiar nos cuidados dos filhos; as características das funções parentais; os cuidados na criação dos filhos; e a aceitação e os modos como os filhos chamam pelos pais e mães; (4) As relações da família homoparental com sua família de origem: modificações nas relações familiares após a chegada das filhas dos casais; suporte familiar: a contribuição dos familiares e avós nos cuidados com as crianças; pouco ou sem contato com os familiares de origem; (5) As famílias homoparentais e a sociedade: preconceito, discriminação e reconhecimento de direitos; vigia social; redes de apoio social; e facilidades e dificuldades da família homoparental.

Os resultados da análise do referido estudo demonstraram uma recorrência de características: quanto à homossexualidade no âmbito dos familiares de origem, às motivações e vivências de acesso à parentalidade dos casais homossexuais, à rotina familiar e ao cuidado com os filhos, à relação das famílias homoparentais com seus familiares e a sociedade. Portanto, a pesquisa considerou que a família homoparental apresenta características e funções que são comuns a qualquer tipo de configuração familiar (cuidado, responsabilidades e dificuldades na criação dos filhos; planejamento financeiro e da rotina diária; momentos de lazer etc). Em contrapartida, a família homoparental convive com conflitos e discriminação, nos mais variados contextos, que são produtos do preconceito acerca da homossexualidade, compreendida como característica-chave pelos casais.

Ao considerar o exposto, a indagação que sustenta esta tese pode ser assim enunciada: Como vivem e se relacionam, tanto no âmbito privado como público, as famílias constituídas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as)?

Pesquisas com famílias formadas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as) são meritórias no sentido de expor e discutir um fenômeno recente e ainda pouco estudado no Brasil. Dentre as muitas problematizações que se colocam para defender ou discriminar a legitimidade dessas famílias, encontra-se a questão do preconceito e da estigmatização social, ainda vigente, em relação à homossexualidade.

Nas palavras de Moscheta (2004, p. 6), "a relação homossexual é produzida em contínuo diálogo com as instâncias sociais que, muitas vezes, por preconceito e discriminação, limitam e isolam a experiência conjugal, constituindo uma fonte de angústia". Se as famílias homoparentais "ganharam visibilidade social nos últimos anos, também foram alvos de ataques e tiveram sua legitimidade e cidadania contestadas por instituições centrais para a vida cotidiana, tais como a Igreja, o poder legislativo e judiciário" (Toledo, 2008, p. 9). Essa resistência relaciona-se com expressões de homofobia que, para Borrillo (2009), significa "atitude de hostilidade para com os homossexuais" (p. 15) manifestadas por meio de julgamentos discriminatórios, agressões verbais ou físicas, violência simbólica, enfim, expressões preconceituosas que atravessam o cotidiano de uma sociedade heteronormativa[5] e que definem as pessoas homossexuais como "desviantes" em vários espaços sociais, incluindo as constituições familiares.

Em 2011, pela primeira vez, o Governo Federal brasileiro realizou uma pesquisa sistemática acerca dos dados sobre violência homofóbica no país (Secretaria de Direitos Humanos, 2012), que apontaram o registro de 310 casos de homicídios na população LGBT. No ano seguinte, em 2012, o relatório revelou que esse número cresceu 11,51%, alcançando 329 casos (Secretaria de Direitos Humanos, 2013). As estatísticas disponíveis, já alarmantes, provavelmente subestimam a magnitude do problema em função de sua subnotificação e dificuldades de caracterização dos casos de violência por motivação homofóbica.

Recentemente, em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) enquadrou a homofobia e a transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa. Os ministros citaram sobretudo a violência de que gays, lésbicas e transgêneros são vítimas no país:

> o Plenário aprovou a tese proposta pelo relator da ADO, ministro Celso de Mello, formulada em três pontos. O primeiro prevê que, até que o Congresso Nacional edite lei específica, as condutas homofóbicas e transfóbicas, reais ou supostas, se enquadram nos crimes previstos na

[5] Heteronormatividade: "crença na heterossexualidade como característica do ser humano 'normal'. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização" (Jesus, 2012, p. 29).

> Lei 7.716/2018 e, no caso de homicídio doloso, constitui circunstância que o qualifica, por configurar motivo torpe. No segundo ponto, a tese prevê que a repressão penal à prática da homotransfobia não alcança nem restringe o exercício da liberdade religiosa, desde que tais manifestações não configurem discurso de ódio. Finalmente, a tese estabelece que o conceito de racismo ultrapassa aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos e alcança a negação da dignidade e da humanidade de grupos vulneráveis. (Supremo Tribunal Federal, 2019).

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Considerando a trajetória sociocultural e política da constituição da instituição familiar no decorrer dos tempos, assiste-se, na contemporaneidade, à emergência de inúmeras configurações que se distanciam do tradicional modelo de família. Uma delas é o arranjo caracterizado por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as) (Golombok, 2015; Grossi et al., 2007). A temática é relevante no cenário atual, permeado por muitas vozes que insistem em afirmar um tipo apenas de família como sendo a única, verdadeira e legítima, tratando os demais arranjos familiares como periféricos ou ilegítimos. Quando o convívio social é regulado pelo princípio democrático da igualdade dos cidadãos perante a lei, convém afirmar a diversidade de famílias presente em nossa sociedade, o que nos invoca a utilizar o substantivo sempre no plural. Assim, é reconhecida a necessidade de mais estudos que deem visibilidade a essas famílias no contexto nacional, pois é de fundamental importância compreender suas vivências nos âmbitos privado e social (Costa, Pereira, & Leal, 2012; Goldberg & Gartrell, 2014).

A discussão sobre essa temática contribui para a ampliação do conceito de família e a diversificação dos estudos sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Se há alguns anos a conjugação família-homossexualidade era impensável, bastante difícil ou, ainda, feita às escondidas, ou com inúmeras ressalvas, hoje é uma realidade que ilumina várias possibilidades, empiricamente registradas no espectro social, que necessitam ser incorporadas ao campo da pesquisa em Psicologia.

Estudos em diversos contextos têm evidenciado que as famílias compostas por casais do mesmo sexo/gênero apresentam características e funções comuns a qualquer tipo de configuração familiar, tais como: cuidado, responsabilidades e dificuldades na criação dos(as) filhos(as); planejamento financeiro e da rotina diária; momentos de lazer, entre outros (Almeida, 2012; Goldberg & Gartrell, 2014; Golombok, 2015; Golombok et al., 2014; Martinez & Barbieri, 2011; Uziel, 2007). Além disso, pesquisas realizadas no cenário brasileiro demonstram que essa modalidade de família convive com dificuldades e discriminação nos mais variados contextos sociais, diferentemente das famílias constituídas por pessoas cisgêneras e heterossexuais (Corrêa, 2012; Farias & Maia, 2009; Lira, Morais, & Boris, 2016; Toledo, 2008; Tombolato et al., 2018).

As motivações para a escolha do tema deste estudo emergem, assim, da confluência entre o desejo e a necessidade de investigar, de maneira sistemática, a vivência de casais homossexuais e de seus/suas filhos(as). Dessa maneira, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, buscou-se lançar luz para os aspectos que permitiram uma compreensão de questões pertinentes ao tema respaldando-se nas vivências daqueles que protagonizam o cenário destas famílias divergentes do

modelo heteronormativo. Para tanto, intencionou-se dar voz aos protagonistas, para que eles contem a partir de si próprios, as experiências vivas das homoparentalidades.

Ademais, como ficou evidenciado, a produção científica nessa temática ainda é incipiente, com poucas referências no âmbito nacional para orientar programas de prevenção e/ou intervenção, o que dificulta o planejamento de políticas públicas nesse campo. Considera-se que esses estudos sejam necessários também para subsidiar a formação acadêmica em Psicologia, de profissionais de saúde, Educação, Direito e outras áreas relacionadas.

Tais formações acadêmicas e profissionais pouco discutem essa temática, uma vez que as grades curriculares não têm dado a devida relevância a esses assuntos. Espera-se que este estudo, e outras pesquisas relacionadas ao tema, possam gerar conhecimentos que aprofundem os resultados das investigações já realizadas e subsídios para ideações, políticas e estratégias que promovam cidadania e respeito à diversidade. Além de ser imprescindível incentivar medidas preventivas de apoio a essas pessoas e suas famílias na precaução contra atos de violência. Um limitado número de estudos, por exemplo, tem avançado na temática do preconceito e da discriminação voltados às famílias homoparentais brasileiras; logo é inadiável dar visibilidade a esse fato. A divulgação de pesquisas científicas nessa área, a partir das prerrogativas de uma sociedade plural e respeitosa em relação às diferenças, deve contribuir para novas reflexões que transformem posturas preconceituosas e excludentes frente ao desenvolvimento e à multiplicidade dos arranjos familiares nos dias de hoje.

Diante do exposto com base na revisão da literatura e tendo em vista a indagação que este estudo se propõe a estudar, os objetivos foram conhecer e analisar as vivências[6] familiares a partir das vozes[7] de casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas respectivos(as) filhos(as). E os objetivos específicos foram conhecer e analisar:

- as trajetórias afetivo-sexuais de casais em relacionamentos homoafetivos que coabitam e têm filhos(as);
- a transição e a vivência da conjugalidade nesses casais;
- a transição-exercício da parentalidade em famílias constituídas por pais/mães do mesmo sexo/gênero;
- os significados atribuídos por pais/mães e filhos(as) à experiência de pertencer a uma família;
- como pais, mães e seus/suas filhos(as) lidam com a questão da visibilidade/invisibilidade do arranjo familiar homoparental no contexto das interações sociais.

[6] Considera-se vivência (*Erlebnis*, originalmente em alemão) de acordo com esses aspectos: "a percepção que o ser humano tem de suas próprias experiências, atribuindo-lhes significados [...,] acompanhadas de algum sentimento de agrado ou desagrado" (Forghieri, 1993, p. 19). Dessa maneira, "o que é vivenciado deve ter uma intensidade de tal modo significativa, cujo resultado confere uma importância que transforma por completo o contexto geral da existência" (Viesenteiner, 2013, p. 142).

[7] Vozes são consideradas a linguagem onde a expressão da vivência aparece.

TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA QUALITATIVA

O ato de pesquisar compreende um conjunto de atividades dedicadas a produzir novos conhecimentos e, nessa medida, insere-se no contexto das descobertas, abrangendo todas as áreas de conhecimento. Considerada em sua etimologia, a palavra pesquisa provém do latim *perquirere* – "indagar", "perguntar", a partir da junção de per – "completamente" e *quaerere*, "perguntar". Desse modo, tem como significado a ação ou o efeito de buscar ou procurar (Kauark, Manhães, & Medeiros, 2010). O pesquisar, como atividade central do desenvolvimento do campo científico em ciências humanas, tem como objetivos a resolução de um problema, e/ou a descrição de uma realidade/fenômeno, e/ou a compreensão de um determinado contexto, e/ou ainda a predição de comportamentos e a determinação de causas (Cozby, 2003; Creswell, 2008; J. J. S. Fonseca, 2002; Lindlof & Taylor, 2002; Minayo & Sanches, 1993; Pernecky, 2016; Savin-Baden & Major, 2013).

As pesquisas científicas são classificadas de variadas formas, a depender de sua natureza, área, abordagem, e do paradigma, propósito e dos procedimentos metodológicos utilizados para alcançar os objetivos propostos (Pernecky, 2016; Savin-Baden & Major, 2013). O método descreve o caminho trilhado na pesquisa. Pode ser definido como um conjunto de "procedimentos que consideramos adequados para responder à nossa questão; não é um a priori da pesquisa, ele faz parte dela" (Furlan, 2008, p. 25).

Nessa direção, Minayo (2010) acrescenta que, por metodologia, deve-se entender "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade" (p. 16). Assim, "a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)" (Minayo, 2010, p. 14). O pesquisador está organicamente implicado em todo o processo de produção do conhecimento. A relação estreita entre o pesquisador e seu campo de estudo é uma característica intrínseca à investigação social. Desse modo, parte-se do pressuposto de que a visão de mundo de quem investiga e a do sujeito da pesquisa estão implicadas não apenas no produto final da investigação, mas desde o princípio da concepção do objeto até os resultados obtidos e sua potencial aplicação. Logo, é essencial que o pesquisador conheça a complexidade dos tipos de

estudos, os diversos delineamentos de pesquisa, para então definir quais os instrumentos e procedimentos que melhor se adequarão aos propósitos de sua investigação (Kauark et al., 2010).

Em uma aproximação inicial, as atividades no campo científico podem ser classificadas em dois grandes eixos: Pesquisas Teóricas e Pesquisas Empíricas. Basicamente, as Pesquisas Teóricas têm como objetivo a construção, revisão e reconstrução de teorias, conceitos e ideologias. Já as Pesquisas Empíricas se caracterizam pela coleta de dados a partir de fontes diretas – pessoas que conhecem, vivenciaram ou têm conhecimento sobre o tema e/ou situação investigada (J. J. S. Fonseca, 2002). As Pesquisas Empíricas são classificadas como quantitativas ou qualitativas. De modo geral, a pesquisa quantitativa usa os princípios da confiabilidade para descrever e avaliar o rigor científico do estudo, enquanto que, na abordagem qualitativa, o rigor está relacionado ao intuito de buscar compreender o conhecimento a partir da concepção particular da realidade dos(as) participantes (Wu, Thompson, Aroian, McQuaid, & Deatrick, 2016).

A investigação qualitativa pode ser entendida como uma abordagem metodológica ampla que engloba diversos métodos de pesquisa. Os objetivos pretendidos variam muito nas diferentes áreas do conhecimento. A abordagem qualitativa é utilizada em diferentes campos disciplinares, porém é mais disseminada nas ciências humanas e sociais. Isso apropria o fato de que os métodos qualitativos compõem uma paisagem heterogênea e extremamente diversificada (Creswell, 2008; Pernecky, 2016). Desse modo, há múltiplas e distintas metodologias qualitativas, sendo cada uma ancorada em diferentes pressupostos ontológicos e epistemológicos, tais como: abordagem narrativa, sócio histórica, fenomenologia, etnografia, estudo de caso, teoria fundamentada nos dados, teoria crítica, construtivismo, pós-positivismo, entre outros enfoques – que se baseiam estreitamente no campo das ciências humanas e sociais.

No campo da Psicologia, quando o investigador intenciona obter uma compreensão em profundidade de determinado comportamento e escrutinar as variáveis que o regulam, ele pode ou não lançar mão de métodos qualitativos. Esses métodos possibilitam examinar como e por quê foi tomada determinada decisão, não apenas o quê, onde, quando ou quem emitiu aquela conduta. Nessa perspectiva, os métodos qualitativos produzem informações minuciosas sobre os casos particulares investigados, sem a finalidade de generalizações (Creswell, 2008; Denzin & Lincoln, 2005).

De fato, quaisquer conclusões mais gerais devem ser vistas com cautela e consideradas como proposições ou pressupostos informados, não como hipóteses. A relevância da pesquisa

qualitativa está justamente na sua capacidade de examinar a fundo determinado campo de investigação. Já os métodos quantitativos, contrastando com os qualitativos, podem ser utilizados para buscar apoio empírico para tais pressupostos de pesquisa (Lindlof & Taylor, 2002).

O investigador qualitativo frequentemente não tem constituída a total compreensão prévia acerca do fenômeno pesquisado (Denzin & Lincoln, 2005). Pode partir de um pré-reflexivo, como na investigação de inspiração fenomenológica, ou pode lançar mão de uma abordagem teoricamente fundamentada, como a *grounded theory*. Pode aplicar os princípios balizadores do estudo de caso, com a finalidade de examinar em profundidade amostras de conveniência (ou intencionais) para explorar um determinado fenômeno (Stake, 1995).

De acordo com Bogdan e Taylor (1990), o pesquisador pode iniciar seu estudo com proposições gerais acerca da realidade a ser investigada e proceder de forma científica e empírica ao longo do processo de investigação. A compreensão abrangente de um fenômeno, evento ou situação deriva da exploração da totalidade da situação. Por isso, o recorte a ser feito no estudo necessariamente tem de ser bem delimitado, ainda que esse procedimento possa permitir o acesso a uma quantidade considerável de dados, que precisam ser ordenados.

Na atualidade, a pesquisa qualitativa utiliza um número amplo de paradigmas, que refletem as preocupações conceituais e teóricas dos investigadores contemporâneos (Pernecky, 2016). Questões de identidade, por exemplo, que emergiram a partir da década de 1980 e que podem incluir problemáticas relacionadas à etnia/"raça", classe, gênero, diversidade cultural e comunidades discursivas, levaram a pesquisa no campo das ciências sociais a se tornarem cada vez mais reflexivas e aprofundadas. Os pressupostos teóricos, ontológicos e epistemológicos são, cada vez mais e melhor, contextualizados pelos pesquisadores. O que se valoriza é a busca de legitimidade na comunidade científica, principalmente frente a outros paradigmas mais consolidados historicamente, como os derivados do positivismo e de outras matrizes teórico-epistemológicas. Entende-se que a garantia de rigor na análise dos dados, a reflexividade em todas as etapas da pesquisa e a descrição densa e minuciosa dos procedimentos utilizados são, em última instância, os aspectos que garantem a legitimidade do método empregado. A tendência que se observa entre os pesquisadores qualitativistas é a opção por paradigmas mais interpretativos, críticos e com abordagens participativas.

As metodologias qualitativas podem ser compreendidas como uma família de abordagens que compartilham de certas características que são comuns e que as distinguem da pesquisa quantitativa (Wu et al., 2016). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que "a pesquisa

qualitativa se ocupa com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (Minayo, 2010, p. 21).

Na paisagem heterogênea das abordagens qualitativas contemporâneas, o termo "pesquisa interpretativa" tem sido utilizado para nomear os estudos de delineamento qualitativo e as pesquisas indutivas (Lowenberg, 1993). A visão compreensivo-interpretativa, conforme pontuado por Minayo (2010), decorre do reconhecimento básico de que no ato de pesquisar estão envolvidos os processos interpretativos e cognitivos inerentes à vida social. Esses processos são fortemente enfatizados nessas abordagens.

Ademais, a investigação qualitativa possui determinadas características que são substanciais ao cenário a ser estudado, podendo-se destacar: a preocupação com o contexto no qual os sujeitos estão inseridos; a valorização da descrição dos dados obtidos – analisando-os em toda a sua profundidade e riqueza; o interesse do pesquisador pelo processo em vez de focar simplesmente nos resultados; e a relevância do significado que cada participante atribui às experiências vividas. Nessa vertente, Guba e Lincoln (2005) identificam cinco paradigmas principais da pesquisa qualitativa contemporânea: positivismo, pós-positivismo, teorias críticas, construtivismo e paradigmas participativos-cooperativos. Essas vertentes refletem diferenças axiomáticas, objetivos propostos, controle de processos e desfechos de pesquisa, relação com fundamentos de verdade e conhecimento, representação textual, validade e voz do pesquisador e dos participantes. Desse modo, a pesquisa qualitativa visa a ampliar o conhecimento sobre o fenômeno em questão por meio da análise realizada a partir do levantamento de informações originárias dos relatos dos(as) próprios(as) participantes (Lüdke & André, 1986).

Com isso, tendo em vista a natureza da indagação levantada neste estudo: "como vivem e se relacionam, tanto no âmbito privado como público, as famílias constituídas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filho(as)?", e delineada pelo objetivo principal: "conhecer as vivências familiares a partir das vozes de casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas respectivos(as) filhos(as)", optou-se por efetuar uma investigação qualitativa, entendendo que essa abordagem possibilita uma visão compreensivo-interpretativa do fenômeno estudado pelo vértice do vínculo direto e intersubjetivo estabelecido entre o pesquisador e os(as) participantes (Lüdke & André, 1986).

No panorama qualitativo de pesquisa, nota-se a existência de variados tipos de pesquisa fenomenológica. Amatuzzi (1996) evidencia seis deles: (1) pesquisa fenomenológica como filosofia, que visa a esclarecer o conhecimento a partir da descrição daquilo que se mostra, abstendo-se de juízos a priori e sem concepções explicativas; (2) fenomenologia eidética, que elucida vivências por meio da reflexão e redução fenomenológica, (3)

fenomenologia hermenêutica, na qual a compreensão do vivido se dá pela interpretação do pesquisador, (4) psicologia fenomenológica "empírica", que aplica a filosofia fenomenológica aos estudos em psicologia com dados empíricos, (5) pesquisa psicológica "experimental", que combina a fenomenologia empírica com a intervenção do método experimental, e (6) pesquisa colaborativa, na qual a pesquisa fenomenológica é aplicada aos fenômenos do processo grupal. No presente estudo focalizamos, apresentamos e analisamos reflexivamente a abordagem teórico-metodológica da Análise Fenomenológica Interpretativa – AFI, uma proposta recente de sistematização da investigação científica em pesquisa qualitativa, que se insere também no paradigma fenomenológico. Em consequência disso, ao mesmo tempo, é válido ressaltar que a abordagem adotada se trata apenas de um entre os múltiplos olhares possíveis no estudo, neste caso, sobre os arranjos familiares.

Com a finalidade de aprimorar o rigor metodológico, esta tese adotou as orientações do COREQ (*Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research*), que foram construídas após as pesquisas desenvolvidas por Tong, Sainsbury e Craig (2007). O COREQ abarca uma lista de 32 itens, em língua inglesa, que é utilizada para orientar a preparação de relatórios e/ou a apresentação de pesquisas qualitativas que utilizaram entrevistas ou grupos focais na área da saúde. Tem o objetivo de garantir o maior detalhamento e a possível reprodução dos passos metodológicos da pesquisa, possibilitando a compreensão do modo como ela foi delineada e conduzida, assim como a maneira a qual os dados foram acessados, analisados e interpretados. Para cada um dos 32 itens, o pesquisador deve citar o respectivo número da página de seu estudo. Com isso, todos os itens devem ser contemplados. Esses 32 itens estão organizados em três grandes domínios: (1) equipe de pesquisa e reflexividade, (2) desenho do estudo, e (3) análise de dados e relatório. Alguns desses itens são: qual autor conduziu as entrevistas? Como os(as) participantes foram selecionados(as)? Os(As) participantes forneceram feedback sobre os resultados?

A lista (COREQ) preenchida, pertinente a este estudo, está disponível no APÊNDICE A.

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA – AFI

A Análise Fenomenológica Interpretativa – AFI (acrônimo em português para *Interpretative Phenomenological Analysis – IPA*) é a fundamentação teórica e metodológica que inspirou esta tese. O conteúdo apresentado em destaque nesta seção refere-se aos princípios teóricos da abordagem, e que são baseados, principalmente, no livro: *"Interpretative Phenomenological Analysis: theory, method and research"* de autoria de Jonathan A. Smith, Paul Flowers e Michael Larkin, psicólogos e professores de universidades britânicas, respectivamente *Birkbeck University of London*, *Glasgow Caledonian University* e *University of Birmingham* (Smith, Flowers, & Larkin, 2009). Essa obra foi publicada no ano de 2009 em língua inglesa, e ainda não se encontra traduzida para a língua portuguesa. Trata-se de uma referência primordial, que oferece um painel amplo e detalhado que serve como guia sobre os aspectos teóricos, metodológicos e aplicados da AFI, e que está integralizada no decorrer deste estudo.

A Análise Fenomenológica Interpretativa – AFI, de acordo com Smith et al. (2009), é uma abordagem desenvolvida na segunda metade da década de 1990, para subsidiar a pesquisa qualitativa, experiencial e psicológica. É originária do campo da Psicologia, e também tem sido adotada progressivamente nas ciências humanas, sociais e de saúde. Este referencial teórico-metodológico tem o propósito de investigar como as pessoas dão sentido às suas experiências de vida mais significativas.

A AFI surgiu em 1996, com a publicação de um artigo de Smith (1996) no periódico *Psychology and Health*, no qual o autor propôs uma abordagem em psicologia que pudesse capturar a experiência qualitativa, mantendo um diálogo com a psicologia tradicional. Como já mencionado, a AFI teve seu ponto de partida na psicologia e a maioria das pesquisas iniciais foi em psicologia da saúde. Desde então, ela tem expandido seu campo de aplicação e adquirido força na psicologia clínica e social, assim como no aconselhamento psicológico. Ademais, a AFI também está começando a ser utilizada em disciplinas afins nas ciências humanas, da saúde e sociais (Smith et al., 2009).

A abordagem teórico-metodológica da AFI é baseada em conceitos e articulações de três correntes intelectuais: fenomenologia, hermenêutica e idiografia, que serão apresentadas a seguir, de maneira básica e esquemática, de acordo com os autores, com o intuito de fornecer um panorama geral das bases teórico-filosóficas da abordagem em apreciação. Vale ressaltar que não é a única abordagem de pesquisa que trabalha utilizando uma combinação dessas áreas do conhecimento e, embora haja características centrais da AFI, há variadas formas

delas se apresentarem nos estudos. Nesse sentido, por exemplo, Packer e Addison (1989) analisaram diversos estudos em psicologia relacionados às perspectivas hermenêutica e interpretativa.

Além disso, é interessante situar a AFI em relação à abordagem da Psicologia Fenomenológica proposta por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010), considerada a mais tradicional no campo da Psicologia. Ambas são similares pois tentaram operacionalizar a fenomenologia para a psicologia e, nesse empreendimento intelectual, realizaram transformações que foram necessárias quando se transpõe as contribuições oriundas da filosofia para a psicologia. A diferença mais importante entre a Psicologia Fenomenológica e a AFI é que Giorgi propôs uma articulação mais próxima ao método fenomenológico de Husserl, enquanto que a AFI utilizou um *corpus* mais abrangente de autores do campo da fenomenologia, sem a intenção de operacionalizar qualquer uma das correntes que tomou em consideração. Outra diferença fundamental é que a AFI é, majoritariamente, interpretativa, enquanto que a Psicologia Fenomenológica de Giorgi é descritiva (Giorgi & Sousa, 2010; Smith et al., 2009).

a) *A Fenomenologia*, como escola filosófica, despontou no final do século XIX, na Alemanha, com a obra *Investigações lógicas* (*Logische Untersuchungen*) do filósofo e matemático Edmund Husserl (Husserl, 2012; Moreira, 2002). A fenomenologia se define como ciência dos fenômenos, isto é, um campo científico que almeja investigar aquilo que aparece (ou se revela) a uma dada consciência e *como* aparece, bem como as estruturas subjacentes a esse aparecer. Desse modo, fenômeno é definido como aquilo que é revelado à consciência. A fenomenologia questiona a ênfase atribuída pela ciência positivista do século XIX à exatidão, objetividade e neutralidade do conhecimento, que somente poderia ser alcançado a partir de métodos experimentais fundamentados nas ciências naturais, legitimados como único modo para se chegar a uma verdade (Forghieri, 2004; Heidegger, 2012). Husserl partilha desses ideais positivistas, porém, no que se refere à neutralidade, para garanti-la ele avança em relação ao conhecimento propondo o conceito de *epochê*.

Três dos maiores filósofos do século XXI, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, inspiraram-se, cada qual à sua maneira, nos pressupostos fenomenológicos de Husserl para suas investigações (Feijoo & Mattar, 2014). Cada um deles constituiu uma perspectiva particular e distinta, que para Feijoo e Mattar é consistente com a fenomenologia central. Smith et al. (2009), a partir de algumas ideias seminais de Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, apontam os principais desenvolvimentos na fenomenologia, que constituem os pilares mais relevantes para os pesquisadores da AFI.

A princípio, o trabalho de Husserl estabelece a relevância no foco da experiência e a sua percepção (assim como seu conceito de *Lebenswelt)*. Com isso, consciência e sujeito são vistos como indissolúveis e indissociáveis (Husserl, 2012). Posteriormente, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, cada um ao seu modo, contribuem para uma visão de pessoa como envolvida e imersa em um mundo de objetos e relacionamentos, linguagem e cultura, projetos e preocupações. Esses autores nos movem para uma posição distante dos compromissos descritivos e dos interesses transcendentais de Husserl, caminhando em direção a uma posição mais interpretativa e relacionada ao mundo, com foco no entendimento da direção do nosso entendimento no mundo vivido – perspectiva que é pessoal para cada um de nós, mas que também é uma propriedade de nossos relacionamentos com o mundo e com os outros, em vez de ser para nós como criaturas isoladas. Assim, no vislumbre da obra monumental desses autores, podemos identificar que a compreensão complexa da "experiência" invoca um processo vivido, um desdobramento de perspectivas e sentidos que são únicos para o corpo, e o relacionamento situado da pessoa no mundo (Smith et al., 2009).

De acordo com os referidos autores, tal fato nos autoriza a situar a fenomenologia como uma postura singular, mas também com um alcance pluralista: há muitas e diferentes ênfases e interesses entre os(as) fenomenólogos(as), porém todos(as) eles(as) tendem a compartilhar a trajetória do pensamento sobre como é a experiência do ser humano) em todos os seus variados aspectos, especialmente em termos das coisas que nos importam e constituem o nosso mundo vivido.

Nesse sentido, a AFI é fenomenológica no que se refere à investigação da experiência em seus próprios termos. Experiência também pode ser compreendida como sinônimo de vivência. Nesse sentido, considera-se vivência (*Erlebnis*, originalmente em alemão) de acordo com esses aspectos: "a percepção que o ser humano tem de suas próprias experiências, atribuindo-lhes significados [...,] acompanhadas de algum sentimento de agrado ou desagrado" (Forghieri, 1993, p. 19). Logo, "o que é vivenciado deve ter uma intensidade de tal modo significativa, cujo resultado confere uma importância que transforma por completo o contexto geral da existência" (Viesenteiner, 2013, p. 142). Embora vivência/experiência seja um conceito complexo, os pesquisadores em AFI estão interessados justamente naquilo que acontece quando o transcorrer das experiências de vida assume um significado particular para as pessoas (Smith et al., 2009).

Assim, os autores chamam a atenção para a existência de uma hierarquia de experiências, na qual o nível mais básico representaria a ausência de consciência própria acerca de nossa absorção no fluxo cotidiano da experiência. Na medida em que nos tornamos

conscientes do que está acontecendo, nós temos o início do que pode ser descrito, pelos autores, como "uma experiência" em oposição simplesmente à "experiência". Quando as pessoas estão envolvidas com "uma experiência" de algo maior em suas vidas, independentemente de ela ser valorada como positiva ou negativa, elas começam a refletir sobre o significado do que está acontecendo, e a pesquisa na AFI tem por objetivo envolvê-las nessas reflexões (Larkin, Watts, & Clifton, 2006).

Na pesquisa inspirada na AFI, as tentativas de compreender as relações das pessoas com o mundo são necessariamente interpretativas, e vão focalizar as suas tentativas de atribuir significado para as atividades e coisas que acontecem com elas, na medida em que acontecem. Por esse motivo, é necessário discutir o segundo campo de conhecimento que informa a AFI, a hermenêutica, que focaliza a questão da interpretação propriamente dita.

b) *A Hermenêutica* é uma parte importante da história intelectual, que se dedica ao estudo da teoria da interpretação, ou seja, desde a arte da interpretação até a prática, treino e processo interpretativo (Gadamer, 1999; Ricoeur, 1970). Por isso a hermenêutica contribui para moldar visões teóricas na AFI, que é uma abordagem fenomenológica interpretativa e, portanto, a apropriação de Heidegger em relação à fenomenologia como um empreendimento hermenêutico é consubstancial. Nesse sentido, a AFI se insere na investigação de um fenômeno que se apresenta, e o pesquisador está implicado na facilitação e compreensão dessa manifestação (Smith et al., 2009).

Nas pesquisas fundamentadas na AFI, a tentativa do participante de dar sentido ao que está acontecendo consigo leva o pesquisador a uma perspectiva interpretativa, portanto, orientada pela hermenêutica. Os seres humanos têm uma vida mental e emocional interna. A linguagem, enquanto manifestação empírica, é a uma rica expressão da vida interna de uma pessoa (Schmidt, 2012). Assim, a AFI compartilha a visão de que os seres humanos são criaturas "produtoras de sentido", portanto, os relatos que os participantes apresentam vão refletir as suas tentativas de dar sentido às suas experiências. Desse modo, a AFI também reconhece que o acesso à experiência é sempre dependente daquilo que os(as) participantes relatam sobre suas experiências, e que o pesquisador caminha no sentido de interpretar o relato do participante para se aproximar da compreensão de sua experiência (Smith et al., 2009). "A hermenêutica enquanto compreensão interpretativa das expressões linguísticas é o modelo para o processo geral de compreensão nas ciências humanas" (Schmidt, 2012, p. 21).

Segundo os autores, podemos afirmar que o pesquisador AFI envolve-se em uma hermenêutica dupla, porque está tentando dar sentido à tentativa do participante dar sentido ao que está acontecendo com ele. Ao se posicionar dessa maneira, o investigador está, portanto,

empregando as mesmas capacidades mentais e habilidades pessoais que o participante, com quem ele compartilha uma propriedade fundamental, a de ser humano. Ao mesmo tempo, o pesquisador emprega suas habilidades de modo mais autoconsciente e sistemático. Desse modo, o processo de dar sentido – que é parte da tarefa do pesquisador – é de segunda ordem; na medida em que o investigador tem acesso apenas à experiência do participante por meio de seu próprio relato. Essa delimitação circunscreve os limites e possiblidades do trabalho interpretativo, o que leva à necessidade de incorporar à AFI as questões da Idiografia.

c) A Idiografia. A AFI compromete-se com a investigação detalhada de um caso em particular. Almeja conhecer em detalhe como é a experiência e o sentido que uma pessoa, em particular, atribui ao que está acontecendo com ela. Por isso, afirma-se que a AFI é idiográfica (Smith et al., 2009). Ela adota procedimentos analíticos para, a partir dos casos singulares, seguir em direção a afirmações mais genéricas, mas que ainda permitem que se recuperem elementos específicos dos participantes da pesquisa. A idiografia contrasta com a maioria do conhecimento em psicologia, que é nomotético, ou seja, os pesquisadores estão mais interessados em pesquisas em nível grupal ou populacional, como via de acesso ao estabelecimento de leis gerais do comportamento humano (Smith et al., 2009). A idiografia tem um papel importante a desempenhar na psicologia e no desenvolvimento de modelos de estudos fenomenológicos – para a síntese de múltiplas análises de pequenos estudos e casos singulares.

A AFI está comprometida com o particular em dois níveis: o particular em detalhes com análise em profundidade, e o conhecer como determinado fenômeno foi compreendido da perspectiva particular de uma pessoa, em um contexto específico. Com isso, os estudos com a AFI normalmente têm um número condensado de participantes. O objetivo não é sistematizar o modo como um número extenso de indivíduos opera para atribuir sentido às suas vivências, mas revelar algo sobre a experiência de cada um. Como parte disso, o estudo pode explorar detalhadamente as convergências e divergências entre os casos, ou seja, as semelhanças e diferenças observadas entre os casos investigados. É possível ir em direção à formulação de alegações mais genéricas, porém isso só deve acontecer após realizada a análise de cada caso (Smith et al., 2009).

De modo geral, a AFI está compromissada com a avaliação detalhada da experiência humana vivida (Larkin et al., 2006). Ela tem por finalidade conduzir a avaliação de forma que permita que a experiência seja expressa em seus próprios termos, em vez de apelar para a construção de sistemas de categorizações pré-definidas. Isso é o que faz a AFI

fenomenológica e a conecta a um núcleo de ideias unificadoras que atravessaram as obras de filósofos e fenomenólogos, conforme discutido anteriormente.

A AFI está em consonância com o pensamento de Heidegger ao admitir que a pesquisa fenomenológica é, desde o início, um processo interpretativo. A AFI também busca um compromisso idiográfico situando os participantes nos contextos particulares em que se encontram inseridos e lançados, explorando suas perspectivas pessoais e iniciando com uma avaliação detalhada de cada caso antes de ir em direção a alegações gerais. Assim, a AFI se relaciona a cada uma das três correntes intelectuais descritas previamente (Smith et al., 2009).

É válido ressaltar que a sistematização dessa abordagem foi determinada por concepções teóricas reconhecidas como importantes e reflete uma tentativa de operacionalizar um modo de trabalhar pragmaticamente com essas ideias, trazendo-as para o contexto da análise da experiência vivida em contextos como o de saúde e educação. Não é a única abordagem de pesquisa que tenta articular ideias extraídas dos campos da fenomenologia e da hermenêutica, e também não deve ser vista como uma perspectiva que tenta abstrair do contexto original e fixar a experiência em um esquema interpretativo. Pelo contrário, a preocupação recai justamente em um esforço de reconstrução do contexto original, no qual a experiência se inscreve de forma concreta e encarnada.

Considerar o arcabouço teórico subjacente à AFI é tão importante quanto as questões relacionadas ao uso de procedimentos. Pesquisadores que se familiarizam com essa abordagem serão capazes de desenhar as suas compreensões filosóficas que os ajudam a resolver problemas imprevistos, e conforme cresçam sua confiança e experiência, poderão desenvolver criativamente seu trabalho com apoio da AFI, mas de forma que vá além dos procedimentos já descritos. É relevante frisar que essa abordagem não tenta operacionalizar uma ideia filosófica específica, já que recorre a uma gama robusta de postulados extraídos de diversas correntes intelectuais. Segundo os autores da abordagem, os pesquisadores precisam conhecer minimamente a história da fenomenologia e da hermenêutica para serem capazes de situar a AFI na trajetória do movimento intelectual. Inclusive para delimitarem a diferença entre a AFI e outros métodos fenomenológicos e hermenêuticos aplicados à Psicologia, considerando que a AFI não é o único método a se apoiar nessas tradições.

Algumas aplicações da AFI

A distribuição geográfica das pesquisas que utilizam a AFI segue um padrão similar de expansão. A maioria dos trabalhos iniciais se deu no Reino Unido, porém, pesquisadores

que utilizam a AFI podem ser encontrados em qualquer parte do planeta. Não se surpreende que a maior parte desses estudos ocorra em países de língua inglesa, mas, obviamente, a AFI também é utilizada em lugares em que o inglês não é a primeira língua, por exemplo na Hungria (Kassai et al., 2017), Alemanha (Miebach et al., 2019) e Colômbia (Ramírez-Perdomo et al., 2018).

Nas publicações em periódicos brasileiros foram resgatados poucos estudos que utilizam a AFI como arcabouço teórico e/ou metodológico (Ferreira & Lemos, 2016; Kimura, Maffioletti, Santos, Baptista, & Dourado, 2015; Lima & Miranda, 2018; Macedo, Marques, Queirós, & Mariotti, 2018; Rabinovich & Costa, 2010; Santos, Sousa, Ganem, Silva, & Dourado, 2013; Stédile, Hartmann, & Silva, 2014). As temáticas abordadas por essas pesquisas referem-se às áreas de saúde e religiosidade.

Embora existam escassos estudos nacionais, constata-se que na comunidade científica internacional há numerosas pesquisas que se apoiam nesse referencial (AFI) já bem estabelecido no âmbito da metodologia qualitativa. Dentre essas pesquisas, conduzidas em diversas áreas, podemos destacar a psicologia do esporte (Lavallee & Robinson, 2007), saúde (Marriott & Thompson, 2008), sexualidade (Alexander & Clare, 2004), bem como os estudos que investigam a própria teoria da AFI (Larkin et al., 2011).

Diante das perspectivas promissoras da aplicação da AFI, pode-se pensar em possíveis cenários desafiadores para a prática teórico-investigativa. Um deles se refere à articulação entre os três campos teóricos e epistemológicos densos (fenomenologia, hermenêutica e idiografia), que possivelmente se constitui na tarefa mais árdua e ambiciosa do investigador que se orienta pela proposta da AFI. Outro exemplo de desafio que o pesquisador que faz uso da AFI deve estar pronto para lidar é como assegurar a credibilidade de seus achados. A confiabilidade seguramente é uma questão central na pesquisa qualitativa. Refere-se à credibilidade ou grau de confiança em determinada achado, o que em estudos quantitativos se denomina validade (Wu et al., 2016). O pesquisador em psicologia deve tomar uma série de cuidados metodológicos para assegurar à comunidade científica a confiabilidade de seus resultados.

Ao eleger a Análise Fenomenológica Interpretativa – AFI como o referencial teórico-metodológico que inspira esta tese, descreveu-se, contextualizou-se e interpretou-se os significados que os(as) participantes atribuíram às suas vivências familiares.

PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa quatro famílias constituídas por casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas respectivos(as) filhos(as). Cada uma dessas famílias era formada por três membros que coabitavam, isto é, pelo casal e um(a) filho(a). Assim, foram 12 participantes no total.

Os critérios para a seleção e inclusão das famílias neste estudo foram: (1) casais do mesmo sexo/gênero; (2) de ambos os sexos/gêneros; (3) que viviam em conjugalidade; (4) coabitassem com seus/suas filhos(as); (5) todos(as) conviviam enquanto unidade familiar há, pelo menos, dois anos; (6) independentemente de nível de escolaridade e *status* socioeconômico; e (7) os(as) filhos(as) tivessem idade superior a oito anos.

A partir dos critérios preestabelecidos, não foram incluídas as famílias em que: (1) apenas um dos membros do casal aceitou participar do estudo, uma vez que era relevante conhecer as vivências de ambos; e as (2) famílias cujos(as) filhos(as) não puderam participar, visto que o objetivo também era compreender as suas vivências.

Como exposto anteriormente, estudos com a AFI são conduzidos a partir de um pequeno número de participantes. O objetivo do pesquisador é encontrar um grupo razoavelmente homogêneo em determinada característica, de forma que se possa avaliar a convergência e divergência em certos aspectos entre os(as) integrantes da pesquisa. Portanto, as considerações são limitadas ao grupo estudado, mas uma extensão pode ser sugerida por meio de uma generalização teórica, na qual o leitor pode ser capaz de avaliar a evidência em relação ao seu conhecimento profissional e experiencial. Nesse sentido, pesquisas fundamentadas por esse referencial teórico-metodológico não tem o propósito de definição de amostragem representativa de participantes (Smith et al., 2009).

Em seguida, na Tabela 1, estão retratadas as características principais das famílias participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Características Principais das Famílias Participantes da Pesquisa

Família	Nomes do casal	Idades do casal	Tempo da relação	Tipo de vínculo	Modo de acesso à parentalidade	Nome do(a) filho(a)	Idade do(a) filho(a)
1	Tulipa Américo[8]	49 anos 52 anos	21 anos	Casamento civil em 2013	Inseminação artificial (reprodução humana assistida)	Torquato	18 anos
2	Paulo Bogart	39 anos 51 anos	8 anos	Casamento civil em 2014	Adoção (unilateral)	Rodrigo	10 anos
3	Bruno Cláudio	47 anos 51 anos	22 anos	União estável em 2008	Adoção (bilateral)	Rafael	8 anos
4	Manu Beatriz	36 anos 30 anos	6 anos	Coabitação sem vínculo civil	Filha do relacionamento heterossexual anterior de Beatriz	Gabriela	14 anos

Fonte: Elaboração do autor.

Os dados da Tabela 1 estão organizados seguindo a ordem em que foi realizada a coleta ao longo do ano de 2016. Durante o encontro com as famílias, solicitou-se aos(às) participantes uma sugestão de nome ao qual cada um(a) gostaria de ser denominado(a) neste estudo. Sendo assim, os nomes próprios dos(as) participantes foram substituídos por nomes escolhidos por eles(as) mesmos(as); com exceção do participante Torquato, que preferiu que o pesquisador lhe atribuísse um nome, que então foi inspirado no poeta brasileiro Torquato Neto. Os demais nomes, locais e determinadas características que apareceram nos relatos também foram substituídos ou omitidos, de modo a manter o sigilo e preservar a identidade dos(as) integrantes do estudo. Além desses detalhes, podemos constatar que na Tabela 1 estão

[8] O nome "Américo" foi sugerido por Tulipa. Cabe ressaltar que o nome real da participante é feminino, e os pronomes utilizados por Américo e em referência a Américo são também utilizados no feminino (por exemplo: ela, nossa, sua).

descritas as idades de cada participante, descritos o tempo da relação dos casais, o tipo de vínculo entre os(as) parceiros(as), e o modo como cada casal teve acesso à parentalidade.

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados dispõe-se de cinco técnicas e instrumentos, que estão elencados a seguir, de acordo com a ordem em que foram utilizados com os(as) participantes:

(a) Formulário de Dados Socioeconômicos: trata-se de um instrumento desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS com o objetivo de obter dados gerais dos(as) participantes de pesquisas. Basicamente, o formulário contêm questões acerca da(o) idade, sexo, endereço, escolaridade, atividade profissional/ocupacional, renda pessoal e familiar, religião, estado civil, tempo e tipo da união, entre outras. (Disponível no APÊNDICE B).

(b) Critério de Classificação Econômica Brasil - CCEB: consiste em uma escala de classificação econômica que opera por intermédio da atribuição de pesos a um conjunto de itens de conforto doméstico, complementado pelo grau de escolaridade do chefe da família. O Critério Brasil é um instrumento padronizado e de acesso aberto, desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP, 2016). Foi utilizado neste estudo apenas para conhecer e caracterizar os(as) participantes em termos de seu poder aquisitivo e sua posição na pirâmide social (Questionário disponível no ANEXO B).

(c) Entrevista Aberta: segundo o referencial da AFI, a coleta de dados acontece principalmente na forma de entrevistas semiestruturadas, em que um roteiro de entrevista é flexível e o(a) participante desenvolve uma interação significativa sobre o que é abordado pela entrevista. Quando o(a) pesquisador(a) torna-se mais experiente na realização de entrevistas, pode escolher por conduzi-las sem a utilização de um roteiro estruturado ou semiestruturado, ou melhor, uma entrevista aberta. Assim, o(a) entrevistador(a) terá somente uma questão central pela qual iniciará a situação de entrevista. O desenvolvimento dela irá depender fundamentalmente de como o(a) participante responderá a essa questão inicial. Isto é, o resultado da interação é definido em sua maior parte pelo(a) participante, em vez de ser conduzido por meio de roteiro de temas e questões definidas *a priori* pelo(a) pesquisador(a) (Smith et al., 2009).

Sendo assim, essa foi a modalidade privilegiada de entrevista como via apropriada para o alcance dos objetivos propostos pelo estudo, visto que permite maior interação entre

entrevistado e entrevistador, favorecendo interações mais espontâneas e a exploração de assuntos mais particulares e complexos (Boni & Quaresma, 2005).

Por sua vez, o(a) pesquisador(a) tem de estar atento para a apreciação das prioridades do(a) participante, ou seja, o senso de relatividade de importância dos assuntos que o(a) entrevistado(a) traz para o foco da entrevista. Igualmente, o(a) pesquisador(a) deve evitar conduzir o foco da entrevista, a não ser para a finalidade de fornecer exploração de temas gerais para específicos a partir do que o(a) participante traz para a situação da entrevista (Smith et al., 2009).

Por essa razão, durante a realização da entrevista foram formuladas questões de aprofundamento, cujo objetivo foi possibilitar o esclarecimento (ou desvelamento) do assunto em foco, e buscar suscitar outras reflexões dos(as) participantes. Consequentemente, não se tratavam de questões "prévias" à entrevista – e, portanto, exteriores à vivência da entrevista – mas inquietações que surgiram no decorrer da interação entre o pesquisador e (as)os protagonistas.

Portanto, utilizou-se uma entrevista aberta, que contemplou a seguinte questão central: *"Contem-me como tem sido, para vocês, a experiência de conviver em família, desde o início até hoje"* (para os casais) e "*conte-me como é a experiência de conviver em família"* [para os(as) filhos(as)]. Considerando que entre o(s) filhos(as) participantes havia crianças, é válido refletir que tempos atrás, na literatura, a entrevista era uma técnica pouco utilizada com a população infantil,

> inclusive porque, usualmente, pensa-se a criança como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Com um conhecimento sobre a criança cada vez mais acurado, essa suposição tem sido questionada e tem sido explorado, crescentemente, o uso de entrevista com crianças (Carvalho, Beraldo, Pedrosa, & Coelho, 2004, pp. 291-292).

Atualmente, nota-se variadas pesquisas que são elaboradas a partir de dados oriundos de entrevistas com crianças, e particularmente com entrevistas abertas e com a AFI, por exemplo, os estudos de Back, Gustafsson, Larsson e Berterö (2011) e Paula, Padoin, Terra, Souza e Cabral (2014). Por fim, as entrevistas desta tese foram audiogravadas mediante o consentimento prévio dos(as) participantes.

(d) Genograma: define-se como uma ferramenta de identificação, planejamento e intervenção familiares (Krüger & Werlang, 2008). Como instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa, tem como objetivo levantar informações sobre os membros e as relações familiares a partir das gerações, de modo a facilitar o conhecimento da experiência familiar (Wendt & Crepaldi, 2008). Desse modo, o Genograma possibilita identificar os

relacionamentos existentes na família, permitindo que o pesquisador conheça, por exemplo, os tipos de vínculos e de fronteiras estabelecidos no contexto familiar (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2008). O esquema gráfico do Genograma se parece aos esquemas genealógicos - uma árvore familiar representando a estrutura familiar. "Pode ser considerado como um instrumento que auxilia a família a expressar-se, e que vem somar-se à gama de instrumentos de coleta de dados, como os relatos orais para estudos de caso, histórias de vida e entrevistas reflexivas" (Wendt & Crepaldi, 2008, p. 303). Após receber orientação, o(a) participante, em conjunto com o pesquisador, constroem à mão o *Genograma*. Os membros da família são colocados em série horizontais que indicam as gerações, os casamentos são indicados em linhas horizontais, e os(as) filhos(as) por linhas verticais, os homens são representados por quadrados e as mulheres por círculos. Todos os símbolos e todas as informações utilizadas para a confecção dos *Genogramas* das quatro famílias desta pesquisa estão disponíveis no APÊNDICE C.

(e) Mapa de Rede: proposto por Sluzki (1997) e adaptado para esta tese, representa a rede social pessoal dos(as) participantes, que inclui as pessoas com quem eles(as) interagem. O *Mapa* é constituído por três círculos que estão divididos em quatro partes por uma cruz, e cada uma dessas partes corresponde à natureza das relações dos(as) participantes, tais como: (1) amizades; (2) família; (3) relações comunitárias, de serviço ou credo; e (4) relações de trabalho ou estudo. Os(As) participantes são representados(as) no *Mapa*, no centro do círculo, pelo símbolo ♀ ou ♂, a depender do gênero, e pelas iniciais de seus nomes, no caso dos casais, quando houver a necessidade de especificar/diferenciar o vínculo de alguma relação. Cada pessoa/grupo incluída(o) pelos(as) participantes também são representados pelos referidos símbolos e pela classificação do tipo de relação, por exemplo: irmão, amiga, colegas etc. O primeiro e menor círculo, retrata as relações íntimas, isto é, as pessoas que consideram mais importantes em suas vidas, segundo as quatro partes citadas acima, de acordo com a natureza das relações. No círculo intermediário são incluídas as relações de menor grau de compromisso, quando comparadas com o círculo anterior. O terceiro círculo, mais externo, representa as relações mais distantes e menos frequentes. Portanto, considerando essas representações, é possível verificar graficamente as pessoas incluídas nas redes dos(as) participantes, e os graus de proximidades e os tipos de vínculos que têm com cada uma delas. Após receber essas orientações, o(a) participante, com auxílio do pesquisador, constroem à mão o *Mapa de Rede* (Disponível no APÊNDICE D).

PROCEDIMENTO

Considerações éticas

Este estudo foi desenvolvido em compromisso com as diretrizes estabelecidas pelas Resoluções números 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam os princípios éticos das pesquisas com seres humanos no Brasil (Ministério da Saúde, 2012, 2016). O projeto de pesquisa foi submetido ao Sistema da Plataforma Brasil CEP/CONEP, obtendo o parecer consubstanciado de aprovação em julho de 2015 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. O número do "Certificado de Apresentação para Apreciação Ética" é 44710515.5.0000.5407, e do "Parecer" é 1.160.060 (Disponível no ANEXO B).

Tendo em vista os princípios éticos, anteriormente ao início da coleta de dados, os(as) participantes leram e assinaram os seguintes documentos:

- "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE" para os pais e as mães (disponível no APÊNDICE E);
- "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE" para o filho maior de 18 anos (disponível no APÊNDICE F);
- "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE" para os pais e as mães dos(as) participantes com idade inferior a 18 anos (disponível no APÊNDICE G);
- "Termo de Assentimento" para a participante com 12 anos completos e menor de 18 anos (disponível no APÊNDICE H), tal termo também foi baseado nas normas do "Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA" (Lei N° 8.069, 1990).

Cada um dos referidos documentos é apresentado em duas vias de igual teor e forma. Após as assinaturas de todos os termos, uma de cada via ficou com os(as) participante(s) e a outra foi arquivada pelo pesquisador.

Após a conclusão desta pesquisa, a tese será enviada para cada uma das famílias participantes, como compromisso do pesquisador de retorno do conhecimento e agradecimento.

Coleta de dados

Seleção e contato com os(as) participantes

Como referido anteriormente, as famílias formadas por casais de mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as) são uma realidade recente na sociedade brasileira. Os membros dessas famílias muitas vezes convivem com expressões de discriminação e preconceito nos mais variados contextos sociais. Tais características se desdobram, por exemplo, na aura de invisibilidade que ainda paira sobre esse arranjo familiar. Entre esses e outros fatores, destaca-se a complexidade de localização e contato desse seguimento da população por parte de pesquisadores. Desse modo, a identificação de potenciais participantes e o convite para participação neste estudo decorreram a partir de pesquisas realizadas em *sites* de busca na internet; contato e indicação de pesquisadores da temática e integrantes da rede social do pesquisadores, como propõe o método denominado "bola de neve" ou "cadeia de referência" (Biernacki & Waldorf, 1981). Nesse sentido, o contato com as famílias não se deu dentro do âmbito de instituições ou organizações com as quais elas pudessem manter um vínculo direto (por exemplo: escolas, hospitais, ONGs, dentre outras).

No decorrer do processo de aproximação ao campo empírico com vista à arregimentação de potenciais participantes, localizou-se e contatou-se 11 famílias que inteiravam os critérios de seleção e inclusão de participantes deste estudo. Após efetuado o contato inicial, em que foram informados os aspectos principais da pesquisa, sete famílias não aceitaram ou não puderam participar. É importante, nesse aspecto, reconhecer algumas adversidades encontradas ao se dispor a investigar um fenômeno ainda pouco frequente e visível na realidade brasileira: localizar, entrar em contato, receber o aceite dos(as) participantes (concordância unânime dos membros da família), e efetivar a coleta de dados.

Adiante, na Tabela 2, figuram as características do tipo contato e das famílias que, apesar de abordadas, não participaram efetivamente desta pesquisa.

Tabela 2 - Características do Contato e das Famílias que Não Participaram da Pesquisa

Família	Composição do casal	Localização (Estado)	Tipo de contato	Aceite em participar	Motivo apresentado
1	Homens	Distrito Federal	E-mail e Mensagem via *Facebook*	Não	Não houve resposta
2	Mulheres	Bahia	Mensagem via *Facebook*	Não	Não houve resposta
3	Mulheres	São Paulo	E-mail	Sim	Impossibilidade de participação da filha
4	Homens	São Paulo	E-mail e telefone	Sim	Indisponibilidade para agendamento por parte do casal
5	Mulheres	São Paulo	Telefone e Mensagem via *Facebook*	Sim	Indisponibilidade para agendamento por parte da filha
6	Mulheres	Rio de Janeiro	Telefone, E-mail e Mensagem via *Facebook*	Sim	Indisponibilidade para agendamento por parte do casal
7	Mulheres	São Paulo	Telefone	Sim/não	Somente um membro do casal aceitou participar

Fonte: Elaboração do autor.

Os dados da Tabela 2 sinalizam que, entre as sete famílias que não participaram efetivamente da pesquisa, duas eram formadas por casais de homens e cinco por casais de mulheres. As famílias eram provenientes de três regiões do Brasil: Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Os contatos com os casais foram efetuados por meio de telefone e/ou pela internet. Dois casais, que receberam o convite via internet, não o responderam. Três famílias aceitaram o convite, porém nas diversas tentativas de agendamento para o encontro com o pesquisador demonstraram indisponibilidade. E as duas últimas famílias, não participaram devido à indisponibilidade/impossibilidade de participação de um membro familiar (uma das parceiras ou a filha). Tais complexidades referentes ao contato e adesão/participação das famílias homoparentais em pesquisa também foram relatadas no estudo de Tombolato (2014).

Portanto, das 11 potenciais famílias com as quais o pesquisador entrou em contato, quatro efetivamente participaram do estudo. Elas são provenientes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que pertencem à região Sudeste do Brasil, cujas cidades têm aproximadamente 45, 250, 550, e 600 mil habitantes.

Implementação da coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pessoalmente, mediante agendamento prévio, nas cidades nas quais as famílias residiam. Desse modo, o pesquisador deslocou-se de sua cidade para coletar os dados com cada uma das quatro famílias. Um intenso processo que envolveu, por exemplo, disponibilidade de tempo e financeira. Os encontros foram realizados nas casas das próprias famílias, com exceção de uma delas com quem o encontro transcorreu parcialmente em um parque público e em um estabelecimento comercial.

Ao entrar em campo para a realização da coleta de dados, também considerou-se as orientações e cuidados propostos por Minayo (2010):

a) apresentação aos(às) participantes da formação do pesquisador, natureza da pesquisa (Doutorado), nome do orientador, instituição (USP/Ribeirão Preto), laboratório (LEPPS) e apoio (FAPESP) vinculados;

b) informações e esclarecimentos acerca dos objetivos da pesquisa, e também da justificativa para escolha do perfil das famílias participantes;

c) leitura dos TCLE's e Termo de Assentimento (este quando necessário) em conjunto com os(as) participantes, e coleta das assinaturas de cada membro da família;

d) conversa inicial cujo intuito foi estabelecer um clima mais confortável e descontraído para facilitar a situação de pesquisa, também apresentando os instrumentos de coleta, e verificando se os(as) participantes realmente tinham disponibilidade para contribuir com a pesquisa.

Em consonância com o objetivo principal deste estudo, que remete ao conhecimento das vivências familiares de casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas filhos(as), a primeira das duas etapas da coleta de dados foi realizada com a presença e participação de ambos os membros do casal. Procedimento semelhante pôde ser observado em pesquisas que envolveram a temática de casais homossexuais/homoparentais (Almeida, 2012; Moscheta, 2004; Rodriguez, 2012; Tombolato et al, 2018). E também de acordo com Wendt e Crepaldi (2008, p. 307) ao sugerirem que em estudos nos quais se "visem averiguar o padrão relacional das famílias, principalmente as relações conjugais, a confecção do Genograma seja realizada com ambos os cônjuges". Nessa perspectiva, os instrumentos utilizados com os casais foram: *Formulário de Dados Socioeconômicos, Critério de Classificação Econômica Brasil, Entrevista Aberta, Genograma* e *Mapa de Rede.*

Na segunda etapa, com os(as) filhos(as) dos casais, foram utilizados: *Formulário de Dados Socioeconômicos, Entrevista Aberta,* e *Mapa de Rede* – este no caso de filhos(as) acima de 14 anos de idade.

Os instrumentos da coleta de dados, com exceção da *Entrevista Aberta,* ou seja, *Formulário de Dados Socioeconômicos, Critério de Classificação Econômica Brasil, Genograma* e *Mapa de Rede* tiveram seu preenchimento e sua confecção realizados manualmente pelo pesquisador e os(as) participantes. Ulteriormente, ao término do encontro com as famílias, as entrevistas abertas, audiogravadas, foram transcritas na íntegra (*ipsis litteris*). E os *Genogramas* e *Mapas de Rede* foram confeccionados digitalmente para apresentação nesta tese.

Em seguida, a Tabela 3 detalha as características e duração da aplicação dos instrumentos e das técnicas de coleta de dados em cada família.

Tabela 3 - Duração da Aplicação dos Instrumentos e das Técnicas de Coleta de Dados

Família	Nome	Idade (anos)	Formulário e Critério[9] (duração)	Entrevista (duração)	Genograma (duração)	Mapa de Rede (duração)	Encontro com a família (duração)
1	Tulipa e Américo	49 e 52	6min	3h 21min	17min	16min	4h 51min
	Torquato	18	3min	30min	-	18min	
2	Paulo e Bogart	39 e 51	9min	1h 49min	28min	23min	3h 06min
	Rodrigo	10	2min	15min	-	-	
3	Bruno e Cláudio	47 e 51	6min	2h 07min	32min	10min	2h 55min
	Rafael	8	1min	15min	-	-	
4	Manu e Beatriz	36 e 30	4min	1h 47min	14min	12min	3h 08min
	Gabriela	14	3min	37min	-	11min	

Fonte: Elaboração do autor.

Como pode ser constatado na Tabela 3, a duração do encontro do pesquisador com cada família variou, aproximadamente, entre 2 horas e 55 minutos e 4 horas e 51 minutos. O tempo de aplicação do *Formulário de Dados Socioeconômicos* e *Critério de Classificação Econômica Brasil* variou entre um e nove minutos, sendo os instrumentos de mais rápido emprego. A *Entrevista Aberta* foi a técnica que levou mais tempo para a aplicação. Com os casais as entrevistas foram mais longas quando comparadas à duração das entrevistas com

[9] O Critério de Classificação Econômica Brasil foi empregado somente aos casais.

os(as) filhos(as). O *Genograma* e o *Mapa de Rede,* representaram os instrumentos e as técnicas de duração intermediária para aplicação.

Análise dos dados

De acordo com os pressupostos da AFI, Smith et al. (2009) sugerem a inclusão de até seis participantes para que seja realizado um bom estudo, enfatizando que três seja um número ideal. As transcrições das entrevistas de cada participante são analisadas caso a caso por análise sistemática e qualitativa. Esse material então é convertido em um relato narrativo em que a interpretação analítica do pesquisador é apresentada em detalhe e é embasada em trechos literais das entrevistas. Tendo em vista esse número circunscrito de participantes indicado pelos autores é, portanto, bastante possível gerenciar os dados de cada entrevista para eliciar, posteriormente, os temas entre os grupos.

Entretanto, se a quantidade for superior a seis participantes, resultando em um *corpus* amplo – como é o caso da presente pesquisa –, inevitavelmente a análise individual de cada caso não poderá ser tão detalhada. Desse modo, a ênfase na análise volta-se para a avaliação de quais foram os temas chaves para o grupo de participantes como um todo. Pode até ser o caso em que se identifiquem temas emergentes no nível da particularidade, mas que se postergue à busca por padrões e conexões até que se estejam examinando todos os casos juntos (Smith et al., 2009). É possível uma grande variedade em termos de detalhes da análise particular e da ponderação relativa entre o grupo e o individual. Por exemplo, até que ponto a análise caminha para uma particularidade, até que ponto caminha para uma análise de grupo. Todavia, mesmo onde a análise se concentrar principalmente no nível do grupo, o que torna uma análise tipicamente AFI, é o fato de os temas no nível grupal ainda poderem ser ilustrados com exemplos particulares obtidos dos indivíduos (Smith et al., 2009).

Ainda na perspectiva dos autores acerca de estudos com maior quantidade de participantes, a mensuração da recorrência entre os casos é importante. A decisão principal, nesse momento, é como o status de recorrente é definido para um estudo. Assim, por exemplo, pode-se considerar que, para que um tema seja classificado como recorrente, ele deverá estar presente em pelo menos um terço ou metade ou, mais rigorosamente em todas as entrevistas dos participantes. Esse tipo de contagem também pode ser considerado uma forma de aumentar a validade dos dados de um *corpus* extenso.

Segundo os autores, não há regra para o que é definido como recorrente e a decisão é determinada por questões pragmáticas como, por exemplo, o produto final de um projeto de

pesquisa. O grau de recorrência também será influenciado pelo nível de comentar e tematizar os dados. Um tema, expresso em um nível global, possivelmente terá mais ocorrências em um *corpus* que um tema expresso de uma maneira específica. Isso não quer dizer que um nível seja mais adequado que o outro, tudo depende de como a análise evolui e do que se está tentado fazer com ela.

Além disso, também é importante considerar que a indicação de prevalência para um tema no grupo permite ainda uma variação considerável. Participantes diferentes podem manifestar o mesmo tema (mais abrangente) em diferentes temas. Esse tema (mais abrangente) pode parecer muito diferente no modo como ele é diferenciado pelos(as) participantes. Fazer a AFI com grande número de participantes, constantemente envolve a negociação nessa relação entre convergência e divergência, o que é compartilhado e o que é individualidade (Smith et al., 2009).

Tendo identificado os critérios que podem ser utilizados para identificar os temas recorrentes, é recomendável como um passo final encontrar uma forma de mostrar graficamente as inter-relações entre os temas grupais recorrentes. O processo da abstração e subsunção (ancorar do mais geral para o mais específico) pode ser útil nessa situação. Estudos com maior quantidade de participantes requerem habilidade considerável do(s) pesquisador(es) para preservar um foco idiográfico na voz individual do(a) participante, ao mesmo tempo em que se fazem alegações (deduções) para o grupo maior.

Em suma, se a quantidade de participantes for administrável (aproximadamente seis), espera-se ver trechos de falas para ilustrar cada tema. Se o estudo tiver um número maior de participantes e/ou de temas, provavelmente não será viável apresentar um trecho de cada participante para cada tema. Nesse caso, os(as) pesquisador(as) deverão selecionar com cautela exemplos adequados para cada tema. Espera-se, dessa maneira, que cada tema seja embasado em situações comuns de um número de participantes e que, na narrativa geral, recorram-se aos relatos de um modo equilibrado.

Nesse sentido, Carvalho et al. (2004, p. 297) refletindo sobre a pesquisa qualitativa a partir das características da análise conclui que:

> a análise qualitativa aparentemente contorna o problema da categorização intrínseco à análise quantitativa; no entanto, tanto quanto esta, requer recortes do fluxo verbal e atribuição de sentido às verbalizações de forma a sistematizá-las de maneira compreensível e heurística; e, também da mesma forma que a categorização, requer explicitação de critérios para esses recortes e atribuições, para permitir o compartilhamento da análise e das conclusões por outros pesquisadores, uma condição necessária do processo de produção de conhecimento. Essa explicitação de critérios, no caso de análises qualitativas, exige muito mais do pesquisador, em termos de clareza conceitual, experiência e intimidade com os dados, do que uma definição compartilhável de categorias estanques.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dados provenientes dos instrumentos e das técnicas de coleta: *Formulário de Dados Socioeconômicos, Critério de Classificação Econômica Brasil, Entrevista Aberta, Genograma* e *Mapa de Rede*. Os dados provenientes do *Formulário de Dados Socioeconômicos* e do *Critério de Classificação Econômica Brasil* foram utilizados para caracterizar e contextualizar os perfis socioeconômicos das famílias participantes.

As *Entrevistas Abertas* das quatro famílias (12 participantes) foram audiogravadas, transcritas integralmente (*ipsis litteris*) por uma empresa especializada e, após, revisadas minuciosamente pelo pesquisador. Os dados dos *Genogramas* e *Mapas de Rede*, diagramados para este estudo de forma digital, foram utilizados como descrições que os(as) participantes oferecem sobre o fenômeno de conviver em família, ou seja, como eles(as) se organizam e veem suas relações familiares, com isso, enriquecendo e ampliando a visão compreensiva sobre a complexidade de suas relações familiares e sociais. Esses instrumentos e essas técnicas foram utilizados, nesta tese, como recursos complementares à *Entrevista Aberta*.

Portanto, o *corpus* foi organizado, e cuidadosamente analisado e discutido, na próxima seção de Resultados e Discussão. A condução da análise foi inspirada, primordialmente, nos fundamentos do referencial teórico-metodológico da Análise Fenomenológica Interpretativa - AFI. As etapas realizadas neste estudo, para as descrições e análises, estão evidenciadas a seguir:

(1) Os dados do *Formulário de Dados Socioeconômicos* e *Critério de Classificação Econômica Brasil* foram tabulados e utilizados para descrever a caracterização geral e de cada participante/família.

(2) Leitura de cada entrevista transcrita, ouvindo, em sincronia, o áudio da *Entrevista Aberta* que foi gravado durante a coleta de dados.

(3) Leitura de cada entrevista transcrita, sem o áudio.

(4) Após lidas e relidas todas as transcrições, foi realizada a leitura de cada uma destacando os trechos das falas dos(as) participantes que representassem suas vivências acerca do conviver em família, que é o objetivo principal desta tese. Utilizou-se uma caneta do tipo marca-texto para destacar os trechos.

(5) Nesse ínterim, foi minuciosamente confeccionado, com o auxílio de um profissional, os diagramas digitais referentes aos *Genogramas* e *Mapas de Rede* de todas as famílias, contabilizando dez figuras.

(6) Extração dos trechos selecionados das transcrições para a confecção de um texto descritivo e narrativo de cada casal e de cada filho(a), respeitando-se a ordem

exata na qual as falas apareceram na transcrição original, com a integração e as referências aos dados dos *Genogramas* e *Mapas de Rede*. Esses textos foram cuidadosamente elaborados a fim de descrever e sintetizar os dados e, sobretudo, retratar as vivências das famílias.

(7) Os textos foram enviados a cada família, para que avaliassem se se reconheceram no que foi escrito sobre suas vivências, tendo a possibilidade de comentar, criticar e corrigir o material. Etapa semelhante, denominada "confirmar", é citada por Amatuzzi (1996) quando se refere aos passos que Forghieri costumava seguir em suas pesquisas com fundamentação fenomenológica. Com isso, as quatro famílias prontamente responderam legitimando os textos e, algumas delas, atualizaram o pesquisador sobre acontecimentos recentes de suas vidas. Sendo assim, não foi necessária a alteração/correção do material. Essas breves informações adicionais fornecidas pelas famílias foram incluídas após os textos de cada filho(a).

(8) Identificação dos temas recorrentes que apareceram nos textos e construção de uma tabela. Para a sua elaboração, inicialmente, procurou-se identificar e selecionar os temas recorrentes que estavam presentes em, ao menos, duas das quatro famílias. Com isso, apresenta-se na tabela esses temas de acordo com a sequência das vivências: do casal [parentalidade e filho(a)]; das rotinas; sociais, incluindo as famílias de origem. Em seguida, classificou-se a recorrência desses temas em, no mínimo, três famílias. Esse critério foi adotado, desse modo, para que o leitor possa observar os temas recorrentes que apareceram em duas famílias, e principalmente, os temas presentes em três ou quatro famílias.

Nesta pesquisa, primeiramente, apresentou-se o plano idiográfico dos dados, expresso no texto detalhado de cada casal e de cada filho(a), preservando sua contextualização, voz e particularidade. Posteriormente, caminhou-se para uma análise no nível grupal na qual buscou-se os temas compartilhados entre os(as) participantes. A discussão dos dados, portanto, circunscreveu-se aos temas identificados como convergentes entre as famílias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo estão apresentados os resultados e a discussão obtidos na pesquisa. Inicialmente, a fim de oferecer um panorama geral sobre todos(as) os(as) participantes, estão descritas as características socioeconômicas das quatro famílias. Em sequência, encontra-se a análise de cada uma delas: (1) Tulipa, Américo e Torquato, (2) Paulo, Bogart e Rodrigo, (3) Cláudio, Bruno e Rafael, e (4) Beatriz, Manu e Gabriela. A ordem na qual cada família é anunciada corresponde à ordem da coleta, ou seja, os dados foram coletados a princípio com a Família 1 e, por último, com a Família 4. Para cada unidade familiar é apresentada, primeiramente, uma breve contextualização, seguida dos dados integralizados do casal: *Genograma*, *Mapa de Rede* e *Entrevista Aberta*. Continuamente, os dados dos(as) filhos(as): *Mapa de Rede* (nos casos de Torquato e Gabriela) e *Entrevista Aberta*, e a breve informação adicional que a família forneceu, quando enviou-se o texto para que ela o avaliasse. Ao final, uma tabela reúne e sintetiza os temas identificados nas quatro famílias, seguida da discussão.

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DAS FAMÍLIAS

A partir da aplicação do *Formulário de Dados Socioeconômicos* e do *Critério de Classificação Econômica Brasil*, obteve-se os dados referentes às características socioeconômicas das famílias participantes, que situam-se descritos na Tabela 4.

Tabela 4 - Características Socioeconômicas das Famílias

Família	Nome e Raça/Cor [10]	Idade (anos)	Escolaridade	Situação ocupacional	Renda individual mensal (R$)	Renda familiar mensal (R$)	Critério de Classificação Econômica Brasil (classe)
1	Tulipa (branca)	49	Ensino Superior (em andamento)	Assistente administrativa	2.100,00	8.100,00	B1
	Américo (branca)	52	Ensino Superior	Escrevente técnica judiciária	6.000,00		
	Torquato (branca)	18	Ensino Médio	Estudante	-		
2	Paulo (branca)	39	Ensino Superior	Professor	1.300,00	10.000,00	B1
	Bogart (branca)	51	Ensino Superior incompleto	Produtor rural	8.700,00		
	Rodrigo (parda)	10	Ensino fundamental (em andamento)	Estudante	-		
3	Bruno (branca)	47	Ensino Superior	Jornalista	12.000,00	16.500,00	A
	Cláudio (branca)	51	Pós-Graduação	Farmacêutico	4.500,00		
	Rafael (parda)	8	Ensino fundamental (em andamento)	Estudante	-		
4	Manu (branca)	36	Ensino Médio	Manicure e podóloga	2.000,00	3.800,00	B2
	Beatriz (parda)	30	Ensino Médio	Encarregada (microempresa)	1.500,00		
	Gabriela (parda)	14	Ensino fundamental (em andamento)	Estudante	300,00 (pensão)		

Fonte: Elaboração do autor.

De acordo com a Tabela 4, observa-se, inicialmente, que entre as quatro famílias participantes, no que se refere aos casais: dois eram formados por homens e dois por mulheres. A participante mais jovem entre os casais tinha 30 anos de idade e a mais velha 52 anos. No que concerne à escolaridade, um casal de mulheres tinha Ensino Médio, dois participantes tinham Ensino Superior incompleto, três tinham Ensino Superior, e um participante possuía Pós-Graduação. Assim, pode-se dizer que os casais dispõem acima de onze anos de escolaridade o que representa, em níveis nacionais, aproximadamente 42% da

[10] A categoria Raça/Cor foi inserida após o momento da coleta de dados. Uma vez consultadas pelo pesquisador, as famílias se manifestaram quanto à auto declaração racial de cada um de seus membros, segundo as opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena.

população acima de 25 anos de idade em 2014 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016). Todos os membros dos casais tinham empregos ou profissões na época das entrevistas.

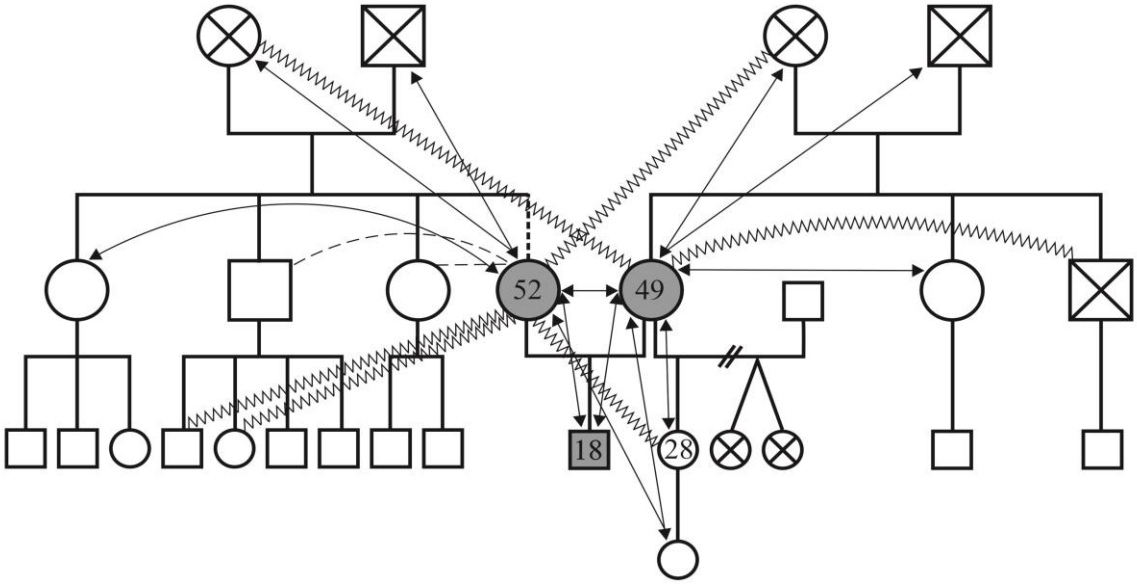
Ainda examinando a Tabela 4, no que diz respeito aos(às) filhos(as) dos casais, nota-se que três são do sexo masculino e uma do sexo feminino. O participante mais novo tem oito anos de idade e o mais velho 18 anos. Três estavam cursando o Ensino Fundamental e o mais velho, com Ensino Médio, estava iniciando o curso pré-vestibular. No que se relaciona à classe social familiar, de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2016), uma família foi classificada como classe B2 (o que representa 17,3% da população brasileira), duas famílias foram alocadas na classe B1 (5% da população brasileira), e uma família foi descrita como classe A (2,9% da população brasileira). Nessa perspectiva, as classes sociais das famílias participantes deste estudo são representativas das mais elevadas do país, o que caracterizam aproximadamente, 25% da população.

FAMÍLIA 1: TULIPA, AMÉRICO E TORQUATO

Tulipa, com 49 anos, e Américo, com 52, estão juntas em um relacionamento de 21 anos. O casal tem um filho, Torquato, de 18 anos, que foi gerado por Tulipa por meio de inseminação artificial. Elas são casadas no civil desde 2013, e em relação ao credo se auto definem kardecistas, com prática semanal. Torquato, por sua vez, declarou não ser adepto a nenhuma religião. Os três moram juntos em uma casa, em uma cidade de aproximadamente 250 mil habitantes, onde foi realizada a coleta de dados no início de 2016. Primeiramente efetuou-se a coleta com o casal, e depois com Torquato.

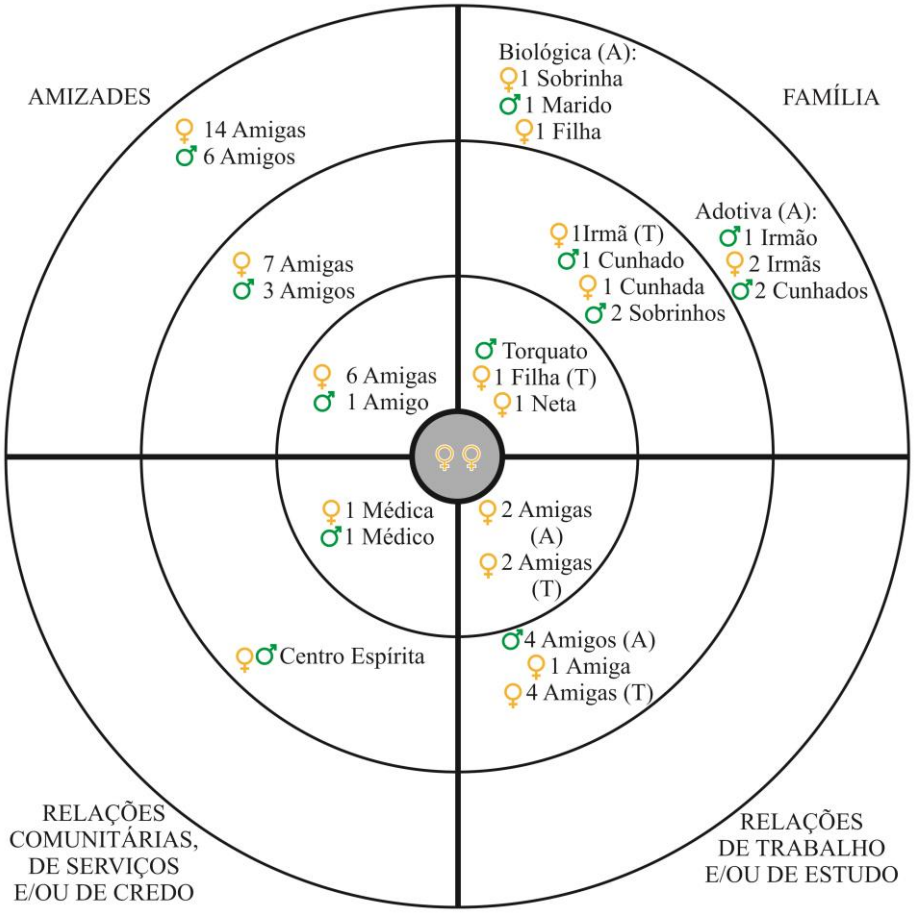
O texto com os dados integralizados do *Genograma, Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com o casal é apresentado, a seguir, após a Figura 2 (*Genograma*) e Figura 3 (*Mapa de Rede*).

Figura 2 - Genograma: Tulipa e Américo



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 3 - Mapa de Rede: Américo e Tulipa



Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para o casal e que começa a ser respondida pela participante Tulipa: "Américo e Tulipa, contem para mim como tem sido pra vocês a experiência de conviver em família, desde o início até hoje".

> É muito bom, a nossa relação, nossa convivência [...] com o Torquato, eh... lógico, toda família tem briga, cada um tem o seu modo de pensar, sabe? A sua particularidade, mas de modo geral, a gente se dá muito bem, nem sempre não foi fácil, principalmente no começo, a família não aceitava, principalmente a minha mãe, que era muito, sabe, dura em relação a isso [...] A gente ter, eu ter uma relação homoafetiva. (Tulipa)

> Ela dizia que ela preferia ter uma filha aidética, do que homossexual. (Américo)

A partir desse trecho, pode-se observar que Tulipa relata a experiência de conviver em família marcada pela boa convivência, mas também considerando algumas dificuldades no passado, por exemplo, a não aceitação da relação delas, principalmente pela mãe, por conta da homossexualidade. Em seguida, Tulipa prossegue contando sua história a partir do tema de sua orientação sexual:

> eu sempre fui homossexual, eu nasci assim, [...] quando eu era nova, eu pensava assim, "pô, todas as minhas amigas gostam de rapazes, por que eu não tenho atração por rapazes?". Aí eu fui arrumar uma namorada aos 13 anos, né, bem precoce, só que essa minha namorada tinha uma necessidade de mostrar pra sociedade que ela não era [lésbica...] Então ela tinha sempre um namoradinho de fachada, e eu sempre dizia pra ela assim, "olha, se um dia você ficar com essa pessoa, você tiver alguma relação mais profunda, a gente larga". Nós ficamos 4 anos juntas, quando ela teve essa relação, a gente terminou e sofri muito e tal, a gente é amiga até hoje. (Tulipa)

Tulipa se reconhece homossexual desde seu nascimento. No entanto, quando mais nova questionava-se por ser diferente das amigas e não sentir atração por rapazes. Teve um relacionamento com uma moça, que terminou com ela pois se relacionava com um homem. Mais adiante, Tulipa relata que sofreu com o término e tentou "ser uma pessoa que a sociedade julga por normal, tentei namorar, acabei me casando, fiquei grávida, tenho a minha filha". Leila, a filha de Tulipa, na época da entrevista com 28 anos de idade, morava na mesma cidade e tinha uma filha. A participante representa a filha e a neta no *Genograma* (Figura 2), como uma relação harmônica, e no *Mapa de Rede* (Figura 3) como uma relação íntima. O casamento de Tulipa com o pai de Leila terminou por conta dele ser agressivo, "além de eu já não ter esse interesse por estar com homem, por não concordar com algumas coisas, por não ter atração". Esse fato está representado no *Genograma* (Figura 2). Após o término do casamento, Tulipa comentou que ficou sozinha por um ano, conheceu outras pessoas, e manteve um relacionamento de seis anos com uma mulher.

> Depois eu conheci a Américo. E aí quando eu conheci a Américo, eu resolvi realmente assumir a minha identidade, eu já estava [...] com mais idade e, sabe, eu não via porquê ficar me escondendo, sabe? Ficar falando para os outros que eu não era uma coisa que eu era, comecei a dar menos importância para o que as pessoas pensavam, e ficou uma coisa mais evidente, então a minha família, sabe, eu não tinha mais como esconder da minha família a nossa relação, e meu pai sempre aceitou bem, graças a Deus, mas a minha mãe sempre foi muito, sabe, irredutível, não aceitava, ela me agredia. (Tulipa)

A participante revela que, após conhecer Américo, sua atual companheira decidiu-se por assumir sua orientação sexual perante as pessoas. Com isso, disse que seu pai aceitou bem, mas, por outro lado, sua mãe era contra, inclusive a agredia física e verbalmente por esse motivo. Tulipa tentava esconder de Américo os hematomas derivados da agressão física. "A Américo, uma vez, perguntou o que era uma marca [...] no meu braço, eu falei que tinha caído, depois ela viu outra marca, aí ela falou, 'espera aí, vamos parar com isso, o que acontece?' Aí eu contei, ela alugou um apartamento, me tirou de casa, tirou a minha mãe, [...] a minha filha comigo, que estava na casa da minha mãe e tal." Sendo assim, Américo, Tulipa e Leila, na época com sete anos, foram morar juntas. Leila morou com sua mãe e Américo até os 15 anos.

Segundo Tulipa, a partir desse período, quando sua família começou a aceitar a situação "eu apareci grávida, aí pronto! Aí deu um nó na cabeça deles, né? porque 'como? Ela está morando com uma mulher e ela vai ter um filho?'". O fato de Tulipa estar grávida, mantendo um relacionamento íntimo com um mulher, causou estranhamento entre os seus familiares. Nesse sentido, ela diz que a sociedade não está preparada para aceitar e compreender as características das relações entre pessoas do mesmo sexo "e na época era muito mais preconceito" quando comparado aos dias de hoje.

Acerca do modo de acesso à parentalidade em casais do mesmo sexo/gênero, Tulipa comenta que um casal de amigas "conhecidas nossas, tiveram a opção de terem um pai e tiveram problemas, porque o pai quis assumir a criança, quis ter contato com a criança", nesse sentido, Tulipa relata que "nós tivemos um amigo que queria doar o sêmen para a gente [...] mas a gente teve, justamente, esse medo de não querer [...] Vínculo, sabe? Porque é um filho que era pra ser meu e dela, não era pra ser meu, dela e de uma outra pessoa". Esses amigos(as) estão representados(as) no círculo intermediário, da parte da Amizade, do *Mapa de Rede* (Figura 3).

Levando em consideração o fato de não desejarem o possível vínculo com o doador de sêmen, Américo e Tulipa optaram em fazer inseminação artificial (medicamente assistida) com doador anônimo, que aceitasse alguma espécie de contato no caso de doença do(a)

filho(a) que necessitasse, por exemplo, de doação de sangue ou medula. Além disso, o casal também teve como critério que o doador não fosse negro "não por preconceito, mas você imagina, há 18 anos atrás, a criança nascer em uma família homossexual e ainda uma criança negra, ia ser muito pior pra criança".

Tulipa conta que não optaram por adotar uma criança porque a Américo já havia tido uma experiência ruim no contexto da adoção "quando ela estava com a outra companheira dela e, por conta de ter sido uma adoção à brasileira [...] uma adoção de rua, foi descoberto e acabaram tirando a criança dela". Dessa forma, consideraram os riscos da adoção informal e a dificuldade "como hoje, muitos casais homossexuais terem acesso à adoção [legal]". Além desses aspectos, Américo comenta sobre "perder aquela coisa também de curtir a gravidez" no caso de adoção.

Portanto, o casal decidiu que teriam um(a) filho(a) por meio da inseminação artificial. Nesse âmbito, Tulipa relata que acordaram que ela então geraria a criança, pois a Américo "não tem, assim, estrutura nem psicológica e nem emocional, a identidade dela não permitiria ele ficar grávida, e ela é muito mole também [risos]".

Tulipa diz que, apesar de sentir atração física por mulher, nunca se sentiu em um corpo masculino. Quando era pequena, por conta de conviver mais com meninos, "então eu brincava de coisas mais masculinas, tal, soltava pipa, jogava bolinha de gude, mas depois da minha adolescência, a minha fisionomia sempre foi feminina, eu sempre fui muito vaidosa, sempre usei roupas femininas, sabe?" Desse modo, Tulipa esclarece que "sempre aceitei meu corpo como mulher, é simples, eu sou uma mulher que gosta de outra mulher". Por outro lado, ela diz que é diferente no caso da Américo, "ela não aceita o corpo dela, ela é uma mulher, um corpo feminino que tem uma alma masculina, né? Uma aparência, eu não. Então, pra mim, foi muito natural a gravidez". Essas características individuais de cada uma delas foi o que fundamentou a decisão do casal de quem geraria a criança, Tulipa.

Refletindo sobre essas particularidades, Tulipa menciona:

> a nossa relação é meio estranha, porque a relação é vista assim, "ah, eu sou a passiva da história, a mulher da história, ela é o homem da história, o provedor da casa e tal". Só que, apesar dessa coisa assim, dele ser mais masculinizado, dela ser, sabe, assim... ter uma aparência mais masculina [...] ela é a mais sensível, ela é a que chora mais [...] aqui em casa, quem faz as coisas, assim, tipo, ela cozinha, quem troca gás, quem troca chuveiro sou eu, então é uma coisa assim, muito, muito diferente, sabe? Porque é uma mistura grande de coisas, sabe? Eh... ela é muito assim, pra dor, sabe? Ela, nossa senhora! Ela ter dor é o final do mundo, se ela tivesse que ter a dor do parto, então [risos] ela não ia aguentar nunca. (Tulipa)

Tulipa discute a questão das aparências e papéis sociais de gênero que permeiam no contexto da sua relação com Américo. Devido Américo ter aparência, popularmente, considerada como masculina, isso não significa, na relação delas, que ela desempenhe um papel compreendido socialmente como masculino. E o oposto parece acontecer com Tulipa.

Ao retornar ao assunto da gravidez, Tulipa menciona que o período foi bom "apesar de o Torquato ter nascido bem prematuro, né? A gente curtiu bastante a gravidez, ela sempre foi muito companheira, sempre [...] me tratou muito bem".

Nesse momento, Américo faz uma pausa no assunto da gravidez para falar sobre os conflitos que teve com a filha de Tulipa, Leila, que morou durante oito anos com o casal, e posteriormente decidiu morar com o pai (ex-marido de Tulipa). A relação conflituosa de Américo e Leila está representada no *Genograma* (Figura 2). Américo diz que era exigente com Leila, principalmente, no contexto de educação escolar e assunção de responsabilidades, sendo que "todas as oportunidades que o Torquato teve, eu dei pra ela, só que ela não quis". Tulipa relata "a gente acabava tento atrito por causa dela, e ela, percebendo que ela estava dentro de casa, ela resolveu, sabe? Sair..." e Américo completa "em vez dela mudar, assim, se aderir, se adequar. O que eu queria dela? Arrumar um emprego, uma facul... foi aquilo que eu falei, ela podia ter feito uma faculdade, ela podia".

Tulipa, de forma serena, retoma o assunto da gravidez do Torquato dizendo que foi "tranquila, emocionalmente falando, mas, do ponto de vista de saúde, bem complicada, porque [...] eu tive um monte de problemas, tive que ficar internada, quase perdi ele [...] nasceu muito prematuro e tal". Américo complementa:

> Nós curtimos cada momento, sabe? A gente imaginava como ele ia ser quando nascesse, depois a gente ficava pensando, quando a gente fosse ter, fosse crescendo, nós compramos carrinho, então a gente ficava... colocava um monte de bonequinho dentro do carrinho e ficava imaginando, sabe? Foi bem curtida mesmo essa gravidez [...] eu chegava em casa e falava assim: "papai chegou!" (Américo)

Tulipa comenta que Torquato a chama de mãe, e como foi ensinar a chamar Américo de Dadá:

> Quando a gente começou a falar que era Dadá, sabe? Que não era o papai, sabe, tentamos começar a explicar pra ele que era diferente, então... mas era bem embaraçoso, as vezes a gente estava na escolinha, "o papai do Torquato chegou". E era uma mulher, né, que estava chegando para ir buscá-lo. (Tulipa)

Nesse sentido, o pesquisador perguntou se: “isso era embaraçoso para você ou por conta da sociedade?” Américo responde que por conta: “da sociedade, porque pra mim, pra mim era bom, eu gostava [...] Mas eu tinha que explicar pra ele por quê? Porque ele ia conviver com a sociedade, que eu não era o pai dele [...] quer dizer, eu fazia, eu faria o papel do pai, mas não era o pai dele”.

Tulipa considera que por conta das dificuldades que o casal homoafetivo tem de ter uma criança “seja por uma inseminação, ou seja por adoção, ou por qualquer meio que consiga ter essa criança [...] a gente tem assim, curte mais, dá mais valor, sabe?” Por isso, ela acredita que os casais do mesmo sexo tem “uma coisa de família muito mais próxima, é uma família assim, um pouco mais, mais afetuosa, sabe?” Por exemplo, Tulipa diz que Torquato:

> tem a liberdade de até hoje, a gente está [...] ele chega, deita na cama, sabe? Brinca, fica beijando, fazendo "cosquinha". E a gente tem, assim, um pouco mais de liberdade de conversar, de falar, por conta de, desde pequenininho, ter que ficar explicando que nós éramos diferentes do que as pessoas, do que a sociedade em geral, a gente tinha uma família, tinha uma formação um pouco, um pouco diferente, mas que existiam outras famílias nessa mesma situação que a gente, e tal, então, por ter que ter essa cumplicidade desde muito pequeno com ele, então tem essa relação, sabe? De cumplicidade, de conversar sobre tudo, sabe? De falar sobre sexo, sobre droga [...] a gente não tem, assim, essa coisa de tabu com ele, sabe? (Tulipa)

Sendo assim, podemos entender a partir da fala de Tulipa que as dificuldades que elas passaram por ser uma família constituída por um casal do mesmo sexo/gênero, contribuíram para que as tornassem em conjunto com seu filho, uma família com características de marcada união e cumplicidade entre os membros.

Em seguida, Tulipa comenta sobre a relação de seus/suas amigos(as) com Torquato:

> as pessoas que a gente convive há mais tempo, que convive desde pequeno, ele chama de tio, a Marlene, o Pedro, o Marcos, o Thiago que já faleceu, então, para ele são tios, que é uma família extensiva para ele, sabe? Como se fossem parte da família. (Tulipa)

Nessa perspectiva, Tulipa diz que: “as pessoas têm um carinho muito grande pelo Torquato, sabe? Ele é uma pessoa [...] assim, especial”, Américo complementa dizendo que ele é: “um ser iluminado”. Tulipa descreve que Torquato: “conversa com todo mundo sobre um monte de coisa, ele é muito inteligente, ele é uma pessoa que não tem nenhum tipo de preconceito, sabe?” A rede de amizades do casal é composta por 37 pessoas, como pode ser observado no *Mapa de Rede* (Figura 3), as relações de amizade estão presentes nos três círculos de proximidade do casal. Américo, relata sua percepção sobre o filho: “se você entrar lá [no quarto] e ver ele jogando, você não dá nada pra ele... a gente discute política, ele discute o que você quiser”.

Tulipa falando sobre a educação de Torquato diz:

> Com a gente, têm uns esporros de vez em quando, mas assim, com as pessoas, sabe, ele tem uma educação, sabe, assim, fora do comum para a idade, sabe? Ele vai nos lugares e as pessoas falam, "nossa, como o seu filho é educado". (Tulipa)

Com isso, Tulipa relata acerca de seu prazer e orgulho em ter conseguido educar o filho do modo que o casal considera como adequado: “ele é um menino muito responsável [...] Ele é muito ético. Ele é muito honesto, é muito correto com as coisas, e eu acho que isso, é de educação”. A relação com o filho é representada pelo casal como harmônica e íntima no *Genograma* (Figura 2) e *Mapa de Rede* (Figura 3). Em seguida, Américo narra um episódio vivenciado com Torquato em um supermercado quando ele tinha três anos de idade:

> eu fui levar as coisas para o carro com ele [...] ele estava com um pacotinho de bexiga na mão. [...] "Torquato, o que é isso?". "Ah, peguei". "Você pegou?" Então eu tranquei o carro e eu falei [...] “você vai devolver pra ela e vai pedir desculpa, nunca mais você faça isso". [...] Eu falei, "você não precisa, quando você quiser alguma coisa, você me peça, isso chama-se roubo". Eu fui falando pra ele, nunca mais ele mexeu em nada! Quando ele queria alguma coisa, ele me pedia. (Américo)

Em seguida, Tulipa comenta que Américo: “está com uma ideia de ter filho de novo [...] já estou com quase 50 anos, chega! Já fiz a minha parte, já povoei, já ajudei a povoar o mundo, não quero mais não". Américo completa: “não sei, ter uma menina, pelo menos, né? [...] eu gostei da experiência disso, sabe? [...] não sei se também teria agora, fisicamente, em condições de [...] educar uma outra criança. Tulipa, por sua vez, argumenta: “hoje eu estou focada em outras coisas, eu quero terminar a minha faculdade, estou fazendo um curso de gestão ambiental”. E, nesse sentido, Américo fala: “eu tenho os meus projetos também, se aposentar, eu tenho outros projetos”. Por fim, ela analisa uma característica que atribui ao sucesso da relação do casal: “eu acho que a gente dá certo porque [...] a gente respeita a nossa individualidade, a minha, a dela, a nossa vida quando nós duas estamos juntas, a nossa vida com as outras pessoas”. A relação harmônica do casal está representada no *Genograma* (Figura 2).

Tulipa diz que ser mãe de Torquato a transformou: “porque hoje eu consigo, apesar de sofrer, eu consigo ser mais dura com a Leila, e eu percebo que ela mudou com isso, ela fez um curso, ela tá em um emprego”. Em certos momentos, Tulipa relata que tem dó da filha: “porque ela trabalha de vigilante em uma usina [...] então ela sofre...”, nesse sentido, Américo complementa a frase de Tulipa: “mas é o que eu falei pra ela, ela teve a oportunidade”.

Leila, 28 anos, tem uma filha, Suzana, a qual Américo considera como neta. A criança tem uma relação próxima com as avós e o tio, Torquato. Essas relações de proximidade estão evidenciadas no *Genograma* (Figura 2) e *Mapa de Rede* (Figura 3). Em seguida, Tulipa narra uma situação vivenciada com a neta, quando ela era menor:

> ela falava assim, "ô vó, a Dadá é menino ou a Dadá é menina?" [Risos] Um dia a gente foi comprar roupa, a gente estava em uma loja, a Américo falou assim pra mim, "pega calcinha lá pra mim, de malha". Ela [neta] falou assim, "vó, mas a Dadá é menino, ela não tem que usar cueca?". Eu, "não, Suzana, a Dadá é menina, ela usa calcinha" [Risos]. (Tulipa)

Frente a isso, perguntou-se às entrevistadas como lidaram com o fato. Tulipa disse, como bom humor, que era embaraçoso: “explicar para uma criança de três anos, que uma pessoa que tem uma aparência toda masculina, usa calcinha, você entendeu? [Risos]. Américo, nesse contexto, narrou outra situação vivenciada com a neta: “uma vez ela foi passear em casa [...] Ela ficava, ‘ô, vô, ó o Torquato, vô’. E eu não respondi [risos]. Aí ela foi lá no quarto, ‘ô, vô, eu estou falando com você’. Eu falei, ‘é Dadá, Da-dá, eu não sou seu avô, sou Dadá’.

Tulipa mencionando sobre sua família, diz que atualmente só tem uma irmã, pois:

> perdi o meu irmão com 43 anos, com câncer na cabeça. Então a minha família, falando assim, resumidamente, eu só tenho a minha irmã, a minha cunhada e o meu sobrinho, a minha irmã, meu cunhado e meu outro sobrinho, eu tenho três sobrinhos só, então a minha família não é extensa. (Tulipa)

Apesar dos conflitos que tinha com o irmão, Tulipa juntamente com Américo ajudaram a cuidar dele durante o final da vida. Do mesmo modo que também cuidaram da mãe de Tulipa, com isso, ela comenta: “a vida é engraçada, a minha mãe não aceitava a relação das duas, né, minha mãe morreu com as duas”. Além disso, Tulipa conta que elas também ajudaram a cuidar do pai de Américo, atualmente falecido, que tinha mal de Alzheimer. Assim: “a gente tinha pouco de vida própria, porque a gente vive em função do pai dela, por causa da doença”. Nesse momento, Tulipa reflete sobre essas adversidades familiares que perpassaram o relacionamento com Américo e que revelaram uma grande cumplicidade entre o casal:

> Foi uma opção minha ficar com ela, entendeu? Foi um sentimento que me ligou a ela, então eu acho que se você ama uma pessoa, você tem que estar com essa pessoa em todos os momentos. "Ah tá, a gente tem um problema, tem um problema com o seu pai, se o problema é seu, o problema é meu também". Quando a mãe dela ficou doente, ela precisou ficar um tempo com a mãe dela [...] então a gente tem uma cumplicidade muito grande, eu e ela. (Tulipa)

Em sequência, o casal se volta a contar sobre os aspectos relacionados à crença. Durante uma sessão mediúnica no Centro espírita que frequentam, a mãe de Tulipa (então falecida), por meio da psicografia, pede perdão para Américo e a agradece:

> chama ela de filha, diz que ela, [...] agradece tudo que ela fez, pede perdão, e que ela tem até vergonha por tudo que ela fez, mas até pela condição dela, de ignorância, de espírito em evolução e tal, a gente também não tá aqui pra julgar ninguém, né, a minha parte eu fiz. (Tulipa)

Tulipa, em seguida, disse que sempre cuidou com muito amor e carinho da mãe, pois para ela: "perda é um sentimento difícil pra mim, eu tenho muita dificuldade em lidar com perdas". Por isso, quando Américo adoeceu gravemente (tumor e embolia pulmonar) Tulipa disse ter ficado "sem chão", porque:

> a minha vida é com ela, sabe, essa cumplicidade, essa parceria, essa coisa de estar sempre fazendo tudo junto, [...] de não ter, sabe, segredo uma pra outra, de conhecer, a gente tem uma coisa tão próxima que, às vezes, eu estou pensando uma coisa e ela fala, ou vice-versa [...] E a gente tem essa coisa, sabe, de estar muito, muito próxima uma da outra, e eu tenho muito medo, eu tenho, eu acho, eu prefiro que seja comigo do que com ela, porque eu não sei como é que seria, qual vai ser a minha reação o dia que... se um dia isso acontecer, antes de... ninguém sabe o dia de amanhã, né. Aí quando começou a acontecer tudo isso, nossa senhora, eu achei que eu fosse, que eu não fosse superar. (Tulipa)

Nessa lógica, Tulipa conta da dificuldade em lidar com as perdas e, principalmente, com o câncer: "eu perdi pai, mãe e irmão em 5 anos, com essa doença, então quando o médico falou que ela [Américo] estava com câncer...", "não tem mais o que te falar" (Américo). O pai e irmão falecidos de Tulipa estão representados no *Genograma* (Figura 2). Assim, quando Tulipa ouve a palavra "câncer" é sinônimo de: "perda, sabe, a pessoa vai embora, eu vou ficar... só de pensar, sabe, me dá um desespero grande, porque eu não consigo viver se não for com ela [se emociona]".

Nesse instante, Tulipa associa a sua crença espírita com a dificuldade de lidar com a possibilidade da morte da companheira. Por considerar que Américo poderia vir a falecer em decorrência da doença: "apesar de eu acreditar que a vida dela não acabe agora e aqui nós estamos só de passagem [...] acabar essa minha passagem aqui longe dela seria muito difícil".

Américo indaga ao pesquisador: "eu não sei você acredita ou não, qual é a sua religião", e em seguida diz: "nós já tivemos uma vida anterior juntas, e assim, eu vim pra essa vida buscar ela de novo". Com isso, solicita-se que elas contassem mais sobre esse assunto. O casal disse que a história é longa, e que foi confirmada por distintos Centros Espíritas. A propósito, o Centro Espírita, ao qual frequentam, está incluído no círculo intermediário do

Mapa de Rede (Figura 3). Américo disse que as poesias que escrevia antes de conhecer Tulipa falavam sobre ela:

> Eu sentia falta de alguém, mas eu não sabia quem que era, e em vários lugares diziam que a minha poesia não eram psicografias minhas mesmas, era de uma vida anterior, e depois nós viemos a saber que, assim, ela [Tulipa] era casada nessa vida anterior, nós éramos amantes, eu era um poeta, nós éramos amantes e o marido dela [...] descobriu e a matou, e eu me matei. (Américo)

Tulipa acrescenta: "com um tiro no ouvido, e ela não escuta de um ouvido [atualmente]". Isso significa, segundo as participantes, que a relação que têm atualmente é como uma continuação de um relacionamento que tiveram em vidas passadas: "é muita coincidência, sempre a mesma história, sabe? Então eu falei assim, 'já que é carma, vamos acabar nessa vida' [risos]".

A partir desse contexto, as participantes relatam em detalhes a história de seu relacionamento amoroso. No dia em que conheceu Américo, Tulipa disse que tinha simultaneamente: "quatro relacionamentos, duas professoras [risos], [...] uma menina de [nome de uma cidade] e a menina que eu tinha um caso há seis anos". Ela estava um bar quando vi Américo no balcão: "ela virou, deu um sorriso, sabe quando... Bum! Eu falei, 'quem que é que tá no balcão?'", depois disso: "peguei e falei pra ela assim, 'se você quer tomar a sua cerveja, você vai tomar lá comigo, você não vai tomar cerveja aqui'". Ao mesmo tempo, Tulipa também comenta: "como eu sempre fui muito feminina, e eu usava umas roupas muito curtas, ela achou que eu fosse biscate [...] Ela, por fim, ela acabou indo tomar cerveja comigo". Dessa maneira, com o passar do tempo, elas foram se tornando amigas. Na época, Américo contou que era casada com uma mulher, porém não se davam bem, e era apaixonada por uma colega da faculdade. Posteriormente, Tulipa disse:

> e aí começou a não ter mais graça a sair e ela não estar junto, você entendeu? Mas até aí a gente não tinha aquele lance [...] sexual, aquele lance de desejo, de físico, era uma necessidade psicológica de estar com ela, uma necessidade de estar perto, de me sentir segura, de ter com quem conversar, de, sabe, ser um papo legal e tal. (Tulipa)

O tempo passou, houve alguns conflitos entre elas, até que um dia dentro do carro de Américo, Tulipa conta: "agarrei ela, dei um beijo na boca dela, pronto, bem. No outro dia, acordei toda marcada, eu falei, 'meu Deus do céu' [risos]". A partir desse dia, elas decidiram ficar juntas. Consequentemente, elas tiveram problemas com a ex-mulher de Américo, segundo Tulipa revela: "ela ligava para a família dela, ligava para a minha família, a ex dela

falou para a família dela que eu era aidética, que eu era prostituta [...] que eu era usuária de drogas, sabe, uma coisa bem difícil".

Fazendo um encadeamento desse fato com os dias hoje, Américo diz: "hoje as minhas irmãs veem a vida que a gente tem, e que não era nada daquilo que foram falar para elas, né. Então hoje elas aceitam ela". Tulipa acrescenta comentando que elas não tem uma relação de proximidade com a família de Américo. Tal fato pode ser visualizado no *Genograma* (Figura 2), por meio da grande parte das relações estarem caracterizadas como conflituosas e distantes, e no *Mapa de Rede* (Figura 3), onde a família de Américo é representada no último círculo, o mais distante do casal. No início do relacionamento do casal, logo que os pais de Américo faleceram:

> ficou o apartamento, elas [irmãs] fizeram uma proposta de que se ela largasse de mim, eu já estava com o Torquato, eu já tinha o Torquato, de mim e do menino; menino, não era sobrinho delas, ela deixava o apartamento para ela. Ela falou: "Não, pode vender e dividir, eu só quero o que é meu mesmo". (Tulipa)

Américo menciona que sua mãe começou a aceitar Tulipa porque: "quando o Torquato nasceu, meu pai [...] estava internado na UTI adulto e o Torquato na UTI infantil". A isso, Tulipa acrescenta: "Torquato nasceu no dia 26 de abril, o pai dela faleceu no dia 6 de maio". Segundo Américo, sua mãe tratou Torquato: "como neto mesmo, até o último dia de vida dela, era o neto dela". Atualmente, de acordo com Tulipa: "as irmãs dela tratam o Torquato como sobrinho".

Posteriormente, Tulipa comenta sobre o relacionamento próximo que elas têm com sua família: "a minha família, assim, minha irmã, minha cunhada e meu cunhado, a gente tem uma proximidade bem grande [...] ela [Américo] se dá muito bem com meu cunhado, com a minha irmã, eles vêm aqui, meu sobrinho vem aqui". E, nesse momento, Tulipa compara a diferença no relacionamento de sua família atual entre sua família de origem e a de a Américo: "a gente tem uma relação mesmo de família, assim, entendeu? Agora, com a família dela é, mas é uma coisa assim mais longe". Isso pode ser notado no *Mapa de Rede* (Figura 3), pois a família de Tulipa é representada no círculo intermediário, e a de Américo, no último círculo, significando maior distanciamento.

Ainda no aspecto comparativo entre as famílias de origem, Tulipa relata:

> a gente vem de famílias muito diferentes [...] a mãe dela tinha uma situação financeira muito boa, o pai dela, foram pessoas muito respeitadas aqui na cidade e eu vim de uma família muito humilde, o meu pai era frentista, minha mãe sempre foi cozinheira, sabe, nós viemos de uma cultura muito diferente. E ela tinha uma tia que era irmã da mãe dela, que a mulher fazia

> questão, toda vez que eu ia comer lá, ela colocava 60 talheres, 60 pratos, 60 copos só porque ela sabia que eu não sabia como usar. (Tulipa)

Quanto a isso, Américo concorda e comenta: "eu fui educada em uma outra cultura [...] os alimentos que eles comiam, era diferente".

Em seguida, Tulipa reflete sobre a dificuldade da convivência familiar que está presente em qualquer configuração de família, porém, segundo a participante, sua família é alvo de preconceito: "a convivência, eu não sei, não é fácil, de nenhum casal é fácil, seja entre homo, hétero, mas a gente sofre muito preconceito, né?" Além disso, de acordo com Tulipa e Américo concordando: "no meu trabalho, por exemplo, eu não tenho preconceito nenhum". Acerca do assunto "preconceito", Tulipa menciona que Torquato e elas sofreram discriminação no âmbito social, com isso, a participante analisa a situação vivenciada: "o meu filho não podia brincar com os vizinhos, pois ele era filho de duas mulheres. [...] A hora que o meu filho ia para a rua, todo mundo recolhia os filhos". Por conta disso, segundo Américo: "chegava o final de semana, a gente catava ele e ia passear", e Tulipa acrescenta: "porque não podia conviver com a criançada da rua [...] Chegou a apanhar na rua". Américo descreve que uma criança segurava Torquato enquanto outra batia. Com isso, de acordo com o olhar de Tulipa: "a criança não tinha maldade, quem colocava maldade nas crianças eram o quê, a famílias, os pais, você entendeu?"

As participantes reconhecem que existe preconceito social, frente a isso, Tulipa recomenda: "você tem como lutar contra ele, não brigando, sabe?" Dessa forma, segundo Américo é assim: "que a pessoa começa a te conhecer", e "você mostrando o que você não é diferente, que você não é um bicho de sete cabeças", conclui Tulipa.

Adiante, o casal comenta de maneira desfavorável sobre a Parada do Orgulho LGBT e concluem dizendo que esse tipo de evento não as representa. Segundo Américo: "você vai em uma parada gay, que as pessoas enchem a cara, transam no meio da rua", e Tulipa complementa: "cheiram cocaína ali na... Gente, quem quer lutar por nossos direitos?" Logo, de acordo com a participante: "você está falando, está mostrando que você é tudo que falam mesmo de você [...] Então, esse tipo de coisa não me representa".

Dentro dessa perspectiva, Américo diz que elas são muito seletivas com relação aos/às amigos(as). Tulipa agrega dizendo: "a gente não gosta de nada sabe, assim, que [...] chama a atenção, sabe? De escândalo [...] essas coisas assim não é a nossa cara". Dessa forma, segundo a participante: "a gente não tem que sair com uma bandeira na rua, falando, andando

de mão dada, se beijando [...] você tem que mostrar que você tem respeito pelas outras pessoas. E, também não me escondo". Tulipa descreve um episódio que vivenciou no contexto da faculdade, com um professor:

> Ele falou assim para mim: "Mas você era da turma que formou ano passado?", eu falei "É, mas eu tive um problema de saúde sério em casa, a minha esposa sofreu um acidente, depois ela teve uma série de problemas", "Quem?", eu falei "A minha esposa", "Quem?", "Você escutou, a minha esposa!" Sabe, então é um professor universitário e ainda se espanta com [...] esse tipo de relação, de uma mulher falar que tem uma esposa. (Tulipa)

Américo e Tulipa relatam que sofreram preconceito acerca da orientação sexual, no contexto do trabalho, pelo mesmo funcionário. A isso, Tulipa expressa sua opinião:

> questionar a minha sexualidade, eu não aceito [...] eu não ignoro até a pessoa não me desrespeitar, eu exijo respeito. Eu sou cidadã, eu trabalho, eu acordo cedo todos os dias, doente ou não doente, eu pago meus impostos, eu pago as minhas contas, a gente passa o que a gente tem que passar, como na época da doença dela, sabe, eu não importuno a vida de ninguém, então eu também não aceito que importunem a minha vida e principalmente que mexam comigo e com a minha família, sabe? Tipo, achar estranho porque que eu tenho uma esposa, porque eu também não tenho a necessidade de ficar mentido, sabe, nós estamos em uma época que eu não tenho que falar que eu tenho um marido. Eu não tenho um marido, eu tenho uma esposa. (Tulipa)

Nesse cenário, Américo e Tulipa mencionam que têm duas colegas lésbicas, casadas legalmente entre si, e que dizem para a sociedade que são casadas com homens. Uma delas trabalha em uma universidade e, a fim de resguardar os direitos civis da companheira, enviou a certidão de casamento em um envelope lacrado ao Departamento de Recursos Humanos da universidade. A respeito da realização do casamento civil dessas colegas, Américo comenta: "ela foi fazer o casamento dela no cartório, ela foi um dia antes [...] conversar com o escrivão, tinha que ser uma sala isolada, primeiro entrou uma, disfarçou, foi para a sala, depois a outra entrou disfarçou". Essas amigas estão representadas no círculo mais íntimo *do Mapa de Rede* (Figura 3). Considerando essa situação envolvendo suas colegas, Américo e Tulipa contam que seu casamento civil foi realizado de maneira pública, sendo divulgado pela imprensa local. Embora o fato da divulgação não ter partido das participantes, Tulipa comenta: "eu acho que foi um pouco exagerado por parte [imprensa], mas eu achei que foi bom, porque abre um pouco o olho das pessoas, sabe, e ver que as coisas estão mudando".

A partir da repercussão no casamento na mídia, Américo relata que: "chocou as coisas que falaram". Isto é, elas receberam comentários ofensivos, via internet, principalmente de pessoas evangélicas. Tulipa exemplifica o teor dos comentários: "dizer que era coisa do

demônio, dizendo que era ridículo, sabe? Que era imoral, que eram o final dos tempos [...] coisas assim bem pesadas mesmo". Diante disso, o pesquisador indaga como esse episódio afetou as participantes. Tulipa disse: "a mim, nada. Eu dei risada [...] assim, você ri de ver a ignorância da outra pessoa". Por sua vez, Américo relata que se sentiu chateada. Além disso, Tulipa fundamenta sua postura perante a situação retratada a partir de pressupostos de sua crença kardecista:

> da mesma forma que eu tenho que respeitar, porque talvez o grau de evolução deles não seja o meu grau de evolução, como existem pessoas mais evoluídas do que eu, você entendeu. Então lá, pelo Kardecismo, você tem que aprender a respeitar o que as pessoas pensam e falam. (Tulipa)

Ulteriormente, Tulipa resgata o tema acerca da relação do casal com o filho. Inicialmente, ela comenta sobre a dificuldade que tem enfrentado por cogitar que Torquato construirá sua própria vida: "estou tentando me preparar psicologicamente para ver que o Torquato for fazer a vida dele. E eu não sei lidar muito com esse tipo de coisa". O filho, na época da entrevista, estava pedindo para as mães comprarem uma moto para ele: "eu falei que se ela der uma moto para o Torquato eu nunca mais vou ter sossego na minha vida, já tentei explicar isso para ele, mas ele quer, que ele quer". Assim, Tulipa pondera sobre a segurança que esse tipo de transporte oferece, entendendo como perigoso. Tulipa comenta quando briga com o filho por conta de algo que ela não quer dar, ele pede para Américo: "e ela faz tudo o que ele quer". Ela acrescenta uma característica da relação dos três, a Américo: "pode brigar com ele, ela pode brigar, xingar, eu não posso, porque se eu brigar com ele, ela se dói". Américo, nessa perspectiva, relata: "eu bato nele, às vezes, ele está desse tamanho, mas eu bato nele [...] Às vezes o tapa não dói, dói aqui [coração] né?" Por fim, Tulipa diz que Américo mima demais o filho e considera que algumas das brigas do casal: "ou é por causa dele ou por causa da minha filha".

Ainda falando sobre a relação com o filho, Tulipa relata: "um pouco de dificuldade de ter uma vida íntima por causa do Torquato, porque ele abre a porta..." e "se joga na cama", segundo Américo. Por isso, para ter privacidade: "a gente tem que trancar a porta, ver se a porta está trancada, como se ele não soubesse, mas é uma coisa nossa. A gente não gosta, não se sente bem, pronto e acabou. E o Torquato quase não sai de casa [...] é muito difícil (Tulipa). No dia anterior à entrevista, Tulipa disse para Américo: "vamos sair, vamos namorar um pouquinho, né". Desse modo:

> a gente ligou para ele, aí as duas, parecem duas crianças, tipo assim, adolescentes querendo dar uma desculpa para o pai porque dormiu fora de casa, "O que a gente vai falar para ele? O que nós vamos arrumar?". Mas a gente tem isso com ele, sabe, como se ele não soubesse, sabe? Mas a gente não se sente... (Tulipa)

"À vontade": completa Américo. E Tulipa prossegue:

> a gente pode trancar a porta, mas se ele tentar abrir a porta, já acabou né, ele não tem essa, ele vai e como ela não dorme de porta fechada, porque ela dorme de porta aberta toda noite, então ele sabe, a porta está fechada, tem alguma coisa de diferente. [...] A gente não se sente à vontade, é uma coisa nossa. Ainda bem que as duas são assim, né. [...] a gente não comenta assim, nós somos muito reservadas em relação a nossa vida... (Tulipa)

"Íntima": acrescenta Américo. Além do mais, Tulipa prossegue com o assunto da vivência da sexualidade, agora, descrevendo algumas características das relações de suas amigas que: "largaram porque as duas eram ativas, outras largaram porque as duas eram passivas [...] e acaba não dando muito certo por causa dessa parte sexual". Para isso, Tulipa reflete:

> eu acho que com o passar do tempo, o que menos move a vida do casal é essa parte. Eu acho que passa aquela paixão, aquele fogo, aquela coisa né, e aí é um pouco mais de cumplicidade, de amizade, de companheirismo. Não que não faça parte. (Tulipa)

Nesse momento, pergunta-se ao casal se gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre sua família. Américo responde: "é bem isso assim, resumindo, é bem cumplicidade mesmo". Tulipa complementa: "eu acho que a palavra que resume a nossa família é a cumplicidade, sabe, dos três". Em relação ao Torquato, Américo diz: "ele participa da vida financeira, ele participa de tudo. Ele sabe qual é a realidade", e Tulipa menciona: "ele é o mais controlado aqui em casa, para gastar dinheiro. Ele é assim, 'Ah, vai comprar? Mas tem necessidade de comprar? Mas porque é que vai comprar?', sabe. A não ser que seja para ele, né".

Tulipa, em seguida, comenta sobre as características de sua família e os valores que tentam passar para o filho e para a neta, Suzana:

> nossa família sabe a cumplicidade, companheirismo, essa coisa, sabe, de tentar ser, lógico, se a gente sempre consegue ser o tempo todo correto, ético, político, tem hora que perde um pouco as estribeiras, mas a gente procura, na medida do possível, sabe, ter isso, passar isso para ele, passar isso para a Suzana que está vindo aí agora, sabe, porque ela é bem rebelde [...] e a gente procura passar esse tipo, sabe, de valores para ela. (Tulipa)

Nesse instante, o casal conta sobre as famílias de Américo. Ela foi adotada quando tinha seis meses de idade: “eu tive uma família, me adotaram, me deram um nome, entendeu? Se eu sou o que eu sou hoje eu devo a essa família”. A mãe biológica de Américo apareceu depois de muito tempo e, atualmente, mantém proximidade com a filha. No entanto, Américo conta o que disse para sua mãe biológica:

> eu fui clara para ela, "Não exija de mim chamar de mãe. Mãe, para mim, é aquela que faleceu, minha mãe já morreu", foi ela que, sabe... a minha mãe [adotiva] dizia, eu tinha 6 meses, que eu era doente, ninguém queria adotar, sabe, ela falou assim "Depois que eu cuidei, que você ficou bonita, todo mundo queria. Agora não, agora é minha". (Américo)

Tulipa, nesse sentido, observa que a família biológica de Américo demonstra mais afetividade do que a família adotiva: “a família dela, biológica, os irmãos, sabe, eles são assim, mostram mais afetividade com a gente do que os irmãos com quem ela foi criada, que, de uma certa forma, hoje me engolem”. No entanto, o casal incluiu a família biológica de Américo no círculo mais distante do *Mapa de Rede* (Figura 3), e não a incluiu no *Genograma* (Figura 2).

Tulipa, a partir desse momento, relata que sempre foi: “muito nojenta [...] com algumas coisas”. Porém, quando sua mãe ficou doente: “eu fazia curativo na barriga dela, trocava fralda”. Nessa perspectiva, quando a Américo ficou de cama: “eu não tinha opção, a opção era trocar a fralda. Eu falo para ela assim que a maior demonstração de amor que dei para ela, foi trocar a fralda dela, porque a gente não tinha condição de pagar outra pessoa a noite”. Durante esse período, na véspera de ano novo, Tulipa descreve uma situação vivenciada por elas:

> Aí eu comprei cerveja pra ela, comprei um champanhe, fiz um bandejinha, tudo para pode levar na cama né, com fruta né. Comprei umas coisas para gente fazer nossa ceia lá na cama eu e ela, coloquei roupa branca nela, uma camiseta branca, um shorts claro para ela. Enfim, comemoramos do jeito que a tinha que comemorar aquele momento estar juntas, né. Era meia noite e dez, “Nenê, troca a fralda pra mim?” [Américo]. "Puta merda, começa 2015 limpando fralda!" (Tulipa)

Desse modo, Tulipa conclui que ficar com Américo nessa época foi: “a maior prova de amor que eu dei para ela”. Pois não foi fácil cuidar de Américo: “ela é grande, na época ela estava mais obesa, cuidar dela na cama, tinha que dar banho, como estava muito quente tinha que dar dois banhos por dia, porque ela não deixava ninguém dar banho nela”. Tulipa disse que Américo não gosta que a veja sem roupa.

Em seguida na entrevista, Tulipa aborda outro assunto, dizendo: “as pessoas têm que ter mais consciência, que nem todo mundo é igual, que existem pessoas que se sentem diferentes, que são diferentes, é a mesma coisa”. Com isso, ela disse que um dia discutiu com Américo: “passou um cara, sabe, todo travestido e ela fez um comentário meio pejorativo, eu falei ‘Américo, cada um é cada um’”.

O casal, a partir desse instante, conta sobre Lino, um grande amigo de infância de Américo, gay assumido e que havia falecido há dois anos. Ela disse: “ele era assim, promiscuo, sabe, e a gente brigava muito, eu e ele”. No *Mapa de Rede* (Figura 3) não foram incluídas pessoas falecidas, desse modo, Lino não foi inserido no quadro de amizades. Tulipa acrescenta:

> brigava com ele, por medo de acontecer alguma coisa com ele, alguém matar [...] ou acontecer alguma coisa que aconteceu, ele pegou HIV, porque ele não acreditava em HIV [...] usava droga, muita bebida, ele já começou sabe, a dar aquelas feridas, ficar debilitado, emagrecer e tal [...] teve um linfoma, em consequência do HIV [...] e acabou morrendo. (Tulipa)

Com isso, Tulipa reflete e comenta que nos últimos tempos elas perderam muitas pessoas próximas em decorrência de câncer: “morreu primeiro o Joaquim, o meu irmão, três dias depois morreu o Lino, e doze dias depois morreu o irmão da Maura [...] Morreu o Jorge também né, o Jorge do Nilton”.

Posteriormente, Tulipa comenta que algumas pessoas que não são homossexuais perguntam se elas fazem uso de determinados acessórios sexuais:

> Não, a gente não usa nada. Eu gosto dela do jeito que ela é, se eu quisesse um pênis, eu estava com um homem, você concorda comigo? Não estaria com uma mulher. Mas tem amigas minhas que estão com mulher e que gostam que a companheira usa, vai de cada um né, de sentir. (Tulipa)

Tulipa segue comentando sobre a aparência “masculinizada” de Américo: “eu paguei a minha língua, porque eu falava ‘Eu jamais vou ficar com uma menina que usa roupa de homem. Jamais’”, Américo acrescenta: “eu uso uma calça jeans, uma camiseta e um sapato”. Tulipa fala dirigindo-se a Américo: “existe modelo masculino e feminino, você só usa modelo masculino [...] As camisetas dela, eu te mostro o armário, não tem uma camiseta rosa, as camisetas são tudo camisa assim [...] camiseta masculina, só masculina”.

Nesse momento, Torquato aparece na sala onde a entrevista era realizada e diz: “Eu quero comprar um vestido ‘tubinho’ vermelho para ela [risos]”. Assim, Tulipa acrescenta: “ficou tirando sarro da cara dela. Eles tiram sarro da cara dela, chama ela de princesinha”.

Américo, posteriormente, comenta: “e você vê, apesar de nós sermos, ele gosta de mulher”, e Tulipa enfatiza: “todo mundo achou que ele ia ser homossexual, todo mundo achou que ele ia ser homossexual”. Américo reflete ao considerar se Torquato fosse homossexual: “eu acho que é muito difícil a vida, porque nós já passamos por tudo isso e eu sei que ele sofreria, se ele fosse”. Américo diz sentir muito ciúmes do filho no tocante às possíveis namoradas: “eu sou muito ciumenta, uma vez nós saímos, chegamos em casa e tinha uma menina sentada lá no portão de casa esperando ele chegar, foi atrás dele. Nossa! Eu entrei, bati porta de carro, eu entrei com tudo para a casa”. Tulipa, bem humorada, acrescenta: “eu falei que, quando namorar, vai sentar a menina, ela no meio”.

Logo após, se faz uma pergunta para o casal: “quando eu pedi para vocês substituírem os nomes, você sugeriu que o nome da [nome real] fosse Américo. Por que você sugeriu um nome...”, Tulipa completa: “masculino. Primeiro, porque ela se vê mais masculina, ela fala que ela é uma alma masculina em um corpo feminino”. Com isso, Américo descreve uma parte de sua história:

> quando eu fui nessa psicóloga, parapsicóloga, eu fui lá com a minha mãe, quando descobriu que era homossexual, essa dona Julce, ela vinha para [nome da cidade em que residem] e fazia os tratamentos aqui, é uma semana de tratamento. Aí o povo começou a falar aqui [...] que ela era bruxa, então nunca mais ela voltou para cá, por causa da parapsicologia. E quando a minha mãe descobriu, quis que eu fosse para lá fazer esse tratamento. (Américo)

Américo conta que ficou uma semana em uma pensão para fazer o “tratamento da homossexualidade”. No fim do tratamento, dona Julce falou para ela:

> “Agora nós vamos conversar. Mesmo que você diga para mim que você queira mudar, eu vou falar para você que você não muda, porque você foi um homem na vida passada [...] e que você se matou. Você veio buscar alguém aqui nessa vida [...] Que você vê essa alma masculina, não teve tempo de se adaptar e foi jogada em um corpo feminino", então ela falou assim "Nossa, você não vai mudar nunca. Essa coisa sua, você não vai. Você é um homem perfeito, o que te atrapalha é seu corpo". (Américo)

Tulipa menciona que Américo é muito reservada em relação ao próprio corpo. Quando começaram a namorar: “um dia eu tentei passar a mão no seio dela e ela não deixou”, sendo que Tulipa começou a conhecer melhor o corpo da companheira: “quando ela ficou doente, tinha que dar banho, aí não tinha como ela esconder”. Ontem, no dia anterior à entrevista:

> quase 22 anos de convivência, a gente fez [...] amor sem ela estar totalmente... ela sempre fica de camiseta, ela não aceita o seio dela. E ontem [...] porque a gente tinha ido a um churrasco, então [a roupa] estava cheirando fumaça [...] Aí quando eu fui conversar com ela sobre isso, falar para ela que eu estava muito feliz por isso, ela não queria mais falar comigo, ficou brava, sabe? [...] Tanto que o sonho dela é tirar o seio. (Tulipa)

Em seguida, Américo conta a respeito de suas particularidades: desde que se entende por gente, em torno de sete anos de idade, paquerava as meninas no clube de natação:

> eu brincava na rua com moleques, eu jogava futebol, bolinha de gude, a gente apertava a campainha dos vizinhos e saía correndo. Era brincadeira de moleque mesmo, sabe? [...] Eu brincava com as minhas primas de médico, de casinha, eu sempre era o marido, sabe, eu sempre era o homem da situação. (Américo)

Tulipa, nesse contexto, comenta: "você quer ver ela brigar comigo é pegar da formatura dela, porque ela estava de vestido". Américo esclarece: "era um vestido, era branco com uns... sei lá como que chama aquela porcaria que fica assim, uns babados vermelhos". Porém, ela diz que gostaria de ter utilizado outra roupa em sua formatura: "eu já tinha até visto, estava perfeita na vitrine a calça, a blusa, um coletinho. Eu ia me formar daquele jeito". Com isso, ela conclui: "é me agredir mesmo, parece que eu estou agredindo o meu corpo. Não sou eu, estou fantasiada, fazendo teatro".

Nessa perspectiva, pergunta-se para Américo se ela já considerou realizar algum procedimento cirúrgico no corpo, tendo em vista o seu bem-estar. Ela respondeu: "Seios, seios sim [...] outra coisa não [...] pelo menos diminuir eu quero, eu sei que tirar, ninguém vai tirar".

Tulipa menciona que esse assunto acerca do corpo de Américo sempre foi um conflito entre elas:

> porque eu sempre gostei de mulher. Então eu sempre gostei do corpo da mulher, de tocar o corpo, de sentir, e de repente eu comecei a me sentir meio tolhida de alguma coisa, porque às vezes eu tinha medo até de me mexer e colocar a mão onde não devia e ela ficar brava, você entendeu? Então no começo foi muito difícil, nós chegamos a terminar uma vez por causa disso, por causa dessa questão de ela não deixar tocar o corpo dela. (Tulipa)

Ao refletir sobre às vezes que elas terminaram o relacionamento, Tulipa fala: "nós terminamos, eu acho que duas vezes a nossa relação, durante 20 anos. Terminamos de se separar, uma vez durou 3 dias". Além disso, a participante conta:

> Nossa vida é meio complicada [...] mas a gente já passou muita coisa juntas, coisa boa, coisa ruim. Não vou falar, assim, que não briga, eu acho que é mentira, eu acho que não existe casal que não tem um arranca rabo de vez em quando. A gente, hoje, briga menos, lógico, sabe, com menos frequência. (Tulipa)

Américo complementa: "quase nem briga mais".

Concluindo a entrevista, bem humorada, Tulipa diz: “eu acho que o único problema de duas mulheres é que as duas tem TPM. Nossa senhora! Quando coincide então, meu Deus do céu! O negócio fica feio”.

A partir deste ponto, o texto com os dados integralizados do *Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com Torquato, o filho do casal, é apresentado, após a Figura 4 (*Mapa de Rede*).

Figura 4 - Mapa de Rede: Torquato

Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para Torquato: “conte-me como é a experiência de conviver em família para você”. O participante responde: “acho uma coisa bem normal”, e posteriormente comenta em detalhes:

> Pessoas, alguns amigos já me perguntaram, "como você acha que é morar com duas mulheres?" Eu até brinco, "é, eu acho normal, só tirando o fato de ter que aguentar as duas de TPM". Tirando esse fato, é normal, é bem normal, é bem comum. [risos]. (Torquato)

Torquato segue dizendo que: “não vejo muita diferença, eu não sinto vergonha de nada [...] sempre falei abertamente, tanto que todos os meus amigos sempre souberam [...] escola sempre soube [...] eu não ligo de falar, eu realmente sou aberto nesse assunto”. Ele também considera que algumas pessoas tem preconceito, mas aquelas que conviveram com ele: “nunca tiveram nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, a maioria sempre achou legal”. Entre essas pessoas estão amigos da escola e amigos que ele conheceu jogando (jogos eletrônicos) que, segundo Torquato: “sempre acham legal, eles acham diferente, porque eles não estão acostumados”. Com isso, há sempre perguntas: "ah, mas como é? Você não sente falta de ter um pai?" que ele responde: “sinceramente, não, porque a minha madrinha [Américo] é como se fosse um pai pra mim”. A rede ampla de amigos(as) de Torquato está representada nos quadrantes do *Mapa de Rede* (Figura 4).

Em sequência, pergunta-se: “como que é o dia a dia pra você, na sua família?” Ele descreve que sua rotina é bem comum e não vê muita coisa diferente comparada a de outras pessoas: “eu levanto, eu estudo, agora eu vou ter que fazer o tiro de guerra [...] vou pra academia, porque para o que eu quero para o meu futuro, eu tenho que ter um porte físico bom”, pois ele quer ingressar na Academia da Força Aérea: “pra isso, eu tenho que passar tanto no teste teórico, quanto no físico”. Continuando na descrição de sua rotina, Torquato relata: “à noite eu volto, que a gente conversa um pouco, depois eu vou deitar, vou um pouco no computador, elas ficam no quarto delas”, aos finais de semana: “a gente costuma sair, ir com os amigos em churrascos, os amigos delas. Às vezes, eu não vou, prefiro ficar em casa conversando com meus amigos [...] eu gosto bastante”.

Pergunta-se a Torquato: “você enfrentou algum tipo de dificuldade nesse período todo da sua vida?” E ele, após refletir, responde: “Pelo contrário, sempre as pessoas me ajudaram”, e conta em detalhes um exemplo:

> quando a minha mãe e minha madrinha se casaram, saiu no jornal [...] o meu diretor me chamou na sala dele [...] nunca chamou ninguém na sala dele [...] eu já fiquei, "meu Deus, o que eu aprontei, que eu não sei?” [risos]. [...] ele conversou comigo, eu acho que ficamos coisa de uma hora e meia conversando sobre esse assunto, ele me perguntando, falando que estava muito feliz por eu não ter vergonha, e depois ele foi até conversar com a minha sala. Mas a minha sala são pessoas que eu estudei do pré ao segundo colegial, ou seja, sempre todos souberam, sempre tive amizade com todos, então nunca tive nenhum tipo de preconceito, a maioria frequentava a minha casa, todo mundo sabia. (Torquato)

Até pouco tempo antes da data da entrevista, Torquato, Américo e Tulipa moravam em uma cidade menor quando comparada a cidade que residiam atualmente. No contexto da cidade anterior, ele comenta: “por ser cidade pequena, todo mundo se conhecer, óbvio, minha

mãe tinha um pouco de medo, minha mãe e a madrinha, de preconceito, essas coisas, mas eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito".

Nesse instante, solicita-se um esclarecimento a Torquato: "você chama a Tulipa de mãe e a Américo de madrinha, é isso?" Ele explica:

> chamo de madrinha, mas eu chamo mais ela de Dadá [...] que é como eu chamo ela desde quando eu era pequeno, mas para os outros eu não falo, "ela é minha Dadá". Eu falo, "ela é minha madrinha", porque ela é realmente minha madrinha. (Torquato)

Em seguida, Torquato diz que sempre há alguém que questiona sobre como é sua família, e ele responde: "eu moro com a minha mãe e com a minha madrinha, e as duas são casadas. Simples, não tem muito o que ficar enrolando". A maioria dessas pessoas, segundo o participante, perguntam: "ah, mas você não acha estranho?". Ele responde que não, e cita outra pergunta que costuma ouvir com frequência: "mas como você nasceu?" [risos]. "É sério [...] eu já perdi as contas de quantas vezes eu tive que explicar que eu nasci de inseminação artificial", e complementa ao dizer que há pessoas que não entendem acerca da inseminação artificial, e frente a isso ele explica todo o processo para que a pessoa entenda.

Além dessas questões, Torquato também comenta que já perguntaram se ele nunca teve curiosidade de conhecer o pai biológico: "eu falei, 'sinceramente, não'. Porque, primeiro, é anônimo, e anonimato é até melhor pra não ter nenhum vínculo, e outra, pra que eu iria querer conhecer? Ele não faz parte da minha vida".

Posteriormente, pede-se para o participante contar: "como que é a sua relação com a Tulipa, como é a sua relação com a Américo, e como é a relação de vocês três". Torquato relata: "eu sou bem ligado com as duas, só que eu vou admitir, eu sou meio grosso, eu puxei da minha mãe isso [risos]", e explica: "eu não meço as minhas palavras, às vezes", assim, ele fornece um exemplo: "eu não sou de segurar nada [...] se a minha madrinha ou minha mãe me dá uma bronca, não é que eu revido, mas eu não fico quieto", nesse sentido: "eu aceito, mas eu não fico quieto, eu me explico. E também quando elas estão me dando bronca de uma coisa que eu estou certo, eu dou bronca nelas, então é uma relação bem aberta".

Considerando que tem uma relação aberta com Tulipa e Américo, Torquato descreve: "eu não tenho medo, vergonha de esconder nada delas, tudo que eu faço elas sabem, eu não escondo". Em certas ocasiões, o participante disse que briga com Américo: "mas é criancice, é porque às vezes ela é mais criança que eu". Desse modo, ele narra quanto a briga mais recente que tiveram:

> a última briga foi quando ela precisava ir no mercado e eu não tinha como ir junto, eu estava passando mal, aí ela queria porque queria que eu fosse junto, e nós acabamos brigando, mas foi discussão boba, é porque ela queria que eu fosse junto pra carregar as compras e eu não estava a fim de ir porque eu estava morrendo de dor de cabeça, mas não foi nada demais. (Torquato)

Torquato conclui o desfecho da briga dizendo: "É, discussão casual [...] depois de dois minutos passa". A relação de proximidade que tem com as mães está representada no *Mapa de Rede* (Figura 4), classificada como íntima no quadrante familiar.

Ao comentar sobre suas características pessoais, Torquato: "Eu sou bem estressado às vezes, e também sou meio preguiçoso", assim o pesquisador solicita para que ele descreva o que é ser "estressado" e "meio preguiçoso". O participante menciona: "preguiçoso é que eu não tenho muita vontade de fazer as coisas", por exemplo: "pedir para lavar roupa, pendurar roupa, eu sou meio preguiçoso" mas acaba por fazer essas atividades. O pesquisador, nesse contexto, pergunta sobre o que ele gosta de fazer, e Torquato responde: "é difícil responder essa, porque eu não sei direito o que eu gosto de fazer, eu gosto de [...] muitas coisas, depende muito do dia [...] gosto de jogar, mas hoje é um dia que eu ainda não joguei". Em relação ao fato de se considerar estressado, ele esclarece:

> é que eu sou impaciente, eu não gosto de esperar, eu não gosto de ter que esperar para fazer alguma coisa [...] por exemplo, tem que ir no médico com ela, médico sempre atrasa, às vezes, por ficar, pode ficar esperando 1 hora, 1 hora e meia, eu começo já a me estressar, ou quando eu estou com sono [...] também fico bem irritado. (Torquato)

Após esse momento, o pesquisador pergunta acerca da vida social de Torquato. Ele conta que no ano anterior à entrevista, ou seja, em 2015, não fez curso pré-vestibular: "por causa do acidente da minha madrinha, eu ficava em casa pra ajudar ela". Em decorrência disso, nessa época, o participante comenta que houve uma mudança em sua rotina social:

> eu saía muito com meus amigos, a gente, eu não sou de sair em baladas, essas coisas, mas às vezes a gente falava, "vamos sair, vamos em algum lugar comer, conversar ou ir no cinema". Então, no começo, como era difícil de eu sair de casa, eu me sentia meio preso, eu sentia um pouco de falta disso, mas depois eu acostumei. (Torquato)

Além desse aspecto, Torquato menciona que sua família ficou em uma condição financeira difícil, devido à: "conta dos remédios e tudo", assim sendo, ele começou a se privar. Embora Tulipa o incentivasse a sair, ele dizia que não precisava: "porque eu sabia que a gente não estava em uma condição financeira muito boa e também porque eu precisava ficar com a minha madrinha", e complementava: "é melhor eu ficar, do que deixar algum estranho

[cuidar da Américo] também, né". Por fim, Torquato sintetiza a resposta: “então, o começo foi difícil, mas nada que não dá para acostumar”.

Como explicitado anteriormente na entrevista, a família de Torquato mudou-se havia pouco tempo para a cidade em que residem atualmente. Consequentemente, esse acontecimento trouxe decorrências no que remete ao convívio social do participante: “no começo também foi difícil, pela distância que agora que eu estou dos meus amigos, e aqui eu não tenho amizade, tanto que eu só vou começar o cursinho esse ano, então eu ainda não fiz nenhuma relação aqui”. Ele incluiu no *Mapa de Rede* (Figura 4), nos três círculos de proximidade, seus amigos e colegas do Ensino Fundamental e Médio. Uma das dificuldades vivenciadas por Torquato se mostra nesse trecho: “fico com um pouco de tédio, às vezes, porque eu quero sair, eu quero fazer alguma coisa e não tenho com quem sair”.

Embora na nova cidade Torquato ainda não tivesse feito amizades, ele considera ter facilidade para fazer amigos. Diante dessa afirmação, o participante exemplifica a partir de uma situação vivenciada quando mudou de escola, em 2014:

> no primeiro dia de aula mesmo, eu sentei e falei, “eu não conheço ninguém, o que eu faço?”. Aí eu sentei no canto, onde não tinha ninguém, as pessoas, várias pessoas já vieram e sentaram do meu lado, se apresentaram, começaram a conversar, e assim eu fui pegando amizade [...] eu peguei amizade com bastante gente de lá. (Torquato)

Cogitando esse assunto, pergunta-se sobre as expectativas de Torquato para o início do curso pré-vestibular. Ele relata não estar muito animado, pois não adora estudar: “o que eu aprendo, eu aprendo mais assistindo a aula do que estudando em casa”, ele revela que não consegue ficar parado estudando, mas: “estou animado, porque eu vou voltar o cursinho, eu vou voltar a minha vida como era antigamente”. Além disso, ele menciona estar animado: “porque eu quero muito passar na aeronáutica, vai ser difícil? Vai, mas eu quero, eu tenho até os 21 anos pra passar”.

Diante disso, o pesquisador questiona: “como que você escolheu essa carreira, de onde vem esse interesse?” Torquato informa: “eu sempre tive o sonho de pilotar avião, sempre, desde pequeno, jogava jogos de avião, sempre quis, eu gostava, sempre gostei de voar”. Ele disse que chegou a considerar os cursos de Psicologia e Engenharia: “até que um dia eu estava olhando as inscrições para a [...] Força Aérea Brasileira, daí eu falei, ‘por que não tentar?’ Daí, desde então, eu estou querendo passar, tentar passar”. Nessa perspectiva, o participante pensou: "ué, eu gosto de avião, por que não?" Além de considerar que: “é uma carreira que ganha razoavelmente, dá pra viver, e eu vou fazer uma coisa que eu gosto, e eu acho que eu

não vou conseguir trabalhar com uma coisa que eu não goste, pelo meu gênio, de não gostar de fazer coisas que eu não gosto".

Em seguida, questiona-se se o participante tem contato com outras pessoas da família. Ele anuncia que tem proximidade com: "minha tia, minha irmã, eu tenho bastante contato com ela". Frente a isso, o pesquisador indaga acerca da relação de Torquato com a irmã. Ele caracteriza: "é muito boa, a gente se vê sempre. A gente se vê, no mínimo [...] uma vez por semana". Além da irmã, Torquato menciona a relação que tem com a sobrinha: "eu pego um pouco no pé dela, mas ela adora vir aqui, ela fica brincando no meu quarto, eu tenho uma cama de casal no meu quarto, eu deixo pra ela dormir" [risos]. Dessa forma: "minha irmã também sempre vem pra cá ou eu vou pra casa dela, eu e minha mãe". A relação de intimidade com a irmã e sobrinha pode ser notada no *Mapa de Rede* (Figura 4), assim como a relação com a tia, incluída no círculo intermediário.

Há outros familiares que o participante informa não ter: "tanta relação". Como a família de Américo, que mora em outra cidade, e se reúnem uma vez a cada ano. Entre esses familiares: "têm alguns que eu tenho contato, por exemplo, o meu tio Pedro, ele, às vezes, vem aqui, meu primo". Além dessas pessoas, Torquato também menciona a relação com as famílias adotiva e biológica de Américo:

> tanto a família adotiva, que ela foi adotada quando era pequena, ela deve ter contato, às vezes eu vou pra casa da irmã dela. Quanto [...] a família de sangue que se encontrou com ela agora, às vezes vem passar o fim de semana aqui em casa, fazer um churrasco. (Torquato)

Finalmente, nesse assunto, Torquato aponta: "eu até que tenho uma relação com todo mundo, eu tento manter uma relação boa". Ele classificou a relação com esses familiares nos círculos intermediário e distante, do quadrante familiar, do *Mapa de Rede* (Figura 4).

Quando retoma-se a questão central da entrevista (como é a experiência de conviver em família), Torquato relata: "problemas familiares nós não temos, tem discussão boba, como toda família tem, mas problema na família, familiares não, não tem ninguém que [...] não aceite". Nesse aspecto, o participante se lembra de sua avó (mãe de Tulipa): "minha vó, quando era viva, no começo ela não aceitava muito a minha madrinha [...] mas depois ela aceitou tudo". No âmbito social, o participante menciona nunca ter tido problemas, mas acrescenta: "óbvio, eu não saía falando, 'olha, eu moro com duas mulheres'. Mas se as pessoas me perguntam, eu respondo na boa [...] 'ah, eu moro com a minha mãe e com a madrinha, as duas são casadas'". Dessa forma, ele diz que algumas pessoas têm dúvidas e fazem perguntas pertinentes ao seu contexto familiar.

Diante da situação de responder a essas perguntas, indaga-se a Torquato: “como você se sente em ter que falar sobre isso para as pessoas?” Ele responde dizendo que acha engraçado: “porque pra mim é uma coisa comum [...] eu vivi assim, eu cresci assim [...] E, às vezes, as pessoas me perguntam como se eu nunca tivesse visto isso na vida, então a reação de algumas pessoas eu até acho engraçada, e eu não ligo de explicar”. Nesse ínterim, ele utiliza de um exemplo e conclui: “igual como outra, qualquer outra família. ‘Seu pai não gosta da sua mãe? Então, os dois não se casaram, não tiveram filhos? É a mesma coisa’. É meio difícil de explicar para algumas pessoas”.

Adiante, questiona-se ao participante sobre como ele vê o preconceito em relação à homossexualidade. Ele expressa sua opinião dizendo: “têm algumas pessoas que tá na cara delas que elas têm preconceito”, porém depende do caso, para algumas pessoas o preconceito é por causa da religião: “esse tipo de pessoa, eu até prefiro evitar, pra não dar conversa [...] ela acha que a ideia dela tá certa, enquanto você não admitir que a ideia dela tá certa, ela não vai parar de falar na sua cabeça, então eu prefiro ignorar”. Torquato considera também que o preconceito de algumas pessoas é proveniente da falta de informação: “alguns amigos meus, por exemplo [...] não entendiam, eles nunca tiveram esse tipo de informação, mas depois que eu expliquei [...] eles aceitam na boa, eles não têm [...] nenhum tipo de preconceito, pelo menos não que eu perceba” Torquato complementa falando que os amigos frequentam sua casa e: “os pais deles também sabem, eu nunca escondi de ninguém, não é uma coisa de se sentir vergonha, é uma coisa comum”.

Ainda sobre o tema da homossexualidade, Torquato apresenta uma constatação pessoal: “pelo fato de não ser e conviver nesse meio, eu já reparei, mas têm algumas pessoas que [...] são homossexuais, mas elas tentam aparentar pra sociedade que não são”, nesse sentido, ele considera uma postura inadequada dessas pessoas: “isso tá prejudicando a pessoa, porque ela tá sendo uma coisa que ela não é, ela não gosta de ser”. Contudo, o participante coloca: “por outro lado [...] eu tenho que entender o lado da pessoa, porque ela pode estar sofrendo uma pressão familiar”, e elucida mencionando o caso de um amigo que tinha tais características e: “os pais dele eram religiosos, rígidos, e ele desabafava bastante comigo, com outros amigos dele, ele falou que ele sofreu muito, mas, depois de um tempo, os pais dele aceitaram”. Acerca desse tema, Torquato argumenta: “eu acho que [...] se a sociedade aceitasse mais, algumas pessoas não teriam tanto medo de se mostrar o que elas realmente são”.

Caminhando para o fim da entrevista, Torquato faz considerações a respeito de sua participação nesta pesquisa. Em suas palavras: “vai ajudar a sociedade um pouco, e eu acho

isso uma coisa muito boa, porque a gente tá aqui pra evoluir, e se a pessoa não tiver informação pra evoluir, ela vai ser sempre a mesma pessoa! Então [...] eu gosto de estar ajudando nesse sentido".

No fim, Torquato indaga: "você gostou da minha entrevista?" O pesquisador responde que gostou, e explicita que a entrevista: "acaba enriquecendo, tanto a mim, quanto pesquisador, e eu penso também nas pessoas que vão ler o material, que vão ter contato com essa realidade", Torquato complementa: "é uma coisa bem diferente pra algumas pessoas [...] algumas pessoas até demoram um pouco pra entender". E, com a frase seguinte de Torquato concluímos a entrevista: "se as pessoas se conscientizassem mais e procurassem as informações certas, não teria tanto preconceito igual costuma ter".

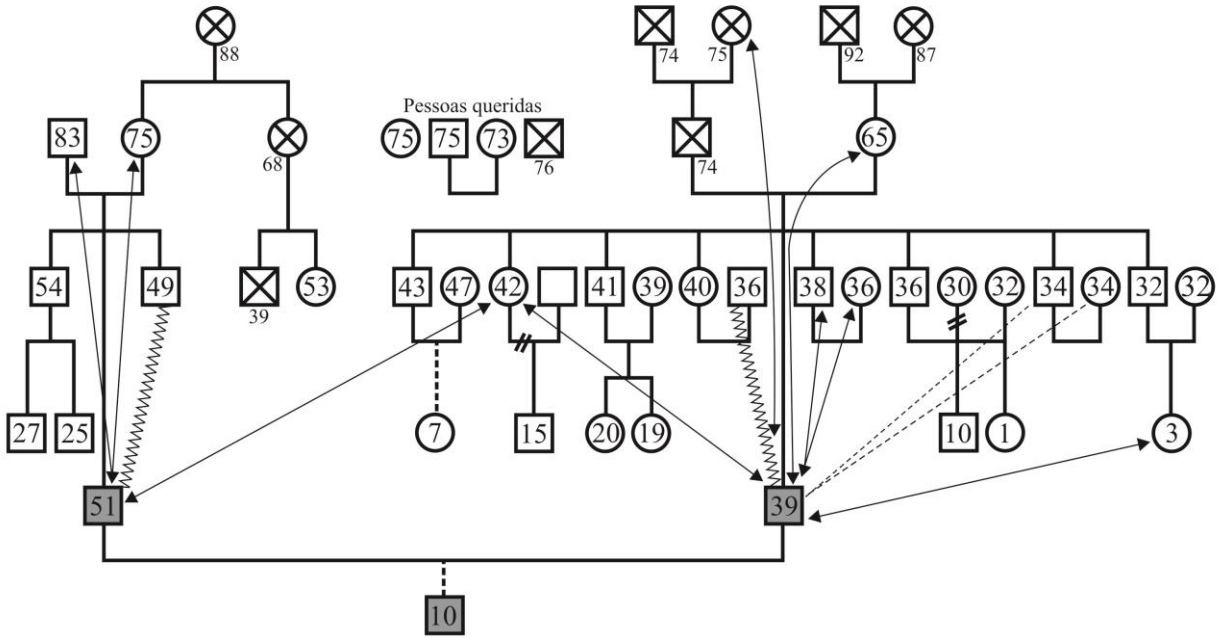
Retomou-se o contato com a família, por volta de dois anos após a coleta de dados ter sido realizada, solicitando-a para que avaliasse o texto elaborado a partir dos dados do casal e do filho. A participante Tulipa mencionou que Américo faleceu, no início de 2017, em decorrência de septicemia após a realização de uma cirurgia. Com isso, Tulipa disse se sentir muito triste, não tendo superado a falta de companheira, e acreditando que um dia elas irão se encontrar. Na época, o filho Torquato, ficou internado por mais de vinte dias com depressão profunda, devido ao falecimento da mãe. Tulipa informou que atualmente ele está bem, cursando faculdade, trabalhando e namorando.

FAMÍLIA 2: PAULO, BOGART E RODRIGO

Paulo, com 39 anos, e Bogart, com 51, estão juntos em um relacionamento de oito anos. O casal tem um filho, Rodrigo, de 10 anos, que foi adotado legalmente por Bogart. Eles são casados no civil desde 2014. Em relação à religiosidade Paulo se define católico não praticante, Bogart e Rodrigo declararam não serem adeptos a nenhuma religião. Os três moram juntos na cidade, de aproximadamente 600 mil habitantes, e costumam passar os finais de semana na casa da fazenda. A coleta de dados foi realizada, no início de 2016, na cidade dos participantes, parcialmente em um parque público e em um estabelecimento comercial. Primeiramente efetuou-se a coleta com o casal, e depois com Rodrigo.

O texto com os dados integralizados do *Genograma*, *Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com o casal é apresentado, a seguir, após a Figura 5 (*Genograma*) e Figura 6 (*Mapa de Rede*).

Figura 5 - Genograma: Paulo e Bogart



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 6 - Mapa de Rede: Bogart e Paulo

Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para o casal: “Paulo e Bogart, contem-me como tem sido para vocês a experiência de conviver em família, desde o início até hoje”. Paulo começa a responder contando como conheceu Bogart:

> eu conheci o Bogart no ano de 2007 [...] na minha cidade [...] ele estava morando lá há dez anos [...] até então eu não o conhecia, eu não sabia quem era ele, né? Eu estava naquele momento morando em [nome de outra cidade], trabalhava [...] como padre [...], estava vivendo um momento de muitos conflitos, questionamentos quando fui descansar na minha terra em [nome da cidade natal] e numa certa ocasião, numa noite eu resolvi ir numa seresta, e lá encontrei o Bogart. (Paulo)

Bogart prossegue com a história dizendo que não sabia nada sobre Paulo. Nesse dia da seresta: “olhei pra ele, ele estava com criança, e eu adoro criança, ele estava com um sobrinho no colo, eu olhei ri e ele riu”. Nesse contexto, a amiga, em comum, comentou que Paulo era padre, e Bogart respondeu: “fudeu, padre tô fora! Porque padre não dá, não dá mesmo”, e ela acrescentou: “mas ele é um padre muito legal”. Bogart relata que passeou pelo evento, voltou e comentou com a amiga:

> “Ô, Maura, eu tenho impressão que esse teu padre, ele é meio... foge né? Sai, pula fora”. Ela falou: “para o meu lado ou pro teu lado? Eu disse: “pro meu”. Então ela disse: “vou te apresentar” aí me apresentou, ficamos uma noite, muito nervoso, uma semana histérica. E aí, no fim de semana seguinte, ele me convidou pra ir a [nome da cidade] e aí a gente começou a ficar junto e aí foi uma revolução. (Bogart)

Em seguida, Paulo comenta sobre a razão dessa “revolução”: “surgiu um grande conflito né? Entre encarar aquela relação, ou, ou se ficar... vivenciar aquilo que o Ministério meu [...] exigia o voto de celibato, né?” Bogart menciona que, nessa época: “a Igreja tinha planos grandes pra ele, queria que ele fosse pra Roma estudar [...] era um projeto e ele tinha porque ele é muito dedicado, um excelente padre”, nesse sentido, acrescenta a respeito do reconhecimento de Paulo em sua ex paróquia: “a cada quadra que você anda são 20 pessoas vem cumprimentar, isso já tem 8 anos que ele deixou de ser padre, quase 9 anos, mas até hoje é assim, você vai lá, se emocionam e é uma coisa assim”.

Mesmo tendo uma família considerada “liberal”, Bogart disse que seus familiares entraram em pânico com essa situação: “por causa principalmente do medo e o escândalo na cidade, com o que poderia causar com o negócio do Rodrigo, filho, adoção e essas coisas podiam atrapalhar”. Nessa época, Bogart também estava em meio ao processo de adoção unilateral de Rodrigo. Além disso, por não ter religião, Bogart acredita que isso o auxiliou em relação a essa fase com Paulo: “eu sentiria uma culpa de estar tirando ele da Igreja vamos

dizer, né? Desvirtuando, né? Mas isso nunca me... preocupava [...] se ele ia se sentir com alguma culpa disso, né?"

Tendo em vista o conflito de Paulo entre a questão religiosa e sua homossexualidade, Bogart indicou sua própria psicóloga, Lúcia, para que o ajudasse nesse processo: "é uma psicóloga que trabalha muito homoafetividade, trabalha com pessoas com HIV. Então ela tem uma vivência muito grande de problema, de família com homossexuais e tudo". Com isso, Paulo fez psicoterapia por três anos. No *Mapa de Rede* (Figura 6), o casal incluiu a psicóloga no círculo de relação mais íntima, no quadrante referente às relações comunitárias, de serviço e/ou credo.

Bogart, em seguida, relata sobre uma grande dificuldade vivenciada no que se refere aos papeis desempenhados no relacionamento com Paulo:

> porque numa relação homem, mulher têm os papeis definidos, mesmo que [...] o cara ajude em casa, mas existe o papel do homem provedor, da mulher que cuida dos filhos [...] e na relação de dois homens não tem nem pra gente e até pra gente é novo [...] Então quem é quem? [...] Qual é o papel da gente? Quem é que vai ter cada papel? (Bogart)

Quando Bogart iniciou o relacionamento com Paulo, ele já era pai de Rodrigo. Nesse sentido, Paulo menciona que durante esse início da relação:

> eu não tinha a ideia de que ele iria me chamar de pai, como ele chamava o Bogart, né? E isso aconteceu de uma maneira muito espontânea, na convivência comigo, na convivência isso brotou naturalmente, e hoje nossa relação, pelo menos eu sinto que não há uma distinção para o Rodrigo em relação a figura dos dois pais. (Paulo)

Nos primeiros anos do relacionamento, Paulo comenta que foi houve um processo que exigiu paciência deles em relação às pessoas: "necessitavam também de um tempo [...] absorver todas aquelas informações". Concomitantemente a esse período, ele relata que a psicoterapia: "foi muito importante [...] porque foi durante esses três anos que eu tomei a decisão definitiva de me afastar da Igreja". Dessa forma, Paulo escreveu uma carta para o bispo de sua Arquidiocese, que por sua vez, encaminhou a carta para Roma:

> a dispensa do estado clerical somente é permitida pelo Papa [...] esse pedido de dispensa, ele só foi respondido, pra você ter noção, sete anos depois, esse ano praticamente que eu recebi uma resposta de Roma [...] Havia justificativa na minha carta, que eu escrevi diretamente ao Papa Francisco, eu coloquei abertamente a minha condição sexual, né? E que eu vivo com um companheiro, que nós temos um filho, e para minha surpresa eu recebi a carta. (Paulo)

Nesse momento, Bogart faz uma observação e acrescenta: "você nunca deixa de ser padre, você ainda pode dar unção, você pode fazer algumas coisas, agora outras, não". Ele

ainda diz que o processo de Paulo com a Igreja demorou muito: “porque não sabiam como classificar, porque por exemplo até o ano passado teve, você vai até o tribunal eclesiástico, eu depus, o Rodrigo depôs, a psicóloga, a mãe dele, mais um padre, mais uma pessoa leiga, um laico, né?”

E com isso, só no ano de 2015, sete anos depois que Paulo entregou a carta ao Bispo, que ele obteve uma resposta formal. Ele complementa dizendo: “o próprio padre do tribunal perguntou assim: ‘vocês são casados no civil?’. ‘É’. ‘No civil?’. ‘É’. ‘Mas pode?’”. Desse modo, Paulo considera que a Igreja está reconhecendo que eles são casados. Porém, a princípio: “eles não sabiam como classificar [...] É uma situação extremamente nova, né?” Ele ainda coloca que não sofreu rejeição de seus colegas padres: “eu obtive aquilo que eu esperava, que era o respeito deles”.

Adiante, Paulo reflete e esclarece:

> meu conflito não era religioso, meu conflito não era institucional, se eu posso dizer que existia um conflito, esse conflito era existencial, ou seja, eu levei quase 30 anos para [...] Eu coloco até na carta isso, assumi uma verdade na qual eu sempre fugia dela, que era verdade de ser homossexual [...] Quando eu percebi que ser gay não é crime, que ser gay não é pecado e nunca foi uma doença principalmente agora perante a nossa Organização Mundial de Saúde, que declara, tirou isso da lista [...] de doenças, eu fiquei imaginando assim: “gente pra que eu vou fugir dessa realidade?” (Paulo)

Segundo Paulo, o conflito também foi intenso, nesse período, por uma outra razão que: “eu acho ser importante ser relatada, que era a minha relação conflitante com meu pai, [...] Era uma pessoa extraordinária, faleceu em 2009, e antes dele falecer eu já tinha entregue a minha carta e fui preparando a minha família”. A família de Paulo é “bem tradicional”, com nove filhos, e ele é o filho do meio: “a religião tem um espaço muito importante na dinâmica familiar, então desconstruí, essa é a palavra mais certa, toda uma construção que eu de certa forma envolvi a própria família”. Paulo representa esses seus familiares no *Genograma* (Figura 5) e *Mapa de Rede* (Figura 6), caracterizando a relação com eles, que varia desde grande proximidade e harmonia com alguns, até distância e conflito com outros. Todos seus familiares o apoiaram na decisão de se tornar padre: “mas eu costumo dizer que ser padre pra mim, eu acho que não foi um erro, eu acho que foi uma tentativa de acertar, como muitas pessoas tentam acertar”. Assim, Paulo diz ser muito grato a Deus, pois seu conflito não é com ele e: “ter me permitido justamente aos 30 anos tomar essa decisão, porque eu acredito que se eu tivesse prolongado isso, como muitas vezes até me aconselharam na ocasião” iria também prejudicar sua relação que estava sendo construída com Rodrigo, seu filho:

> como que eu vou participar da vida dele? Esses e outros conflitos, perguntas foram aparecendo e eu sentia cada vez mais a convicção de que eu precisava afastar, e de que era impossível levar as duas coisas, embora até alguns padres até me dissesse era possível, principalmente em se tratando de homem, é que às vezes as pessoas não percebem, eu acredito que hoje estando fora [...] é errado pensar assim, porque as pessoas percebem... fingem que não querem ver. (Paulo)

Bogart acrescenta: "levam à casa paroquial e dizem que é sobrinho, que é parente, não sei o que, mas no fim é só tapar os olhos".

Por fim, Paulo estabelece que não era possível postergar a renúncia à vida de padre e: "eu assumi realmente a relação junto do Rodrigo, e que nós queríamos criar o nosso filho, eu justamente não prosseguiria com aquilo".

Em relação à aceitação do relacionamento homossexual entre o casal, Bogart comenta que, no início, a família de Paulo não os aceitava e rejeitava. Todavia, com o passar dos anos, esses familiares começaram a aceitar o relacionamento de Bogart e Paulo, e considerar Rodrigo como membro da família:

> foi muita rejeição, eu cheguei a ouvir de irmão dele dizer que era uma pouca vergonha isso. Hoje o irmão me recebe em casa, como me abraça, tem uma relação muito boa com o Rodrigo, todos tem o Rodrigo como sobrinho, mas, quando [o irmão] casou proibiu a gente de ir, né? Mas eu acho que esse prazo tem ter, eu acho que as pessoas tem que ter o tempo de se chocar, né? De ficar assustada, pela formação que tem, principalmente ele de interior, né? (Bogart)

Ainda sobre o contexto da aceitação da relação entre pessoas do mesmo sexo/gênero no âmbito familiar e social, Bogart atribui essa transformação a partir do momento em que há a convivência próxima e também pelo fato do casal ter um filho, configurando uma família:

> foram convivendo e eu acho também que quando você fala de uma relação homossexual, as pessoas pensam em sexo, né? Eu sou casado com uma mulher, ninguém pensa em sexo, eu sou casado, mas sempre só pensa na promiscuidade, na coisa do homossexual, e quando você aparece com filho querendo montar uma família, eu acho que isso quebra, isso desmonta muito rápido na relação, você não precisa muito pra mostrar, vamos dizer entre aspas, para respeito de todos, né? (Bogart)

Nesse sentido, Bogart assinala que sempre foi "muito verdadeiro": "a gente foi mostrando a nossa verdade, que não tinha promiscuidade, que não tinha safadeza, que não tinha... que era um casal normal". Em relação à sua aceitação pela família de Paulo, comenta: "gente já estava com quase cinco anos juntos que ela [mãe de Paulo] foi me aceitar, aos poucos as irmãs, alguns que nos aceitavam já foram mostrando, e ela foi entendendo. Eu fui deixando o Rodrigo se aproximar dela". Em seguida, Bogart relata acerca das características atuais da relação próxima que tem com a sogra:

> hoje eu brinco que eu sou o "noro" mais querido dela, entendeu? Porque ela tem uma relação melhor comigo do que com as noras e com os outros genros, ela conta intimidades, depois que ficou viúva ela voltou a namorar, ela conta intimidades, a primeira lua-de-mel que ela passou foi lá em casa, na fazenda, então ela tem uma intimidade muito grande com a gente, muito maior do que tem com os outros filhos. (Bogart)

No que diz respeito à sua própria família de origem, Bogart diz que inicialmente também houve rejeição: "preconceito essa coisa, depois que passou esse susto e como a cabeça da minha mãe é muito aberta, tanto com adoção porque a família já adotou muito... como há homossexuais na família". O *Genograma* (Figura 5) do casal, contem predominantemente relações harmônicas, duas relações de conflito (de Bogart com um irmão e de Paulo com um cunhado), e duas distantes (de Paulo com um irmão e uma cunhada). O *Mapa de Rede* (Figura 6) demonstra que há nove familiares no círculo de maior intimidade do casal, sete familiares no círculo intermediário, e um irmão de Paulo junto a outros familiares não identificados, no círculo mais distante.

Nesse instante, pergunta-se ao participante: "como é que você entende esse processo, Bogart, de aceitação, do choque e aceitação? O que leva eles a aceitarem?" Ele responde:

> Amor, é como diz essa minha terapeuta [...]: "não te preocupa, porque se a pessoa amar você, ela vai superar todos os preconceitos". [...] Então eu acho que é o amor, [...] até um pai muito retrógado, a gente vê tem um primo do Paulo também que o pai rejeitou loucamente, hoje já está começando a aceitar o menino [...] e eu acho que também a nossa relação, mudou muito a cabeça das pessoas, é o que a gente fala, hoje os sobrinhos do Paulo vão ter uma visão completamente diferente do que é um homossexual, do que é um casal, do que é um casal homossexual. (Bogart)

Logo após, Bogart conta que Paulo foi homenageado durante o aniversário de 50 anos da paróquia onde era padre: "chamaram a gente pra lá com a família, e a família significava eu, Paulo e Rodrigo [...] Aí quando terminou a missa, sai todo mundo em cima dele, quase precisou de um aparato de segurança, e querendo nos conhecer, ver o Rodrigo e tudo isso". Com isso, Bogart conclui: "eu acho que o gostar, o amar, eu acho que é o mais importante, acho que é o fator mais preponderante pra aceitação, pra superar esses preconceitos".

Posteriormente, Paulo relata acerca de sua vivência em relação à própria aceitação da orientação sexual nos aspectos subjetivos e sociais. Ele considera que:

> esse processo de aceitação de assumir diante da sociedade, ele é doloroso, não tanto pela rejeição que, às vezes, a gente pensa que as pessoas vão ter em relação a nós; mas pela rejeição que nós mesmos criamos em relação a nossa vida, então os "pré-conceitos" eles já são concebidos por nós mesmos. Porque o maior preconceito é quando você deixa de contar para uma pessoa, porque você acha que a pessoa vai pensar daquela forma, quando na verdade, às vezes, a pessoa não pensa nada daquilo que você imaginou, e nós tivemos essa experiência. (Paulo)

Paulo diz ter vivido esse conflito: “permaneci por 20 anos praticamente na Igreja, eu senti que não que eu não fosse feliz, mas muito do que eu fazia, era pra fazer os outros felizes, e às vezes, quando eu me deparava com a minha solidão, eu via que eu era uma pessoa extremamente infeliz”. Hoje em dia, Paulo menciona ser: “muito feliz ao lado do Bogart, me sinto muito feliz pela minha paternidade”. O participante revela nunca ter imaginado ser pai: “de repente esse conceito, ele revolucionou o meu mundo, revolucionou a minha vida”. A fim de complementar seu raciocínio, Paulo coloca: “eu nunca senti atração por uma mulher, eu nunca tive relação sexual com uma mulher, então o seminário era além de uma fuga muito conveniente para fugir dessa situação”. Por fim, ele compara sua vivência de padre à de pai: “quando o Rodrigo me chamou de pai foi muito mais forte do que a paróquia inteira me chamando de padre”.

Bogart, ainda comentando sobre o “conflito da própria aceitação da homossexualidade”: “eu passei na idade certa, na adolescência que a gente passa 18 a 20 anos se assumir [...] Aquele medo de todos, até por eu vir de uma família mais liberal, que sempre desconfiou, porque a gente nasce assim né? Eu acho que a família... minha mãe sabia”. Nessa perspectiva, diz que Paulo indo para o seminário aos 14 anos de idade:

> não tem que enfrentar isso na adolescência, e ele se protege pelo manto da Igreja [...] Eu não, eu enfrentei isso. Então, quando ele sai desse seminário, quando ele resolve assumir comigo uma coisa, que ele vai enfrentar toda coisa que é assumir... aos 30 anos de idade. Então acho que foi um processo muito mais difícil também, você aos 30 anos, é uma guinada muito maior do que com 14, 15, 16, você dizer eu sou gay [...] eu assumi com 18 anos. (Bogart)

Paulo menciona que até os 30 anos negava totalmente sua homossexualidade, desse modo: “se alguma pessoa pelo menos associasse, um comportamento, uma fala minha a um jeito gay, eu ficava extremamente ofendido e com raiva da pessoa, pra você ver tamanha e como é a dificuldade de aceitação do próprio homossexual”. Além disso, ele diz que: “o medo da rejeição alheia é enorme, e eu acredito que desde pequeno a gente passa por esses enfrentamentos, tanto é que quando a gente vai abrindo os horizontes... até interessante agora depois que a gente assumiu”. Na opinião de Paulo, muitas pessoas ainda entendem que a orientação sexual trata-se de uma escolha: “mas ao ver nossa vida, ver o que a gente passou, vai ver que não é só uma escolha, a gente escolheu sim o lado do amor [...] a gente não escolhe ser vítima de *bullying*, [...] ser rejeitado dentro da própria família, a gente não escolhe essas coisas”.

Atualmente, Paulo se considera muito feliz: “de olhar no espelho e me amar, poder envelhecer gostando de mim [...] gostando da minha vida, gostando do meu companheiro. Na

expectativa de ver nosso filho crescer também e ser feliz, sobretudo independente do caminho que ele vai trilhar". Diante desse assunto, Paulo aborda uma questão acerca de Rodrigo: "interessante que essa dúvida a respeito de sexualidade já pintou na cabecinha dele". E Bogart continua: "ele veio me perguntar num dia assim: 'pai, o que você acharia se ao invés de eu casar, namorar um homem, eu namorasse uma mulher?'". Paulo acrescenta: "quase que perguntou se a gente ficaria chateado". E Bogart narra a resposta que deu a Rodrigo: "'meu filho a opção é sua entendeu? Como eu escolhi o Paulo, apaixonado pelo Paulo, você pode escolher quem você quiser, se for homem, mulher", aí brinquei "papagaio, periquito, com tanto que você seja feliz e realizado'". Pergunta-se a Bogart: "ele partiu do princípio que ele teria que ser homossexual?" Bogart coloca: "para ser aceito pela a gente, porque nós somos homossexuais. Essas perguntas são muito divertidas, porque crianças sempre surpreendem com essas coisas".

Logo no início do relacionamento com Paulo, Bogart contou a ele que havia adotado um menino há pouco tempo: "avisei e o pacote vai vir completo, você não está indo assumir um homossexualismo e ter um namorado, você está assumindo uma família que já tem um filho". E a partir disso, acrescentou:

> "qual a relação que você vai ter com o Rodrigo eu não sei, se vai ser de pai, de irmão ou de amigos, eu vou ser intermediário disso, vocês é que vão criar essa relação", graças a Deus, hoje é de pai, completamente de dedicado e completamente apaixonado. (Bogart)

Quando começaram a conviver enquanto família, Paulo relata que se aproximaram de outros casais gays que não tinham filhos: "a vida da gente sendo um pouco diferente devido à dedicação que a gente tem que ter com a criança então, por isso que nossos amigos gays, viajando indo pra tudo quanto é lugar [...] essa coisa toda... nós não temos isso, principalmente nesse momento". Com a vinda dos pais de Bogart para morarem na mesma cidade, será uma opção para ficar com Rodrigo e auxiliar nos cuidados.

Bogart segue dizendo que sua família tem problemas como "qualquer casal heterossexual". Nesse sentido, ele exemplifica relatando sobre Rodrigo que: "está entrando numa adolescência contestadora, briguento e birrento como qualquer, vamos dizer, "aborrecente" [...] os conflitos na escola".

Nesse instante, Paulo conta que no início do relacionamento com Bogart, eles foram morar em uma cidade pequena. E foi nessa cidade que Rodrigo começou o seu processo de alfabetização, frequentando uma escola da rede pública. O casal disse que quase sempre frequentava as reuniões convocadas regularmente pela escola: "quase sempre as reuniões de

filhos sãos as mães é que vão, os pais [homens] nunca vão. E quase sempre nas reuniões de pais tinham só dois pais, eu e o Bogart, o resto era tudo mulheres mães". Nesse contexto, Paulo ainda acrescenta: "aquilo de certa forma já vai chamando a atenção da professora, do colegiado, vai chamando a atenção dos outros pais [...] E nunca deixamos de participar das reuniões juntos, fazemos questão de os dois irem".

Ainda sobre o contexto escolar de Rodrigo, Paulo comenta:

> Foi muito emocionante quando chegando, primeiro aninho que ele estava lá, chegando [...] essas datas comemorativas [...] Dia das mães, dia dos pais, quando chegou o dia dos pais [...] chegaram dois presentes pra nós [...] as professoras que até então deram aula pra ele, foram três professoras, quando nós as encontramos na cidade, é um carinho e enorme, uma preocupação querida. (Paulo)

Bogart menciona que as pessoas da cidade sempre tiveram respeito por sua família. Nessa época, eles participaram em uma matéria de um jornal acerca de famílias homoparentais: "as pessoas viram: 'olha a matéria eu vi vocês, não sei o quê'. Então assim que foi, uma coisa muito clara, não precisou ser anunciado, somos gays, somos um casal gay, acho que foi partindo, né?"

Paulo também comenta sobre a visita de uma recenseadora do IBGE: "passamos pela entrevista, que foi interessante [...] Chegou uma entrevistadora para entrevistar a gente lá na roça, e ela ficou toda encantada, e ela: 'minha primeira família homoafetiva, legal'. E aí anotou lá, foi muito legal".

Além disso, Bogart relata que seus funcionários da fazenda sabem que ele tem um relacionamento com Paulo, e que eles têm um filho: "têm muito claro, tratam normal, nunca, eu te juro que nesse sentido da relação da gente com o Rodrigo, eu não posso dizer se foi, se houve algum preconceito de alguém foi muito, foi muito velado, se afastou de uma maneira que a gente nem se deu conta". O casal retrata, no *Mapa de Rede* (Figura 6), os cinco funcionários da fazenda no círculo das relações íntimas. Questiona-se se eles perceberam situações de preconceito ou discriminação. Bogart responde: "não, fora essa resistência de família".

Sobre esse assunto relacionado ao preconceito da sociedade, Paulo coloca:

> eu não sei se a sociedade mudou, ou a forma como a gente faz, eu te confesso que nunca. O Rodriguinho tem uma marca aqui no rosto, e ele reclamava mais de os meninos chamarem ele de "verrugão" por essa marca... do que ele ser filho de gays, nunca sofreu nenhum *bullying*, nem escola pública, nem escola particular, nunca pelo menos que a gente saiba. (Paulo)

Bogart complementa falando sobre a curiosidade dos colegas de Rodrigo acerca do estranhamento e entendimento ao conhecer os dois pais:

> me lembro em festinha eu chegar, e chegar criança assim e perguntar assim: "você é o que dele?". "Eu sou pai". "E ele?" Apontando pro Paulo. "É pai". "Mas pode?" Eu dizia: "pode, tem gente que tem dois pais, tem gente que tem duas mães, tem gente que tem um pai e uma mãe, tem gente que não tem pai". (Bogart)

Em seguida, Bogart coloca que, quando um casal do mesmo sexo/gênero tem filho(a), há maior aceitação social quando comparado a um casal sem filho(a): "a presença do filho desarma, [...] quando você mostra um filho, uma família entre aspas, normal, que você está construindo, as pessoas desconstroem essa coisa e já se abrem mais".

O participante comenta sobre algumas características e comportamentos que costuma observar a respeito dos homossexuais masculinos na infância:

> quando você vê homossexuais tudo era uma vida parecida, a gente era meio excluído na escola né? Eram gozados na escola, as brincadeiras eram muito mais femininas do que gostar de jogar futebol ou umas coisas assim [...] eu brinco que o gay é mais delicado, então o Paulo ajudava muito mais a família dele em casa, a mãe, a vó. Eu também aprendi a cozinhar, aprendi fazer umas coisas que em teoria não é papel de homem né? [...] porque eu acho que a gente nasce assim. (Bogart)

Nesse sentido, ele relata acreditar que o comportamento do filho, Rodrigo, não é característico de homossexual: "pode ser até que eu esteja errado, se ele vem a ser isso não me importa [...] ele é tão moleque, ele parece ser tão menino [...] que eu acho que não, porque eu não vejo, até a pergunta que ele faz".

Paulo, abordando outro assunto, diz: "a gente vai sendo criado pra responder a uma expectativa do pai ou a mãe tem da gente, eu acredito [...] ao me tornar padre foi profundamente para responder a expectativa do meu pai". Ele associa o marco do fim de sua carreira como padre ao momento do velório de seu pai: "ali foi realmente um sepultamento do meu ministério, eu falei: 'acabou pai'".

Na época em que era padre, a fim de lidar com seus conflitos, Paulo coloca: "eu caía no ativismo, por exemplo, eu trabalhava praticamente das seis até às 23 horas, e não parava, o tempo toda aquela coisa". A isso, um amigo padre de Paulo sugere:

> "ai Paulo, você é muito CDF, você fica lá nas barbas da corte da cura [...] e você não dá uma escapulida, você está precisando dar uns beijo, cara!". Eu falei assim: "cê tá doido? Se alguém me pega eu tô perdido". "Cê é bobo dá uma saída, vai sair, vai oxigenar a cabeça se precisa dar uns beijo". (Paulo)

Nesse instante, pergunta-se a Paulo e o primeiro contato com outro homem foi com Bogart. Com isso, ele relata acerca de uma situação de violência sexual que sofreu durante a infância e a repercussão disso em sua vida:

> eu tive uma experiência muito triste que eu acho que nem é o caso entrar em detalhe, mas antes de eu entrar pro seminário, eu sofri um abuso sexual de um vizinho, e juntamente com mais quatro crianças. Cinco menores foram vítimas desse abuso, e isso também assim, me causou um trauma tão grande, que eu vivi praticamente esse tempo todo do seminário, quase que, não digo castrado, mas eu busquei me castrar [...] Em relação a isso, então o estudo, a vida comunitária, a vida espiritual, pra mim tudo era mais importante do que a sexualidade, tanto é que eu não tive nenhuma relação com seminarista, com padre, mas sabia quem tinha, eu tinha convivência com os gays dentro do seminário, mas... porque todos nós tínhamos um histórico incomum, buscávamos esconder aquilo que era horroroso pra muitos. (Paulo)

Paulo acrescenta que entre seus amigos padres, que eram identificados como gays, eles se apelidavam com nomes de mulheres: "tinha brincadeira, apelidos pra gente, e eu era Claudia Roberta, eles me davam o nome de Claudia Roberta, no dia que eu resolvi deixar [de ser padre], eles falaram: 'a Claudia Roberta ficou louca, ela ficou louca!'".

A partir desse momento, retoma-se a questão central da entrevista: "como que é atualmente a família de vocês, a rotina? O que vocês pensam sobre a família?"

Bogart responde em detalhes: "eu acho que a família é normal [...] assim, vivemos numa sociedade que nos aceita, eu acho que o normal não existe mais [...] então assim eu acho que a gente vive como uma família comum". Ele compara sua família a uma família heterossexual: "porque a nossa vida é: leva o menino pra escola; educa o menino igual um outro casal qualquer. É que eu não conheço muitos casais homossexuais com filhos pra dizer". Nesse sentido, Bogart complementa: "um casal homossexual casado e sem filhos é diferente, porque os compromissos são outros". O participante relata sobre a vivência de ter um filho: "filho você só pensa nele e depois você pensa em você, você trabalha pra dar o sustento a ele e depois pra você, então o sair pra uma farra ou viajar vira segundo plano". E a essas características da parentalidade: "eu não vou dizer que é normal de casal hetero ou homo, eu acho que isso é normal de pais com filhos".

Em relação às transformações nas estruturas familiares e possíveis manifestações de preconceito social, Bogart discute: "essa coisa está muito tranquila, então eu acho que hoje até me surpreende, eu não sei se essa mudança das leis e tudo". Porém: "eu encontro mais um preconceito das instituições que não sabem como lidar com essa novidade, as leis são muito modernas". A isso, Bogart cita os exemplos das certidões de casamento e nascimento:

> eu fui casar, já não se põe mais esposo e esposa, marido ou mulher, ou seja como for, é cônjuge, para não ter essa diferença. Já na lei hoje, uma certidão de nascimento quando você vai por "pai" eles põem "pai e avós paternos", "mãe e avó materna" [...] Hoje não, é "pai" e "pai" [...] Se for homem, ou "mãe" e "mãe", eles já mudam isso. (Bogart)

Acerca das dificuldades encontradas na trajetória de sua família diante da esfera institucional, Bogart exemplifica:

> o Rodrigo logo que nasceu meu pai quis fazer um fundo pra ele [...] um dinheirinho pra quando ele tiver na universidade, aí tem que tirar CPF, e não quiseram aceitar o papel de adoção do Rodrigo; porque vem escrito "pai", é uma certidão normal de nascimento, não existe certidão de adoção [...] as pessoas não estão acostumadas que já pode adotar sozinho ou um casal homossexual, então eu tive que mandar pro órgão, para a Receita, mandar o mandato. (Bogart)

Ainda em referência a esse assunto, Bogart comenta que durante o seu casamento com Paulo no cartório civil: "o cara não sabia como falar, e se atrapalhou, e ao invés de falar CÔNjuge, falou 'conJUge' porque ele ficou tão atrapalhado [risos]". Com isso, ele conclui: "os órgãos eu acho hoje tão precisando mais agilidade nessa adaptação, do que a própria sociedade, porque eu acho que a sociedade está se aceitando muito mais".

Bogart disse que sua família não vivenciou manifestações de preconceito social, e nem *bullying*, no caso de Rodrigo. Ele considera que se há preconceito: "é muito velado, de a gente nem notar". O participante cita que na família existe uma pessoa que é preconceituosa: "só esse cunhado do Paulo que é homofóbico, vamos dizer seria o único que mostrou assim uma coisa mais". Essa relação conflituosa de Paulo com o cunhado está retratada no *Genograma* (Figura 5).

Ele volta a comentar sobre as transformações contemporâneas na estrutura familiar: "hoje o conceito de normal pra família ficou muito complicado [...] as pessoas é que tem que adaptar e descobrir um novo *know-how*". E com isso, ele cita a nova definição de família reformulada pelo dicionário Houaiss: "a junção sobre o mesmo teto [...] são pessoas que tem uma afinidade e uma convivência diária, uma convivência comum de cooperação".

A esse respeito, Paulo comenta sobre os objetivos familiares em sua relação com Bogart:

> Viver bem no sentido de contornar os conflitos [...] alimentar a nossa relação, por sentimentos tão importantes como o respeito, o companheirismo [...] buscar sustentar a nossa relação, não pra dar satisfação aos outros, mas sobretudo para satisfazer um projeto comum que nós abraçamos. Porque esse projeto de criar o Rodrigo, a princípio, começa com o Bogart, e eu digo que uma das provas de amor mais bonitas que ele pôde demostrar por mim foi a capacidade de ele poder compartilhar comigo a paternidade; que ele poderia muito bem chegar e falar: "olha Paulo a gente vai viver juntos mas, pai aqui sou eu". (Paulo)

Em seguida, Paulo diz que: “uma das coisas mais bonitas que a gente já conseguiu adquirir pela nossa convivência foi a libertação de muitas pessoas a partir da nossa história”. Nesse sentido, ele narra: “eu tenho na minha família casos de homossexuais [...] bateram nas minhas costas e disseram: ‘primo você não está sozinho nessa, também sou gay’” Diante dessa situação, ele reflete: “quando a gente muda o mundo inteiro vai mudando [...] é sempre preciso ter alguém que tenha coragem de dar o primeiro chute”.

Nesse momento, Paulo comenta sobre a importância da decisão do Supremo Tribunal Federal a respeito do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo:

> e vendo também tantos sinais do tempo que eu estou inserido, vendo o nosso Supremo Tribunal Federal, dar esse passo antes que aquela corja do Legislativo [...] porque se a gente dependesse do nosso sistema legislativo brasileiro, pra gente viver com respeito principalmente nós nas condições [...] estaríamos ainda presos a uma bancada evangélica, a uma bancada que defende os conceitos de família segundo a TFP, Opus Dei, que a gente nem quer lembrar. (Paulo)

Bogart complementa a importância dessa questão à sua particularidade: “eu acho que quando sai de uma aprovação [...] no caso do casamento gay ou da união estável, eu acreditei muito mais”. Paulo, por sua vez, menciona sobre as implicações práticas dessa decisão do STF:

> a gente tem essa conquista, conquista que você pode pensar, pra muitos pode falar assim: “não significa nada, não alterou nada”. Alterou sim, hoje eu me sinto muito mais seguro, até mesmo juridicamente dizendo, eu tenho minhas garantias... garantia esta que a gente reverte tudo em função de que? Do nosso filho. (Paulo)

Paulo continua dizendo: “a gente não levanta a bandeira, e até repito isso, que a bandeira já está na nossa mão, nossa maneira de contribuir é essa: vivendo uma vida tranquila, uma vida assim no meio das pessoas, não nos sentindo nem mais, nem menos”. Nessa perspectiva, ele acrescenta: “tendo consciência das nossas diferenças, porque todos nós somos diferentes, mas acreditando em coisas universais”.

Posteriormente, o participante torna a mencionar suas vivências na época em que era padre: “me via desencantado quando padre, quando atendia confissões, no confessionário [...] foram muitas confissões que me faziam [...] entrar ao delírio da loucura”. Com isso, Paulo cita três exemplos vivenciados no âmbito da confissão: “quando, às vezes, uma mãe chegava perto de mim e falava assim: ‘padre o meu filho é homossexual e meu marido não aceita e joga a culpa toda em mim’”. O segundo exemplo:

> uma mulher chegava e falava assim: “padre eu sou casada há mais de 30 anos e meu marido está me traindo, não é com mulher não é com homem, e já falou comigo que seu quisesse separar dele que eu que saísse de casa, ele nunca me deixou trabalhar, eu não tenho vida própria, sobrevivência própria, a casa que nós temos é dos dois, e se eu sair eu perco todos os meus direitos”. (Paulo)

Paulo conta o terceiro e último exemplo, e analisa a situação de ter deixado de ser padre:

> fato de um sujeito chegar perto de mim e falar: “padre eu já matei uma pessoa, um travesti”. E tive que [...] desovar o corpo, jogou o corpo por aí [...] o sujeito vem e me conta que matou homossexual e você tem que ficar calado com isso, não isso não é pra mim não [...] eu não me arrependo nenhum momento, nenhum momento de ter deixado de ser padre. (Paulo)

Caminhando para o final da entrevista com o casal, pergunta-se: “como que foi pra vocês participarem, de uma maneira geral?”. Paulo responde primeiramente: “gostei muito. Achei muito legal”. Bogart diz: “eu achei legal”. Paulo acrescenta: “primeira vez que a gente participa [...] Pra nós não é uma dificuldade compartilhar com você todas essas informações”. A isso, ele coloca: “a gente acredita que de alguma forma a nossa história pode facilitar a vida de outras pessoas. E se alguém souber da nossa história vai poder olhar assim e pensar se é possível”.

Bogart, em seguida, pergunta qual era a expectativa do pesquisador em relação à entrevista com eles. O pesquisador responde: “por vocês terem aceitado de prontidão [participar] dessa entrevista aqui, eu já sabia que vocês teriam a tranquilidade pra [...] tratar dos assuntos, conversar numa boa [...] seria uma entrevista frutífera”. Paulo coloca: “momento algum as respostas ou até mesmo, a gente não, não elaborou, a gente não imaginou a semântica”. Bogart continua: “não foi nada pensado antes. [...] Eu não preparo muito pras coisas [...] Eu deixo as coisas rolar. Eu gosto de deixar acontecer assim”. Paulo finaliza essa questão: “deixamos fluir”.

Paulo, adiante, sinaliza: “nunca fui hostilizado depois que tomei a minha decisão de ser homossexual. Eu nunca passei por um preconceito, nunca fui reprimido nem pela Igreja, nem pelo Papa”. Ele acrescenta alguns detalhes sobre a carta-resposta que recebeu do Papa: “eu tenho uma carta dele nas minhas mãos [...] A sentença que ele me deu foi a mesma sentença que ele daria uma pessoa que casou com uma mulher [...] Ele não entrou no mérito da homossexualidade”.

O participante Paulo, nesse momento, aborda um tema que ainda não havia aparecido no decorrer da entrevista: “o momento muito importante no meu relacionamento com ele, quando eu escolhi ele, tomei essa decisão e depois viver com ele foi uma escolha [...] Ele é

soropositivo, o Bogart". Bogart disse que logo que conheceu Paulo: "em duas semanas eu já contei para ele". Paulo continua:

> Eu te digo que isso derrubou todos os meus pontos de vista, toda a minha força que estava ligada à Igreja, porque aquilo me desarmou de uma forma que eu me apaixonei por ele [...] a gente nem tinha se beijado, a gente nem tinha se abraçado [...] ele falou: "olha, antes de começar eu quero contar uma história". (Paulo)

Pergunta-se se Rodrigo sabe sobre a doença do pai. Paulo responde: "ainda não. Porque ele não tem consciência da dimensão da doença. Ele não tem consciência da doença". Pergunta-se se socialmente, as pessoas próximas sabem. Bogart disse que sim. Paulo assinala: "então, acho que esse assunto pra gente não é tabu [...] Eu acho que a gente tem mais que compartilhar e é assim que partilha a gente vence isso".

Em seguida, Bogart relata brevemente sobre alguns aspectos de seu conviver com o vírus da imunodeficiência humana (HIV):

> Eu tenho 51 [anos]. Foi em 1989, eu tinha 24, então eu já tenho mais tempo de vida contaminado do que não contaminado. Eu achei que eu não chegava ao ano 2000 [...] quando eu já estava entrando lá pro poço, eu ia morrer, surgiu a primeira medicação, primeiramente minha salvação [...] final de 1995 [...] tinha recém liberado nos Estados Unidos. Meu médico me deu uma receita e liguei pra minha irmã e disse: "procura aí então, o primeiro remédio que achar" [...] Ela arranjou no bairro gay em São Francisco, uma farmácia [...] e eu até tomei dose errada, muito tempo. (Bogart)

Finalizando, Bogart também comenta sobre a importância de sua psicoterapeuta, Lúcia, nesse processo de aceitação da doença. Paulo, por sua vez, menciona sobre as implicações da doença de Bogart na vivência sexual do casal: "na nossa relação sexual eu te digo, a gente nunca perdeu a batida, o tesão, por ter que colocar camisinha. [...] Desde o começo. Sabe, essa coisa faz tão parte de nós que a gente adicionou isso".

A partir deste momento, o texto com os dados correspondentes à transcrição da *Entrevista Aberta* com Rodrigo, o filho do casal, é apresentado. Cabe relembrar que o *Mapa de Rede* não foi aplicado ao participante, visto que foi uma opção prévia do pesquisador não aplicá-lo a menores de 14 anos de idade.

Inicia-se a entrevista com a questão central para Rodrigo: "conte pra mim como que é a sua experiência de conviver em família?" Ele responde narrando sobre sua rotina:

> Conviver em família é... todo o meu dia a dia eu acordo, eu vou escovar meus dentes, meus pais fazem o meu café pra mim. [...] aí depois eu vou pra escola, mas antes disso eu vou pra casa dos meus avós [...] aí depois eu almoço, depois vou vestir minha roupa e vou pra escola. Aí eu estudo lá, faço um monte de coisa e depois volto pra casa. Aí quando eu volto pra casa fico um tempinho com eles junto lá conversando, vejo TV, fico mexendo nas minhas coisas lá, aí depois eu durmo. (Rodrigo)

Nesse momento, pergunta-se como é a escola para Rodrigo, que diz: "minha escola é bem legal. Falo com meus amigos, faço várias coisas com eles. É bem legal". Ele comenta que estuda nessa escola há dois anos, e que as atividades escolares que mais gosta são: "educação física e informática [...] Basquete e vôlei. Só que vôlei é mais legal, mas eu gosto de basquete mesmo". Acerca das aulas de informática, o participante menciona: "a gente fica aprendendo a mexer no computador, fazer texto [...] a gente tá começando a fazer prova agora".

Coloca-se: "você fica o período da tarde na escola, e à noite você fica na sua casa, é isso? E como que é essa parte da noite na sua casa?" Rodrigo relata que ultimamente tem ido para a casa da avó à noite: "acho bem divertido, a gente fica conversando. Aí depois eu continuo conversando com eles, mandando mensagem no *Facebook*, fico vendo vídeo no *YouTube*, fazendo várias coisas". Depois de um tempo que passa na casa dos avós, ele diz: "aí depois a gente [seus pais] volta pra casa. Aí eu faço um lanchinho, vejo a TV e depois vou dormir".

Em seguida, pergunta-se a Rodrigo o que sua família costuma fazer aos finais de semana. Ele relata: "vou pra casa da fazenda [...] a gente começa [...] está plantando um monte de coisas. Eu não sei muito sobre as coisas que ele [Bogart] planta, eu fico ajudando meu pai tipo, cuidar da plantinha dele, fazer várias coisas [...] Gosto muito". O participante também acrescenta que aos finais de semana: "às vezes, eu vou pra casa do meu amigo e a gente brinca no quintal [...] a gente tá cansado, aí eu e ele começamos a jogar, eu e ele, no jogo de xadrez que eu gosto mais".

Pergunta-se a Rodrigo o que mais ele faz em seu dia a dia. Ele responde: “aí alguns dias eu tenho inglês e outros dias [...] eu faço capoeira e eu chego tarde, aí quando eu chego, às vezes, eu vou pra casa da minha avó e, às vezes, eu fico lá”. Em relação às aulas de inglês, Rodrigo diz que são importantes, pois considera a possibilidade de viajar para a casa da tia (irmã de Bogart), que mora no exterior: “o inglês porque eu... vai que mais pra adolescência eu vou viajar lá pros Estados Unidos [...] Vou ficar lá com minha tia [...] Aí eu tenho que falar inglês [...] É bem importante aprender”.

Posteriormente, solicita-se ao participante: “gostaria que você contasse um pouco pra mim, Rodrigo, como que é a sua relação com o Bogart e com o Paulo”. Ele comenta:

> a relação com eles é muito legal. Eu gosto muito deles. Eles são meus pais, eu gosto bastante deles. [...] quando eu fico tipo, com meus avós ou fico lá na casa do meu amigo [...] uma vez eu fiquei na casa do meu amigo, eu fiquei bastante tempo lá por causa que eles foram viajar [...] só que eu fiquei com saudade. Que eu não aguento ficar longe deles, não. (Rodrigo)

Pergunta-se a ele: “você chama o Bogart de qual maneira? Chama ele de Bogart, de pai?” Rodrigo responde: “pai Bogart”, e em relação a Paulo: “pai Paulo ou pai, mas eu chamo, às vezes, mais de pai”. Em seguida, questiona-se a Rodrigo qual o modo que ele percebe cada um de seus pais. Ele menciona: “eu percebo que o Paulo gosta de dormir cedo, [...] mas o Bogart, ele dorme mais tarde”. Acrescenta-se: “o que você considera que é difícil na relação de vocês?” Rodrigo coloca:

> os dois são “mandão” [risos]. Mas eles são bem legais, os dois. Então, quando o Paulo entrou, eu ainda era pequenininho e não sabia de nada, mas então se eu vivesse só com o Bogart ia ser chatinho, mas com o Paulo é mais legal, ele que trouxe felicidade lá pra casa. (Rodrigo)

Nesse sentido, a respeito de sua adoção, Rodrigo diz que Bogart o adotou: “aí eu já era filho dele. Aí o Paulo entrou”. Questiona-se ao participante: “pelo fato de seus pais serem homossexuais, serem gays, o que você acha sobre isso?” Rodrigo relata: “eu acho muito legal. Porque acho que as pessoas deviam mais respeitar isso tudo [...] Lá em [nome da cidade onde moravam] então, não respeitava mesmo, mas aqui já tá melhorando. Melhorou”. O participante acrescenta: “eu só sei que lá em [nome da cidade], não era bom lá não [...] Um tempo era legal, só que depois começou a ficar mais violento [...] do fato de ladrões roubar essas coisas”. Pergunta-se: “você acha que eles roubaram por conta do seu pai ser homossexual ou independentemente disso?” Rodrigo diz: “por causa disso [...] Porque eles não gostam disso. Não sei [...] eu só sei que eles não gostam desses tipo de pessoa”.

Em seguida, Rodrigo complementa: “eu gosto, porque são meus pais e eu gosto”. Pergunta-se: “por que você acha Rodrigo, que certas pessoas não gostam?” Ele relata: “entendo isso como eles não gostassem deles, dessas pessoas que são assim, tem que ser homem e mulher, e não homem e homem ou mulher e mulher”. A isso, Rodrigo conta:

> Teve uma vez no *Facebook* lançou um negócio de arco-íris lá que é dos gays [...] Aí eu coloquei no meu *Facebook* e um monte de pessoas começou a colocar [...] e aí o *Facebook* fala que essas pessoas, que essas pessoas que colocaram isso, são pessoas que compreendem que isso é... compreende que as pessoas sabem que não deve maltratar, e eles são iguais [...] A mesma coisa se é homem e homem, e mulher e mulher. (Rodrigo)

Questiona-se: “você percebe, no seu dia a dia ou anteriormente, algum tipo de violência, ou preconceito com você, por conta dos seus pais serem homossexuais?” Rodrigo responde dizendo que não. Pergunta-se a ele: “seus colegas sabem que você têm dois pais?” Ele responde, e a entrevista finaliza:

> Sabem [...] Eu só sei que eu gosto muito deles e gosto do jeito que eles são [...] Porque o jeito que eles são não é nada diferente, pra mim, não é nada diferente de eles serem homem e homem, ou mulher. Não é nada diferente [...] Eu sei que eu gosto muito do jeito que eles são. Não tenho nenhuma vergonha disso. (Rodrigo)

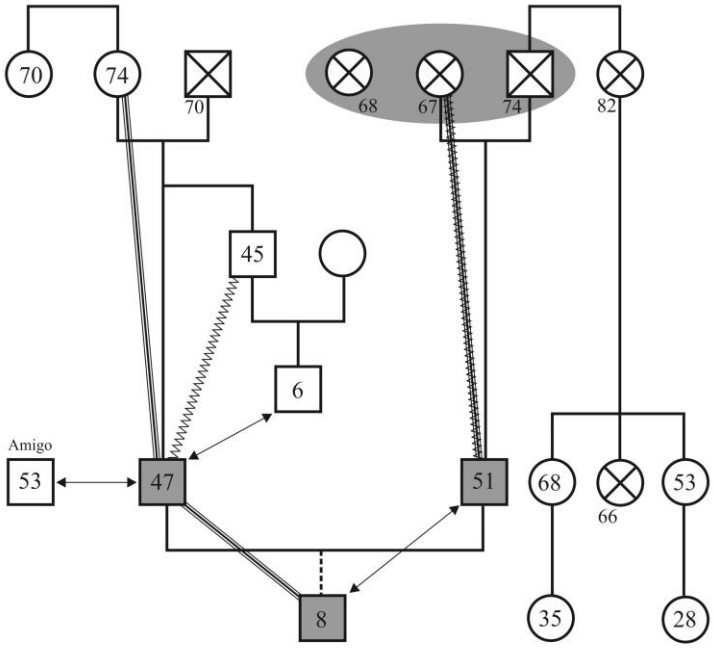
Retomou-se o contato com a família, por volta de dois anos após a coleta de dados ter sido realizada, solicitando-a para que avaliasse o texto elaborado a partir dos dados do casal e do filho. O participante Paulo informou que a família está bem e que o filho, Rodrigo, está grande

FAMÍLIA 3: BRUNO, CLÁUDIO E RAFAEL

Bruno, 47 anos, e Cláudio, 51, estão juntos em um relacionamento de 21 anos, com união estável desde 2008. O casal tem um filho, Rafael, de oito anos, que foi adotado legalmente por ambos havia dois anos. A família é praticante da religião de matriz africana do Culto de Ifá, em que Cláudio é babalorixá (sacerdote). Os três moram juntos em uma casa na cidade, de aproximadamente 550 mil habitantes, onde receberam o pesquisador no início de 2016. A coleta de dados foi realizada em um mesmo dia. Primeiro efetuou-se a coleta com o casal e, depois, com Rafael.

O texto com os dados integralizados do *Genograma, Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com o casal é apresentado, a seguir, após a Figura 7 (*Genograma*) e Figura 8 (*Mapa de Rede*).

Figura 7 - Genograma: Cláudio e Bruno



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 8 - Mapa de Rede: Bruno e Cláudio

Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para o casal: “Bruno e Cláudio, contem para mim como tem sido, para vocês, a experiência de conviver em família, desde o início até hoje”. Cláudio toma a iniciativa e conta como surgiu o interesse em ser pai e as circunstâncias em que conheceu Bruno:

> a vontade de ser pai surgiu quando eu vi que a minha família era pequena [...] Eu era filho único [...] tinha primos e primas, mas que iam na minha casa eventualmente [...] meu avô morava na casa da frente, nós morávamos na casa dos fundos. E, assim, depois que você começa a trabalhar, que você começa a ser dono do seu próprio nariz, você vive [...] eu tive realmente muitos amigos, eram assim relações muito legais [...] era mistura de relação de pessoas gays com pessoas héteras, saíamos todo mundo [...] aí aconteceu várias, coisas, conheci o Bruno. (Cláudio)

Ele comenta que sua família acolheu Bruno: “passou a ser chamado de ‘meu filho’”, por sua mãe, e: “virou companhia da minha tia, minha madrinha, que era minha segunda mãe”. Com isso, Cláudio diz que Bruno conquistou seus familiares e: “é considerado primo, entendeu? É primo, é sobrinho, é parente”. No *Genograma* (Figura 7), nota-se as características da família citadas por Cláudio, incluindo sua madrinha que é posicionada, na figura, ao lado de seus pais. No *Mapa de Rede* (Figura 8), ele posiciona suas primas no círculo intermediário e no mais distante. Indaga-se: “todos tinham consciência de que vocês eram um casal?” Cláudio inicia a resposta: “A gente não abre. Por exemplo, na convivência com a minha mãe, a gente não falava abertamente”. Bruno complementa:

> tanto no caso dele quanto no meu, nunca houve uma revelação. Nunca, em nenhum momento, nem ele, nem eu, chegamos para os nossos pais e falamos: “papai, mamãe, sou gay”. Aliás, eu nunca fiz isso com absolutamente ninguém. (Bruno)

Cláudio comenta que houve um período em que eles se separaram e sua mãe ligava para Bruno, pedindo: “volte pro meu filho”. Cláudio disse que não sabia que sua mãe tinha feito ligações telefônicas para Bruno: “então, na realidade, ela sempre soube de tudo, mas a gente nunca falou”. Posteriormente, Cláudio enfatiza o quanto é grato a Bruno:

> tudo que eu consegui eu agradeço ao Bruno, porque ele foi uma pessoa muito presente, ele sempre embarcou em tudo que eu quis. Eu não posso falar nada dele nesse sentido, porque ele sempre esteve muito presente na minha vida. Ele deixava de fazer as coisas pra ele, pra poder fazer as coisas pra mim, como até hoje ainda é assim. Hoje em dia, ele deixa de fazer pra mim [...] de repente até pra ele, pra poder a gente fazer pro Rafael, né? (Cláudio)

A partir desse momento, o casal comenta sobre sua trajetória de adoção. Muitos anos antes da adoção de Rafael, eles tentaram adotar uma criança. Cláudio diz:

> uma tia dele [Bruno] tinha comentado que, onde ela morava, em São Paulo, tinha criança pra adoção, tinha até uma menina disponível. Eu surtei, na época, eu fiquei insistindo com ele pra poder pegar pra adotar, nessa época acho que eu tinha uns 30 e poucos anos. (Cláudio)

Bruno complementa: "ele queria pegar a menina, nem adotar". Quando a mãe de Cláudio faleceu, ele disse a Bruno: "porra, construí um patrimônio, construí tudo, o que que eu vou fazer? Bruno, vamos adotar, Bruno, vamos adotar". Dessa forma, ele comenta que iniciaram: "todo o processo de adoção, de amadurecimento da ideia, eu comecei a correr atrás das coisas, pela segunda vez, porque na primeira a gente chegou a pegar a documentação e aquela ideia morreu, esfriou". Segundo eles, a primeira tentativa de adoção não ocorreu devido a vários fatores, incluindo doenças de familiares.

Cláudio comenta sobre suas próprias características: "quem move tudo, que é um combustível, que coloca, que atiça, sou eu [...] como eu vou chegar lá não importa, eu sei que eu vou e consigo". Bruno, por sua vez, diz: "eu sou muito mais cerebral".

Retomando o assunto sobre o processo de adoção, Cláudio menciona:

> eu fui correr atrás da documentação que era disponível pra poder fazer a adoção, a gente teve que fazer um curso [...] e a gente conseguiu ficar habilitado. Nesse processo de habilitação durou até um ano e alguma coisa, tá? [...] mesmo assim só andou porque a minha prima era amiga do secretário do juiz [...] então, dava aqueles toquezinhos no processo. (Cláudio)

Ele comenta que nesse processo tiveram que fazer de três a quatro entrevistas com os(as) assistentes sociais e psicólogos(as) e: "depois a gente teve duas visitas técnicas aqui, pra poder saber se a casa tinha estrutura pra uma criança". Concluída essa etapa: "o parecer foi positivo. Aí levamos mais um tempo até aparecer a criança". Bruno diz: "Não apareceu, você fez aparecer", e descreve com mais detalhes sobre o processo de habilitação:

> você tem que dar um parecer psicológico, psiquiátrico, e de idoneidade física, e jurídica, não ter processo, não ter nenhuma fraude, você tem que entregar isso tudo e participar por uma série de palestras [...] de todos os níveis: jurídico, social. Aterrorizante, porque eles contam histórias. (Bruno)

Cláudio informa que após essa etapa, Bruno começou: "a receber e-mail de crianças disponíveis no Brasil, para adoção [...] e eu falei assim: 'ai, cansei, será se esse ano vou passar o dia dos pais?", pois fazia mais de um ano que eles estavam aguardando. Cláudio disse: "Bruno, começa a passar esses e-mails pra mim? Que eu vou resolver essa porra". Desse modo, por meio de sua busca, Cláudio encontrou um menino disponível para adoção em uma cidade da região nordeste do Brasil: "passei e-mail, recebi, e comecei a falar com a mulher, aí

ela falou assim: ‘olha, já tem um casal interessado nessa criança, mas eu tenho uma outra criança aqui, te interessa?’, eu disse ‘interessa’, aí a gente começou aquela coisa”.

Essa “outra criança” era Rafael, que na época chamava-se Juarez e tinha então seis anos de idade. Em relação a ele, Cláudio menciona: “o histórico do Juarez era que a mãe era dependente química [...] ele foi tirado da mãe porque passaram e ela estava usando ele no sinal pra pedir dinheiro”. Nessa fase, ele tinha um ano e meio de idade, segundo Bruno. Cláudio prossegue relatando mais detalhes da vida de Rafael:

> quando ele estava prestes pra ser destituído do poder familiar, a avó requisitou a guarda, só que a avó também deixava ele amarrado na cadeira, quer dizer, ele tem sérios traumas com relação a isso [...] e ele passou por vários abrigos, até chegar nesse abrigo que era uma ONG [...] ele tinha o quartinho dele, nessa coisa era, as 14 ou 15 crianças, tinha piscina, ele tinha o quartinho dele, mas ele era visto como o terrível [...] era aquela criança hiperativa, ele brigava, agitava, ele não conseguia, eh, concatenar uma ideia [...] ele fazia cocô e xixi sem ir no banheiro, porque ninguém explicou a ele o que que ele teria que fazer. (Cláudio)

O casal menciona que foi questionado pela ONG se realmente eles teriam interesse em adotar Rafael. Eles residiam e ainda residem na região sudeste do Brasil, enquanto Rafael estava nessa ONG localizada na região nordeste. Com isso, as primeiras aproximações com a criança aconteceram por meio virtual, em que realizaram três entrevistas por vídeo. Sobre essa experiência, Cláudio relata:

> primeira vez a gente conversou com a psicóloga, ela expôs tudo, que ele tomava medicamento controlado [...] tão agitado que ele ficou sabendo que, de repente, ele poderia ser resgatado de lá de dentro, que ele ficou, assim, perdido, agitado, e tudo, e encheram ele de medicamento. Tanto é que... eu acho que ainda tenho aí, um dos laudos dele tem um leve retardo mental, e assim, Amitryl, Tegretol, Carbamazepina, eram as prescrições dele [...] não conseguiu falar conosco, de tão drogado que ele estava. Aliás, em nenhuma delas, porque ele só deitava e berrava [...] eles falaram que ele era hiperativo [...] não tinha concentração, aquilo perdia o interesse muito fácil pra ele [...] a menina perguntou se a gente queria continuar com o processo de adoção [...] nós olhamos um pra cara do outro e falamos: “não, eu acho que... vamos em frente”. (Cláudio)

Bruno complementa: “Eram muitas características contras”.

Cláudio detalha como estava vivendo, na época, após ter o processo de adoção habilitado, em que aguardava há mais de um ano surgir uma criança compatível para adoção:

> eu levei todo domingo na praia rezando, orando, fazia macumba, eu fazia... pegava bonequinha [...] botava dentro de Orunmilá em cima de Oxoguiã, eu fazia... dizia: “eu quero uma criança, eu quero morrer e [...] sentir que é o meu nome, minha palavra, aquilo [...] vai perpetuar, que vai continuar, eu quero escutar riso aqui dentro, queria uma criança. Não me interessa se é bonita ou feia, mas queria uma criança iluminada, uma criança que venha, realmente, mudar a vida da gente”. Aí eu chorava, ficava depressivo, todo domingo ia à praia. (Cláudio)

Ainda referente ao processo de adoção, Bruno segue dizendo: “a primeira expectativa que você fica é um juiz dizer se você tem condição, ou não, de adotar [...] eu acho que é a pior parte, porque tá na mão de uma pessoa, ler todo aquele relatório, e a pessoa decidir”. E acrescenta: “depois que você passa por isso, tem a longa espera, mas se você mudar de ideia e quiser uma criança de 13 anos, negra, ela aparece aqui na sua casa no mesmo dia”. Pergunta-se se Bruno e Cláudio adotaram Rafael em conjunto. Cláudio responde:

> Não, primeiramente, o juiz daqui [nome da cidade em que residem], ele não aceitava [...] a adoção fosse para o casal homoafetivo, do mesmo sexo. Tanto é que a gente já fez tudo junto, e quando a gente foi pra entrar, minha prima: “ó, o juiz daqui não aceita, eu aconselho você a fazer uma adoção unilateral”. Eu entrei, primeiramente, unilateral, depois [...] me ligou e falou assim: “o juiz daqui já deu bandeira, já está aceitando [...] a gente teve que fazer uma petição, onde entrou ele no processo e apresentou toda a documentação dele. (Cláudio)

Falando sobre o filho Rafael, Cláudio: “ele não conhecia limites, e eu sempre fui muito durão [...] se tiver que botar de castigo, eu dou, se tiver que dar dois tapas na bunda, eu dou, porque tem hora que a gente tem que conter Rafael”. E, com isso, Cláudio compara Rafael com ele mesmo, quando chegou com seis anos de idade na vida do casal e, atualmente, com oito anos: “mas se você pegar aquela criança que era e pegar o Rafael, hoje, ele é um príncipe, né, Bruno? [...] Hoje em dia, se ele tiver fazendo uma merda, basta eu olhar sério pra ele, que ele para na hora”.

Embora Rafael esteja na vida do casal em torno de dois anos, Cláudio diz: “a gente não sente isso, parece que a gente conhece Rafael de uma vida inteira, é uma sensação estranha. A gente sente falta, assim: ‘ah, como deverá ter sido ele bebezinho?’”, Bruno adiciona: “é horrível. Dá uma saudade de algo que você não viveu”. E Cláudio conta o que eles dizem para Rafael: “ah, Rafa, eu já conhecia você antes de você vir ao mundo”, “é, pai?”, disse: “é, a gente conversava com você”, e ele fica parado assim, olhando pra gente [...] “é, já conversava com você”, “ai, pai, como é... eu era assim, neném?”

Nesse momento da entrevista, Bruno passa a refletir sobre o interesse na parentalidade: “algum período da minha vida [...] eu quis ser pai, passei a guardar meus brinquedos para guardar pros meus filhos, mas chegou um momento que isso passou”. Com isso, ele acrescenta: “o desejo da paternidade sempre foi todo dele [Cláudio], [...] tenho um sobrinho, é o afilhado que eu adoro, amo o Tomás, acompanhei essa parte de bebê dele [...] eu tive a certeza que eu queria apenas ser tio”. Bruno comparando-se a Cláudio alega:

> ele sempre teve essa coisa de continuidade, de perenidade, porque, ao contrário dele, a minha família [...] núcleo era pequena, era eu, meu pai, minha mãe e meu irmão, mas era uma família monumental, porque meu pai tinha 3 irmãos, minha mãe tinha 6 irmãos, cada irmão teve 5

> filhos [...] então, ao contrário dele, a minha história sempre foi de muito movimento dentro de casa [...] Então, assim, o desejo da paternidade sempre foi dele, tanto que a gente fez essa união estável muito em função da adoção [...] Isso em 2008. (Bruno)

No *Genograma* (Figura 7), Bruno representa os membros de seu família de origem, referida por ele como pequena. Ele não inclui a família extensa, ou seja, os(as) irmãos(ãs) dos pais. Por outro lado, por exemplo, ele inclui o sobrinho Tomás, classificando a relação como harmônica.

No tocante ao caso de adoção do casal, homens gays acima dos 45 anos de idade, Bruno diz: "tem muita gente que joga contra, sempre". Cláudio complementa: "falava assim: 'você já tá idoso, já tá velho, o que que você quer da vida? O que que você quer?'". E nas entrevistas com a assistente social, Cláudio relata: "ela perguntava: 'mas como é que vai ser? Você não tem medo da criança ver que você [...] é homossexual, e a criança, de repente, sofrer alguma retaliação em relação à escola?', e eu falei assim 'eu não sei como é que vai ser'". Nesse sentido, se referindo à escola e ao eventual preconceito, Cláudio assinala:

> nesses dois anos com a escola, a relação com os outros pais, e tudo, é muito tranquila, e as crianças não perguntam, as crianças até curtem que ele tem dois pais, entendeu? Mas eu tenho medo, isso não passou. Eu penso nisso, apesar de já ter uma evolução muito grande, mas daqui a pouquinho, quando ele chegar realmente naquela parte [...] adolescência, de um convívio com outros tipos de criança. (Cláudio)

Pergunta-se ao casal: "vocês já vivenciaram situações de preconceito ou discriminação, até agora?". Cláudio responde: "até hoje, não". E Bruno: "que seja uma afronta, não. Pode ter escondido". Cláudio adiciona: "Pode ter por detrás, pode ser velado, na frente, não". Eles ilustram esse fato com dois exemplos. Bruno diz que ao apresentar a certidão de nascimento de Rafael: "a gente vê a cara da pessoa quando vê Bruno e Cláudio". E Cláudio conta: "semana passada a gente estava em uma loja, tinha uma calça grande, [...] e a moça: 'ah, pede pra mamãe apertar', eu disse: 'ele não tem mamãe, não, ele tem dois pais'. Você sente que as pessoas levam aquele impacto". Com isso, Bruno pontua: "há uma surpresa [...] mas assim, ninguém, até hoje, por conta da surpresa: 'ai que absurdo, que coisa horrível, como é que pode, é contra a lei de Deus'". Cláudio comenta que, entre seus vizinhos, eles não enfrentaram nenhum problema: "mas isso não está descartado, a gente sabe que em um momento vai rolar [...] tenho certeza que vai ser nesse período de Rafael com 12, 13 anos, com adolescentes em escola".

Cláudio assinala que a psicóloga judiciária perguntou a ele: "'se você descobrir que seu filho é gay?', aí eu disse 'ai, vou ficar tão frustrado porque eu não vou ter neto'. Aí eu me peguei pensando com a cabeça de um hétero, né?". Sobre a orientação sexual do filho, ele diz:

> pelo que a gente observa do Rafael, é lógico que isso não tá afastado, mas assim, tá muito distante. O garoto tem três namoradas na escola. Eu disse: "é? Quem agarra quem?", "Ela que me agarra, as meninas ficam correndo atrás de mim na escola". (Cláudio)

Bruno acrescenta: "são pequenas piriguetes de 8 anos, 6 anos". Ainda falando sobre Rafael, Cláudio menciona: "a gente acostumou ele a sempre ficar nessa coisa de estilo, ficar estiloso, e ele só quer andar arrumado". E acrescenta: "se fosse gay, tudo bem, mas a gente sabe quando [...] a gente tem uma coisa chamada bichômetro". Bruno, por sua vez, assinala: "eu não tenho muito essa preocupação com ele, porque o que eu tento passar pra ele é pra ele ir vivendo [...] se tem dúvidas, checar, se tem medo, verbalizar, mas não ficar assim".

Nesse instante, pergunta-se ao casal sobre o fato deles serem gays. Cláudio relata: "a gente não entra em questão nisso com ele [Rafael], e ele também não pergunta". Bruno pontua: "mas foi uma coisa bem demarcada desde o início [...] inclusive, nessa reunião, com a psicóloga". Ele disse que psicóloga perguntou a Rafael: "você sabe [...] que esse é o Bruno que é casado com o Cláudio?" [...] ele "eu sei sim". Ainda ela: "eles são um casal diferente, tem papai e mamãe e tem papai e papai". Referente à fase em que Rafael ainda estava na ONG, Cláudio relata:

> quando ele soube que eram dois pais, aí daí que ele começou a surtar. Ele queria ligar, quando soube que aqui tinha cachorro, que tinha papagaio, deixou ele tão agitado que aí que aumentaram as doses dos medicamentos. Tanto é que, hoje ele só faz uso de um medicamento só. [...] Ele usa Risperidona, comportamental, pra poder deixar ele um pouquinho mais sociável. (Cláudio)

Falando sobre os comportamentos de Rafael, Bruno detalha: "ele reage de maneiras diferentes. Com o Cláudio, ele fica mais calmo, comigo, ele fica mais agitado, porque Cláudio tem uma postura mais patriarcal". Ou seja: "ele respeita mais ao Cláudio do que a mim, entendeu? Porque assim, o Cláudio impõe mais respeito". Bruno retoma:

> aquela questão da homossexualidade, mesmo com tudo muito esclarecido com ele desde o início, teve momentos que ele virou: "você não tava lá com a sua namorada?", aí eu falei assim: "não, Rafael, que namorada?", "Aquela moça", "não, você não sabe que eu sou o namorado do seu pai Cláudio?", "Eu sei, mas não pode ter namorada também?", eu disse assim: "não pode, a gente só tem um namorado, ou uma namorada, e eu sou namorado do seu pai Cláudio" [...] Nós somos um casal, você sabe disso, não sabe?", "Sei". (Bruno)

Bruno relata que, no início, Rafael questionava: "virou no carro, pra gente, e perguntou porque ele chama os dois de pai [...] ele virou pra mim e falou assim 'Eu não posso chamar o pai Cláudio de pai e você de tio?'". Cláudio diz: "ele falou assim 'queria fazer uma coisa, mas vocês não vão querer' [...] aí Bruno perguntou 'o que?', 'Eu posso chamar ele de

pai e você de titio?’”. Bruno disse que respondeu a Rafael: “‘não, óbvio que não, porque eu sou seu tio?’, ‘Não’, ‘Eu sou o que?’, ‘Pai’, ‘Então, por que você vai me chamar de tio?’, ‘É, besteira, né?’, eu disse ‘é, besteira, sim’. E Bruno conclui: “então, eu procuro ser sempre muito [...] o Cláudio também, muito transparente, muito claro”.

Em seguida, Cláudio comenta: “mas engraçado, quando a gente tá no meio, assim, de pessoas, que a gente não conhece [...] interiormente, eu fico assim ‘ele vai falar pai’, e eu fico constrangido, pra dois pais”. Por outro lado, Bruno assinala: “eu não tenho constrangimento nenhum, por exemplo, ele adora andar na rua de mão dada com os dois. Ele adora [...] o Cláudio se preocupa muito com a sociedade”. Cláudio adiciona: “eu nunca fui assim com o Bruno, nunca dei um beijo, um abraço no Bruno em público, eu acho que não tem necessidade”. Em relação a Rafael, Bruno volta a mencionar: “quer deixar ele feliz? É andar na rua com os dois de mão dada”. Cláudio reflete: “eu fico com aquela preocupação de agredir os outros, e, por outro lado, ele sofrer alguma retaliação em relação a isso”. Frente a isso, questiona-se: “você acha que é uma agressão aos outros?”. Cláudio responde: “eu acho. Ainda acho [...] eu me sinto agredido quando eu vejo dois gays se agarrando [...] apesar de ser gay, já ter 52 anos e tudo”. Bruno pontua:

> Eu acho natural [...] até meio ridículo ver aquele casal, aquela lambeção, aquela língua [...] Independente de qualquer gênero [...] Uma necessidade de mostrar [...] Uma posse. Eu acho isso bobo [...] não tô dizendo que seja errado, eu acho que é desnecessário [...] eu também não vejo nenhum problema se der vontade de fazer. Ele [Cláudio] não gosta, eu respeito, mas se eu chegar e dá vontade de... encontrou na rua, chegar e dar um beijo, eu não vejo problema nisso, nenhum [...] e não estou nem aí para o quê ou parente, ou família, ou amigo, ou desconhecido vai pensar. (Bruno)

No tocante a Cláudio, Bruno coloca: “eu respeito o tempo dele [...] já faz coisas que ele não fazia há dois anos atrás [...] chegar no local público, ele vai ficar mais relaxado [...] ele não percebe, mas ele já tá muito mais relaxado”. E posteriormente explana:

> eu não acho anormal dois homens se relacionarem, como eu também não acho anormal dois homens adotarem uma criança, como eu também não acharia anormal dois homens contratarem uma mulher pra fazer uma inseminação artificial. Eu não acho nada anormal [...] acho que tudo na vida tem espaço pra você viver da maneira que você quer, desde que você [...] não prejudique ninguém [...] o que eu faço da minha vida, se ofende o outro, problema do outro, o outro que aprenda a lidar com isso. (Bruno)

E diz para o pesquisador: “essa entrevista, por exemplo, inicialmente ele não queria dar [...] porque ele gosta de se preservar [...] é do temperamento dele não se expor, é do meu temperamento me expor”.

No que concerne à parentalidade do casal, Bruno comenta: "Cláudio, tem uma postura muito mais rígida, apesar de ser super brincalhão, de brincar de espada com ele, de rolar na cama [...] Ele tem a questão da educação muito rígida, que eu acho ótimo". E analisa:

> eu não acharia ótimo se os dois fossem assim, porque aí você ia tá criando uma criança reprimida. Então, eu sou uma maneira que o Rafael tem de se soltar mais, de ser mais bagunceiro, porque eu acho que uma criança tem que ter espaço pra ser bagunceiro. Tem que ter as suas obrigações, suas responsabilidades desde cedo, o Cláudio aplica isso muito bem nele, e eu tenho o lado mais lúdico. Agora, não é porque que eu tenho esse lado lúdico, que é bagunça. (Bruno)

Nesse aspecto, aprofundando seu relato sobre as características da parentalidade do casal, Bruno continua:

> o Cláudio fala uma vez só: "Rafael, vai tomar banho", eu tenho que falar cinco: "Rafael, vai tomar banho, meu filho, vai tomar banho", na quinta vez, ele vai tomar banho, porque ele se sente mais tranquilo comigo de terminar de fazer aquele joguinho, de dar uma espreguiçada [...] ele sabe que o Cláudio é mais exigente, ele vai na mesma hora. Eu acho bom ter essa voz mais ativa e ele ter um espaço pra ser um pouco mais relaxado comigo. Agora, eu também pego no pé dele [...] no estudo [...] São formas diferentes de você educar, e eu acho bacana que existam. (Bruno)

Em seguida, Bruno comenta sobre as características parentais de seus pais e atribui um sentido ao seu modo de ser pai de Rafael: "meu pai era excessivamente carrasco, talvez por isso eu não consiga ser com o Rafael, porque eu não quero repetir como os nossos pais". E acrescenta: "minha mãe foi filha do meu pai, foi filha do marido, e hoje ela é minha filha, porque ela nutriu essa necessidade de sempre depender de alguém". Diante disso, Bruno conclui: "a minha mãe era sempre uma figura decorativa. Eu não quero ser uma figura decorativa na vida do Rafael, então, eu tenho essa preocupação". A mãe de Bruno está incluída no *Genograma* (Figura 7) e *Mapa de Rede* (Figura 8). No primeiro, a relação é classificada como "muito estreita", ou seja, com dependência emocional. No segundo, ela é posicionada no círculo das relações mais íntimas.

Nas páginas seguintes, Bruno retoma o assunto da adoção e sobre a relação do casal com Rafael, relatando em ordem cronológica. Inicialmente, ele reflete sobre a parceria com Cláudio quando este manifestou o interesse em adotar:

> "gente, não posso ter um relacionamento de 18 anos com uma pessoa, e deixar essa pessoa adotar uma criança sozinha, não faz sentido eu, eu deixar de ser o parceiro dele, nesse momento", aí falei assim: "não, não, pode voltar esse processo [...] ou a gente vai ter esse filho junto ou não vai ter". (Bruno)

Após a habilitação do casal para adoção, Bruno relata a trajetória inicial, desde quando conheceram Rafael, pontuando as dificuldades:

> Porque, num processo de adoção, você vai fazendo visitas àquela criança. Você leva a criança pra casa, passa o fim de semana, durante... enquanto o processo vai correndo. Como a gente não teve isso, essas visitas, esses contatos, eram feitos pela web câmera, e a gente olhava um ser infernal, um gnomo. Era difícil botar aquela criança sentada na cadeira pra conversar com a gente, era quase impossível. Então, assim, durante todo esse processo, era tudo pra gente recusar, era tudo pra gente não levar, não aceitar. De um olhar pra cara do outro e falar assim: "gente, como é que a gente vai fazer com isso?" (Bruno)

Bruno prossegue dizendo que, mesmo com tantas dificuldades identificadas, o casal não desistiu e concluiu o processo de adoção de Rafael:

> Racionalmente era pra desistir e tentar o próximo, que é o que todo mundo faz. E algo... ou o medo, não sei, eu não sei te explicar, Mário, mas alguma coisa dizia: "não, vamos, vamos dar mais uma chance?", e a gente foi dando a última chance, foi dando a última chance, até que chegou no final do processo. Foi até rápido, porque ele era mais velho. (Bruno)

Segundo o casal, quando o processo de adoção finalizou, foi necessária a convivência de uma semana com Rafael, na cidade na qual residia, no nordeste do país. O casal que residia/reside, no sudeste, teve que viajar às pressas. Bruno relata em detalhes os primeiros dias de contato entre o casal e Rafael:

> o primeiro contato com ele foi essa criança na calçada, linda, fofa, desse tamainho, com o sotaque carregado delicioso [...] no quarto dia, a gente pode fazer um passeio com ele, e foi um inferno [...] ele pintou e bordou, ele afrontou o Cláudio, ele peitou o Cláudio, e Cláudio não é uma pessoa pra ser peitada [...] ele fugiu, foi um inferno [...] o quinto dia [...] ele tava um pouco mais calmo, no sexto dia a gente levou ele pro hotel [...] ele já ficou agitado, agitado, o Cláudio olhava aquilo: "não vai dar certo, não vai dar certo, não vai dar certo", e eu dizia: "vai dar certo" [...] no aeroporto de [nome da cidade do nordeste] ele tentou fugir, dentro do avião ele teve um surto. Ele chutava, ele gritava, ele chamava a aeromoça de puta. (Bruno)

De acordo com Bruno, após essa primeira semana de convivência com Rafael no nordeste, eles já puderam trazê-lo para a casa do casal. Bruno comenta que durante os primeiros dias aconteceu um fato. Rafael tinha terminado de comer uma sobremesa e queria mais, com isso:

> ele pegou meus óculos, amassou meus óculos [...] ele saiu correndo e saiu correndo pela rua [...] Eu saí correndo atrás dele, peguei ele [...] dei-lhe um tabefe, no meio da bunda [...] e botei ele pra tomar banho [...] ele chegou com os meus óculos, e falou assim: "pai, me desculpa?" [...] pra mim foi um ótimo sinal, entendeu? Porque era ele reconhecendo que tinha feito merdinha [...] Quando ele se sentiu seguro, quando ele viu que isso aqui era a casa dele, e não um passeio [...] Como ele já tinha passado por alguns abrigos [...] era mais um lugar que ele ia

> ficar e ter que sair, e não era, aqui é a casa dele. Acontecesse o que acontecesse, fizesse ele o que fizesse, que ele tivesse tacado fogo na casa aqui continuaria sendo a casa dele. (Bruno)
>
> E, com isso, Bruno conclui: "percebeu que ele poderia fazer o que ele quisesse que ele ia ser punido, sim, mas que ele ia continuar nosso filho [...] Amor, importante, afeto é importantíssimo, mas, no caso dele, foi segurança, ele se sentiu seguro".

Em seguida, retoma-se a questão central ao casal: "atualmente, como é a vida de vocês, a convivência familiar?" Bruno responde descrevendo detalhadamente a rotina diária da família, iniciando pela sua:

> a gente tem uma rotina bem complicada [...] tenho que pegar três conduções pra chegar no trabalho [...] às duas da tarde e trabalho até as nove, nove e meia [...] minha rotina com ele, basicamente, é: eu acordo [...] vejo se tem exercício, cuido dele, cuido dos cachorros, fazemos alguma atividade, eu prefiro que seja sempre uma atividade de educação, ligada à escola [...] mas deixo um tempo pra ele jogar um pouquinho [...] se quiser brincar um pouquinho lá fora [...] boto ele na van e vou pro trabalho. Essa é a nossa atividade de manhã. (Bruno)

Bruno descreve a rotina de Cláudio com Rafael e posteriormente dos três juntos:

> [Cláudio] trabalha mais cedo, às oito, nove, sai às quatro, o Cláudio não tem essa atividade com ele de manhã [...] pega ele [...] na saída da escola, quatro e meia, cinco horas [...] faz o dever de casa com ele [...] porque eu não tenho como chegar aqui onze horas da noite e fazer exercício com ele. Aí Cláudio [...] dá o jantar pra ele [...] faz o inglês [...] Cláudio vira meio que motorista dele, ou babá dele, à noite, traz ele pra casa, dá o jantar e eles me esperam. Aí eu chego, a gente faz alguma atividade mais lúdica, vê uma série [...] brinca na cama, faz piada [...] e vai dormir. Ele, por conta disso, acaba dormindo tarde [...] dorme meia noite, meia noite e pouquinho, porque também não tem necessidade de acordar cedo. (Bruno)

Bruno complementa dizendo que às terças-feiras dorme na casa de sua mãe, dessa forma: "a gente não tem mais esse procedimento de noite [...] não tô com ele de manhã, na quarta-feira, porque eu também preciso dar uma atenção pra minha mãe, lá, fico na casa dela". Em relação aos finais de semana, ele coloca: "sábado e domingo é exclusivamente pra ele [...] há dois anos que eu não sei mais o que é um teatro, do que é um cinema, que não seja alguma coisa ligada a ele [...] dedicação é exclusiva a ele". Comenta que aos finais de semana Cláudio: "faz muita pós, ele gosta muito de estudar [...] tem uma obrigação religiosa [...] o fim de semana, eu sou mais presente do que o Cláudio, mas, na semana, o Cláudio é mais presente do que eu [...] acho que tá perfeitamente equilibrado".

Seguidamente, Bruno reflete sobre a paternidade, descrevendo-a como uma experiência muito significativa em sua vida:

> eu não tinha esse desejo da paternidade, foi muito em função do nosso relacionamento, de eu ser companheiro dele e achar que tem que estar presente com ele por conta disso, mas que eu sentisse necessidade, eu não sentia. Mas, hoje, eu não consigo entender como eu vivi minha vida inteira sem isso. Eu perdi muito da minha vida [...] eu tive uma perda social de 90 por cento, mas não sinto a menor falta, porque o que ele [Rafael] me compensa de volta, o que eu tenho com ele, é tão maior que tudo aquilo que eu já tive, que eu não sinto falta. (Bruno)

Bruno descreve o momento no qual percebeu que amava Rafael, dizendo ser algo que não consegue explicar:

> eu olhei praquela criatura na cama, foi... é a mesma sensação que eu tive na primeira vez que eu descobri que eu amava Cláudio, que foi assim, também, numa troca de olhar, que ele abriu o olho, olhou pra mim e fez assim, eu fiquei tão apavorado, porque, naquele momento, eu falei assim: "gente, eu sou completamente apaixonado e amado e amante por essa criança", então, eu não explico, eu não sei explicar. (Bruno)

Logo após, Bruno conta a história de quando ficou encantando e comprou um tijolo decorativo (peça elaborada por um artista plástico) associando-o a Rafael e ao amor que sente por ele:

> E tem uma história super curiosa, em 2012 – um ano antes da gente entrar com o processo de adoção – a gente foi passar as férias [...] Eu entrei numa loja pequena [...] eu vi um [...] esse tijolo pintado [mostrando-o para o pesquisador], e falei: "vou levar esse tijolo pintado". Aí Cláudio: "pra que, esse é feio, tem outros tijolos mais bonitos", mas eu olhava e falava assim: "gente, preciso desse tijolo, senão eu não vou conseguir viver a minha vida sem esse tijolo", esse tijolo é o Rafael. Não é o Rafael, isso é um menino de uma aldeia, lá do interior da Bahia, que o artista plástico fez, mas tem alguém que pega isso e não diga que é o Rafael? Então, existem coisas que eu não sei se um psicólogo ou se a ciência explica, que é muito subjetiva, que são essas coisas, entendeu? Por que eu, que não sou ligado em decoração, em obra de arte, bati nessa pedra... e, realmente, tinham outros tijolos muito mais bonitos, com folhas coladas, douradas [...] e era caríssimo isso aqui, não era um dinheiro que eu iria dar [...] não conseguia mais me desvencilhar desse tijolo, e quando a gente olha, é o Rafael, entendeu? Então, assim, eu não sei explicar como esse amor brotou. (Bruno)

Bruno retoma a história inicial de Rafael, começando por sua mãe biológica, passando por sua avó e até o último abrigo em que esteve:

> a mãe era consumidora de craque, consumiu na gestação – talvez por isso ele tenha essa instabilidade no humor dele –, foi retirado dos braços dela com um ano e meio, com ela mendigando e consumindo droga na rua, ficou um ano e pouco num abrigo. Essa avó apareceu lá levou ele pra casa, ficou com essa criança um ano e pouco com ela. Aí tantas denúncias de vizinho, invadiram a casa dessa mulher, acharam ele amarrado na cama cheio de marquinhas no corpo, e ela alegou que amarrou ele na cama pra poder trabalhar. Ele foi pra um abrigo, ficou nesse abrigo um tempo, saiu desse abrigo, foi pra um outro abrigo, aí nesse abrigo ele ficou quase 2 anos [...] tudo que ele viveu em 6 anos, eu não vivi em 45. (Bruno)

Para concluir esse assunto acerca da descrição de seu amor pelo filho, Bruno elucida:

> amo enlouquecidamente, entendeu? Não há nada, hoje, na minha vida, que eu ame mais do que essa criança [...] é uma coisa, de... às vezes falta até ar, sabe? [...] E eu sinto, realmente, uma nostalgia, uma saudade dele bebê e dele criança [...] Então, eu sofro bastante com essa saudade de algo que eu não tive, entendeu? [...] eu acho esse mistério do nascimento uma magia que não tem precedente. (Bruno)

Pergunta-se ao casal como é relação dos três, isto é, dos dois pais e o filho. Cláudio inicia a resposta:

> Assim, eu morro de saudade de Rafael, e tudo, tem coisas que ele conversa mais com o Bruno, eu fiquei, assim, com a parte mais educativa, e o Bruno com os problemas mais eventuais, mais, assim, interiorizados dele, de falar de colega ou de coisa [...] assim, eu chego da escola, ele vai fazer dever, eu vou fazer comida, eu vou terminar a monografia, ou eu vou fazer alguma outra coisa, to sempre muito ocupado com relação a isso. (Cláudio)

Bruno complementa: "eu que resolvo o problema dele de escola, eu que vou lá, eu sou a parte da mãe que lida todo dia, e quando o pai chega em casa o filho vai contar a novidade, seria mais ou menos assim". Cláudio retoma: "minha vida mudou completamente, tudo. A minha vida, hoje, é Rafael, a minha religião [...] Eu abandonei um sacerdócio efetivo, constante, pra poder viver o sacerdócio de ser pai, porque é um exercício de sacerdócio". Indaga-se: "como que é, pra vocês, vivenciar esse novo sacerdócio que é ser pai?"
Cláudio analisa:

> às vezes, eu acho que eu não acredito. Às vezes eu fico parado assim, olhando, assim: "eu não acredito que eu to vivendo isso" ou "não pensei que isso realmente fosse acontecer", mas é uma experiência muito legal [...] Misto. Surpresa, orgulho, preocupante com relação a que rumo ele vai tomar na vida, se eu vou conseguir, porque eu já to com 52 anos, é uma coisa que tá presente, se eu vou conseguir ver meu filho formado, se eu vou assistir ele entrando na igreja, a gente pensa, a gente é humano, se a gente vai conseguir dar uma educação de qualidade pra ele. Isso é uma preocupação constante. (Cláudio)

Bruno acrescenta: "e tudo isso numa velocidade da luz, porque, assim, esse garoto ele cresce, a olhos vistos". Cláudio continua:

> eu tô criando um Claudinho, entendeu? Ele já tá ali com as minhas características, [...] eu costumo passar tudo isso pra ele. "Vai guardar tua roupa, não quero brinquedo espalhado, não quero isso, não quero aquilo outro" [...] eu fico vendo o comportamento das outras crianças, o Rafael é um príncipe com relação ao comportamento [...] ele não tinha nada disso, ele não tinha. Comia de boca aberta, hoje em dia ele só se senta pra comer de garfo e faca [...] eu cobro muito questão de, de educação, "meu filho, a única coisa que você pode ter, que é garantia de futuro, não é dinheiro, porque dinheiro acaba. É educação e estudo, tá? Se você for uma criança comportada, se você chegar na casa de um amiguinho e souber se comportar bem, você vai ser sempre chamado [...] a única coisa que eu posso deixar pra você, que vai te

> acompanhar a vida inteira, é a educação, né, você saber se comportar, e estudo. Se você não estudar, você não vai chegar a lugar nenhum, e você vai ter que ser médico". (Cláudio)

Questiona-se essa afirmação de Cláudio a respeito da medicina, e ele responde: "por conta que eu sou frustrado [...] primeiro, fazer medicina, depois você vai ser gari, você vai ser professor de educação física, seja o que for, mas, primeiro, você vai ter que fazer medicina". Complementando: "ontem mesmo ele desceu com um kit da escola, com um óculos, assim, aí falou assim: 'pai, sou médico', aí sentou lá: 'que legal ajudar as pessoas'". Ao mesmo tempo, Cláudio menciona: "fico observando a inclinação dele pra matemática, que o cara faz contas, assim, rápido [...] e pego no pé com organização: 'olha a letra, cara, faz ponta nessa porra desse lápis'".

Bruno prossegue: "vejo pessoas mais velhas, adultas, tão mais analfabetas do que ele com 8 anos [...] mas é óbvio, tem que, tem que chamar atenção". Cláudio pontua: "eu não sou intolerante, eu tenho pressa [...] eu posso não estar aqui, amanhã. Então, eu quero vivenciar, eu quero deixar a minha marca". E observa: "eu priorizo o estudo, é a minha válvula de escape. Antigamente, era putaria, era boate, era tudo que você podia imaginar [...] onde eu sento, é onde eu ainda fico suado quando eu vou fazer uma prova".

Caminhando para o final da entrevista, coloca-se ao casal: "gostaria de acrescentar mais algum detalhe sobre a convivência familiar, tanto da sua relação com o Bruno, quanto a sua relação com o Rafael, que você acharia importante". Cláudio responde: "eu acho que a relação Cláudio e Bruno não existe mais. A relação, hoje em dia, é tudo se visa pra o Rafael, você tá entendendo? O Rafael tomou conta de casa, de vida, tudo gira em torno do Rafael". Bruno analisa: "eu acho que isso não vira um problema porque [...] é uma etapa que a gente vai ter [...] Ele é muito dependente da gente, a família é nula". No *Genograma* (Figura 7), Cláudio classifica sua relação com Rafael como harmônica e Bruno, por sua vez, classifica sua relação com o filho como "muito estreita". Em relação às famílias de origem e aos amigos, Bruno acrescenta:

> ele [Cláudio] não tem mais pais, eu tenho um pai e uma mãe que depende de mim; ele não tem irmão, eu tenho um irmão que vive uma vida independente; a gente não tem vizinho, não tem amigo muito próximo [...] uma acabou de falecer [...] é muito a gente, a gente tem que dar essa assistência pra ele. A gente vai ter uma perda no nosso relacionamento social, meu e dele, sozinhos, por um período, até ele ter, realmente, independência pra gente poder voar. (Bruno)

Evidencia-se no *Genograma* (Figura 7) e *Mapa de Rede* (Figura 8) as características citadas por Bruno, acrescentando-se a característica da relação conflituosa com seu irmão, no

Genograma, que aparece como íntima no *Mapa de Rede.* Além da relação com o padrinho de Rafael, caracterizada por ele como íntima e harmônica.

Cláudio, em relação a Rafael, considera: “se vou construir uma mesa, Rafael tá do meu lado [...] me ajuda, ele planta orquídea comigo [...] é o que eu queria da vida, ter uma pessoa assim, do lado ali. O Bruno [...] não gosta disso”. E acrescenta: “eu só queria ter tido a oportunidade, assim, mais tempo, e até mesmo financeiro, de ter uma outra criança”. Bruno prossegue:

> a gente queria duas [...] E eu vou sentir muita falta do momento quando ele começar a sair com os amigos dele, porque eu já falei com ele: “Rafael, você vai se acostumando, porque quando você for ao cinema com a sua namorada, você sabe que você vai ter que comprar, pelo menos, três ingressos”, “Por quê?”, “Porque eu vou junto”, “Pai, mas eu tenho que ficar sozinho com ela”, “Mas eu vou junto”. É uma brincadeira, obviamente, mas eu vou sentir uma falta mortal disso. (Bruno)

Para finalizar, diz--se: “eu vou abrir um espaço pra você falar o que você achar importante, que a gente não tratou até agora”. Bruno conclui:

> essa questão familiar, que hoje é uma questão muito aberta, questão estruturada, historicamente, sociologicamente e psicologicamente, mas é uma questão apenas intimamente, porque você tem que viver a sua relação familiar da maneira que você quer, da maneira que você acha que seja certa, sem ficar se preocupando muito com o que que a sociedade quer ou o que que a sociedade faz. A minha relação familiar, é essa que eu quero, entendeu? É assim que eu quero viver a minha vida, com meu filho, com meu companheiro, com os agregados que transitam em torno da gente, com os nossos cachorros, e da forma que eu gosto, é assim.

A partir deste momento, o texto com os dados correspondentes à transcrição da *Entrevista Aberta* com Rafael, o filho do casal, é apresentado. Cabe relembrar que o *Mapa de Rede* não foi aplicado ao participante.

Inicia-se a entrevista com a questão central para Rafael: "eu gostaria que você me contasse um pouco como é a experiência de conviver em família pra você". Ele responde: "é muito legal [...] porque é feliz [...] brinco muito [...] Corro, pulo faço um monte de coisas". Questiona-se: "E dessas brincadeiras, qual você gosta mais?" Rafael diz: "Totó (pebolim) [...] jogo sozinho com meu pai". O pesquisador: "qual deles?" Rafael esclarece: "Bruno". Continua-se: "além do totó, o que mais você gosta?" Rafael responde: "bonecos [...] todos que tem lá em cima no meu quarto [...] são grande e tem pequeno também [...] tem o Venum, homem aranha, tem também o Max Steel, Wolverine, homem de ferro, falcão". Pergunta-se: "e qual deles você gosta mais? Ou gosta de todos?" Rafael diz: "do Hulk [...] porque ele tem raiva, é forte. E quebra as coisas". Pergunta-se: "Quebra as coisas? Você quebra as coisas?" Ele responde: "Às vezes".

Em seguida, questiona-se: "Rafael, e na escola como que é?" Ele comenta: "Estudo, aprendo e... colo". O pesquisador: "das aulas que você tem, qual você gosta mais?" Rafael responde: "Inglês [...] Não, na verdade eu gosto de matemática". Em relação às aulas de educação física, ele descreve: "joga futebol, brincamos de pique parede, pega papel tesoura, pique-esconde, pique-cola, pique-gelo, pique leão, tem um monte".

Prossegue-se: "Muito bem, e a gente falou um pouco da sua família, né? São os seus dois pais, como é sua relação com o Bruno? E como que é sua relação com o Cláudio?" Rafael relata: "com meu pai Bruno é brincadeira, diversão [... tudo de feliz, o pai (Cláudio) também é muito legal [...] Ele faz cosquinhas". O pesquisador: "o que você costuma fazer com seu pai Bruno?" Rafael diz: "Brincamos [...] fazem cócegas em mim [...] Fazem dever comigo [...] a gente brinca, vemos televisão, vamos ao cinema. O meu pai assiste *The Walking Dead, Once Upon a Time, The Voice*". O pesquisador: "E que mais? Que você pode me contar". Rafael: "Não consigo mais dizer nada". Questiona-se: "os seus pais, eles são gays, sim? [...] o que você acha disso?" Rafael responde: "Não acho nada [...] alguns tem dois pais, algum tem pai e mãe e alguns tem mãe e mãe".

Logo em seguida Rafael convida o pesquisador para visitar seu quarto que fica localizado no andar superior da casa e diz: "eu quero ir lá em cima mostrar os meus bonecos". Chegando em seu quarto, Rafael diz: "Meu pai Cláudio, ele dorme aqui, porque é melhor para a coluna dele". Indaga-se: "Entendi, e você dorme onde?" Rafael esclarece: "Lá com meu pai Bruno". E continua: "às vezes eu pego os bonecos, fico brincando e desenho". Aponta-se para

o caderno que está em cima da cama e pergunta: “Esse é o caderno de desenho?” Rafael confirma. E o pesquisador continua: “Olha só, você gosta de desenhar. Olha um ET”. Rafael diz: “É um ET mesmo, esse é um ninja [...] ele tem poder de frio, fogo e tem todos os poderes”. O pesquisador: “Se você pudesse escolher um poder pra você ter, qual que você teria?” Rafael: “A super força eu gosto mais [...] Por causa que como eu fico com raiva”.

Em relação ao áudio que está sendo gravado da entrevista, esclarece-se a Rafael: “nessa gravação eu não vou colocar seu nome verdadeiro que é [...] para as pessoas não saberem que é você que está falando, e eu queria pedir pra você, escolher um nome pra você ter”. Ele diz: “Rafael [...] Que nome você escolheria pra mim?” Responde-se: “Ah, eu não posso escolher”. Rafael insiste: “Ai, escolhe... tenta escolher”.

Sinaliza-se a Rafael que a entrevista está terminando, ele, por sua vez, diz: “Você já vai? [...] você não gravou nada com a câmera gigante [...] Então por que a gente não vai aparecer na televisão?”. Esclarece-se: “Não. Esse aqui ninguém fica sabendo quem você é, essa é uma pesquisa [...] eu só queria saber o que você acha de conviver em família”. Ele diz: “eu acho um montão de coisas, é muito legal ter uma família [...] Porque eles dão pra mim o amor e fazem tudo [...] Brinco bastante com eles”.

Diz-se: “tem mais alguma coisa que você queria falar ou perguntar?” Rafael diz que não. Então informa-se que a entrevista está finalizada. Rafael discorda e diz: “Não [...] Porque eu não quero”.

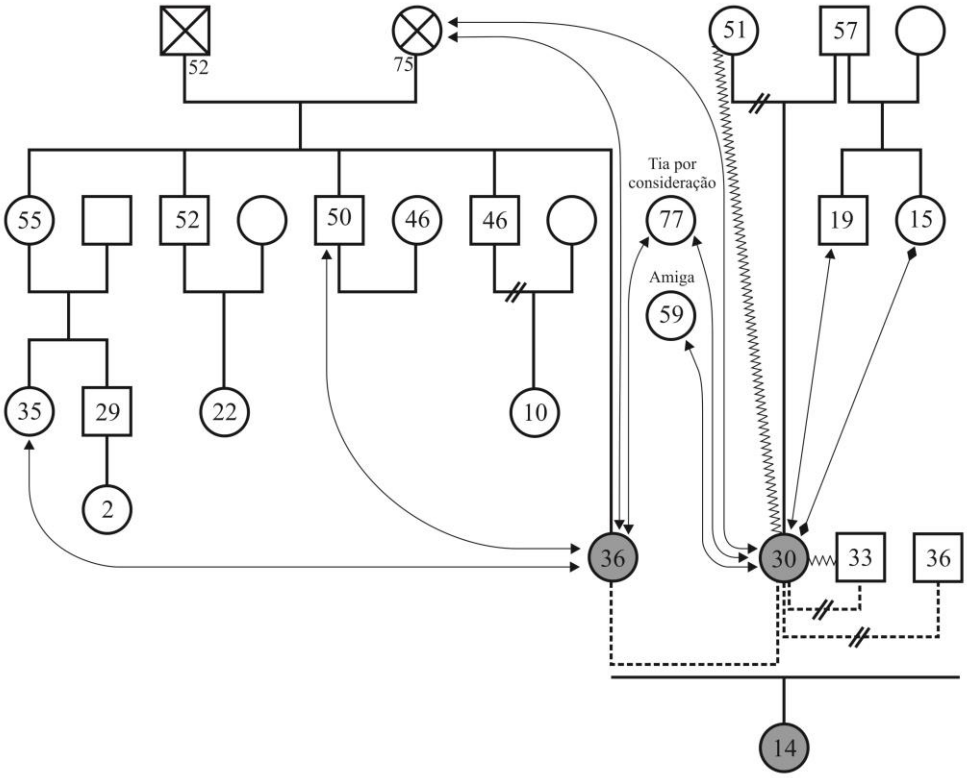
Retomou-se o contato com a família, por volta de dois anos após a coleta de dados ter sido realizada, solicitando-a para que avaliasse o texto elaborado a partir dos dados do casal e do filho. O participante Bruno comentou que a família está bem.

FAMÍLIA 4: BEATRIZ, MANU E GABRIELA

Beatriz, 30 anos, e Manu, 36, estão juntas em um relacionamento de seis anos, sem vínculo civil. Gabriela, 14 anos, é filha biológica do relacionamento heterossexual anterior de Beatriz. Em relação à religiosidade, elas se definem católicas, com prática semanal. As três moram juntas em uma casa, em uma cidade de aproximadamente 45 mil habitantes, onde foi realizada a coleta de dados, no final de 2016. Primeiramente efetuou-se a coleta com o casal, e depois com Gabriela.

O texto com os dados integralizados do *Genograma*, *Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com o casal é apresentado, a seguir, após a Figura 9 (*Genograma*) e Figura 10 (*Mapa de Rede*).

Figura 9 - Genograma: Manu e Beatriz



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 10 - Mapa de Rede: Beatriz e Manu

Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para o casal: “Beatriz e Manu, contem-me como tem sido para vocês a experiência de conviver em família desde o início até hoje”. Manu inicia descrevendo em detalhes como elas se conheceram:

> tudo começou num belo de um dia em que eu fui em um aniversário de uns amigos [...] parei a moto, no que eu tirei o capacete e desci da moto olhei pro lado e vi ela [...] entrei na casa dos meus amigos tal, cumprimentei e sai lá fora pra ver ela de novo e cadê?... sumiu [...] e na festinha toda hora lá fora olhando e saia lá fora e nada, e com um amigo meu, falando pra eles me ajuda, eu tenho que ajudar a achar essa mulher, aí de repente aparece ela [...] só que primeiro eu sempre tive muita preocupação assim, primeiro você se informa se tem marido, se tá com o marido, porque eu não conheço, ninguém conhecia ela dos meus amigos [...] ele (amigo) conseguiu se aproximar dela e chegou nela e “ah, deixa eu te falar uma coisa?” e ela já respondeu pra ele “já sei”. (Manu)

Beatriz complementa: “Já sei, passa meu telefone e pede para ela me ligar amanhã”. Questiona-se: “Isso tudo vocês não tinham trocado uma palavra?”

Manu revela: “Não, só um olhar”. E segue a descrição da história:

> Aí eu com o papel na mão, na hora em que ela virou a esquina... já liguei e ela atendeu: “ah, eu não falei pra você ligar só amanhã? Eu tô com a minha mãe, tô com a minha filha, tá?” Aí foi conversando... a gente foi conversando até ela chegar na casa dela, tomou banho... conversou, conversou e foi dormir. (Manu)

Beatriz complementa: “A gente se falou umas três horas... direto”. Manu prossegue contando em detalhes a história:

> Aí nós combinamos de se encontrar numa segunda-feira [...] a gente se falou no domingo [...] eu fiquei sabendo que ela era manicure, que ela sumiu lá pra dentro (da festa) porque estava fazendo a unha de um pessoal [...] Descobri que ela tinha uma filha, que ela morava com a mãe e nessas três horas deu pra conversar de tudo. Quando foi de tardezinha ela me liga e fala: “ah, sabe o que que é? Minha filha tá doente e vou ter levar ela no hospital e tal. Vamos marcar um outro dia”. Mas alguma coisa falou pra mim que ela ia voltar atrás. Peguei minha mochila de moto, pus o capacete, peguei o celular e pus dentro do capacete. Vou por dentro do capacete, porque vai que eu tô na pista e eu chego em [nome da cidade vizinha em que morava]. Não vai dar tempo de voltar mais. Parece que foi batata. Na hora que eu entrei na pista e peguei a pista o meu celular toca: “ah, sabe o que é? Minha filha já melhorou”. (Manu)

Beatriz diz: “Já tá bem, vamos se encontrar onde a gente marcou. Então tá, tchau” e fui pro lugar. Manu continua: “tomei banho correndo e nisso a gente combinou de se encontrar na pracinha”. Beatriz relata:

> Pra mim encarar as pessoas, eu falei “vou tomar uma cerveja né”, peguei acho que duas latinhas e nisso fiquei lá esperando. E nisso ela falou que ia ser muito rápida, que ela ia tomar banho, tipo, em meia hora, demorou quase duas horas e eu esperando a bonita chegar, com aquela ansiedade e a mão suava... meu Deus do céu, foi uma sensação muito estranha. (Beatriz)

Manu acrescenta: “Porque até então ela nunca tinha se relacionado com uma mulher”. Beatriz pontua: “de ter relação e essas coisas nunca [...] Beijo e abraço sim, mas de tá morando junto e se assumir pra sociedade não”. Manu retoma a história:

> Aí chega eu lá na pracinha, me apresentei e a gente ficou lá conversando [...] a gente saiu e fomos numa outra pracinha. Lá sentamos, ela não me deixava falar, me contou da vida dela, tudo me falava... hora que eu ia tentar pedir um beijo, ia tentar... me aproximar, ela falando, falando, falando e tomando cerveja e falando. De repente, acabou a cerveja e: “ah, quero tomar mais uma cerveja. Vai lá buscar”. E eu deixei ela sozinha na pracinha. Montei na moto, fui num posto de gasolina e eu tinha tanta certeza que ela ia tá lá, que eu nem pensei em deixar ela sozinha e ir, fui, peguei a cerveja e voltei. A gente começou a conversar era umas oito horas né. Isso já era umas onze horas e a Gabriela ligando: “mãe, onde você tá?”, “tô indo, tô indo”. E aí na hora de ir embora que ela foi montar na moto eu falei: “ah, agora você tem que me dar um beijo”, mas não foi aquele beijo assim né... foi razoável. (Manu)

Beatriz completa: “Pra mim foi uma coisa muito estranha”. Manu se declara: “Eu estava totalmente apaixonada, foi amor à primeira vista, me apaixonei. Aí fui pra casa, radiando daquele jeito. Dormi e no outro dia começamos a falar, só que aí a gente queria se ver todo dia”. Manu relata como elas faziam para se ver no início do relacionamento:

> Essa Dalva, amiga nossa, foi bem bacana no começo, porque aí ela deixava a gente ficar na casa dela, porque na casa da mãe dela não podia e eu morava em [nome da cidade vizinha]. A gente viveu nessa rotina um mês. A mãe dela trabalhava de manhã, umas cinco da manhã a mãe dela já saia, e eu entrava no serviço as oito. O que eu fazia? Eu saia de [nome da cidade vizinha] cinco horas da manhã, vinha e passava na casa dela, ficava lá até sete e meia, e ia pra trabalhar. A tarde eu voltava, seis e meia, e encontrava com ela em algum lugar, ficava até umas onze horas e ia embora de novo. A gente foi ficando assim. (Manu)

Manu continua: “Aí um belo dia eu estava cansada de fazer isso de moto e eu falei pra ela ‘oh, hoje eu não vou de manhã, não’. A bicha ficou brava, rapaz: ‘se você não vir amanhã, você não precisa vir mais’”. Frente a essa situação, Manu coloca:

> tava muito assim, eu peguei e falei pra minha mãe: “mãe, não tá legal. Preciso arrumar um lugar lá em [nome da cidade onde residem] pra mim. Arrumei dois cômodozinhos, não tinha nada de móveis. Na primeira noite lá, que eu aluguei os dois cômodos lá, eu dormi sozinha no colchão inflável. Aí aluguei a casa e depois trouxe minha mãe com as mudanças. (Manu)

Questiona-se à Manu: “A sua mudança para [nome da cidade onde residem] foi especificamente por conta da relação de vocês?”. Manu responde:

> Sim, sim. Foi por causa da nossa relação. Tava muito ruim, a gente não tinha onde ficar, tinha que ficar na casa dos outros [...] eu tinha moto e peguei e falei assim: “vou trocar a moto e pegar um carro, vou vender a moto e pegar um carrinho”. Minha mãe morando aqui comigo e beleza, fui e peguei o carro. Quando a minha mãe tava aqui, ela (Beatriz) ia lá em casa, ela

> justamente trabalhava em um salão duas ruas para trás da rua em que consegui alugar essa casa. (Manu)

Nesse momento, Manu relata em qual circunstância elas começaram a morar juntas:

> Um dia ela me liga e: "oi, você me empresta seu carro?", falei: "pega lá a chave com a mãe e pode usar o carro". Cheguei e o carro na garagem normal, ela lá com a minha mãe. Ela me chamou e falou "vamos lá no carro, eu tenho que te mostrar uma coisa", eu pensei que ela deve ter batido o carro. No que eu chego na garagem, o carro entupido das coisas dela... de roupa. "Você saiu de casa para ficar atrás de sapatão, atrás de coisa errada, vão falar que você saiu de casa porque eu te obriguei... você... com uma filha, foi casada e tudo". E ela: "não, não, não. Eu quis, eu quis". (Manu)

Beatriz, até esse momento da história morava com sua mãe sua filha. Ela comenta como foi o início dessa transição:

> Eu escrevi uma carta para a minha mãe, que até então a minha mãe desconfiava, mas não sabia de nada. "Como que vou explicar isso para a minha mãe?". Escrevi uma carta enorme e pensei... eu peguei todas as minhas coisas antes da minha mãe chegar do serviço. Deixei a carta lá. Aí até então minha mãe ficou de mal de mim. A gente ficou um ano sem se falar. A Gabriela estava morando com a gente também lá, porque eu peguei todas as coisas da Gabriela também e a Gabriela falou assim: "mãe, eu não quero morar aqui com você. Eu quero voltar para casa da minha avó" e ela foi. Antes da gente morar aqui a gente morou em outra casa com ela. Nisso, foi mais um ano e pouquinho e eu comecei a frequentar lá (casa da mãe). Manu me deixava na porta e ia embora. E minha mãe ia fazer um bingo e eu falei pra ela: "o Arlete, eu posso trazer a Manu aqui?" e ela "pode, fazer o quê?". (Beatriz)

Manu diz: "Ela ia levar eu e minha mãe, porque a gente morava com a minha mãe... nós três". Beatriz continua: "E nisso foi se passando os dias... convivendo mais, ela até hoje ela convive, mas ela não aceita". Pergunta-se para Beatriz: "como você percebe isso, essa diferença de conviver e o aceitar?" Manu responde em detalhes:

> Quando, às vezes, está eu e ela conversando: "a minha filha, ela não gosta de mulher, ela gosta de homem". Eu entendo isso, e ela fala que a Beatriz vai daqui alguns dias vai acordar, que é só uma fase... e eu falo, eu sou ciente disso, quando eu conheci ela, eu sabia disso. Eu sei que ela nunca se relacionou com mulher, ela foi casada com homem e teve a Gabriela". Eu penso que ela aceitou um pouco mais pela minha pessoa, talvez ela teve uma impressão diferente, tipo assim: "ah, tá com uma mulher, uma sapatão, deve ser uma drogada, deve ser uma pessoa desocupada, de má índole". A gente convive mais com pessoas mais velhas. Todos me receberam muito bem e todos falaram muito bem de mim para ela, então eu penso que isso ajudou ela me aceitar... me respeitar e tudo. (Manu)

Beatriz comenta sobre a questão de se assumir lésbica para familiares, amigos e, principalmente, para sua mãe:

> eu acho que ela queria que eu chegasse e falasse para ela "olha, eu to convivendo com mulher". E eu não assumi para ela, nem para minha filha e nem para os meus amigos. Para

> quem sabe ler, um pingo é letra. Eu chegava na casa das pessoas e falava "olha, essa aqui é a Manu". Eu não falava "estou saindo" ou "estou ficando" [...] ela queria que eu falasse para ela "eu sou lésbica", mas assim não assumi. Minha mãe é muito sistemática. Agora que ela está começando a se abrir um pouco. (Beatriz)

Ainda em relação à mãe de Beatriz, Manu relata sobre a convivência e o relacionamento:

> A gente fica na casa dela direto, faz churrasco, toma cerveja junto... para onde a gente vai, ela vai junto com a gente [...] Minha família também adora a Beatriz. Onde vai... do meu lado ela vai, onde eu vou todo mundo gosta, todo mundo recebe bem e a mãe dela sempre vai com a gente, sempre tá acompanhando. A mãe dela também tem um relacionamento [...] tem 50 anos e namora um menino de 23. Querendo ou não é um tipo de relacionamento que, né. (Manu)

Beatriz acrescenta: "Às vezes ela fala 'eu não me intrometo na sua vida pessoal e eu não quero que você se intrometa na minha', e ai fica assim". O relacionamento com a mãe de Beatriz é classificado como conflituoso, no *Genograma* (Figura 9), e como íntimo, no *Mapa de Rede* (Figura 10). Manu, agora falando sobre sua própria mãe: "nossa, ela gostava da Beatriz demais. É como se fosse uma filha também. Ela era muito ligada com a Beatriz". Beatriz pontua: "Era mais comigo do que com ela". Manu concorda e exemplifica: "minha mãe adorava entrar dentro do carro, para onde a Beatriz ia, ela tinha que carregar ela". Beatriz diz: "levava a Gabriela na escola, ela ia". Manu comenta: "É verdade. A Gabriela dormia na sala, e aí nós mudamos de casa, para outra casa com três quartos. Para poder ter um quarto pra ela [...] com a liberdade dela". Observa-se que o relacionamento com a mãe de Manu é classificado, pelo casal, como harmônico no *Genograma* (Figura 9). A partir desse instante, Manu relata, em detalhes, o carinho que sentia por sua mãe e o momento no qual ela adoeceu:

> em fevereiro de 2015 eu fui mandada embora do emprego do nada. Tinha mais de seis anos de empresa e minha patroa chegou, num belo de um dia, e me mandou embora sem motivo. Fiquei em casa e quando fez um mês, porque eu não dormia uma noite sem dar um beijo (em sua mãe), sem falar quer amava, maior grude com a minha mãe, e dei um beijinho e fomos dormir. Quando foi na segunda-feira de manhã, minha mãe estava passando mal. Acordei assustada e quando fui lá, ela estava com vômito, passando mal e eu medi a pressão. De repente ela apagou, eu liguei para a Beatriz, ela veio correndo e tivemos que pegar ela no colo e colocamos no carro e levamos para o posto de saúde. O médico falou que ela estava tendo uma convulsão e deu remédio para convulsão. Posto de saúde você já viu, né. Trocou de turno e veio uma nova médica, quando veio a nova médica, ela falou "não, a sua mãe tá tendo um AVC" e correram com ela e entubaram tudo. Aí ela fez a cirurgia e ficou em coma, oito dias. (Manu)

Manu continua seu relato emocionado sobre sua mãe. Nesse momento, ela descreve os últimos minutos de vida de sua mãe até o falecimento:

> Entrei (no quarto do hospital) e quando fazia uns dois minutinhos que tava lá dentro eu olhei na parede o batimento dela começou a cair. Ela teve aquele vômito que ela teve quando passou mal e eu achei que ela tava voltando, que ela tava voltando assim e ela deu uma esticada e eu vi que ela tava morrendo. Foi baixando, baixando, baixando e ela deu uma esticada nas pernas, porque ela tava toda entubada. Eu senti que ela tava partindo e passei a mão na perna dela e disse "vai com Deus, descansa". Na hora que eu liguei pra Beatriz, ela falou "eu já sei, tô indo aí". Deu uns cinco minutos e a Beatriz estava lá no hospital. Brigou lá e falou: "quero ver Dona Ilda, quero ver, quero ver" e conseguiu entrar. (Manu)

Nesse ponto da entrevista, Manu relata acerca do sentido no qual atribui o falecimento de sua mãe, com o surgimento de seu câncer de mama:

> Um mês antes em abril, no final de março, eu tava sentindo um caroço no peito. Eu senti bem pouco e pedi: "Beatriz, tem alguma coisa aí" e ela examinou e disse: "não, não tem nada", e ela chamou uma amiga enfermeira que disse que não tinha nada, mas eu sentia. Aí passou o falecimento da mãe e quando deu uns 20 dias depois que a mãe tinha falecido, o caroço cresceu do nada, um caroção [...] fiz mamografia, fiz tudo e fui encaminhada para o [nome do hospital de especialidades médicas]. Fiz a biópsia e fui saber, aí deu câncer de mama. Tipo, foi um mês. Aí a médica me explicou que provavelmente já estava lá e como eu sofri muito com a perda da minha mãe meu organismo [...] e ela me explicou que não veio do nada. (Manu)

Beatriz complementa: "Já estava, só que o emocional expulsou ele para fora". Em relação ao diagnóstico médico do câncer, Manu relembra: "Aí a doutora Carol falou 'Manu, eu não tenho uma notícia muito boa', e eu sou bem tranquila assim né e ela 'nossa, mas você tá tranquila'". Manu disse que respondeu à médica: "olha doutora, a gente tá nessa vida para viver o que a vida manda pra gente". Segundo Manu, a médica disse: "'A gente vai fazer um tratamento para cura, só que 50% é você, 50% é a medicina e Deus, você precisa querer'. Ela falou que ia me passar a quimioterapia".

Beatriz, que acompanhou todo esse processo com Manu, disse: "como o nódulo estava muito grande, eles queriam ver se diminuía para não ser uma cirurgia tão agressiva, porque ela tem muito seio e ia mutilar muito uma parte do corpo dela". Segundo Beatriz, os médicos disseram: "vamos começar com a quimio e se ele diminuir, a gente entra com a cirurgia e depois a gente faz a rádio". Ainda ela complementa: "No mesmo dia que surgiu a notícia que ela estava com câncer ela conseguiu uma vaga". Manu prossegue:

> A moça disse que nunca acontece isso. Aí quando ela falou "já vamos fazer a primeira sessão de quimio", eu assustei. Porque antes disso veio uma psicóloga conversar com a gente, a gente foi em uma sala e ela foi explicar, e deu aquele baque e eu chorei, chorei bastante. A Beatriz também chorou bastante, e ela falou: "pode chorar", e veio o baque. Depois que explicou tudo. (Manu)

Beatriz disse que, naquele momento, Manu pontuou: "'se for pra começar hoje eu não quero, porque eu quero tomar uma cerveja' e eu falei que: 'não, se tiver que fazer, você vai

fazer hoje o tratamento' e então surgiu essa vaga. Vamos fazer hoje". Manu acrescenta: "Eu não queria, mas aí ela brigou e falou: 'vai fazer sim, vai fazer sim' e eu fui. Fiz". Manu descreve como foram suas primeiras sessões do tratamento até o momento em que teve uma grave infecção:

> No retorno da minha primeira sessão, o nódulo já diminuiu três centímetros, então teve uma resposta muito grande. De quatro sessões eram de um remédio mais fraco [...] aí nas outras quatro eram de um outro mais forte. Na primeira que eu fiz já caiu todo o cabelo, na primeira quimio que fiz já caiu todo o cabelo, eu já tinha o cabelo curtinho, então pra mim, eu não sofri tanto como mulheres que têm que cortar todo o cabelo né [...] eu já estava acostumada. Quando eu fui fazer a sexta no caso, aí fiz e comecei com uma dor na garganta que foi tampando. A Beatriz me pegou, pôs no carro e levou lá para (Pronto Atendimento) medicou tudo, tirou sangue... fez exame de urina... dois médicos e foi "se você não tivesse vindo aqui, você teria morrido dormindo, estava zerado. É como se você estivesse morta, está tudo zerado, nem sei como você está em pé. Você pegou uma infecção muito grande". (Manu)

Diante dessa situação, Manu também comenta que aconteceu um infortúnio com Beatriz: "a Beatriz subiu comigo, só que não pode ficar, por causa da imunidade. Aí vai essa Beatriz vir embora, na hora que desce pegar o carro quase foi assaltada [...] só sofrimento". Em seguida, Manu relata sobre suas dificuldades nas últimas sessões de quimioterapia, sobre sua espiritualidade, e sobre a decisão de realizar a cirurgia:

> Aí fiquei três dias e passei muito, muito, muito mal e não melhorava [...] Fui pra lá e fiquei mais uns seis, sete dias lá [...] Aí só correria. Melhorei tudo e recuperou, ficou bom. Vim pra casa e fui fazer a sétima. Fiz a sessão. Passei mal de novo e aí vai eu de novo para (Pronto Atendimento), com dor, com dor e falando, eu já tava sentindo que não ia aguentar, tava falando pra Beatriz: "se me fizer outra quimio, eu não vou aguentar". Aí pedi muito para Deus, muito para Deus, aí cheguei para a última consulta implorando para Deus que não deixasse fazer, porque eu senti que se fizesse eu ia morrer. O corpo tava me falando mesmo. Aí Deus ouviu minhas orações e a doutora voltou e falou, o nódulo diminuiu muito: "então a gente vai antecipar a sua cirurgia" Manu: "aí fui fazer todos os preparativos, todos os exames". Minha cirurgia demorou umas 5 horas. (Manu)

Manu reproduz a fala da médica: "nós vamos abrir a axila e se a gente achar alguma coisa lá, aí a gente vai ter que pôr o dreno e você vai ter que posar aqui. Se a gente tirar, fizer uma biópsia e não tiver nada, você vai embora hoje". E ressalta sua fé: "eu pensei que seja o que Deus quiser". Ela obteve alta no mesmo dia da cirurgia. Comenta: "vim pra casa e começou a luta, que não podia mexer e tal. E aí depois já encaminhou aqui né, a rádio e aí foi outro sofrimento". Beatriz acrescenta: "outra luta", e pontua sobre as dificuldades: "sem trabalhar, e eu tendo que trabalhar, tendo que faltar pra acompanhando ela, e sou autônoma, né. Se eu faço, eu tenho, se não faço, não tenho. Ai passando toda dificuldade". Manu complementa: "um pessoal da minha família me ajudou, sabe. Trouxeram cesta básica, alguns

me ajudaram com dinheiro". No *Mapa de Rede* (Figura 10), todos os familiares de Manu estão posicionados, com exceção de um irmão, nos círculos das relações íntimas e intermediárias.

Em seguida, Manu relata sobre as dificuldades do tratamento pós-cirúrgico. Um dos aparelhos de radioterapia não estava funcionando: "tinha duas máquinas, uma máquina quebrou, e como uma máquina quebrou, eles começaram a passar um pessoal para a noite [...] eu tinha que ir, se eu quisesse de noite, tinha que ir de condição própria". E acrescenta: "foram 30 sessões. 30 dias diretos [...] e a Beatriz falou: 'a gente vai dar um jeito'. Fui e ficou na carne viva, machucou todo o meu peito. Sofri, mas graças a Deus fiz e consegui fazer". Manu relata sobre seu estado de saúde atual:

> Aí tô passando pela genética. Fui fazer um ultrassom e apareceu que tinham três miomas. Só que eu vou saber só em novembro o resultado. Tô tomando um Tamoxifeno que é um remédio que tem que tomar durante, no mínimo cinco anos, todo dia de manhã. É um repositor hormonal [...] Aí agora que tá voltando, voltei a trabalhar [...] a cirurgia foi bem e a cicatrização foi boa. (Manu)

Pergunta-se para Manu: "e como você está se sentindo atualmente?" Ela responde: "agora eu tô bem. Tem dias que eu reclamo, mas assim, não estou como era antes. Tem dia que eu sinto um pouco de dor nas costas, tem dia que eu sinto um pouco de dor de cabeça. Eu engordei muito [...] quase 40 quilos [...] por causa desse Tamoxifeno".

No período pós-cirúrgico, Manu comenta que precisou de cuidados diários que foram prestados por sua irmã e Beatriz:

> desde que a Beatriz mora comigo, a gente nunca tinha dormido uma noite separada, nunca. Como ela precisava trabalhar e eu não podia ficar sozinha, porque tinha que me dar banho e essas coisas, de segunda a terça eu ficava aqui [cidade em que moram]. Na quarta-feira, minha irmã de [nome da cidade vizinha] vinha me pegava e levava pra lá, e eu ficava lá. Aí no final de semana, no sábado à tarde ela me trazia, aí eu ficava sábado à noite, domingo, segunda e terça com a Beatriz e ia. Aí foi duro ficar longe. (Manu)

Posteriormente, em relação ao seu trabalho, Manu descreve sua rotina na empresa da irmã:

> Minha irmã tinha uma empresa que eu tô lá trabalhando com ela e a minha irmã falou "vem trabalhar comigo aqui, até pelo menos esse final de ano, para você poder fazer seus exames, porque de repente, se você não se sentir bem, você vai deitar, é mais tranquilo". Aí é onde eu tô assim, na segunda e terça eu vou e volto, aí vou na quarta e fico, venho só na sexta ou sábado. Vou revezando, porque ir e voltar todo dia acaba não compensando, é um pouquinho longe. (Manu)

Neste ponto da entrevista, o casal passa a relatar em detalhes sobre as dificuldades e repercussões no relacionamento diante da questão de saúde de Manu, da situação financeira e de não ficarem mais o todo tempo juntas. Manu inicia: "a gente andou sofrendo um pouquinho, porque nunca ficou longe, né". Beatriz segue: "e tem briga, tem uns atritos". Manu: "nesse meio período a gente quase terminou, a gente teve uma briga feia". Beatriz pontua: "e essa questão da parte financeira também". E declara como está se sentindo:

> Me sobrecarregou [...] até hoje eu estava em um ponto que olhava na cara dela e não suportava. "Gente, eu tô cansada, não aguento mais. Eu não quero mais isso pra minha vida", porque até então a gente viveu os quatro anos bem. A gente nunca brigou, a gente nunca nada. Foi nesse último um ano e meio que veio a falecer a mãe dela, veio essa doença, e então deu uma reviravolta. (Beatriz)

Manu acrescenta: "a gente passou necessidade das coisas, que a gente nunca tinha passado. A gente sempre pagou o aluguel e viveu assim". Nesse contexto, em relação à Gabriela, ela diz: "entendeu super bacana, super bacana a Gabriela". Manu descreve como se sente e como tem lidado com essa questão do relacionamento:

> por causa dessa distância, eu lá e ela aqui. Eu via coisas nas redes sociais dela e ela via coisa minha aí [...] eu falei para ela: "eu sei que não foi fácil esses tempos. Você abraçou um problema que não era seu. É duro para você [...] eu quero ver você bem. Se você não tiver bem, se não tiver te fazendo bem, você me fala e a gente separa. Eu só não quero que tenha mentira, que engane. Se você conheceu outra pessoa". Porque ela estava muito distante e a gente ficava dois, três dias sem se ver e no dia se via, ela nem me olhava. Ela chegava no dia que eu estava em casa e ela ficava lá na cozinha e eu ficava aqui na sala [...] e ela também não sabia o que queria, ela chorava, chorava e chorava e eu falava: "me fala o que está acontecendo". (Manu)

Beatriz complementa: "eu falava para ela: 'eu não sei te explicar o que está acontecendo'". Manu continua: "eu falava: 'você não gosta mais de mim e você não sente mais vontade de me ver? Você não sente saudade?' e ela: 'sinto, mas eu não sei a hora que chegar perto de você'". Beatriz pontua: "me dá uma raiva. Não sei se é raiva... eu tenho não tenho explicação". Manu reproduz a própria fala: "'então você não tem coragem de falar que não quer mais. Você quer que eu saia, que eu pegue minhas coisas e que eu... vou embora e você fique aqui com a Gabriela?' e ela: 'não, não é isso. Eu não quero' e só chorava". E Manu revela: "na minha cabeça, já era que ela estava com outra pessoa, que ela tinha outra pessoa".

Em seguida Manu descreve o envolvimento seu e de sua família com a religião católica, em especial, com o padre Geraldo:

> a gente vai muito nas missas do padre Geraldo e ele é fantástico, na hora da homilia dele, então, parece que várias vezes que a gente ia, ele falava umas coisas que parecia que era para a

> gente né. A gente senta bem no primeiro banco mesmo, na cara dele. Ele fala para a comunidade inteira, mas olhando para a gente, e a gente sempre frequentou lá, a gente vai todo ano na romaria, que é em Aparecida do Norte. Então, a gente sempre está na igreja e minha fase de doente ele acompanhou. Até a Gabriela fez a primeira comunhão. A gente se confessou com ele, e foi onde a gente foi se identificando. Coisas que tem na igreja a gente vai [...] e quando eu fiquei doente, eu ia na igreja mesmo careca. Então ele sempre perguntando: "está precisando de alguma coisa?", "a gente está orando, você está bem?" e tal. Sempre acompanhou. A gente gosta muito da missa dele. A gente fala que é fã dele. Em algum outro domingo a gente vai em alguma igreja aqui, e ele fala que sente nossa falta. (Manu)

A relação do casal com o Padre Geraldo, caracterizada como íntima, está evidenciada no *Mapa de Rede* (Figura 10). Logo, Manu retoma a questão do conflito no relacionamento com Beatriz. Ela sintetiza que, por conta da distância entre elas, surgiu os ciúmes:

> A gente ficou bem distante, mas por quê? Porque a gente estava acostumada a ficar sempre junto e aí, quando não estava, não ficou junto veio a desconfiança, os ciúmes, você não sabe o que está fazendo [...] eu estou aqui, ela está lá, e vai conhecer alguém. Ela está vendo gente, ela está se distraindo, ela tem as clientes dela, eu não, eu estou nesse quadrado aqui. (Manu)

Diante dessa situação revelado pelo casal, questiona-se: "e atualmente, como vocês sentem que está a relação?" Beatriz responde: "está melhorando, mas não está aquele 100% que era".

A partir deste momento, o casal inicia outro assunto, relatando sobre as vivências da orientação sexual, identidade de gênero, das manifestações de preconceito e aceitação. Manu inicia: "sempre fui assim [...] é do natural, desde criança. Eu tenho esse jeitinho, de como falam, de menininho, de machinho [...] não acho que sou homem. Eu não quero ser homem [...] eu tenho amigas que não raspam a perna, que vai falar e falam como se fossem homem." Ela acrescenta:

> Não é o normal, não que seja anormal, tem muita coisa que não é fácil. Então, se eu pudesse escolher, eu não queria ser assim. Só que isso não me faz mal, eu ser assim. Porque eu sempre fui muito bem resolvida. Se eu sou assim, vou ser assim e também nunca sofri com discriminação. Sempre que teve alguma coisa, eu me saí bem nessa situação. (Manu)

Pergunta-se à Manu: "mas você já vivenciou alguma situação de preconceito?" Ela responde, ilustrando com uma situação que aconteceu em seu ambiente de trabalho:

> Já. Quando eu trabalhava nessa empresa que eu fui mandada embora, assim que entrei lá, chegava no refeitório e, aqueles mi-mi-mi, e no outro dia também. Um dia eu cheguei no refeitório, chamei o pessoal e falei: "eu estou vendo vocês falando, vamos fazer o seguinte, eu vou sentar aqui e a gente conversa". Só sei que acabou o horário de almoço ali e todo mundo me adorando, e naquele momento ali eu fui a querida de todo mundo. (Manu)

Continua-se: “e o preconceito relacionado à família de vocês três? Vocês vivenciaram algum tipo de preconceito?” Beatriz coloca:

> de família não [...] mas eu com alguns amigos eu tive [...] quando eu era casada com homem, eu me sentia um casal normal. Mulher e homem. Agora quando eu tive um relacionamento com a Manu, isso que eu sempre quis, mas acho que tinha medo, não sei, qualquer coisa de se assumir. (Beatriz)

Pergunta-se à Beatriz: “quando você fala que era casada com homem, ou até mesmo antes de ser casada, você chegou a ter desejo por outra mulher?” Beatriz responde:

> Sim, sim. Mas não sei se era o medo de se assumir [...] tinha o olhar em outra mulher, sim [...] Mas aí teve as críticas. Eu tive uma relação com o pai dela (Gabriela) e quando a gente se separou ela tinha um ano. Conheci um outro rapaz que a gente ficou casado nove anos. Quando separou, fazia uns três anos que estava separada dele, foi quando conheci a Manu [...] eu me aceitei normal. Não me senti abalada ou ofendida. (Beatriz)

Questiona-se: “você sentiu preconceito?” Beatriz responde: “não”. Manu comenta: “eu acho que o preconceito você sente quando não se assume mesmo. Quando você está de bem e é aquilo que você quer, o preconceito não te atinge”. Beatriz acrescenta: “eu escondi no começo da minha mãe, porque era o meu medo maior. Com os outros eu não me importava. Pra mim não fazia diferença”. E Manu relata:

> a gente não se beija em público, a gente respeita [...] do mesmo jeito que eu acho feio um homem e uma mulher se agarrar na rua, ficar se beijando na rua ou em um restaurante, a intimidade nossa para a gente é para gente, não para os outros ficarem vendo. Agora tem casais que não... já querem ficar mostrando para todo mundo. (Manu)

Pergunta-se ao casal: “alguma experiência que vocês tiveram, por exemplo, no (hospital de especialidades médicas), que vocês fizeram o tratamento. A equipe de profissionais sabia que vocês eram um casal?” Beatriz responde: “sabiam. Aí falaram: ‘o que você é dela?’ e: ‘é minha companheira’. Teve nas primeiras vezes que as pessoas perguntavam para mim, as enfermeiras, e eu falava baixinho: ‘companheira’ e elas: ‘fala alto’. Eu fiquei meio assim”. Manu complementa: “o pessoal já conhece e está acostumado a ver a gente, então, trata assim super bem”. Tal fato pode ser observado no *Mapa de Rede* (Figura 10), o casal incluiu e posicionou uma enfermeira oncológica e o grupo de enfermagem da quimioterapia no círculo intermediário, e a equipe de radioterapia no círculo mais extremo.

Posteriormente, questiona-se: “e a Gabriela na vida de vocês? Todo esse tempo, como é?” Manu inicia a resposta:

> A Gabi, ela em relação a isso ela tem uma cabeça muito boa. Ela nunca me respondeu... ela nunca falou nada assim: "eu não vou te obedecer. Você não é nada minha". Nunca. Se ela não concordar com alguma que estou falando, ela abaixa a cabeça e chora, mas ela não responde. Eu já perguntei para ela: "e na escola?" e ela falou para mim: "quando um ou outro veio fazer gracinha, eu já não deixei". Ela mesma não deixou [...] quando quiseram tirar um sarro dela ela: "epa, aqui não". (Manu)

Em seguida, Beatriz relata:

> A Gabriela tem só 14 anos, mas é muito bem resolvida. A gente ensina, coisas de sexo, drogas, a cabeça dela é superaberta [...] Às vezes quando a gente está deitada na cama, ela vem e deita. Deita no meio e fica um pouco, faz um cafuné e saí. Ela não falou assim: "mãe, porque você é lésbica?", nunca perguntou. (Beatriz)

Manu acrescenta: "a gente sempre pergunta para ela: 'Gabriela, se perguntar quantas mães você tem?' e ela fala: 'eu tenho duas mães'. Então eu falo: 'você considera eu como sua mãe?' e ela: 'sim'". Beatriz comenta:

> Nós três somos muito ligadas. Acho que ela está mais liberal, ela já começou a falar assim: "ai mãe..." esses dias, tipo à noite, ela: "eu ouvi um barulho no seu quarto e eu aumentei a minha televisão, tá? Para de fazer barulho" essas coisas. Ela está se soltando nessas partes. E eu falo: "Manu, pelo amor de Deus, a Gabriela está do lado". Eu me privo muito. Fico morrendo de vergonha. Se a sua filha chega, ouviu seu barulho. (Beatriz)

Manu relata:

> Ela brinca bastante, tipo [...] se a gente saí e chega, e se arruma e está bonita, ela fala: "e Manu, hoje tem, hein? Se prepara", assim, na brincadeira [...] Nunca ficou se agarrando na frente dela. Não vou falar que ela nunca viu a gente se beijar. A gente sempre teve esse cuidado. O que a gente faz é nosso. Eu com ela. (Manu)

Em seguida, Manu diz: "eu já pedi ela em casamento umas trocentas mil vezes". Beatriz comenta: "eu falei que não vou casar [...] Acho que não há necessidade [...] Quero morrer com o meu documento, a minha certidão de nascimento solteira". Manu relata: "nunca tive vontade de casar com outros relacionamentos [...] Eu falava: 'eu vou morrer e se eu morrer? Pelo menos você tem algum respaldo do governo'. Se acontecer alguma coisa comigo, você recebe. Se a gente tiver casada, você recebe um auxílio".

Indaga-se: "então é uma coisa que vocês estão pensando ainda?" Beatriz pontua: "ela está pensando". Manu comenta: "eu vou convencer. Quando eu conseguir eu vou dizer: 'Mário, olha, consegui. Convenci ela'. A Gabriela acha o maior barato". E continua:

> A gente se dá bem. A única coisa que fez a gente brigar um pouquinho foi essa distância e a dificuldade financeira que a gente passou. Não pode falar que a gente já brigou muitas vezes,

> ou uma já ofendeu a outra. Nunca teve isso. Toque, tapa, empurrão... nunca, nem empurrão, nem nada. A gente nunca se tocou. (Manu)

Beatriz relata: "eu sempre, quando estou nervosa [...] eu tenho que ficar sozinha, quieta, tipo, quero chorar, tenho que chorar. Ficar na minha. A pessoa quer ficar em cima, nisso vai me dando um mais nervoso e vou pegando mais raiva". Manu comenta:

> Eu estou aprendendo um pouco, mas já estou me controlando. Você sabe que eu estou me controlando. Antes eu ficava ligando: "onde você está? Onde você vai?", de ficar em cima, mas estou me controlando. Já mudei bastante, né? [...] ela não demonstra, mas ela tem mais ciúmes do que eu, só que ela não demonstra muito. Eu demonstro mais. (Manu)

Beatriz acrescenta: "e quando demonstro é para tipo, querer matar". Manu relata: "nesse dia da briga, que teve a briga, no telefone, ela gritava comigo. Até a Gabriela brinca, imita, tirando sarro".

O casal prossegue, agora falando sobre os planos futuros, particularmente sobre o interesse em adotarem uma criança. Manu inicia: "é assim, a gente tem plano para o futuro né, de conseguir mais coisas [...] a gente conversa que faz seis anos, mas parece..." Beatriz complementa: "que faz 50 [...] é uma ligação muito forte [...] A gente vai adotar um neném, daqui uns tempos". Manu contextualiza: "porque quando aconteceu tudo isso [...] eu estava bem estabelecida no meu trabalho e a gente estava conversando, chegou a ver algumas coisas [...] para poder adotar e quando a gente ia, fui mandada embora, a mãe faleceu e fiquei doente, aí não deu". Diz-se: "e qual o interesse, a intenção de vocês em adotar uma criança?" Manu responde: "porque a gente adora criança, a Beatriz tem a Gabriela, e a Gabriela é doida para ter um irmãozinho". Beatriz acrescenta: "e o jeito natural, eu não quero". Manu: "nem eu, eu também não quero". E comenta:

> tem tanta criança aí, querendo carinho, querendo atenção e precisa [...] a gente gosta demais de criança. A gente tem vontade de ter, porque essa (nome da cachorra de estimação) aí a gente tratou como um filho, com todo o carinho. (Manu)

Pergunta-se: "é uma decisão de vocês duas?" Beatriz: "é". Manu acrescenta: "e a gente quer [...] uma criança bem pretinha, bem negrinha, isso a gente quer também [...] porque a gente acha bonito". Beatriz pondera: "quando a gente se estabelecer [...] uma casa melhorzinha [...] eu já estou montando meu salão [...] ia inaugurar agora em dezembro, mas agora, com essa crise, foi conturbado, aí eu vou ver, se eu inauguro fica para o ano que vem". Manu acrescenta: "planejar também viajar, que o pai dela mora no Nordeste, a família do pai dela de lá".

Neste momento da entrevista, o casal relata, em detalhes, sobre o pai de Beatriz. Manu inicia:

> Quando ele descobriu que ela tinha saído da casa da mãe para morar comigo, o homem pegou o avião lá e veio bater aqui [...] Ligou para ela e falou: "eu já estou aqui, pode vir aqui". Nossa, eu fui morrendo de medo, o que ele queria falar comigo, chegamos lá, cumprimentamos todo mundo e ficamos assim na sala. Levantou e falou assim: "pode vir aqui fora comigo um pouquinho?". A Beatriz levantou para ir junto e ele falou: "não, você fica aí. Meu negócio é com ela, quero conversar com ela" e pensei: "ai meu Deus", mas ele superbacana. Nós fomos lá fora e ele falou: "você e a Beatriz estão juntas? Estão tendo um relacionamento?", e eu: "estamos" e ele: "você gosta dela?" e eu: "gosto", ele falou: "você ama ela?" e eu: "amo muito", ele perguntou: "você acha que ela te ama?" e eu: "ama muito, sim". Ele disse assim: "eu vou te falar que eu não gostaria dever minha filha com mulher, eu gostaria de ver ela com homem, igual sempre vi, mas eu quero ver minha filha e se ela estiver feliz com você, eu vou ficar feliz também. A única coisa que eu quero é que respeite ela, que vocês não tenham briga, se tiverem briga que uma respeite a outra. Que vocês se respeitem e, vou perguntar para ela também" e eu falei: "não, tudo em. Você pode ficar tranquilo, eu nem sou assim. A minha natureza já não é essa. Eu sou tranquila" e ele: "você ficou com medo de mim, né?" e eu falei: "fiquei, essa cara sua, essa sua cara brava aí. Um homem de bigode, lá do Nordeste" e ele pegou e chamou a Beatriz: "você ama a Manu?" e ela: "amo", ele: "você quer ficar com ela?" e: "quero". Ele falou a mesma coisa para ela. (Manu)

Beatriz acrescenta: "ele falou: 'é muito difícil de um pai, ouvir de uma filha isso', [...] eu não tinha falado para a minha mãe, mas meu pai chegou em mim e perguntou". Pergunta-se: "como foi ouvir isso do seu pai?" Manu responde: "foi emocionante, porque ela chorou". Beatriz comenta: "é, chorei. Mas o meu sentimento foi de alívio [...] nossa, a pessoa que eu amo muito, me falar isso, não aceitar, mas estar ali, dando [...] um alvará né, amar, fazer o que quiser da vida". O pai de Beatriz foi incluído no círculo intermediário do *Mapa de Rede* (Figura 10). Manu relata:

> Acho que principalmente por causa da mãe dela. Ficou um ano a mãe dela não aceitando e nesse meio período, eu não ia na casa dela também e, e o pai dela muito animado. O pai dela chegava lá em casa, a gente não estava e o pai dela entrava. Ele me chama de "genra", e liga fala como se eu fosse filha dele também. Todo mundo aceitou em uma boa. Eu peguei um amor muito grande nele [...] é um barato, pensa em um cara gente boa demais [...] a gente ia para o bar beber. Ele falava que era meu namorado para os outros do bar, que estava casado comigo e falava: "olha minha namorada que achei. Estou namorando". (Manu)

Em seguida, Manu comenta sobre o círculo de amigos(as) do casal, em que faz uma distinção entre amigos(as) mais velhos(as) e heterossexuais, com amigos(as) gays e lésbicas:

> A gente tem muitos amigos mais velhos e amigos héteros. Não andamos muito com muitas gays e muitas lésbicas junto. A gente tem amizade, se encontra nos lugares, mas nossos amigos não são pessoas assim [...] Homem e mulher e mais velhos, a maioria dos nossos amigos são pessoas mais velhas [...] Esse tipo de amizade que a gente tem mais e que a gente gosta. (Manu)

Ainda em relação às amizades, Beatriz comenta: “esses amigos que ela convivia aqui aí já alertei ela para a gente se afastar. Esse mundo de gay é muito podre. Um mundo muito difícil. Por exemplo, assim, a Beatriz e a Manu é um casal e a gente se separa. Uma pega a outra, fica aquela surubaiada”. Manu acrescenta: “está com uma hoje e com outra amanhã. Fica apenas uma paquerando a outra ali e você não pode confiar de ir no banheiro e deixar a outra ali sozinha”. Beatriz pontua: “eu fui alertando a Manu sobre isso e falei: “eu não quero”. Falei que não queria conviver com amigos assim”. Manu complementa: “a gente não fica grudado. É de vez em quando. A gente prefere sair com esses outros amigos, com família. Com a minha família, com meus irmãos do que, do que com amigos assim”. Observa-se no *Mapa de Rede* (Figura 10) que elas incluíram os(as) amigos(as) divididos entre os três círculos de proximidade. Neste instante, Manu declara:

> A Beatriz tem muito ciúmes das minhas exes, só que eu tento explicar para ela que não tem nada a ver, que já passou e foi passado. Se eu tive um sentimento, eu tive, mas nada comparado ao dela. Até porque, se eu já tinha um amor tão grande por ela e depois de tudo que passei e ela comigo, meu amor só aumentou. Totalmente diferente de outras. E outra, ela cuida muito bem da casa, cuida muito bem de mim, cuida muito bem da Gabi, é uma ótima dona de casa e é uma ótima companheira. A Beatriz que alegra o ambiente, ela que conta as piadas, ela que faz rir e todo mundo gosta de estar com ela no ambiente. (Manu)

Encaminhando para o final da entrevista, Manu relata uma situação ocorrida recentemente: “domingo ela foi acordar e eu assustei, eu estava sonhando com não sei o quê, e dei um pulo, me assustei e ela falou: ‘você não estava sonhando comigo, né?’” Beatriz acrescenta: “falei: ‘comigo que não foi. Com quem você estava sonhando?’” Manu disse que respondeu à Beatriz: “‘ah, você está com ciúmes do meu sonho” e ela: ‘eu estou, porque você não sonhou comigo. Com quem você estava sonhando?’. Eu falei: ‘que bonitinho. Você tem ciúmes do meu sonho?’ e ela: ‘tenho’”. Beatriz comenta: “Eu sou aquele tipo de pessoa assim, que quando fica com ciúmes não fica falando. Fico com raiva, eu emburro, fico nervosa”.

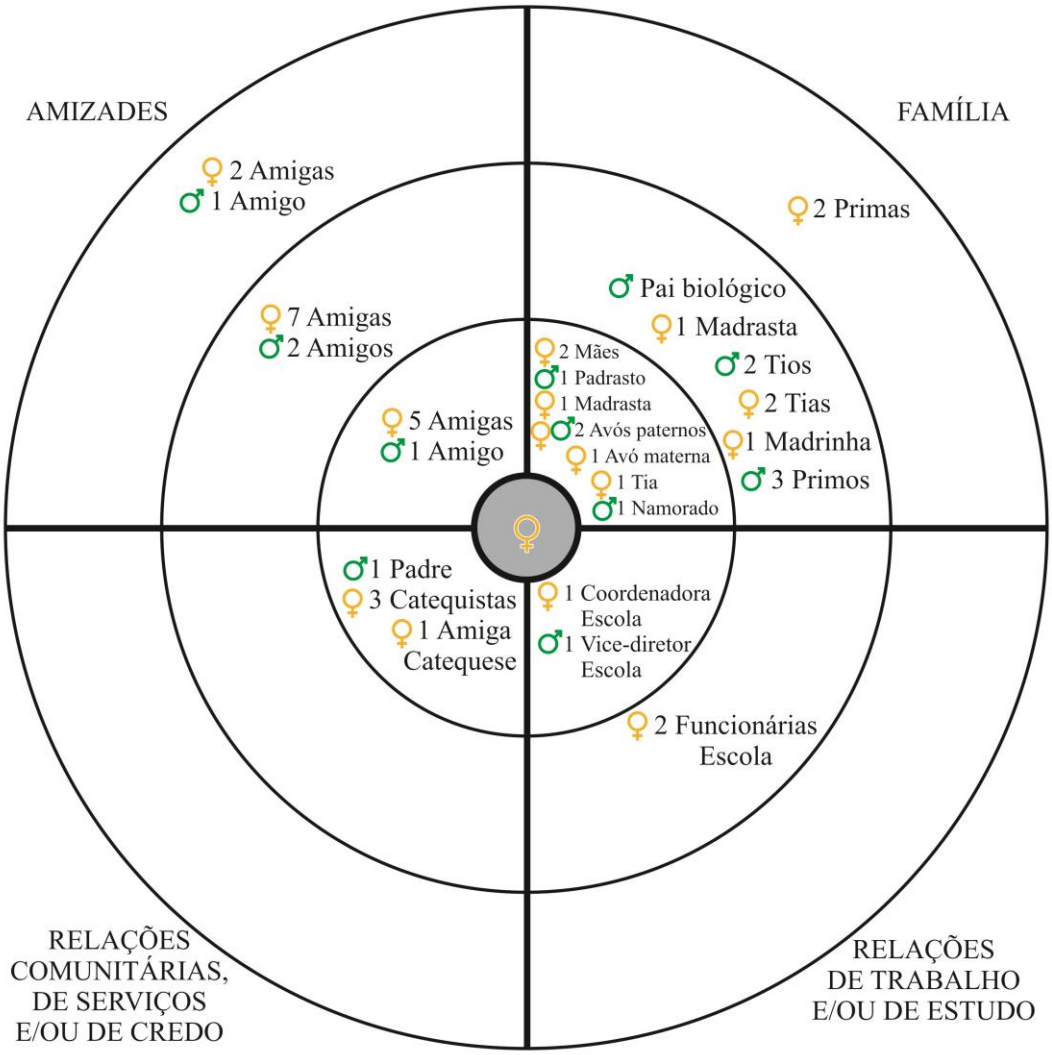
Finalizando a entrevista, Manu conclui:

> A gente tentou contar da mesma forma que a gente contou para qualquer pessoa que a gente contou. A gente contou essa história trocentas mil vezes, em diferentes lugares. Eu acho que as pessoas, que a gente conhece e convivem, gostam muito do nosso relacionamento, como nos conhecemos e como a gente vive. Eu falo para ela que apesar dos pesares, são três mulheres que vivem, mas graças a Deus, a gente vive bem. A gente consegue viver bem com honestidade e trabalhando, para conseguir as coisas. A gente adora tomar uma cerveja. (Manu)

Beatriz enfatiza: Muita cerveja.

A partir deste ponto, o texto com os dados integralizados do *Mapa de Rede* e da *Entrevista Aberta* com Gabriela, a filha do casal, é apresentado, após a Figura 11 (*Mapa de Rede*).

Figura 11 - Mapa de Rede: Gabriela



Fonte: Elaboração do autor.

Inicia-se a entrevista com a questão central para Gabriela: “conte para mim como é a experiência de conviver em família para você”. Ela responde:

> Ah, pra mim é ótimo hoje em dia [...] no começo foi tudo meio, eu descobrindo. Minha mãe não chegou e falou [...] eu ficava pensando: “será que eu pergunto? Não pergunto” [...] aí que eu fui que entendendo, né, nossa, minha mãe tá todo dia, todo dia com ela. Aí eu fui pegando bastante amizade com a Manu, desde sempre [...] primeira vez que elas se viram eu tava junto, eu já percebi. Aí foi, tipo, uma novidade, um susto, de repente, mas eu acho tranquilo, aceito normal, não tenho preconceito. (Gabriela)

Gabriela declara que passou por situações de preconceito e discriminação, no âmbito de suas amizades, devido ao fato de sua mãe viver em um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo/gênero:

> Tipo, vários amigos, que disseram que eram amigos, se afastou [...] na escola era brincadeiras [...] eu falava sempre pra minha mãe. Minha mãe: "não, Gabriela, corta" [...] uma vez que chegaram pra mim e falaram assim: "ai, Gabriela, será, sua mãe faz relação, que não sei o quê", ficou falando as coisa. Aí eu falei assim: "você quer deitar na cama com ela pra você saber?" E eu fui entrando na brincadeira. (Gabriela)

Questiona-se: "como que você se sentia?" Ela responde:

> Ah, ruim foi pra mim, né [...] eu chorava, mas amigos vinham me abraçavam, "não, Gabi, não fica assim, tô junto com você" [...] esses amigos que me abraçaram, sempre tão hoje comigo. Mas alguns deles se afastou também. Hoje quer ter convivência comigo, eu não quero. Me abandonou um dia, não quero mais. (Gabriela)

Gabriela complementa: "falaram pra todo mundo. Ainda me zoava, 'ai, Gabriela [...] sua sapatona, filha de sapatão, que não sei o quê'. Eu entrava na brincadeira, porque se eu ficasse nervosa era pior". Pergunta-se como era em relação aos professores da escola. Ela responde: "sempre me apoiando [...] eu sempre descia na diretoria [...] conversava com diretor, o diretor dava ocorrência pra essas pessoas. Que não é certo, falar, julgar os outros". O pesquisador: "você sentiu um apoio da sua escola?" Ela relata:

> Senti. Tinha dia que eu não conseguia nem fazer lição, eu tremia, de tanto chorar. Tinha vez que tinha que até ir embora. Aí, mas sempre tava ali um povo me apoiando. Agora não mais, por causa que se falam é igual tipo uma brincadeira, então eles param. Eles ficam meio que sem graça. Nem dou bola assim, sabe, eles ficam sem graça. (Gabriela)

No quadrante das relações de amizade do *Mapa de Rede* (Figura 11), Gabriela incluiu seus/suas amigos(as) preenchendo os três círculos. No quadrante das relações de trabalho e/ou estudo, ela incluiu nos círculos dos relacionamentos mais íntimos e intermediários, quatro funcionários da escola. O pesquisador: "quais foram os tipos de xingamentos, de ofensas que eles faziam, Gabriela, você lembra?" Ela descreve:

> Falaram assim que só porque minha mãe era, é lésbica, eu poderia ser biscate, eu poderia ser tudo, me xingaram de vários nomes, de puta, de tantos nomes. Que eu também ia virar, que eu ia sair pegando a perereca de todo mundo na rua. Mas eu nem dava bola, né, eu ficava super quieta. Mas eu chorava. (Gabriela)

Neste instante, Gabriela relata sobre a sua relação com Manu, considerando-a uma fonte de suporte:

> qualquer coisa, se acontecer, eu conto pra Manu. Que eu não sou tão mais aberta com a minha mãe. É mais com a Manu [...] amor de mãe não tem igual, né [...] é que a Manu é diferente, tipo, eu posso abrir mais que ela só escuta, eu só falo. Aí tem vezes que eu só escuto. Mas com a minha mãe não, se eu te falar ela vai te interrogar, né, aí eu, eu fico com vergonha. (Gabriela)

Pergunta-se para Gabriela como ela chama, se refere à Manu. Ela responde: "tem vezes que eu chamo de mãe, tem vezes que eu chamo de Manuzinha, tem vezes que chamo de Manu, tem vezes que ela fica muito no meu pé, eu fico nervosa: 'oh, Manu'". Questiona-se: "você entende ela como o quê?" Gabriela responde: "como mãe. Em momentos que eu precisei, ela também tava junto. Qualquer coisa que eu precisar, eu sei que ela vai tá lá. Tá sempre pegando no meu pé, igual minha mãe [...] Ela tá sempre junto comigo. Na escola, quando precisa, vai na escola, nas reunião". Gabriela incluiu suas mães no círculo de suas relações mais íntimas do *Mapa de Rede* (Figura 11). Pergunta-se: "e a vida familiar de vocês três, como é?"

> Ah, é boa. Minha mãe sente bastante ciúmes, por isso que eu fico mais com a Manu, pra provocar ciúmes [...] Aí quando eu fico com a minha mãe, a Manu vira. Aí quando eu fico com a Manu minha mãe vira [...] eu tô com a minha mãe, aí a Manu, "Gabi, vem abraçar eu também", aí eu tenho que abraçar [...] Todo dia de noite tenho que ir lá deitar, conversar, abraçar uma, tenho que ficar abraçada assim na cama, no meio das duas. (Gabriela)

Questiona-se: "e como você vê tudo isso?" Gabriela declara: "Ah, super bom [...] é uma coisa nova. Que, tipo, eu tô sempre acostumada com a minha mãe casada com homem, amigada com homem, mas agora é uma mulher. Cara, muito bom".

O pesquisador: "e como, como que foi pra você todo esse caminho aí?"

> parece que me fez tão bem, sabe. Ter uma mulher assim em casa também, sem ser minha mãe. Pra poder contar, assim, sabe. Tudo que precisava, se eu tivesse com dor, assim, coisa de mulher posso contar [...] a Manu é totalmente diferente, tudo de bom. Tudo o que eu preciso, quando eu tô com fome, quando ela chora, então, eu choro junto. (Gabriela)

Continua-se: "com seus avós, como que é a relação?" Ela relata:

> No começo, minha vó não aceitava muito, me xingava. E era sempre assim. Aí teve uma vez que eu briguei com a minha vó, por causa que ela tava falando da minha mãe, até hoje minha vó não aceita. Há mais de um ano que eu não moro mais com ela. Que nem meu pai também não aceitava. Meu pai até hoje não aceita: "ai, vem morar comigo porque sua mãe tá com mulher, que não sei o quê", eu falei: "não, quero minha mãe". (Gabriela)

Embora Gabriela descreva certos problemas na relação com a avó materna, ela a incluiu no círculo dos relacionamentos mais íntimos no *Mapa de Rede* (Figura 11). Pergunta-se: "como que é sua relação com o seu pai?" Gabriela descreve:

> eu vejo ele com frequência [...] Tudo o que eu preciso eu vou, falo. Apesar de que, tipo, eu passo um mês, por exemplo, sem ver ele [...] Mas na minha vó, assim [...] quase todo dia eu

> vou lá por causa da escola. Mas com meu outro pai, meu padrasto, eu sou mais aberta. Porque eu considero ele mesmo como um pai. Os dois moram aqui em [nome da cidade]. (Gabriela)

O pesquisador: "você tem contato com os dois ainda?" Ela responde e ilustra descrevendo uma situação recente:

> Tenho. Que nem, domingo, ontem, eu li na missa. Minha mãe conversou com ele, aí ele me ligou: "ai, Gabi, você vai ler na missa", aí eu falei: "vou, que não sei o que", aí tá. "Tô indo", "tá bom", e aquela vergonha né [...] Eu sempre chamei ele de pai. Que nem hoje ele tem uma filha. Nas férias, eu olho da filha dele. Mas a esposa dele aceita, sabe? Super gente boa comigo, eu vou lá, janto, almoço, durmo lá. (Gabriela)

No tocante às relações provindas do meio religioso, Gabriela incluiu um padre, três catequistas e uma amiga no círculo dos relacionamentos mais íntimos no *Mapa de Rede* (Figura 11).

Gabriela, neste momento, comenta sobre seu namorado: "no começo eu não falava que a Manu era amigada com a minha mãe". O pesquisador: "e atualmente ele sabe?" Gabriela: "Sabe. Ele gosta, porque ele tem bastante amigos gays. Eu também tenho, vários. Então ele aceitou normal. Eu perguntei pra ele no começo se ele tinha preconceito, ele falou que não". Gabriela posicionou seu namorado no círculo dos relacionamentos mais íntimos no *Mapa de Rede* (Figura 11).

Posteriormente, realiza-se uma observação: "você tem o seu pai biológico, que você tem contato aqui. Você tem o seu padrasto, que você chama de pai, que você também tem o contato. Daí você tem a Beatriz que é sua mãe biológica e você tem a Manu". Gabriela complementa: "são meus pais e as minhas mães". Ela descreve os dois pais:

> o João é casado e tem duas criança [...] sexta-feira eu tomei um susto, que ele chegou em mim falando que a esposa dele tava grávida [...] o José só tem uma menina. O do João eu só considero o menino. A menina eu não gosto, assim, sabe. Tipo, o menino eu já tive pegação, mais grude. A menina, não, a menina eu chego lá a menina fica de canto, ela tem dois ano. Tipo, eu entendo que é criança. Aí agora a do José é uma menina. A menina, não, a menina já é grudada comigo. (Gabriela)

Em relação ao preconceito, Gabriela analisa e exemplifica: "o preconceito tá em toda a parte. Tipo assim, se eu vou numa festa com a minha mãe. Aí o povo para, fica olhando, sabe? E começa a falar um pro outro. Aí eu fico meio com vergonha, eu não me distanceio".

Continua-se: "que mais que você pode me contar? Sobre você, sobre sua família. O que você acha importante?" Gabriela responde:

> o importante é que nós duas somos bem reunidos, né, eu, minha mãe, a Manu. Qualquer coisa, tamo nós três. Quem tem mais ciúme é a Manu. Mais do que minha mãe. Que aí, assim, em questão de mim com meu namorado a Manu tem mais ciúmes [...] eu fui no aniversário né, no shopping, que ela falou, que ela chegou eu tava saindo. "Ai, Gabi, não demora não. Vem não sei que hora, vem não sei que hora". Cheguei na festa: "Gabi, onde você tá?". "Tô no

> aniversário", "não demora não [...] não demora não" e me ligava toda hora [...] eu sou mais pegajosa com ela do que com a minha mãe. Inverteu o papel, né. (Gabriela)

Gabriela acrescenta: "minha mãe nunca chegou e falou, 'Gabriela, oh, tô namorando a Manu, sou lésbica'". Assim, o pesquisador: "e como que foi a situação de eu estar vindo aqui, como que elas explicaram?" Ela descreve, em detalhes:

> eu fiquei morrendo de vergonha, né. Ela pegou e falou assim: "oh, Gabi, vir um moço, que ele tá fazendo curso, vai entrevistar a gente. Ele é psicólogo, ele vai te perguntar", "mas que que eu vou responder?". Ela falou: "ah, não sei, ele vai te perguntar, você fala, né". Eu falei: "mas por que que ele vai vim?" "Ah, é por causa que ele vai vim, que é de família do mesmo sexo, que não sei o quê, que tem uma filha". Mas foi tudo um choque [...] eu nunca, tipo, nunca fui entrevistada assim [...] hoje na escola, eu fiquei toda toda: "Ai, gente, vai um psicólogo lá em casa me, me, me entrevistar". Toda chique, né. (Gabriela)

Gabriela comenta que ela tem uma amiga, colega de sala, que também tem duas mães lésbicas. Questiona-se: "e vocês compartilham histórias em comum? A questão do preconceito, será que ela sofreu também, Gabriela?" Ela responde: "sofreu. Na escola também. Na mesma escola que eu". E Gabriela relembra e pontua: "a escola apoiou. Só os alunos mesmo, que se fingiram ser meus amigos, quando descobriu, me deixou de lado. E esses que me criticaram hoje quer ser meus amigos. E eu não quero mais".

Posteriormente, Gabriela comenta sobre a relação de seus dois pais com suas duas mães:

> quando eu preciso de alguma coisa aqui em casa, a Manu liga pra ele, são super amigos. A casinha da [nome da cachorra de estimação] foi ele que fez. Quando precisa de arrumar o banheiro, o chuveiro, a Manu, "oh, José, tô precisando, que não sei o quê", ele vem arrumar. E convivem super bem. Mas com meu outro pai, o João, não. Ele fica jogando as coisa na cara, sabe? "Ah, que sua mãe é isso, sua mãe é aquilo, você vai ter que ser isso, não vai nas ideia da sua mãe, não vai atrás da sua mãe, você não tem futuro [...] Eu falo pra ele: "que que você vai tá ganhando com isso? Só vai tá me afastando de você, né". (Gabriela)

Gabriela incluiu suas mães, seu padrasto e sua madrasta no círculo os relacionamentos mais íntimos no *Mapa de Rede* (Figura 11). Seu pai biológico e sua outra madrasta foram incluídos no círculo intermediário.

Finalizando, conclui-se com uma pergunta: "E se eu perguntasse pra você quem é sua família hoje?" Ela responde: "minha família é minha mãe e a Manu. E o José, meu padrasto [...] minha vó por parte de pai. Por parte de mãe, não tanto. O... João. Que a do José faleceu esses dias.

Retomou-se o contato com a família, por volta de dois anos após a coleta de dados ter sido realizada, solicitando-a para que avaliasse o texto elaborado a partir dos dados do casal e da filha. A participante Manu comentou que, nesse ínterim, Beatriz e ela ficaram quase um ano separadas e atualmente estão juntas e bem. Em relação ao seu estado de saúde, por ter tido câncer de mama, ela mencionou passar bem, realizando acompanhamento médico e tomando medicação diária.

As análises individuais de cada família, nas quais foram apresentados os resultados de cada casal e filho(a), foram então finalizadas. Neste momento, apresenta-se a Tabela 5, que contempla a identificação dos temas recorrentes entre as famílias.

Tabela 5 - Identificando os Temas Recorrentes

	Temas	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4	Presente em mais de três famílias?
1	Ser lésbica/gay: vivências [casal]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
2	História detalhada do relacionamento amoroso [casal]	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
3	Relacionamento heterossexual anterior [casal]	Sim	Não	Não	Sim	Não
4	Modo de acesso à parentalidade [casal]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
5	Vivências dos papéis de gênero [casal]	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
6	Transformação pessoal com a maternidade/paternidade [casal]	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
7	Relação de companheirismo [casal]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
8	Cuidado e preocupação relativos à educação do(a) filho(a) [casal]	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
9	Reflexões sobre a possível orientação sexual do(a) filho(a) [casal]	Não	Sim	Sim	Não	Não
10	Desejo de ter outro(a) filho(a) [casal]	Sim	Não	Não	Sim	Não
11	Rotinas pessoais e familiares [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
12	Viver bem em família [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
13	Espiritualidade/religiosidade [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
14	Cuidados à saúde: casal e família de origem [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
15	Percalços da aceitação do casal por parte da família de origem [casal]	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
16	Experiências de preconceito social e familiar [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
17	Preconceito direto não, mas pode ser velado [casal]	Não	Sim	Sim	Não	Não
18	Ser discretos(as) na sociedade e na expressão de afeto [casal]	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
19	Exposição do casal/família na mídia [casal]	Sim	Sim	Não	Não	Não
20	Apoio da escola [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
21	Seletivos(as) em relação às amizades [casal]	Sim	Não	Não	Sim	Não
22	Reflexões sobre a participação na pesquisa [casal/filho(a)]	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração do autor.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como principal objetivo conhecer e analisar as vivências familiares a partir das vozes de casais do mesmo sexo/gênero e seus/suas respectivos(as) filhos(as). Para isso, os dados foram qualitativamente coletados com quatro famílias: duas formadas por um casal de gays e um filho, uma constituída por um casal de lésbicas e um filho, e a outra por um casal de lésbicas e uma filha, totalizando 12 participantes. Cada família foi analisada, individualmente, de acordo com os passos metodológicos preconizados pela Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), valorizando-se as vozes dos casais e filhos(as). Posteriormente, foram cotejados os dados obtidos com as quatro famílias, o que permitiu identificar os temas considerando sua similaridade, ou não, no conjunto das famílias analisadas. Então, os 16 temas similares foram analisados e discutidos, estando realçados em **negrito** para a melhor identificação no decorrer do texto.

A AFI foi o referencial teórico-metodológico que norteou esta pesquisa. Estudos que o utilizaram para investigar famílias formadas por pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as) ainda são raros no âmbito internacional, sendo que, no contexto brasileiro, o presente estudo é pioneiro a empregar essa abordagem teórico-metodológica com tal propósito. Além disso, independentemente do referencial adotado, esse campo de pesquisa ainda dispõe de pouca literatura, o que limita as possibilidades de compreensão acerca das temáticas que circundam essas famílias. Por essa razão, e no intuito de ampliar as perspectivas de discussão dos dados obtidos, os resultados foram discutidos também em diálogo com estudos conduzidos com abordagens fenomenológicas tradicionais, assim como com o panorama da literatura disponível acerca do tema.

Os/as cônjuges relataram suas vivências relacionadas a **ser lésbica/gay**. Inicialmente, eles(as) passaram por momentos relacionados ao auto reconhecimento da orientação sexual e da identidade lésbica/gay. Alguns/algumas participantes atribuíram o ser lésbica/gay como algo nato, percebendo sua orientação e identidade sexuais desde muito cedo, ao passo que outros(as) relataram que só se reconheceram como lésbica/gay na idade adulta, tendo alguns/algumas vivenciado sofrimentos decorrentes dessa orientação sexual não heteronormativa ao longo de sua trajetória desenvolvimental. Percebeu-se que, embora os casais atualmente se auto definam como lésbicas/gays, suas vivências, nesse aspecto, são processuais e diversas, configurando percursos singulares rumo à apropriação de quem cada um/uma é.

Em uma tentativa para a compreensão dessas trajetórias, Coleman (1981-1982) esclarece que há cinco estágios de desenvolvimento no processo de "sair do armário" de lésbicas e gays. No primeiro, "pré-sair do armário", ele considera que as crianças têm sua identidade e papeis de gênero construídos durante a primeira infância, porém elas ainda não têm discernimento para compreender que esse processo está acontecendo. No caso das crianças que têm orientação homossexual, elas habitualmente podem estar inseridas em um contexto social no qual há expressão de preconceito em relação ao ser lésbica/gay. Com isso, elas se sentem diferentes, porém não conseguem descrever o que está acontecendo consigo mesmas, e muitas vezes vivenciam conflito e sofrimento.

De acordo com o autor, no segundo estágio, "saindo do armário", o indivíduo começa a reconhecer sua homossexualidade, e também compartilha isso com outras pessoas. Essa fase geralmente acontece entre os 13 e 18 anos de idade, aproximadamente. A partir do momento em que se identifica o interesse afetivo/sexual em relação à pessoa do mesmo sexo/gênero, torna-se importante contar e conhecer a opinião do outro sobre isso que está acontecendo. Ninguém é capaz de construir seu autoconceito sozinho e, com isso, a opinião dos outros tem relevante valor. Nessa circunstância, se as opiniões forem negativas, podem afirmar o preconceito e a baixa autoestima. Se positivas, podem contribuir para a aceitação de seus sentimentos e aumentar a autoestima. As atitudes positivas por parte dos pais e das mães tem significativa dimensão para a auto aceitação da pessoa.

No terceiro estágio, "exploração", a pessoa experimenta a identidade sexual. A maioria das lésbicas e dos gays não vivencia a adolescência durante os anos dedicados a esse período. Há um atraso de desenvolvimento em sua adolescência sexual, o que pode ser conflituoso para os(as) que amadureceram intelectualmente, profissionalmente e financeiramente. As características desse estágio são as habilidades interpessoais para conhecer e socializar com outros(as) gays/lésbicas; desenvolver a atratividade pessoal; e ter relações afetivo-sexuais, considerando-as em amplitude, além do sexo, incluindo outras necessidades, como carinho, atenção e diálogo. A baixa autoestima pode aparecer como a grande dificuldade relacional nesse período (Coleman, 1981-1982).

O quarto estágio, "relacionamentos estáveis", se inicia após o período de experimentações do estágio anterior, logo, as necessidades agora são de intimidade e comprometimento um relacionamento estável. O desafio se torna o conduzir um relacionamento homossexual em uma sociedade heteronormativa. Os primeiros relacionamentos sérios podem ser caracterizados pela intensidade, possessividade e falta de

confiança, e, portanto, são muitas vezes temporários e podem terminar como uma maneira de aliviar a pressão.

No quinto e último estágio, "integração", se dá a partir de um processo contínuo que durará o resto da vida. Essa identidade integrada usualmente acontece após dez anos do segundo estágio. Novos sentimentos surgem e relacionamentos são vivenciados. O estágio é caracterizado, por exemplo, pela confiança mútua e liberdade entre os membros da relação amorosa, que caminham para compromissos a longo prazo. Por outro lado, outros indivíduos podem optar em não estar em relacionamentos duradouros. O crescente movimento da aceitação social, política e jurídica das comunidades LGBTs, tem propiciado uma vivência positiva das pessoas que não se enquadram na hegemonia heteronormativa. Além disso, a qualidade da vivência familiar se coloca como um fator proeminente para o bem-estar desses indivíduos (Coleman, 1981-1982).

É essencial ressaltar que o autor não considera que todos os gays e todas as lésbicas passem por esses estágios em ordem, nem que todos completem os cinco estágios. Alguns podem permanecer em um estágio e nunca progredir. Há tarefas de desenvolvimento características a cada estágio, que precisam ser completadas em algum momento, para finalmente se tornarem plenamente integradas.

Os casais contaram as **histórias detalhadas de seus relacionamentos amorosos.** À exceção do casal Bruno e Cláudio (Família 3), os demais relataram, com riqueza de afeto e particularidades, o modo como se conheceram. A **relação de companheirismo** aparece como base da vivência de todos os casais, que relataram, por exemplo, os momentos em que o apoio e a compreensão prevaleceram em detrimento às adversidades do dia a dia. Eles(as) demonstraram estar imbuídos(as) em um desejo de construir uma vida a dois, compartilhando o mesmo projeto de vida. Assim, qualificaram seus relacionamentos baseados nos sentimentos de amor, companheirismo e parceria, como também apontou o estudo de Meletti e Scorsolini-Comin (2015) acerca da conjugalidade em casais homossexuais.

De acordo com Ziviani, Féres-Carneiro e Magalhães (2012, p. 166), "o casal fundamenta-se na lógica do um e um são três: a sua dinâmica encerra, ao mesmo tempo, duas individualidades e uma conjugalidade". Em outras palavras, a formação do casal compreende "o entrelaçamento de dois 'eus', duas subjetividades, para a constituição de uma identidade compartilhada, em cuja direção acena o ideal de um projeto conjugal" (p. 166). Nesse sentido, a conjugalidade se instaura "com a criação de um território comum, no qual começam a ser compartilhadas experiências que produzem pautas de interação social significativas para o casal, relativizadas pela experiência de construção psicossocial de cada indivíduo" (Féres-

Carneiro & Diniz Neto, 2010, p. 270). Então, a vivência do casal deve ser compreendida como uma trajetória e "não meramente envolvendo as fases inicias de engajamento amoroso, pois são os padrões de relacionamento que mantêm a conjugalidade e sua qualidade, ao longo do tempo, permitindo que esta resista às diversas circunstâncias [...] previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida" (p. 270).

Nesse cenário, os casais comentam sobre as **vivências dos papéis de gênero** no relacionamento conjugal, fazendo um contraponto entre o que é esperado socialmente, no senso comum, do "papel do homem e da mulher", e o que é realmente vivido nas relações cotidianas. Tanto os casais de homens, como os de mulheres, mencionam que desempenham funções/papéis que poderiam ser classificadas como entrelaçadas(os) entre os gêneros. Nesse aspecto, o casal da Família 1 se diferencia dos demais, pois deixa demarcado que Américo se vê como um homem no corpo de uma mulher. Entretanto, elas dizem que mesmo com essa especificidade, não correspondem aos papeis de gênero em sua totalidade, ou seja, Tulipa pode desempenhar um papel entendido como masculino em algumas situações, e Américo exercer um papel entendido como feminino. Essa flexibilidade sugere que as vivências dos papéis de gênero, ao menos nesse nível do cotidiano familiar, não são rigidamente definidas pelo binarismo, havendo uma certa liberdade de transitar entre esses papéis dependendo da situação e da necessidade que se apresenta. Tais dados correspondem à pesquisa sobre homoparentalidade feminina desenvolvida por Pontes, Féres-Carneiro e Magalhães (2017, p. 283), na qual "os modos de divisão de tarefas se basearam nas aptidões de cada membro do casal e não seguiu uma determinação preestabelecida que correspondesse aos papéis de gênero".

Um estudo quantitativo realizado por Shechory e Ziv (2007) analisou as relações entre atitudes de papéis de gênero, tarefas domésticas e a percepção de equidade entre casais heterossexuais, gays e lésbicos. De modo geral, constatou-se que os casais do mesmo sexo tinham atitudes mais liberais em relação aos papéis de gênero do que os casais heterossexuais. No tocante à divisão de papéis, os casais de lésbicas eram mais igualitários do que os casais heterossexuais. Nesse aspecto, acerca dos casais gays, um dos cônjuges considera o relacionamento menos equitativo do que o outro cônjuge. Assim, as mulheres demonstraram atitudes mais liberais sobre os papéis de gênero. De acordo com o mesmo estudo, existem diferenças sobre como o conceito de equidade no relacionamento é percebido pelos dois gêneros. As mulheres avaliam uma situação como equitativa se seu investimento próprio é proporcionalmente semelhante ao benefício que recebem do(a) parceiro(a). Em contraste, os homens (heterossexuais e gays) esperam que seu benefício próprio seja maior que o grau que

investem na relação. Dessa forma, entende-se que não é a orientação sexual que determina o senso de equidade, mas sim a percepção subjetiva do sexo/gênero e do relacionamento. Apenas casais de lésbicas mostraram uma correlação significativa entre a divisão de papéis e um senso de equidade, um dado que não estava presente entre casais heterossexuais ou gays. Com isso, sugere-se que homens heterossexuais e gays esperam se auto beneficiar mais do que investem em um relacionamento, fato que não ocorre entre as mulheres heterossexuais e lésbicas (Shechory & Ziv, 2007).

Ainda no que concerne ao cenário da vida afetiva dos casais, eles comentam e refletem sobre os **modos de acesso à parentalidade**, ou seja, ampliam a temática pertinente à vida conjugal para a vivência parental, contando sobre como se tornaram mães/pais. Entre os quatro casais, aqueles formados pelos homens gays realizaram a adoção judicial de seus filhos. No casal da Família 2 (Bogart e Paulo), a adoção foi unilateral, pois, quando se conheceram, Bogart já havia adotado Rodrigo. Todavia, a parentalidade é exercida pelo casal de maneira igualitária. O casal da Família 3 (Bruno e Cláudio) relatou, minuciosamente, como foi o longo e árduo processo da adoção, no caso realizada por ambos, de seu filho Rafael. Entre os dois casais de mulheres, por sua vez, a parentalidade se apresentou de duas outras maneiras. Tulipa e Américo, que formam o casal da Família 1, se tornaram mães de Torquato por meio de inseminação artificial. O procedimento médico foi realizado em Tulipa, com doador anônimo de esperma. Assim como foi constatado no estudo de Touroni e Coyle (2002) sobre a parentalidade lésbica, utilizando o referencial da AFI, o processo de inseminação artificial com doador anônimo nas participantes desta pesquisa também visou evitar qualquer tipo de relação, presente ou futura, com o pai biológico. No casal da Família 4, Beatriz já era mãe de Gabriela quando conheceu Manu, que é filha biológica de Beatriz com seu ex-companheiro João. O presente estudo contemplou apenas quatro casais/famílias, e ainda assim se observou uma diversidade considerável de vivências nas formas como essas mulheres e esses homens se tornaram mães e pais.

A despeito dessa diversidade de vivências conjugais e parentais, a **transformação pessoal com a maternidade/paternidade** é ponto em comum entre os membros dos casais. Quando lhes é dada a oportunidade de se expressarem por meio de suas vozes, eles comentam que ser mãe/pai alterou profundamente o sentido de suas vidas, e com a experiência de transição para a parentalidade seus objetivos estão voltados a promover o bem-estar do(a) filho(a). Os relatos remetem à importância que atribuem e à admiração que sentem em relação aos(as) filhos(as) estarem sendo bem educados(as), tanto nos modos de ser dentro de casa,

quanto na sociedade, também considerando a educação formal escolar. Em um recente estudo com famílias heteroparentais e homoparentais, as autoras consideram:

> as expectativas parentais estão sujeitas às transformações da cultura, delineando-se de formas diversas em cada sociedade e em cada momento histórico [...] valorizamos a capacidade dos pais para refletir com o filho sobre o futuro, mas vale enfatizar que os projetos de vida existem, sobretudo, na esperança e no temor (Féres-Carneiro et al., 2017, p. 42).

Assim, o **cuidado e a preocupação relativos à educação do(a) filho(a)** fazem parte do exercício cotidiano da parentalidade por esses casais. O amor é reconhecido como o sentimento que fundamenta essa relação de mãe/pai para com o(a) filho(a). Além disso, assim como aparece no estudo de C. Santos e Bruns (2006) com famílias homoparentais sob a ótica do referencial teórico-metodológico da Fenomenologia, a função parental é exercida por ambos os membros do casal e a divisão de tarefas apresenta-se como igualitária.

Os casais e as(os) filhas(os) descreveram, em detalhes, suas **rotinas pessoais e familiares**, que incluem a ida ao trabalho e à escola, os momentos de lazer compartilhados, a organização das tarefas domésticas e o convívio com familiares e amigos(as) próximos(as). Porém, embora considerando as dificuldades e os problemas do cotidiano, todos(as) os(as) participantes afirmaram **viver bem em família**. Na realidade brasileira, uma pesquisa qualitativa com filhos(as) de pais não heterossexuais, revelou que:

> o maior e mais forte sentido da família é dado pelos afetos, seguidos pelos sentidos que se expressam em ações que visam proteger, cuidar, conviver, unir, e educar, através da escuta e pelo diálogo relacional que os apoiariam em seus processos de aprendizagens, principalmente de valores morais e éticos virtuosos. Não importou para os protagonistas, se quem desenvolvia a parentalidade é, ou não, heterossexual. Esta temática não surgiu como algo a ser problematizado quando se falou de família e sobre o exercício da parentalidade (Sátiro & Barrio, 2016, p. 129).

Nesse sentido, Golombok (2015) argumenta que, se o(a) filho(a) tem um(a) pai/mãe ou dois/duas, se eles(as) se reconhecem como homens e/ou mulheres, se os/as cônjuges são do mesmo sexo ou do sexo oposto, se o(a) filho(a) foi concebido(a) naturalmente ou por meio de reprodução humana assistida, tais características são menos relevantes para o(a) filho(a) do que a qualidade do relacionamento familiar e o apoio recebido da sociedade na qual vivem. De modo complementar Crouch, McNair e Waters (2016) revela que a estabilidade familiar, qualidade da relação conjugal, renda familiar e região de habitação são fatores importantes para a saúde e o bem-estar dos(as) filhos(as), independentemente das orientações sexuais dos casais parentais.

Pesquisas realizadas em diversos países demonstram que filhos(as) de casais heterossexuais e de casais do mesmo sexo não possuem diferenças significantes em termos de desenvolvimento cognitivo, papéis de gênero, identidade de gênero, bem-estar psicológico ou preferências sexuais. Nesse sentido, acerca da relação pai/mãe-filho(a), os casais do mesmo sexo tem melhores relacionamentos com seus/suas filhos(as) quando comparados aos casais heterossexuais. (Crowl, Anh & Baker, 2008; Fedewa, Black & Ahn, 2015; Golombok, 2015).

O tema que envolve a **espiritualidade e/ou religiosidade** se revelou de diferentes maneiras entre as famílias. Na Família 1, Tulipa e Américo se definem kardecistas, construindo e significando as histórias de suas vidas a partir de suas crenças na doutrina espírita. Torquato, o filho, declarou não ser adepto a nenhuma religião. Na Família 2, Paulo era padre e renunciou ao sacerdócio para viver sua relação com Bogart. Atualmente, ele se define como católico. Bogart e Rodrigo, por sua vez, mencionaram serem adeptos a nenhuma religião. Na Família 3, todos os membros são adeptos da religião de matriz africana do Culto de Ifá; Cláudio revelou que reduziu suas atividades como babalorixá (sacerdote) para se dedicar ao exercício da parentalidade de Rafael. Na Família 4, as duas mulheres se definem católicas praticantes, com envolvimento semanal nas atividades da Igreja. Desse modo, os(as) participantes vivenciam, cada um a seu modo, suas crenças/religiosidades ou espiritualidades. Um dado que chama a atenção é que os(as) participantes não relataram quaisquer vivências de discriminação e/ou preconceito em relação às suas orientações sexuais e à sua configuração familiar ao conviverem nesses contextos religiosos/espirituais. Entretanto, há de se considerar, na realidade brasileira:

> a existência de idiomas culturais e práticas sociais de fundo religioso que entram em tensão com a recente visibilidade e valorização da diversidade sexual [...] discursos e práticas que manifestam disposições conservadoras face a estas transformações sociais, representando respostas coletivas de resistência e oposição [...] ao atribuir à homossexualidade um caráter ameaçador e lutar contra os direitos das pessoas LGBT, grupos religiosos produzem imagens negativas, apelam a estigmas e estereótipos da diversidade sexual (Natividade, 2013, pp. 48-49).

Em todas as famílias houve menções às situações de **cuidados à saúde**. Na Família 1, o casal discorreu sobre os cuidados que prestaram à mãe e ao irmão de Tulipa, ao pai de Américo, em seus processos de final de vida, além dos cuidados e dedicação que Tulipa e o filho Torquato dispensaram quando Américo adoeceu. Na Família 2, Paulo revelou que Bogart é HIV positivo e que este lhe revelou sua condição sorológica logo que se conheceram. Essa revelação do diagnóstico de uma condição de vulnerabilidade socialmente

estigmatizada, em vez de contribuir para o afastamento dos dois foi motivo para Paulo se afeiçoar ainda mais pelo parceiro. Nesse aspecto, a vivência desse casal contraria os achados da literatura no campo da Fenomenologia, como o estudo de V. Moreira et al. (2010, p. 45), que aponta que ainda é "marcante a influência de valores morais e preconceitos diante dos atributos pejorativos relacionados" ao HIV, e a pesquisa de F. M. V. Silva, Senna, Linhares, Abrão e Guedes (2018, p. 9) com casais heterossexuais e homossexuais sorodiscordantes, cujos resultados indicaram:

> desafios e barreiras para a manutenção da vida sexual segura. As construções sociais de masculinidade, a reduzida capacidade do casal em negociar prática de sexo seguro, a demora na revelação do diagnóstico para a parceria, o uso da TARV [terapia antirretroviral] enquanto fator de proteção, acrescidos das influências culturais, foram evidenciados entre as principais situações de vulnerabilidade individual da existência sorodiscordante.

Na Família 3, por sua vez, os cônjuges cuidaram da mãe de Cláudio no final da vida. As mulheres da Família 4 relataram o adoecimento e posterior falecimento da mãe de Manu, e entraram em uma seara mais delicada ao detalharem a descoberta e tratamento do câncer de mama de Manu. Particularmente essa experiência dolorosa trouxe, ao mesmo tempo, cumplicidade e adversidade entre o casal.

Considerando o fato de os membros dos casais serem lésbicas/gays, eles(as) comentam sobre os **percalços da aceitação por parte das famílias de origem.** Tulipa e Américo (Família 1), Paulo (Família 2), e Beatriz e Manu (Família 4) relataram experiências de sofrimento e dificuldades decorrentes do fato de suas famílias de origem não os aceitarem por serem lésbicas/gays. Observou-se que, atualmente, após anos de convivência como casais estáveis, grande parte dos familiares os aceitam como famílias homoparentais. Ou seja, a intolerância e discriminação enfrentadas no seio das famílias de origem, provocadas pela não aceitação da orientação sexual, ao longo do tempo foi sendo modificada, em decorrência do fato de que esses homens que amam outros homens e essas mulheres que amam outras mulheres terem se estabelecido de forma socialmente competente como famílias. É como se a dimensão hipervalorizada da competência para constituir um núcleo familiar próprio permitisse "anular" a percepção negativa que os familiares têm sobre o ser gay e ser lésbica. "Ter um filho é visto como um importante passo no reconhecimento e afirmação da família construída, inclusive possibilitando uma (re)aproximação com suas famílias de origem, quando a descoberta da sexualidade teria provocado afastamentos" (Machin, 2016, p. 358).

Desse modo, os casais do presente estudo reconhecem que conquistaram legitimidade social ao desempenharem a função parental e visibilizá-la por meio de sua exposição pública.

Todavia, os(as) participantes também mencionam que determinadas pessoas de suas respectivas famílias de origem ainda relutam em aceitá-los(as) por conta de serem lésbicas/gays, mesmo sabendo que são casados(as) e vivem em uma configuração familiar nuclear mantida por um modo de vida baseado em padrões de valores conservadores. O estudo de C. Santos e Bruns (2006) mostrou que o preconceito nas famílias de origem tende a ser minimizado com a experiência e conhecimento de que há famílias que diferem do padrão heteronormativo. Resultados de outra pesquisa conduzida com fundamentação fenomenológica sugerem que "dentre os problemas enfrentados por casais homossexuais, está a dificuldade de aceitação familiar, por não possuírem rituais normativos, assim como o casamento" (Rodrigues & Carmo, 2013, p. 19). Entretanto, o presente estudo apresenta dados que contradizem o referido achado, uma vez que os casais entrevistados, mesmo estando sob o manto protetor do casamento, continuam enfrentando preconceitos por parte de alguns familiares devido ao seu relacionamento homossexual.

Assim, as **experiências de preconceito social e familiar** fazem parte, de diferentes modos, do cotidiano dessas famílias homoparentais. Os casais e os(a) filhos(a) descreveram situações vivenciadas de preconceito e discriminação no ambiente de trabalho, assim como com familiares e amigos(as), na escola e na mídia. Essas situações se configuraram também de diversas formas, desde ações discriminatórias diretas por meio de atos de violência psicológica e moral, como referido pela filha Gabriela no contexto do relacionamento com os(as) colegas de escola, até ações entendidas como veladas, nas quais a discriminação e/ou o preconceito apareceram de modo sutil, como, por exemplo, na expressão de um olhar enviesado. Esses dados ratificam os resultados do estudo de Tombolato et al. (2018), no qual se constatou que os preconceitos vivenciados pelos(as) participantes foram dirigidos aos seus modos de viver e à ousadia de assumirem a parentalidade, desafiando convenções sociais e estereótipos de gênero. Manifestações de preconceito e intolerância, de diversas formas e matizes, foram identificadas no cotidiano dos casais. Entretanto, também se observou que atitudes como disposição e perseverança na luta do movimento LGBT pela garantia dos direitos de cidadania, assim como o movimento inverso à "invisibilização" – isto é, a exposição franca e aberta das famílias homoparentais na mídia de massa – demonstraram ser medidas contra o preconceito e a intolerância social.

Na revisão de literatura sobre contato social e estigma, Corrigan e Matthews (2003) discutiram os três modos para se transformar o estigma público (ou seja, característica objetiva que recebe uma valoração social negativa): protesto, educação e contato. Resumidamente, os protestos destacam a injustiça de um estigma específico, apontando, pelo

viés da moralidade, que as pessoas mudem suas concepções sobre o fenômeno em questão. A educação, por sua vez, foca-se em substituir os mitos e crenças por fatos que os contrariam. Esse tipo de estratégia pode levar à poucas mudanças. O contato tem sido estudado como a melhor forma de produzir mudanças nos estereótipos e preconceitos. Os efeitos de contato são entendidos em termos de familiaridade, isto é, a mudança de atitude resulta do contato que se mantém ao longo do tempo e está relacionada a uma mudança de comportamento. Por exemplo, o contato entre homossexuais e heterossexuais diminuiu as atitudes estigmatizantes sobre os homossexuais entre os heterossexuais. Assim, o "sair do armário" (se assumir lésbica/gay socialmente) é visto como uma maneira essencial para facilitar a visibilização e o contato, e tem um valor significativo no processo para diminuir o estigma vivenciado por gays e lésbicas.

Por outro lado, tanto os casais como os/as filhos(as) mencionam que perceberam que houve **apoio da escola**, enquanto instituição, por meio de funcionários e professores(as) com postura mais acolhedora, tolerante e inclusiva frente às suas famílias homoparentais. Assim, a instituição escolar é entendida pelos(as) participantes como uma fonte de suporte. Não obstante, a pesquisa de Tannuri (2017) sinaliza que no ambiente escolar há tensões entre aceitação e discriminação em relação à homoparentalidade, o que pode ser constatado em todos os agentes educativos (funcionários, docentes e discentes). Isso evidencia o quanto o preconceito ainda está vigente no ambiente coletivo, inclusive em instituições que deveriam estar na vanguarda da crítica social, questionando os códigos e estereótipos de gênero e de orientação sexual, e ditando normatizações mais flexíveis e plurais.

Em um estudo conduzido nos Estados Unidos a fim de analisar a adaptação comportamental das crianças e as suas vivências escolares, foram coletados dados com 96 pais gays e mães lésbicas, seus/suas 50 filhos(as) adotivos(as) e 48 professores. Os resultados revelaram que os pais gays, as mães lésbicas e os(as) professores(as) relataram poucos problemas de comportamento das crianças, quando comparado à média populacional. Apenas 8% dos pais e das mães relataram que seus/suas filhos(as) tinham sofrido bullying por terem mães/pais homossexuais. Tais crianças também perceberam as pequenas agressões e tiveram problemas comportamentais identificados pelos(as) pais/mães e professores. De forma geral, as crianças participantes desse estudo estavam bem adaptadas à escola. Embora haja suporte da escola em torno das famílias, os(as) filhos(as) de lésbicas e gays podem vivenciar dificuldades específicas no contexto escolar, decorrentes de suas estruturas familiares (Farr, Oakley, & Ollen, 2016).

Os casais preferem **ser discretos(as) na sociedade e na expressão de afeto**, ou seja, eles(as) consideram falta de respeito às outras pessoas, casais (independentemente de gênero e/ou orientação sexual) que se beijam e/ou se acariciam de forma ostensiva em público. Com isso, mesmo dentro de suas casas e em frente aos/às seus/suas filhos(as), os casais costumam expressar o afeto, entre si, de um modo comedido.

As famílias participantes deste estudo também contribuíram com **reflexões sobre a participação na pesquisa**. Revelaram, inicialmente, o receio em expor suas vidas e, posteriormente, a intenção de que este estudo possa vir a contribuir para a vida de outras pessoas que vivem em contextos familiares semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aceitação social e possível regulamentação jurídica que assegure os direitos dos membros das famílias homoparentais são questões prementes na atualidade. Estudos realizados no cenário brasileiro têm evidenciado que essas famílias convivem, nos mais variados contextos relacionais, com dificuldades, enfrentando barreiras decorrentes de preconceitos e discriminação. Em face da necessidade de compreender essa realidade a partir de estudos que contemplem e deem voz aos/às integrantes das famílias homoparentais, depreendeu-se a relevância de conhecer como os casais formados por gays e lésbicas e seus/suas filhos(as) constituem suas vivências familiares nos âmbitos privado e social. Este estudo teve por objetivo conhecer e analisar as vivências de quatro famílias homoparentais a partir das vozes de quatro casais constituídos por dois homens e duas mulheres, e seus/suas quatro filhos(as). Buscou-se ouvir e compreender a voz daqueles que vivenciam essa configuração familiar, considerando-se também que o papel da psicologia brasileira é proporcionar, por meio do campo afetivo-emocional, que as vivências dessas famílias se desvelem e venham à luz.

Quando se cotejaram os dados das quatro famílias estudadas, os resultados apontaram que os casais compartilharam suas vivências relacionadas a ser lésbica/gay em uma sociedade marcada pela homofobia, contaram as histórias detalhadas de seus relacionamentos amorosos, destacaram a relação de companheirismo como base da vivência conjugal e refletiram sobre as vivências dos papéis de gênero no relacionamento conjugal, fazendo um contraponto entre o que é esperado socialmente e o que é realmente vivenciado em suas relações cotidianas. Encontrou-se uma pluralidade de vivências conjugais e parentais, assim como de modos de acesso à parentalidade, todavia a percepção de transformação pessoal com a transição para a maternidade/paternidade e o cuidado e a preocupação relativos à educação do(a) filho(a) perpassam todas as vivências parentais.

Essas unidades familiares se mostram bem mais semelhantes do que discrepantes no diz respeito às rotinas familiares, preocupações com educar bem os(as) filhos(as), transmitir valores morais e princípios éticos, entre outros aspectos, quando aproximadas da realidade de outras famílias, por exemplo, que se enquadram no padrão heteronormativo e são entendidas popularmente como tradicionais.

A despeito das dificuldades enfrentadas no cotidiano, das experiências de preconceito social e familiar e dos percalços da aceitação por parte das famílias de origem, todos(as)

os(as) participantes revelaram suas vivências afirmando viver bem em família. Compreende-se que as vivências do ser/viver família configuram percursos singulares no processo de construção da subjetividade de cada membro da família e, particularmente, para os(as) cônjuges representam um marco fundamental rumo à apropriação de quem cada um/uma é.

As questões que despertam inquietações e ansiedade nos pais e mães do presente estudo são, em grande maioria, as mesmas que ocupam as preocupações de qualquer indivíduo adulto que exerça a função parental, independentemente de características como identidade sexual, orientação sexual, cor/raça e status civil. Assim, entende-se que as angústias e tensões estão localizadas principalmente no âmbito das relações. Em um sentido aprofundado, as vivências se aproximam e são as mesmas que todas as pessoas têm, que é a vivência do humano como ser indeterminado.

Na sociedade contemporânea as transformações têm sido muito intensas e rápidas. Frente a esse ritmo, o sujeito vive uma vertigem existencial e busca constantemente sentidos para a vida, principalmente no âmbito do coexistir. Certas mudanças de valores e comportamentos, assim como os avanços no campo científico, afetam as vidas pessoais e familiares em um fluxo contínuo. Resumidamente, o advento dos métodos contraceptivos eficazes a partir dos anos 1960 permitiu separar radicalmente sexualidade e reprodução biológica, abrindo espaço para o aparecimento das novas tecnologias reprodutivas. No plano dos costumes e das normatizações e marcos legais, um importante acontecimento no campo jurídico foi a legalização do divórcio nos anos 1970. Até então, o casamento era visto como indissolúvel e os casais não podiam se separar. Outro aspecto foi a proeminência dos movimentos feministas e LGBTs que vieram trazer uma nova percepção e um novo modo de ser nas relações de gênero e orientação sexual, viabilizando as alterações na moralidade vigente. Embora ainda prevaleça, em grande medida, os ditames de uma moral referida como tradicional, houve uma subversão de diversos valores, o que desembocou, por exemplo, no emergir e na legitimação social de variadas configurações familiares. O modo de viver em família das 12 pessoas participantes desta pesquisa é a expressão de uma época na qual as homoparentalidades aparecem claramente no horizonte existencial humano como possibilidade social, psicológica, cultural e jurídica.

O que constitui o ser humano são as determinações normativas de uma época, como as que formam as famílias, ou seja, o que costura a instituição familiar são essas determinações narrativas de um contexto. Nessa lógica, ela não é universal e naturalmente dada, logo, abre várias possibilidades, e o que se apresenta como possibilidade, não está previamente definido. Assim, a questão da moralidade, enquanto determinação, se apresentou entre os(as)

integrantes das famílias. Ser família, na realidade brasileira, é um valor moral positivo. Dessa maneira, constituir uma família situa o casal lésbico/gay em plano superior, visto que as homossexualidades são muitas vezes consideradas socialmente como algo imoral. Com isso, os casais procuram reeditar o modelo de família nuclear e heterossexual monogâmico, movimentados pelas orientações de mundo do contexto em que se encontram. Isso pode ser analisado de forma crítica ou como a possibilidade circunscrita em uma época.

Debruçar-se na realização deste estudo pôde proporcionar o contato com o humano: a busca de sentido para viver, a realização de sonhos, as alegrias e sofrimentos, os afetos e as reflexões. Particularidades de pessoas que mostraram que homossexualidade, conjugalidade, parentalidade, filiação, podem caminhar, muito bem, entrelaçadas. Compreende-se que as vivências do ser/viver família configuram percursos singulares no processo de construção da subjetividade de cada membro familiar e, especialmente para os casais, representam um marco fundamental rumo à apropriação de quem cada um/uma é.

A realização desta pesquisa foi uma singular aproximação ao universo das famílias homoparentais e, como qualquer estudo, é limitado, e só pôde tocar em certas questões. Além disso, por se tratar de um estudo de abordagem qualitativa, os resultados não são conclusivos e estanques, são considerações dentro de um recorte que tecem um contínuo acontecer. O contexto vivencial das famílias investigadas, ainda que tenha se revelado rico e diversificado, pode não ter contemplado algumas nuances do espectro dos arranjos familiares. Nesse sentido, é recomendável que estudos futuros focalizem aspectos, tais como: os mecanismos de resiliência familiar, pormenores e singularidades que cercam a relação pais/mães homossexuais e seus/suas filhos(as), o papel da satisfação conjugal, o desenvolvimento das crianças educadas em lares homoparentais brasileiros, entre outros temas. Além disso, é pertinente a realização de pesquisas sobre as parentalidades travestis e transexuais na realidade brasileira, ainda muito pouco estudadas.

O conhecimento gerado por esta pesquisa oferece subsídios que permitem aprofundar a compreensão do fenômeno das famílias homoparentais, e para o planejamento de estratégias que contribuam para fornecer cuidados à essas famílias, e que promovam condições para que elas possam ser reconhecidas e respeitadas na sociedade em que se inserem. A produção e divulgação de pesquisas nesta área podem fornecer elementos para novas reflexões que contribuam para transformar posturas preconceituosas e excludentes frente ao desenvolvimento e à pluralidade das estruturas familiares existentes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Alexander, N., & Clare, L. (2004). You still feel different: The experience and meaning of women's self-injury in the context of a lesbian or bisexual identity. *Journal of Community and Applied Social Psychology, 14*(2), 70-84.

Almeida, M. R. (2012). *Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: Um estudo de caso* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas), 13*(1), 5-10.

Amazonas, M. C. L. A., Veríssimo, H. V., & Lourenço, G. O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade, 25*(3), 631-641.

Araújo, L. F., Oliveira, J. S. C., Sousa, V. C., & Castanha, A. R. (2007). Adoção de crianças por casais homoafetivos: Um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. *Psicologia & Sociedade, 19*(2), 95-102.

Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad., 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). (2016). *Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016.* Recuperado de http://www.abep.org/criterio-brasil

Back, C., Gustafsson, P. A., Larsson, I., & Berterö, C. (2011). Managing the legal proceedings: An interpretative phenomenological analysis of sexually abused children's experience with the legal process. *Child Abuse & Neglect, 35*(1), 50-57.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno* (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research, 10*(2), 141-163.

Bogdan, R., & Taylor, S. (1990). Looking at the bright side: A positive approach to qualitative policy and evaluation research. *Qualitative Sociology, 13*(2), 183-192.

Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese, 2*(1), 68-80.

Borrillo, D. (2009). Homofobia, silêncio e naturalização: Por uma narrativa da diversidade sexual. In T. Lionço & D. Diniz (Orgs.), *Homofobia & educação: Um desafio ao silêncio*. Brasília, DF: Letras Livres/EdUnB.

Bos, H. M. W., Balen, F. V., & Boom, D. C. (2003). Planned lesbian families: Their desire and motivation to have children. *Human Reproduction, 18*(10), 2216-2224.

Câmara dos Deputados. (2013). *PL 6583/2013.* Recuperado de www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005

Carvalho, A. M. A., Beraldo, K. E. A., Pedrosa, M. I., & Coelho, M. T. (2004). O uso de entrevistas em estudos com crianças. *Psicologia em Estudo, 9*(2), 291-300.

Coleman, E. (1981-1982). Developmental stages of the coming out process. *Journal of Homosexuality, 7*(2-3), 31-43.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (2016). Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Corrêa, M. E. C. (2012). *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Corrigan, P., & Matthews, A. (2003). Stigma and disclosure: Implications for coming out of the closet. *Journal of Mental Health, 12*(3), 235-248.

Costa, P. A., Pereira, H., & Leal, I. P. (2012). Homoparentalidade: O estado da investigação e a procura da normalização. *Psicologia, 26*(1), 55-69.

Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento.* São Paulo, SP: Atlas.

Creswell, J. (2008). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Crouch, S. R., McNair, R., & Waters, E. (2016). Impact of family structure and socio-demographic characteristics on child health and wellbeing in same-sex parent families: A cross-sectional survey. *Journal of Paediatrics and Child Health, 52*(5), 499–505.

Crowl, A., Ahn, S., & Baker, J. (2008). A meta-analysis of developmental outcomes for children of same-sex and heterosexual parents. *Journal of GLBT Family Studies, 4*(3), 385-407.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2005). *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Farias, M. O., & Maia, A. C. B. (2009). *Adoção por homossexuais: A família homoparental sob o olhar da Psicologia Jurídica.* Curitiba, PR: Juruá.

Farr, R. H.; Oakley, M. K.; & Ollen, E. W. (2016). School experiences of young children and their lesbian and gay adoptive parents. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 3*(4), 442-447.

Fedewa, A. L., Black, W. W., & Ahn, S. (2015). Children and adolescents with same-gender parents: A meta-analytic approach in assessing outcomes. *Journal of GLBT Family Studies, 11*(1), 1-34.

Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2014). A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 30*(4), 441-447.

Ferreira, R. M. B., & Lemos, M. F. (2016). A mulher e o câncer de mama: Um olhar sobre o corpo adoecido. *Perspectivas em Psicologia, 20*(1), 178-201.

Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto), 20*(46), 269-278.

Féres-Carneiro, T., Mello, R., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2017). Expectativas parentais na temporalidade contemporânea. *Estilos da Clínica, 22*(1), 29-44.

Fonseca, C. (2002). *Caminhos da adoção*. São Paulo, SP: Cortez.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica.* Fortaleza, CE: UEC.

Forghieri, Y. C. (1993). A investigação fenomenológica da vivência: Justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas. In R. M. S. Macedo (Org.), *Mapeamento da pesquisa em psicologia no Brasil* (Cadernos da ANPEPP, No. 2, pp. 19-42). Rio de Janeiro, RJ: ANPEPP.

Forghieri, Y. C. (2004). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisa* (3a ed.) São Paulo, SP: Pioneira.

Furlan, R. (2008). A questão do método na psicologia. *Psicologia em Estudo, 13*(1), 25-33.

Gadamer, H. (1999). *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (F. P. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Gato, J. J. C. V. (2014). *Homoparentalidades: Perspetivas psicológicas.* Coimbra, Portugal: Almedina.

Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Portugal: Fim de Século.

Goldberg, A. E., & Gartrell, N. K. (2014). LGB-parent families: The current state of the research and directions for the future. In J. B. Benson (Ed.), *Advances in child development and behavior* (pp. 57-88). San Diego, CA: Academic Press.

Golombok, S. (2015). *Modern families: Parents and children in new family forms.* Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.

Golombok, S., Mellish, L., Jennings, S., Casey, P., Tasker, F., & Lamb, M. E. (2014). Adoptive gay father families: Parent-child relationship and children´s psychological adjustment. *Child Development, 85*(2), 456-468.

Golombok, S., Perry, B., Burston, A., Murray, C., Mooney-Somers, J., Stevens, M., & Golding, J. (2003). Children with lesbian mothers: A community study. *Developmental Psychology, 39*(1), 20-33.

Gratton, E. (2008). *L'homoparentalité au masculin: Le désir d'enfant contre l'ordre social.* Paris, France: Puf.

Grossi, M., Uziel, A. P., & Mello, L. (Orgs.). (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.* Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (2005). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging influences. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage.

Haag, C. (2007). Um é pouco, dois é bom: Estudos desmistificam preconceitos sobre famílias de pais homossexuais. *Pesquisa FAPESP*, (132), 86-89.

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (F. Castilho, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Hernández, J. G. (2013). *Filhas de famílias homoparentais: Processos, confrontos e pluralidades* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: Uma introdução à filosofia fenomenologia* (D. F. Ferrer, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por grupos de anos de estudo, Brasil, 2007/2014*. Recuperado de brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/anos-de-estudo.html

Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos.* Brasília, DF. Recuperado de http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf

Kassai, S., Pintér, J. N., Rácz, J., Erdősi, D., Milibák. R., & Gyarmathy, V. A. (2017). Using Interpretative Phenomenological Analysis to assess identity formation among users of synthetic cannabinoids. *International Journal of Mental Health and Addiction, 15*(5), 1047-1054.

Kauark, F. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: Um guia prático.* Itabuna, BA: Via Litterarum.

Kimura, N. R. S., Maffioletti, V. L. R., Santos, R. L., Baptista, M. A. T., & Dourado, M. C. N. (2015). Psychosocial impact of early onset dementia among caregivers. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy, 37*(4), 213-219.

Krüger, L. L., & Werlang, B. S. G. (2008). O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. *Avaliação Psicológica*, *7(*3*)*, 414-426.

Larkin, M., Watts, S., & Clifton, E. (2006). Giving voice and making sense in interpretative phenomenological analysis. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 102-120.

Larkin, M., Eatough, V., & Osborn, M. (2011). Interpretative phenomenological analysis and embodied, active, situated cognition. *Theory and Psychology, 21*(3), 318-337.

Lauriano, C., & Duarte, N. (2011). *Censo 2010 contabiliza mais de 60 mil casais homossexuais.* Recuperado de http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/censo-2010-contabiliza-mais-de-60-mil-casais-homossexuais.html

Lavallee, D., & Robinson, H. K. (2007). In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. *Psychology of Sport and Exercise*, *8*(1), 119-141.

Lei No. 8.069, 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares de parentesco* (M. Ferreira, Trad., 3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1949).

Lima, L. A. B., & Miranda, F. J. (2018). Análise do trabalho dos cuidadores em saúde nas Residências Terapêuticas. *Psicologia & Sociedade*, *30*, e174842.

Lindlof, T. R., & Taylor, B. C. (2002). *Qualitative communication research methods* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Lira, A. N., Morais, N. A., & Boris, G. D. J. B. (2016). (In)Visibilidade da vivência homoparental feminina: Entre preconceitos e superações. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*(1), 20-33.

Lowenberg, J. S. (1993). Interpretative research methodology: Broadening the dialogue. *Advances in Nursing Science, 16*(2), 57-69.

Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.* São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária.

Macedo, M., Marques, A., Queirós, C., & Mariotti, M. C. (2018). Esquizofrenia, atividades instrumentais de vida diária e funções executivas: Uma abordagem qualitativa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 26*(2), 287-298.

Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção: (Re)Afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade, 28*(2), 350-359.

Marriott, C., & Thompson, A. R. (2008). Managing threats to femininity: Personal and interpersonal experience of living with vulval pain. *Psychology & Health, 23*(2), 243-258.

Martinez, A. L. M. (2011). *Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: Uma visão psicanalítica* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia (Campinas), 28*(2), 175-185.

McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2008). *Genograms: Assessment and intervention* (3rd ed.). New York, NY: W. W. Norton.

Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática, 17*(1), 37-49.

Miebach, L., Wolfsgruber, S., Frommann, I., Fließbach, K., Jessen, F., Buckley, R. F., & Wagner, M. (2019). Cognitive complaints in memory clinic patients and in depressive patients: an Interpretative Phenomenological Analysis. *The Gerontologist, 59*(2), 290-302.

Minayo, M. C. S. (Org.). (2010). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (29a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública, 9*(3), 237-248.

Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução No. 466, de 12 de dezembro de 2012.* Recuperado de http://conselho.saude.gov.br/ resolucoes/2012/Reso466.pdf

Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. (2016). *Resolução No. 510, de 07 de abril de 2016.* Recuperado de http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf

Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo, SP: Thomsom Learning.

Moreira, V., Melo, A. K., Bloc, L. G., Telles, T. C. B., Araújo, T. C. B. C, & Evangelista, K. (2010). Fenomenologia do estigma em HIV/AIDS e na doença mental. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online, 7*(1), 45-74.

Moscheta, M. S. (2004). *Construindo a diferença: A intimidade conjugal em casais de homens homossexuais* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Moschetta, S. O. R. (2011). *Homoparentalidade: Direito à adoção e reprodução humana assistida por casais homoafetivos* (2a ed.). Curitiba, PR: Juruá.

Natividade, M. T. (2013). Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. *Latitude, 7*(1), 33-51.

Natividade, M., T., & Oliveira, L. (2013). *As novas guerras sexuais: Diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil.* Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Oliveira, D. B. B. (2011). *Famílias contemporâneas: As voltas que o mundo dá e o reconhecimento jurídico da homoparentalidade.* Curitiba, PR: Juruá.

Packer, M. J., & Addison, R. B. (1989). *Entering the circle: Hermeneutic investigation in psychology.* New York, EUA: State University of New York Press.

Paula, C. C., Padoin, S. M. M., Terra, M. G., Souza, I. E. O., & Cabral, I. E. (2014). Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: Relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem, 67*(3), 468-472.

Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: Uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clínica, 17*(2), 31-40.

Peixoto, C. E. (2007). As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In F. Singly, *Sociologia da família contemporânea* (C. E. Peixoto, Trad., pp. 11-28). Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Pernecky, T. (2016). *Epistemology and metaphysics for qualitative research.* London, United Kingdom: Sage.

Pontes, M. F., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2017). Homoparentalidade feminina: Laço biológico e laço afetivo na dinâmica familiar. *Psicologia USP, 28*(2), 276-286.

Pozzetti, V. C., & Silva, U. A. (2013). A resolução No. 175 do CNJ e os requisitos para a celebração do casamento. *Scientia Iuris*, *17*(2), 107-130.

Rabinovich, E. P., & Costa, L. A. F. (2010). A "palavra divina" como logos separador. *Psicologia em Estudo, 15*(2), 333-341.

Ramírez-Perdomo, C. A., Rodríguez-Velez, M. E., & Perdomo-Romero, A. Y. (2018). Incertidumbre frente al diagnóstico de cáncer. *Texto & Contexto Enfermagem, 27*(4), e5040017.

Ricoeur, P. (1970). *Freud and Philosophy: An essay on interpretation.* New Haven, CT: Yale University Press.

Rodrigues, M. A., & Carmo, M. (2013). A configuração do significado de família para homossexuais: Um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, *19*(1), 12-20.

Rodriguez, B. C. (2012). *A representação parental de casais homossexuais masculinos* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Rodriguez, B. C., & Paiva, M. L. S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo, 6*(1), 13-25.

Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia (Ribeirão Preto), 8*(14-15), 123-136.

Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A. (2016). A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*(1), 210-223.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Santos, C. (2004). *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: Um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Santos, C., & Bruns, M. A. T. (2006). A homoparentalidade em questão: A voz de gays e lésbicas com filhos. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, 12*(2), 89-108.

Santos, R. L., Sousa, M. F. B., Ganem, A. C., Silva, T. V., & Dourado, M. C. N. (2013). Cultural aspects in dementia: Differences in the awareness of Brazilian caregivers. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy, 35*(3), 191-197.

Sátiro, D. M. S., & Barrio, A. E. B. (2016). Família é afetos: 'a opção sexual é coisa dele'. Discursos de filhos com pais não heteros. *Confluenze, Rivista di Studi Iberoamericani, 8*(1), 105-137.

Savin-Baden, M., & Major, C. (2013). *Qualitative research: The essential guide to theory and practice.* London, United Kindom: Routledge.

Schmidt, L. K. (2012). *Hermenêutica* (F. Ribeiro, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Secretaria de Direitos Humanos. (2012). *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: Ano de 2011.* Recuperado de http://bibspi.planejamento.gov.br/bitstream/handle/iditem/572/Relatorio%20Violencia%20Homofobica%202011.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Secretaria de Direitos Humanos. (2013). *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: Ano de 2012.* Recuperado de

http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/RELATORIO%20VIOLENCIA%20HOMOFOBICA%20ANO%202012.pdf

Senado Federal. Secretaria Especial de Comunicação Social. (2013). Adoção: Mudar um destino. *Em discussão!*, *4*(15). Recuperado de http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/emdiscussao/Upload/201302%20-%20maio/pdf/em%20discuss%C3%A3o!_maio_2013_internet.pdf

Shechory, M., & Ziv, R. (2007). Relationships between gender role attitudes, role division, and perception of equity among heterosexual, gay and lesbian couples. *Sex Roles, 56*(9-10), 629-638.

Silva, D. A. (2013). *Enfim mães! Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Silva, F. M. V., Senna, S. M. M., Linhares, F. M. P., Abrão, F. M. S., & Guedes, T. G. (2018). O ser-com-o-outro na condição sorodiscordante: Uma abordagem fenomenológica da vulnerabilidade individual ao HIV. *Revista Eletrônica de Enfermagem, 20*(7), 1-10.

Singly, F. (2007). *Sociologia da família contemporânea* (C. E. Peixoto, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas* (C. Berliner, Trad.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Smith, J. A. (1996). Beyond the divide between cognition and discourse: Using interpretative phenomenological analysis in health psychology. *Psychology & Health, 11*(2), 261-271.

Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis: Theory, method and research.* London, United Kingdom: Sage.

Stake, R. (1995). *The art of case study research.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Sonego, J. C., & Lopes, R. C. S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia*, (29), 16-26.

Stédile, A., Hartmann, F., & Silva, L. D. (2014). O desenvolvimento do vínculo mãe bebê após o diagnóstico de Síndrome de Down. *Saúde Mental em Foco do Cesuca, 2*(1), 1-14.

Supremo Tribunal Federal. (2013). *Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça.* Recuperado de www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515

Supremo Tribunal Federal. (2019). *STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa*. Brasília. Recuperado de http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010

Tannuri, J. G. C. G. (2017). *O que dizem famílias homoparentais sobre as relações estabelecidas com a escola de seus filhos: Tensões entre aceitação e discriminação* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Tarnovski, F. L. (2002). *Pais assumidos: Adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Teixeira Filho, F. S., Toledo, L. G., & Godinho, P. H. (2007). A homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade. In M. Grossi, A. P. Uziel, & L. Mello (Orgs.), *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 301-318). Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Toledo, L. C. (2008). *A família no discurso de membros de famílias homoparentais* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Tombolato, M. A. (2014). *Desvelando a família homoparental: Um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, SP.

Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., & Santos, M. A. (2019). A trajetória de adoção de uma criança por um casal de lésbicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35*(e3546).

Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., Uziel, A. P., & Santos, M. A. (2018). Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Estudos de Psicologia (Campinas), 35*(1), 111-122.

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal of Quality of Health Care, 19*(6), 349-357.

Touroni, E., & Coyle, A. (2002). Decision-making in planned lesbian parenting: An interpretative phenomenological analysis. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 12*(3), 194-209.

Uziel, A. P. (2007). *Homossexualidade e adoção.* Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Vieira, R. S. (2011). *Homoparentalidade: Estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Viesenteiner, J. L. (2013). O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: Gênese, significado e recepção. *Kriterion: Revista de Filosofia, 54*(127), 141-155.

Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(2), 302-310.

Wu, Y. P., Thompson, D., Aroian, K. J., McQuaid, E. L., & Deatrick, J. A. (2016). Commentary: Writing and evaluating qualitative research reports. *Journal of Pediatric Psychology, 41*(5), 493-505.

Zambrano, E. (2006). *O direito à homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais.* Porto Alegre, RS: Vênus.

Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2012). Pai e mãe na conjugalidade: Aspectos conceituais e validação de construto. *Paidéia (Ribeirão Preto), 22*(52), 165-176.

APÊNDICES

APÊNDICE A

COREQ (COnsolidated criteria for REporting Qualitative research) Checklist

A checklist of items that should be included in reports of qualitative research. You must report the page number in your manuscript where you consider each of the items listed in this checklist. If you have not included this information, either revise your manuscript accordingly before submitting or note N/A.

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
Domain 1: Research team and reflexivity			
Personal characteristics			
Interviewer/facilitator	1	Which author/s conducted the interview or focus group?	60
Credentials	2	What were the researcher's credentials? E.g. PhD, MD	21/22/23/60
Occupation	3	What was their occupation at the time of the study?	22/23/60
Gender	4	Was the researcher male or female?	21/60
Experience and training	5	What experience or training did the researcher have?	21/22/23
Relationship with participants			
Relationship established	6	Was a relationship established prior to study commencement?	58
Participant knowledge of the interviewer	7	What did the participants know about the researcher? e.g. personal goals, reasons for doing the research	60
Interviewer characteristics	8	What characteristics were reported about the inter viewer/facilitator? e.g. Bias, assumptions, reasons and interests in the research topic	60
Domain 2: Study design			
Theoretical framework			
Methodological orientation and Theory	9	What methodological orientation was stated to underpin the study? e.g. grounded theory, discourse analysis, ethnography, phenomenology, content analysis	45
Participant selection			
Sampling	10	How were participants selected? e.g. purposive, convenience, consecutive, snowball	58
Method of approach	11	How were participants approached? e.g. face-to-face, telephone, mail, email	58
Sample size	12	How many participants were in the study?	52
Non-participation	13	How many people refused to participate or dropped out? Reasons?	58/59
Setting			
Setting of data collection	14	Where was the data collected? e.g. home, clinic, workplace	60
Presence of non-participants	15	Was anyone else present besides the participants and researchers?	71/99/118/136
Description of sample	16	What are the important characteristics of the sample? e.g. demographic data, date	53/69
Data collection			
Interview guide	17	Were questions, prompts, guides provided by the authors? Was it pilot tested?	54/55/56
Repeat interviews	18	Were repeat inter views carried out? If yes, how many?	61/62
Audio/visual recording	19	Did the research use audio or visual recording to collect the data?	54/55/56/60/6
Field notes	20	Were field notes made during and/or after the inter view or focus group?	N/A
Duration	21	What was the duration of the inter views or focus group?	61
Data saturation	22	Was data saturation discussed?	62/63/64
Transcripts returned	23	Were transcripts returned to participants for comment and/or	N/A

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
		correction?	
Domain 3: analysis and findings			
Data analysis			
Number of data coders	24	How many data coders coded the data?	64/65
Description of the coding tree	25	Did authors provide a description of the coding tree?	65
Derivation of themes	26	Were themes identified in advance or derived from the data?	65/157
Software	27	What software, if applicable, was used to manage the data?	N/A
Participant checking	28	Did participants provide feedback on the findings?	65
Reporting			
Quotations presented	29	Were participant quotations presented to illustrate the themes/findings? Was each quotation identified? e.g. participant number	64/65
Data and findings consistent	30	Was there consistency between the data presented and the findings?	158-163
Clarity of major themes	31	Were major themes clearly presented in the findings?	158-163
Clarity of minor themes	32	Is there a description of diverse cases or discussion of minor themes?	158-163

Developed from: Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*. 2007. Volume 19, Number 6: pp. 349 – 357

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde
Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto-SP
Fone (16) 3315 3645/ 98132 9896

Formulário de Dados Socioeconômicos – uso exclusivo do LEPPS©

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino Data de nascimento: _____/_____/_____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Contato: Telefone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Estado civil: _____

Tempo de namoro: _____ Tempo de casamento/união estável: _____

Escolaridade (cursou até que série completa): _____

Naturalidade: _____ Procedência (cidade onde reside): _____

Profissão/ocupação: _____ Ativa ( ) Afastada ( ) Aposentada ( )

Tempo integral ( ) Tempo parcial ( )

Renda mensal pessoal: R$ _____

Renda familiar (soma dos rendimentos de todos os que contribuem no orçamento doméstico)

R$: _____

Número de pessoas que contribuem para o sustento da casa: _____

Religião: _____ Praticante: ( ) sim ( ) não Frequência semanal: _____

Faz parte de algum grupo? De que tipo? Com que frequência?

_____

_____

Composição familiar:

Tipo de família: ( ) nuclear ( ) extensiva ( ) extensiva recasada ( ) recasada

( ) monoparental

Filhos: ( ) sim ( ) não Quantos:_____

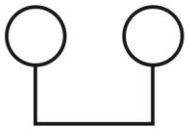
Quem mora na casa? (sexo, idade, profissão de cada membro familiar, colocar os filhos de acordo com a ordem de nascimento).

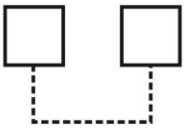
Nome	Parentesco	Sexo	Idade	Profissão	Rendimentos(R$)
		( )masc ( )fem			
		( )masc ( )fem			
		( )masc ( )fem			
		( )masc ( )fem			
		( )masc ( )fem			
		( )masc ( )fem			

Posteriormente a este encontro, a fim de preservar seu anonimato, irei substituir seu nome. Desse modo, você tem alguma sugestão de nome ao qual gostaria de ser chamado?

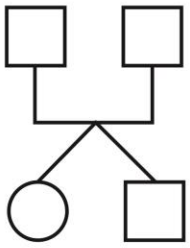
APÊNDICE C

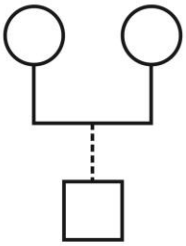
Genograma: símbolos e informações
(baseados em Wendt e Crepaldi, 2008)

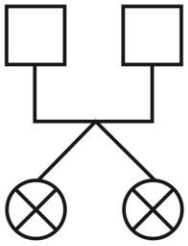

Casamento

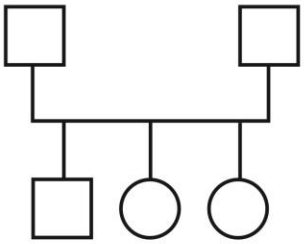

Morando juntos

Divórcio


Filhos gêmeos


Filho(a) adotivo(a)

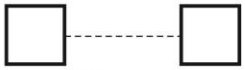

Nascimento de filhos(as) gêmeos(as) mortos(as)


Filhos(as): ordem de nascimento com o(a) mais velho(a) à esquerda

Relacionamentos:

Harmônico

Experiência emocional de união entre dois ou mais membros que nutrem sentimentos positivos um para com o outro e possuem interesses, atitudes ou valores recíprocos. Inclui diferenciação dos membros entre si e com suas famílias de origem.


Distante

Forma de relacionamento encontrada principalmente nas famílias desligadas, com fronteiras rígidas. O relacionamento entre os membros caracteriza-se por pouco contato, principalmente de ordem emocional.

Vulnerável

Relacionamentos nos quais não há conflito explícito, mas que, entretanto, apresentam risco de haver conflitos em condições adversas ou fases de transição.

Conflituoso

Relações nas quais há constantes atritos que geram muita ansiedade e desavenças, traduzidas por dificuldades de comunicação, tais como desqualificações e desconfirmações, podendo evoluir para padrões de comunicação simétricos capazes de gerar violência física.

Muito estreito

Relacionamentos nos quais há fusão e dependência emocional entre os membros familiares, ou seja, caracteriza relacionamentos nos quais não há diferenciação entre os membros.

Fundido e conflitual

Relacionamentos nos quais existe estreita dependência emocional e presença constante de conflitos entre os membros familiares, não havendo diferenciação entre os mesmos.

APÊNDICE D

Mapa de Rede

Baseado em Sluzki (1997) e adaptado para este estudo por M.A. Tombolato.

Veja o mapa abaixo. Vamos preenchê-lo juntos.

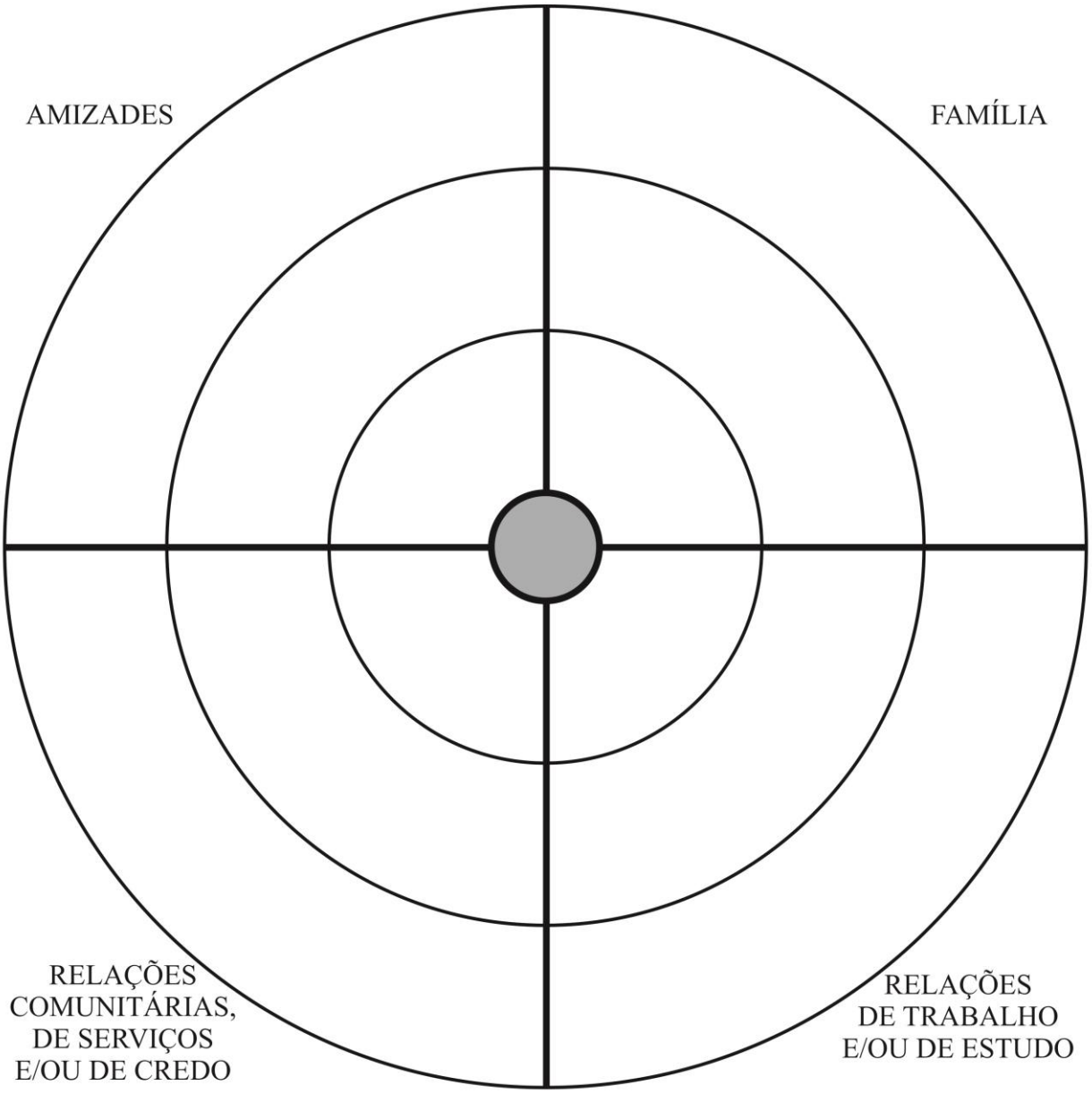
Ele representa a sua rede social pessoal, que inclui todas as pessoas com quem você interage. Observe que existem três círculos, e que eles estão divididos em quatro partes por uma cruz:

- Amizades;
- Família;
- Relações Comunitárias, de serviço (por exemplo, serviços de saúde) ou de credo;
- Relações de Trabalho ou Estudo.

Agora, imagine que você é o ponto no centro dos círculos. O primeiro círculo, mais próximo de você, representa suas relações íntimas. Desse modo, inclua dentro desse espaço as pessoas que considera mais importantes em sua vida. No círculo do meio inclua as suas relações de menor grau de compromisso, na comparação com o círculo anterior. O círculo maior representa as relações mais distantes e ocasionais. Ou seja, quanto mais próxima a pessoa estiver do ponto no centro dos círculos, mais próximo é o seu vínculo com ela.

MAPA DE REDE Data: ____ / ____ / ____

Sluzki (1997), adaptado por Tombolato



APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(para pais/mães)

Eu, Mário Augusto Tombolato, sou psicólogo e aluno do Curso de Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. Convido o(a) senhor(a), seu/sua cônjuge e seu/sua filho(a) a participar da pesquisa: *"A família homoparental nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)".* Sou o responsável por esta pesquisa, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos da USP de Ribeirão Preto.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as vivências da família homoparental a partir das vozes de casais constituídos por homens e mulheres homossexuais e seus/suas filhos(as). No Brasil, não existem muitos estudos a respeito dessa organização familiar. Portanto, com a sua participação, pode-se construir conhecimento científico e social sobre o assunto. Por isso, convido o(a) senhor, seu/sua cônjuge e seu/sua filho(a) para participar deste estudo. Caso aceitem participar, serão entrevistados por mim para falar sobre as suas vivências familiares e sociais.

Essa entrevista será realizada em um único encontro, em data e local agendados por todos nós. Uma parte dessa conversa será realizada com os(as) pais/mães e a outra parte com os(as) filhos(as). Com isso, o encontro com o(a) senhor(a) e sua família terá duração de aproximadamente quatro horas. A mim, enquanto pesquisador, não interessará julgar sobre o que os(as) entrevistados(as) pensam e fazem ou deixam de fazer. Não se preocupe em responder de acordo com o que é esperado socialmente ou o que o(a) senhor(a) acha que seria bom e deveria pensar. Responda o que o(a) senhor(a) realmente acredita. Sua sinceridade nas respostas será muito importante, pois o objetivo é conhecer a sua realidade.

É necessário que o(a) senhor(a), seu/sua cônjuge e seus/suas filhos(as) concordem que nossa conversa seja gravada em áudio e posteriormente seja transcrita. Com isso, os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa, e poderão ser apresentados e publicados em eventos e periódicos científicos; sempre mantendo o anonimato e sigilo das identidades dos participantes, preservando os valores éticos, de acordo com as diretrizes que regem a pesquisa com seres humanos. Os dados de nosso encontro serão mantidos por um período de até cinco anos na sala do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS, situado no Departamento de Psicologia, da USP, Ribeirão Preto. Depois desse prazo o áudio gravado será descartado.

O(a) senhor(a) e seus familiares precisam estar cientes de que suas participações são inteiramente voluntárias e não lhes trarão nenhum tipo de benefício direto, como remuneração ou outra vantagem especial. Além disso, terão total liberdade de desistir de participar do estudo e se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso desista(m), isso não irá gerar qualquer prejuízo, penalidade ou constrangimento.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos previsíveis se algumas questões que conversarmos causarem desconforto psicológico para o(a) senhor(a) e seus familiares. Se isso acontecer, poderão ser encaminhados(as) para acompanhamento especializado na Clínica de Psicologia Aplicada da USP de Ribeirão Preto. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito à indenização.

É importante que o(a) senhor(a) e seus familiares saibam que tem direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Quaisquer dúvidas que tenha(m) quanto aos procedimentos deste estudo poderão ser esclarecidas. Basta entrar em contato comigo por meio do *e-mail* OCULTADO ou pelo telefone OCULTADO, das 08 às 17 horas, de segunda à sexta-feira. Meu endereço profissional é: *Departamento de Psicologia, Bloco 5, sala 34 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP 14.040-901 - Ribeirão Preto - SP*.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FFCLRP), que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso você tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos deste estudo, pode entrar em contato com esse Comitê por meio do endereço: *Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 - (segunda à sexta-feira, das 08h00 às 17h00). E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.*

Considerando o exposto anteriormente, eu, _____(nome completo), aceito participar de modo livre e voluntário desta pesquisa. Recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção antes de firmá-lo.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) participante:

_____

Assinatura do pesquisador-responsável:

_____

Mário Augusto Tombolato

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

[para filhos(as) maiores de 18 anos]

Eu, Mário Augusto Tombolato, sou psicólogo e aluno do Curso de Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. Convido você a participar da pesquisa: *"A família homoparental nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)".* Sou o responsável por esta pesquisa, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos da USP de Ribeirão Preto.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as vivências da família homoparental a partir das vozes de casais constituídos por homens e mulheres homossexuais e seus/suas filhos(as). No Brasil, não existem muitos estudos a respeito dessa organização familiar. Portanto, com a sua participação, pode-se construir conhecimento científico e social sobre o assunto. Por isso, convido o(a) você e seus/suas pais/mães para participar deste estudo. Caso aceitem participar, serão entrevistados por mim para falar sobre as suas vivências familiares e sociais.

Essa entrevista será realizada em um único encontro, em data e local agendados por todos nós. Uma parte dessa conversa será realizada com os(as) pais/mães e a outra parte com os(as) filhos(as). Com isso, o encontro com você e seus/suas pais/mães terá duração de aproximadamente quatro horas. A mim, enquanto pesquisador, não interessará julgar sobre o que os(as) entrevistados(as) pensam e fazem ou deixam de fazer. Não se preocupe em responder de acordo com o que é esperado socialmente ou o que você acha que seria bom e deveria pensar. Responda o que você realmente acredita. Sua sinceridade nas respostas será muito importante, pois o objetivo é conhecer a sua realidade.

É necessário que você concorde que nossa conversa seja gravada em áudio e posteriormente seja transcrita. Com isso, os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa, e poderão ser apresentados e publicados em eventos e periódicos científicos; sempre mantendo o anonimato e sigilo das identidades dos participantes, preservando os valores éticos, de acordo com as diretrizes que regem a pesquisa com seres humanos. Os dados de nosso encontro serão mantidos por um período de até cinco anos na sala do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS, situado no Departamento de Psicologia, da USP, Ribeirão Preto. Depois desse prazo o áudio gravado será descartado.

Você precisa estar ciente de que sua participação é inteiramente voluntária e não lhe trará nenhum tipo de benefício direto, como remuneração ou outra vantagem especial. Além disso, terá total liberdade de desistir de participar do estudo e se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso desista, isso não irá gerar qualquer prejuízo, penalidade ou constrangimento.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos previsíveis se algumas questões que conversarmos causarem desconforto psicológico para você. Se isso acontecer, poderá ser encaminhado(a) para acompanhamento especializado na Clínica de Psicologia Aplicada da USP de Ribeirão Preto. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito à indenização.

É importante que você saiba que tem direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Quaisquer dúvidas que tenha quanto aos procedimentos deste estudo poderão ser esclarecidas. Basta entrar em contato comigo por meio do *e-mail* OCULTADO ou pelo telefone OCULTADO, das 08 às 17 horas, de segunda à sexta-feira. Meu endereço profissional é: *Departamento de Psicologia, Bloco 5, sala 34 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP 14.040-901 – Ribeirão Preto-SP.*

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FFCLRP), que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso você tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos deste estudo, pode entrar em contato com esse Comitê por meio do endereço: *Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 14040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 – (segunda à sexta-feira, das 08h00 às 17h00). E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.*

Considerando o exposto anteriormente, eu, _____ (nome completo), aceito participar de modo livre e voluntário desta pesquisa. Recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção antes de firmá-lo.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador-responsável:

Mário Augusto Tombolato

APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

[para pais/mães dos(as) filhos(as) menores de 18 anos]

Eu, Mário Augusto Tombolato, sou psicólogo e aluno do Curso de Doutorado em Psicologia Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. Convido seu/sua filho(a) menor de 18 (dezoito) anos de idade a participar da pesquisa: *"A família homoparental nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)".* Sou o responsável por esta pesquisa, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos da USP de Ribeirão Preto.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as vivências da família homoparental a partir das vozes de casais constituídos por homens e mulheres homossexuais e seus/suas filhos(as). No Brasil, não existem muitos estudos a respeito dessa organização familiar. Portanto, com a sua participação e de seu/sua filho(a), pode-se construir conhecimento científico e social sobre o assunto. Por isso, convido seu/sua filho(a) para participar deste estudo. Caso aceite a sua participação, ele(ela) será entrevistado por mim para falar sobre as suas vivências familiares e sociais.

Essa entrevista será realizada em um único encontro, em data e local agendados por todos nós. Uma parte dessa conversa será realizada com os(as) pais/mães e a outra parte com os(as) filhos(as). Com isso, o encontro com o(a) senhor(a), seu/sua cônjuge e seus/suas filhos(as) terá duração de aproximadamente quatro horas. A mim, enquanto pesquisador, não interessará julgar sobre o que os(as) entrevistados(as) pensam e fazem ou deixam de fazer.

É necessário que o(a) senhor(a) concorde que a minha conversa com seu/sua filho(a) seja gravada em áudio e posteriormente seja transcrita. Com isso, os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa, e poderão ser apresentados e publicados em eventos e periódicos científicos; sempre mantendo o anonimato e sigilo das identidades dos participantes, preservando os valores éticos, de acordo com as diretrizes que regem a pesquisa com seres humanos. Os dados do encontro com seu/sua filho(a) serão mantidos por um período de até cinco anos na sala do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS, situado no Departamento de Psicologia, da USP, Ribeirão Preto. Depois desse prazo o áudio gravado será descartado.

O(a) senhor(a) e seu/sua filho(a) precisam estar cientes de que suas participações são inteiramente voluntárias e não lhes trarão nenhum tipo de benefício direto, como remuneração ou outra vantagem especial. Além disso, terão total liberdade de desistir de participar do estudo e se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso desista(m), isso não irá gerar qualquer prejuízo, penalidade ou constrangimento.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos previsíveis se algumas questões que conversarmos causarem desconforto psicológico para o(a) senhor(a) e seus familiares. Se isso acontecer, seu/sua filho(a) poderá ser encaminhado(a) para acompanhamento especializado na Clínica

de Psicologia Aplicada da USP de Ribeirão Preto. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito à indenização.

É importante que o(a) senhor(a) e seu/sua filho(a) saibam que tem direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Quaisquer dúvidas que tenha(m) quanto aos procedimentos deste estudo poderão ser esclarecidas. Basta entrar em contato comigo por meio do *e-mail* OCULTADO ou pelo telefone OCULTADO, das 08 às 17 horas, de segunda à sexta-feira. Meu endereço profissional é: *Departamento de Psicologia, Bloco 5, sala 34 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP 14.040-901 – Ribeirão Preto-SP.*

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FFCLRP), que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso você tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos deste estudo, pode entrar em contato com esse Comitê por meio do endereço: *Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 14040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 – (segunda à sexta-feira, das 08h00 às 17h00). E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.*

Considerando o exposto, aceito a participação livre e voluntária do(a) meu/minha filho(a) nessa pesquisa.

Eu, _____ (nome completo), pai/mãe do(a) menor de 18 (dezoito) anos de idade, _____ (nome completo) recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo com atenção antes de firmá-lo.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) responsável: _____

Assinatura do pesquisador-responsável: _____

Mário Augusto Tombolato

APÊNDICE H

TERMO DE ASSENTIMENTO

(para participantes a partir de 12 anos completos e menores de 18 anos)

Eu, Mário Augusto Tombolato, sou psicólogo e aluno do Curso de Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. Convido você a participar da pesquisa: *"A família homoparental nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)".* Sou o responsável por esta pesquisa, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos da USP de Ribeirão Preto.

O objetivo dessa pesquisa é compreender as vivências da família homoparental a partir das vozes de casais constituídos por homens e mulheres homossexuais e seus respectivos filhos(as). Ou seja, precisamos da colaboração de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as) para realizar este estudo. Nós gostaríamos que você participasse se assim desejar.

A pesquisa será realizada no local em que combinarmos, com privacidade e segurança para conversarmos. Se você aceitar participar, farei uma entrevista, que será gravada em áudio. Se for necessário, usaremos atividades lúdicas, como desenho livre e desenho da família. Nosso encontro terá duração de aproximadamente uma hora e meia. Meu objetivo não é julgar o que os(as) entrevistados(as) pensam e fazem ou deixam de fazer. Responda o que você realmente acredita. Sua sinceridade nas respostas será muito importante, pois o objetivo é conhecer a sua realidade.

É necessário que você concorde que nossa conversa seja gravada em áudio e posteriormente seja transcrita. Com isso, os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa, e poderão ser apresentados e publicados em eventos e periódicos científicos; sempre mantendo o anonimato e sigilo das identidades dos participantes, preservando os valores éticos, de acordo com as diretrizes que regem a pesquisa com seres humanos. Os dados de nosso encontro serão mantidos por um período de até cinco anos na sala do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS, situado no Departamento de Psicologia, da USP, Ribeirão Preto. Depois desse prazo o áudio gravado será descartado.

Seus/suas pais/mães já autorizaram sua participação. Mas, você não precisa participar desta pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

Precisamos de sua colaboração, mas ela precisa ser inteiramente voluntária. Essa colaboração não trará nenhum tipo de pagamento ou vantagem especial. Além disso, você terá total liberdade de desistir de participar do estudo e se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso desista, isso não irá gerar qualquer prejuízo, penalidade ou constrangimento para você.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos previsíveis se algumas questões que conversarmos causarem desconforto psicológico para você. Se isso acontecer, poderá ser encaminhado(a) para acompanhamento especializado na Clínica de Psicologia Aplicada da USP de

Ribeirão Preto. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito à indenização.

É importante que você saiba que tem direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Quaisquer dúvidas que tenha quanto aos procedimentos deste estudo poderão ser esclarecidas. Basta entrar em contato comigo por meio do *e-mail* OCULTADO ou pelo telefone OCULTADO, das 08 às 17 horas, de segunda à sexta-feira. Meu endereço profissional é: *Departamento de Psicologia, Bloco 5, sala 34 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, situada à Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP 14.040-901 - Ribeirão Preto-SP.*

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FFCLRP), que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso você tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos deste estudo, pode entrar em contato com esse Comitê por meio do endereço: *Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 - (segunda à sexta-feira, das 08h00 às 17h00). E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.*

Considerando tudo o que está escrito anteriormente, aceito participar voluntariamente deste estudo.

Eu _____ (nome completo) aceito participar desta pesquisa. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir, e que ninguém vai ficar bravo por isso. O pesquisador Mário Augusto Tombolato tirou minhas dúvidas e conversou com os meus/minhas responsáveis. Este termo de assentimento está impresso em duas vias idênticas, sendo que uma cópia será arquivada pelo Mário, e a outra ficará comigo. Recebi e li uma cópia deste Termo de Assentimento. Concordo em participar da pesquisa.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) responsável: _____

Assinatura do pesquisador-responsável: _____

Mário Augusto Tombolato

ANEXOS

ANEXO A

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL

Modelo de Questionário sugerido para aplicação

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicilio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.
Vamos começar? No domicílio tem_____ (LEIA CADA ITEM)

		QUANTIDADE QUE POSSUI			
ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de *freezers* independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
nalfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
undamental I completo / Fundamental II ncompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
undamental completo/Médio ncompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
uperior completo	Superior Completo

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de US$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa).

Nenhum critério estatístico, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmações frequentes do tipo *"... conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas pelo critério é classe B..."* não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem, porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussão em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério econômico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da adequação do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.

ANEXO B

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO- USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A família homoparental nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus filhos
Pesquisador: Mário Augusto Tombolato
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 44710515.5.0000.5407
Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.160.060
Data da Relatoria: 30/07/2015

Apresentação do Projeto:
vide relato anterior

Objetivo da Pesquisa:
vide relato anterior

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
vide relato anterior

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
vide relato anterior

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Termos adequados

Recomendações:
Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Sem pendências

Situação do Parecer:
Aprovado

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900
Bairro: Monte Alegre **CEP:** 14.040-901
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-4811 **Fax:** (16)3315-9101 **E-mail:** coetp@ffclrp.usp.br

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO- USP

Continuação do Parecer: 1.160.060

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Considerações Finais a critério do CEP:

RIBEIRAO PRETO, 27 de Julho de 2015

Assinado por:
Andréia Schmidt
(Coordenador)